



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Introdução à semântica

Volume Único

Deise Cristina de Moraes Pinto

Fábio André Cardoso Coelho

Mônica Paula de Lima Cabral

Roza Maria Palomanes Ribeiro



**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Lívia Maria de Freitas Reis Teixeira

Vice: Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Deise Cristina de Moraes Pinto

Fábio André Cardoso Coelho

Roza Maria Palomanes Ribeiro

Direção de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Coordenação de Design Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

Supervisão de Design Instrucional

Aroaldo Veneu

Cristina Ávila Mendes

Design Instrucional

Ana Cristina Andrade

Cristina Ávila Mendes

Diana Castellani

Biblioteca

Raquel Cristina da Silva Tiellet

Simone da Cruz Correa de Souza

Vera Vani Alves de Pinho

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Revisão Linguística e Tipográfica

Ana Cristina Andrade

Beatriz Fontes

Elaine Bayma

Licia Matos

Maria Elisa da Silveira

Mariana Caser

Rosane Lira

Ilustração

Vinicius Mitchell

Capa

Vinicius Mitchell

Programação Visual

Camille Moraes

Cristina Portella

Deborah Curci

Larissa Averbug

Maria Fernanda de Novaes

Mario Lima

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2016, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P659i

Pinto, Deise Cristina de Moraes.

Introdução à semântica. V. único. / Deise Cristina de Moraes

Pinto, Fábio André Cardoso Coelho, Roza Maria Palomanes

Ribeiro. Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2016.

348p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0031-6

1. Semântica. I. Coelho, Fábio André Cardoso. II. Ribeiro, Roza Maria Palomanes. 1. Título.

CDD: 401.43

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gustavo Tutuca

Instituições Consorciadas

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Reitor: Luis César Passoni

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ruy Garcia Marques

UFF - Universidade Federal Fluminense

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Sumário

Aula 1 • Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à semântica	7
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Aula 2 • Semântica e Pragmática: divisão ou relação?	33
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 3 • O significado e o sentido	53
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Aula 4 • O pressuposto e o subentendido	75
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 5 • Relações semânticas entre as palavras: sinonímia e antonímia	93
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Aula 6 • Homônimos e parônimos	115
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 7 • As armadilhas da língua: um estudo sobre polissemia e ambiguidade	139
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Aula 8 • Paráfrase e paródia	161
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 9 • Os campos semânticos lexicais	185
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Aula 10 • Os campos semânticos contextuais	207
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i> <i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 11 • As relações lexicais nas situações comunicativas e a construção do sentido	231
<i>Fábio André Cardoso Coelho</i>	
Aula 12 • Polifonia e intertextualidade	261
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 13 • Relações de significados em sentenças	283
<i>Fábio André Cardoso Coelho</i> <i>Mônica Paula de Lima Cabral</i>	

Aula 14 • Denotação e conotação	305
<i>Deise Cristina de Moraes Pinto</i>	
Aula 15 • Processos metafóricos e metonímicos	327
<i>Roza Maria Palomanes Ribeiro</i>	
Referências	347

Aula 1

Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à semântica

Meta da aula

Apresentar o conceito de semântica.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir a semântica e sua área de atuação, bem como o conceito de significado e significante;
2. reconhecer que a língua coloca à disposição do falante recursos que o permitem expressar-se de acordo com suas necessidades comunicativas;
3. reconhecer que a interpretação de enunciados depende, sempre, dos contextos linguístico e extralinguístico.

Introdução

Sempre foi preocupação do homem entender a linguagem. Desde a Grécia antiga, filósofos buscavam desvendar o seguinte mistério: as palavras espelham a realidade? Existe uma relação natural entre as palavras e os seres que elas nomeiam? Como a linguagem se organiza?

Estes questionamentos atravessaram os tempos, até que, no século XX, a linguística se firma como ciência, apresentando um objeto de estudo bem-definido, objetivo, e um método de investigação. Foi neste século que o grande mestre genebrino Ferdinand de Saussure propôs a língua como o objeto de estudo da Linguística, conceituando-a como um SISTEMA DE SIGNOS.

A Linguística caminhou numa curva ascendente ao longo do século XX, dividindo-se em áreas de interesse. Cagliari (1990, p.42), por exemplo, apresenta a seguinte divisão da Linguística: “Podemos dividir a Linguística em Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Análise do Discurso, Pragmática, Sociolinguística, Psicolinguística, etc.”. Nosso objetivo geral com esta aula é apresentar o conceito de semântica, sua abrangência e estudos desenvolvidos pela Linguística nessa área.

Conceituando semântica

A **Semântica**, área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais, subdivide-se em vários tipos, de acordo com as variadas visões dos especialistas nessa área. Desta forma, há a semântica textual, formal, lexical, discursiva, cognitiva, dentre outras, ligadas por um ponto comum: em todas elas o objeto de estudo é o significado.

Deve-se ao filólogo francês Michel Bréal (1832-1915) o termo *semântica*. Embora não houvesse um termo que denominasse o estudo dos sentidos até então, isso não era impedimento para que estudos anteriores, desde a época de Aristóteles, fossem desenvolvidos.

De Bréal até nossos dias houve uma evolução no campo desses estudos, pois primeiramente procurou-se estudar o sentido das palavras numa perspectiva histórica e mecanicista, calcada nas mudanças lexicais. No entanto, percebeu-se que, mais do que a palavra em si, o homem carrega uma carga cultural: interage com outros homens, percebe o mundo a sua volta de maneira diferente e é capaz de significar o mundo de forma diferenciada.

Semântica

Ciência empírica, descritiva, que tem por objeto o estudo da relação dos signos com aquilo que eles significam, numa língua dada, i.e., estudo das palavras no que respeita seus significados.

Sendo o significado o objeto de estudo da semântica, passou a ser alvo de várias teorias e definições.

A semântica interessa-se, portanto, pelo estudo das relações entre as expressões linguísticas e os conceitos mentais associados a elas, sendo importante ressaltar o grande impulso dado ao estudo da linguagem a partir do século XX, em especial a partir da apresentação das ideias dicotômicas de Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, cujas ideias estruturalistas influenciariam o desenvolvimento da teoria linguística.

De início, a Linguística tinha como interesse maior de investigação a filologia, marcante ao longo do século XIX. Neste século é que o interesse pelas línguas vivas se estabelece mais efetivamente. Os estudos comparativos ganham novo fôlego com a descoberta do sânscrito e de suas semelhanças com outras línguas. Busca-se, através de estudos históricos, estabelecer diversas correspondências sistemáticas entre línguas como latim, sânscrito, grego e as línguas modernas.

Com esta retomada histórica, procurou-se destacar a contribuição do *Curso de Linguística Geral* aos posteriores estudos acerca da linguagem, pois antes dele os estudos sobre os fenômenos linguísticos, mesmo tendo sua importância, sempre tiveram motivações externas à própria língua. Somente a partir de Ferdinand de Saussure é que a língua por si mesma passa a ser objeto de estudo de linguistas e de estudiosos da linguagem. A partir daí, nunca mais se parou de estudar semântica.

Após esta breve apresentação, que busca conceituar a semântica e destacar todo o interesse que sempre motivou os pensadores a percorrerem este caminho, faz-se necessário apresentar, antes de qualquer coisa, os conceitos de signo linguístico, significante e significado, ideias dicotômicas trazidas por Saussure, que são fundamentais para o estudo da semântica.

O signo linguístico



Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, em 26 de novembro de 1857. Filho de um eminente naturalista, foi introduzido pelo filólogo e amigo da família Adolphe Pictet nos estudos linguísticos. Saussure estudou Física e Química, mas continuou sendo introduzido nos cursos de gramática grega e latina. Em 1874, começou a estudar sozinho o sânscrito, usando a gramática de Franz Bopp. Por fim, convenceu-se de que sua carreira estava nos estudos da linguagem e ingressou na Sociedade Linguística de Paris (fundada em 1866). Estudou línguas europeias na Universidade de Leipzig, onde ingressou, em outubro de 1876. Após pouco menos de dois anos, transfere-se por curto período à Universidade de Berlim. Aos 21 anos, publicou uma dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias (em francês: *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* — ano 1879), a qual foi muito bem aceita. Defendeu sua tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito, em Berlim, e depois retornou a Paris, onde passou a ensinar sânscrito, gótico e alto alemão, e depois, filologia indo-europeia. Retornou a Genebra, onde lecionou sânscrito e linguística histórica em geral.

Entre 1907 e 1910, Saussure ministrou três cursos sobre Linguística na Universidade de Genebra. Em 1916, três anos após sua morte, dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Ridlinger, compilaram as anotações de alunos que compareceram a estes cursos e editaram o *Curso de Linguística Geral*, livro seminal da ciência linguística.

Ferdinand de Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. Sentido, significado, conceito ou ideia são, na verdade, a representação mental de um objeto ou da realidade social que vivenciamos. Para Saussure, o significado é uma espécie de “lado espiritual” da palavra em oposição ao significante, que é a *imagem acústica*.

Mas o que entender por imagem acústica? Segundo Saussure, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, p. 80). Portanto, não se deve confundir imagem acústica com som material: deve-se identificá-la como a impressão psíquica que o som material causa.

Com isso, temos que o signo linguístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80), duas faces inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra, como acontece com as duas faces de uma moeda ou de uma folha de papel. Sem significante não há significado e sem significado não existe significante.

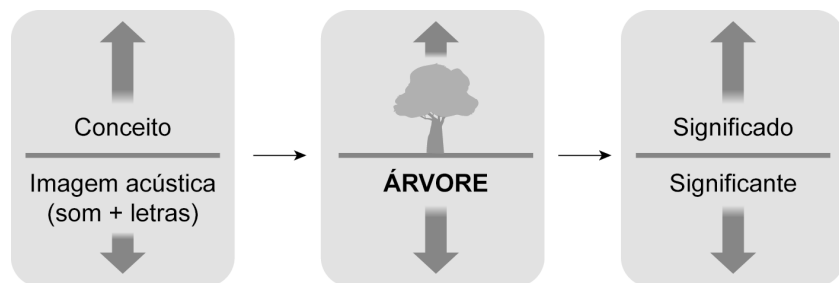


Figura 1.1: Signo linguístico.

Quando um falante de português recebe a impressão psíquica que lhe é transmitida pela imagem acústica ou significante *árvore*, imediatamente há uma busca por uma ideia ou significado: planta que apresenta um tronco e ramificações, que formam uma copa.

Significante, portanto, pode ser uma imagem, uma palavra falada, uma palavra escrita, um gesto, um símbolo, enfim, grosso modo, é o que provoca a busca por um conceito, uma ideia, um significado.



Figura 1.2: Significante e significado.

Fonte: <http://www.freeimages.com/>



Busque, no *link* abaixo, associar significados aos significantes apresentados:

<http://rachacuca.com.br/quiz/3598/palavras-dificeis-da-lingua-portuguesa-i/>

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1) Conceitue Semântica.

2) Defina signo linguístico.

3) Defina os conceitos de “significante” e “significado”, com exemplos.



Resposta comentada

1) Semântica é área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais. De acordo com as variadas teorias linguísticas, subdivide-se em vários tipos, a saber: semântica textual, formal, lexical, discursiva, cognitiva, dentre outras, ligadas por um ponto comum: em todas elas o objeto de estudo é o significado.

2) Signo é a unidade constituinte do sistema linguístico, formado por duas partes que não se separam: o significante e o significado.

3) O significante, também conhecido por imagem acústica, é a impressão psíquica que causa o som, quando se trata de língua falada, e a imagem, quando língua escrita ou outros elementos gráficos e gestuais.

Quando usamos determinada palavra ou expressão, cria-se, na mente do ouvinte, uma imagem mental que o permite estabelecer/ buscar um sentido para aquela palavra ou expressão. Significado, também chamado de conceito, é o sentido que é buscado e atribuído ao significante.

Exemplo: Quando estamos dirigindo e nos deparamos com a seguinte imagem , imediatamente em nosso cérebro inicia-se uma busca por um conceito que possa ser atribuído a esta imagem. A imagem  é o significante e o significado ou conceito é “NÃO É PERMITIDO VIRAR À ESQUERDA”.

A palavra “casa”, por sua vez, apresenta como significado a ideia de habitação, moradia, e o significante é expresso por meio da seguinte representação fonética: /k/a/z/a.

As propriedades semânticas dos signos

Como vimos, todos os signos significam, isto é, apresentam significado. Pode-se afirmar que não há signos sem significado, uma vez que o significado é o que representa o signo, para alguém. No entanto, estabelecer o que seja significado é o problema que constitui o campo da semântica.

Muitos filósofos, linguistas, enfim, interessados no estudo do significado têm buscado chegar a uma definição do termo SIGNIFICADO. Uma distinção básica tem guiado a investigação deste século, a distinção entre significado e referência, feita inicialmente por Frege.



Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925) foi um matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. Segundo Frege, “nomes têm tanto sentido quanto referência”. A referência de um nome é aquilo que o nome denota, e o sentido é o modo de apresentação do objeto denotado. Frege chegou a essa conclusão ao analisar sentenças de identidade informativa, por exemplo, $A=B$, onde “A” e “B” possuem uma mesma referência. Se não existisse um sentido e os nomes apenas indicassem uma referência, não poderia haver diferença nas sentenças do tipo: $A=A$ e $A=B$, sendo que $A=A$ é trivial, uma mera consequência da lei de identidade, enquanto $A=B$ é informativa.

O significado de um nome ou signo é apreendido por quem conhece a língua ou o conjunto dos signos em que esse signo se encaixa. Em geral, um signo tem um significado e a esse significado corresponde uma referência. O mesmo significado e a correspondente referência têm, em diferentes línguas, diferentes expressões (significante).

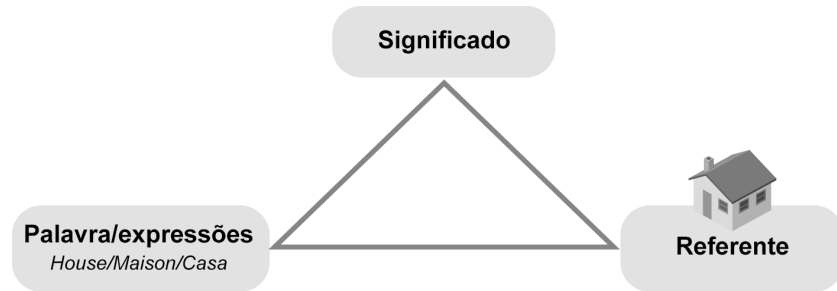


Figura 1.3: Significado e referência.

Para Frege, o significado é objetivo, enquanto a representação é subjetiva, por ser individual; a representação que uma pessoa tem de algo é diferente das representações que outras pessoas têm do mesmo objeto. Por isso, nem sempre há uma referência correspondente a um significado. A representação de uma casa, por exemplo, varia de pessoa para pessoa, o que pode ser percebido quando se pede a alguém para que desenhe uma casa. No entanto, seu significado é comum.

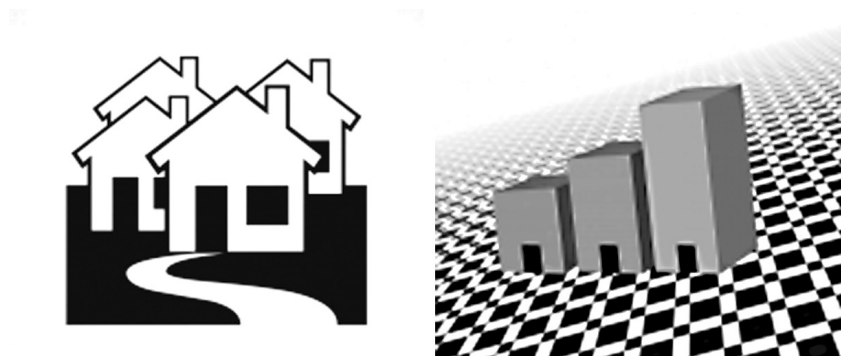


Figura 1.4: Representações possíveis de casa.

Fonte: <http://www.freeimages.com/>

Ilari (2013, p. 176) apresenta de forma mais clara a noção de referência de Frege. Segundo o autor, entende-se por referência

a operação linguística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos (isto é, pessoas, coisas, acontecimentos) específicos, tomando-os como assunto de nossas falas.

Ao concebermos a linguagem como a expressão de entidades, estados, propriedades e eventos construídos como algo externo a ela, quando paramos para analisar o significado de um enunciado qualquer, buscamos referências e veracidade.

Quando dizemos, por exemplo, “O orientador de Lourdes é João”, estamos proferindo uma sentença informativa que precisa ser verificada para que se estabeleça sua veracidade. Segundo Frege, a noção de significado de uma expressão envolve sentido e referência. Referência diz respeito ao ser que ela aponta no mundo, o que atribui valor de verdade ao enunciado “O orientador de Lourdes é João”. O sentido, por sua vez, é a forma como esse ser é apresentado. Assim, *orientador de Lourdes e João* têm a mesma referência, mas pode ter sentidos diferentes, dependendo, por exemplo, das pessoas envolvidas: orientador de Lourdes é apenas uma das formas como João pode ser encontrado no mundo. João pode ser o marido de Maria. João pode ser o pai de Lucas. João pode ser o fiel de uma determinada igreja. Enfim...

Feita a distinção entre sentido e referência, mais fácil se torna compreender a noção de signo, como uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representado pela figura:

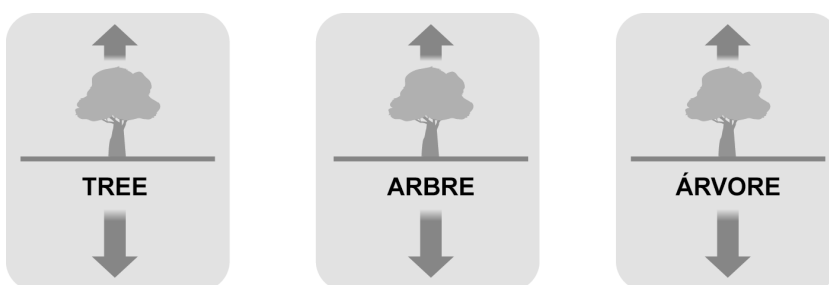


Figura 1.5: Signo linguístico.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Quando pronunciamos *Rio de Janeiro*, imediatamente pensamos na cidade brasileira, conhecida por suas belezas naturais, pelo carnaval e pelas lindas mulheres. *Rio de Janeiro* é uma das expressões que nos permite chegar a esse lugar no mundo. Pense em outra expressão linguística para essa mesma referência.

2. Dois termos podem partilhar o seu referente, mas ter diferentes sentidos. Por exemplo, Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI e Papa Emérito se referem ao mesmo ser, no entanto, diferem no conceito, na ideia que carregam. Leia o texto a seguir e identifique os termos que partilham o mesmo referente apresentando, contudo, sentidos diferentes:

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista e crítico nasceu no dia 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. O Bruxo do Cosme Velho, como era conhecido graças à obra de Carlos Drummond de Andrade “A um bruxo, com amor”, que faz referência à casa nº 18 da rua Cosme Velho, é considerado o maior escritor negro do mundo. O afilhado de Dona Maria José de Mendonça passou a infância na casa da rica madrinha. Publica seu primeiro poema “Ela” aos 16 anos no jornal *Marmota Fluminense*. O aprendiz de tipógrafo passa a revisor do jornal *Correio Mercantil* e, depois, redator do *Diário do Rio de Janeiro*. Sua obra máxima, *Dom Casmurro*, é publicada em 1899.

Resposta comentada

1. “Cidade Maravilhosa”.
2. Joaquim Maria Machado de Assis, Bruxo do Cosme Velho, O afilhado de Dona Maria José de Mendonça e o aprendiz de tipógrafo são termos

usados para se referirem ao escritor Machado de Assis. Ainda que tenham o mesmo referente, carregam consigo ideias diferentes. Por exemplo, quando se usa a alcunha de *Bruxo do Cosme Velho*, traz-se para foco o local onde vivia, além de estabelecer uma intertextualidade com a obra de Drummond. Quando se faz uso do termo “afilhado de Dona Maria José de Mendonça” para se referir a Machado, é uma outra faceta de sua vida que se coloca em evidência. Da mesma forma com o termo “O aprendiz de tipógrafo”.

A semântica e suas divisões

Tal como as outras disciplinas linguísticas, a semântica pode ser teórica (se estuda o conceito de significado), histórica (quando analisa o significado **diacronicamente**), descritiva (sempre que analisa o significado **sincronicamente**) ou comparativa (quando se opta por relacionar significados).

Como trata-se de um termo tão abrangente, torna-se impossível não referir os ramos em que a ela se divide. Assim, entendida a noção de significado, passamos, agora, à apresentação das várias ramificações em que se divide a semântica. Segundo Müller e Viotti (2003),

tem semântica de todo tipo. Tem semântica textual, semântica cognitiva, semântica lexical. Tem semântica argumentativa, semântica discursiva. Todas elas estudam o significado, cada uma do seu jeito. Essa enorme variedade aponta para o fato de que o estudo do significado pode ser feito de vários pontos de vista.

Escolhemos apresentar, nesta aula, o campo de atuação das semânticas formal, enunciativa, lexical e cognitiva.

A semântica formal

A semântica formal considera como uma propriedade central das línguas humanas o fato de que as línguas naturais são utilizadas para estabelecermos uma referencialidade, isto é, falarmos sobre objetos, indivíduos, fatos, eventos, propriedades, etc., descritos como externos à

Diacronia,

Descrição de uma língua ao longo de sua história, com as mudanças que sofreu. Refere-se, portanto, à evolução da língua. Do grego *dia* (“através”) + *chrónos* (“tempo”) – através do tempo. Segundo Saussure (CLG, 2002, p. 96), “é diacrônico tudo que diz respeito às evoluções”.

Sincronia,

Estudo das relações entre termos coexistentes de um *estado de língua*. Do grego *syn* (“juntamente”) + *chrónos* (“tempo”) – ao mesmo tempo. Segundo Saussure (CLG, 2002, p. 96), “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência”.

própria língua. Assim, a referencialidade é tomada como uma das propriedades fundamentais das línguas humanas.

Essa vertente afirma que o significado de uma sentença é o tipo de situação que ela descreve e que a descrição destas situações possíveis é equivalente às condições de verdade da sentença.

Sendo assim, dentro da semântica formal, o significado é entendido como uma relação entre a linguagem e aquilo sobre o que fala a linguagem. Conhecer o significado de um enunciado, dentro desse paradigma, é, de certa forma, conhecer suas condições de verdade. Conhecer as condições de verdade de uma sentença significa saber em que circunstâncias, no mundo, aquela sentença pode ser considerada verdadeira ou falsa.

Observe o seguinte enunciado retirado de Müller & Viotti (2012, p. 138): “Tem um rato na cozinha.”

Segundo os autores citados, quando se ouve uma pessoa falando isso, não se sabe, ao certo, se a sentença é verdadeira ou falsa. No entanto, somos perfeitamente capazes de dizer em que situações a sentença dita pode ser verdadeira. Esse conhecimento é semântico em sua natureza, fazendo parte do nosso conhecimento do significado da sentença.

Müller & Viotti (2003, p.139), ao apresentarem a semântica formal, afirmam que esta

se apoia no fato de que, se não conhecemos as condições nas quais uma sentença é verdadeira, não conhecemos seu significado. Elas afirmam que o significado de uma sentença é o tipo de situação que ela descreve e que a descrição dessas situações possíveis é equivalente às condições de verdade da sentença.

Assim, pode-se afirmar que a semântica formal é um ramo de pesquisa que procura responder o que “representam” as expressões linguísticas e como calculamos o significado de expressões complexas, a partir dos significados de suas partes.



Leia mais sobre Semântica Formal no livro Muller, Ana; E. Negrão; M.J. Foltran. (Org.). *Semântica Formal*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

A semântica argumentativa ou da enunciação

A semântica argumentativa ou da enunciação considera o enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida, e entende que é a intencionalidade do falante que denota a significação contida na mensagem.

Segundo Koch (2002), a função da Semântica da Enunciação é identificar enunciados que tenham por traço constitutivo a pretensão de argumentar.

A semântica da enunciação se interessa, dentre outras noções, por polifonia e pressuposição.

O conceito de polifonia nos estudos de linguagem foi introduzido por Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, quando o estudioso postulou a existência de dois tipos de literaturas: a dogmática e a polifônica. Nesta última, ele inclui a obra de Dostoiévski. Na literatura polifônica, diz o autor, “a personagem apresenta-se a si mesma e é agente do seu próprio discurso, estabelecendo um diálogo constante com o autor da obra” (BAKHTIN, 1997, p. 64).

A polifonia é, segundo Mikhail Bakhtin, a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. Em outras palavras, a polifonia deixa entrever outras vozes.

O termo “voz”, para Bakhtin, refere-se à consciência do falante, que marca presença nos enunciados, sendo, essa consciência, capaz de refletir as percepções de mundo e atribuir juízo de valor.

A noção de polifonia visa a substituir a semântica que buscava observar, apenas, o resultado da combinação de elementos, por outra, em que se leve em conta que o sentido, na verdade, é o resultado de diferentes vozes que estão em confronto.

Ducrot (1988) traz o conceito de polifonia para a Linguística, a fim de questionar a unicidade do sujeito falante, pretendendo provar que o enunciado pode ser perpassado por mais de uma voz. Em outras palavras, o que o autor defende é que o autor do enunciado não se expressa nunca diretamente, mas põe em cena diferentes personagens linguísticos. Assim, segundo Ducrot (1997, p. 18), sob a frase mais banal ou corriqueira pode haver uma espécie de diálogo imaginário. Por exemplo, num enunciado desprezioso como “Carlos parou de estudar”, o enunciador informa, ao mesmo tempo, que Carlos, antes estudava e que agora não estuda mais. Numa espécie de diálogo imaginário, o enunciador se questiona se Carlos parou de estudar e se ele estudava antes. A primeira informação é o que se chama de “posto” e a segunda de “pressuposto”. É possível pressupor que Carlos estudava antes, uma vez que foi dito que ele parou de estudar.

Segundo Ducrot (1988), o sentido de um enunciado está associado, entre outras coisas, à noção de polifonia, e é por essa razão que ele cria a Teoria Polifônica da Enunciação. O autor propõe, com essa teoria, que a origem da enunciação seja designada a um ou a vários sujeitos. De acordo com ele, na língua existem vários recursos linguísticos e fenômenos discursivos que permitem a estruturação de discursos polifônicos, dentre os quais a pressuposição, a paráfrase e a negação. Ducrot (1988) ainda propõe a existência de três funções diferentes para a enunciação: locutor (L), sujeito empírico (SE) e enunciador (E):

- o locutor (L) é quem se apresenta como responsável pelo enunciado, a quem são referidos o pronome eu e as marcas de primeira pessoa do enunciado;
- o sujeito empírico (SE) é aquele que se apresenta como o produtor do enunciado;

- os enunciadores (E) são os variados pontos de vista apresentados pelo locutor, em seu discurso, que assume determinadas posições em relação a esses enunciadores. O estudioso identifica dois tipos de polifonia presentes nos enunciados: a polifonia de locutores e a de enunciadores. A primeira ocorre quando é possível identificar locutores distintos em um único enunciado, e a segunda, quando há mais de um enunciador (ou ponto de vista) no enunciado de um determinado locutor.

A pressuposição envolve uma relação entre a verdade das sentenças. Um enunciado pressuposto é algo que pode ser inferido a partir de um conhecimento prévio do interlocutor. É condição para que novas informações possam ser compreendidas. Observe os seguintes enunciados:

- a) Foi João que ganhou na Mega-Sena.
- b) Alguém dessa rua ganhou na Mega-Sena.

Pelos enunciados dados como exemplo, se entende que já era conhecimento anterior que algum morador da rua tinha ganhado na Mega-Sena (informação velha), a informação nova é que quem ganhou foi João. Nesse caso, (a) pressupõe (b). E o fato de alguém dessa rua ter ganhado na Mega-Sena pode ser inferido a partir de (a). Se (a) for verdadeira, (b) também o será.

Assim, a pressuposição é uma inferência que se faz a partir de um enunciado proferido, apresentando uma informação já conhecida.

Portanto, a pressuposição diz respeito às informações já conhecidas, que não causam controvérsias. Veja:

- c) Marta desistiu de viajar nas férias.

Este enunciado pressupõe outras informações que devem ser conhecidas para que se estabeleça o sentido, por exemplo:

Marta é conhecida dos interlocutores.

Marta desempenha alguma função que lhe permite tirar férias.

Marta planejava viajar nas férias (se ela desistiu, é porque fazia planos de viajar).

Como se pode ver, há marcas de que certa informação não é nova. A pressuposição, no caso apresentado, está ligada ao uso de certas expressões ou formas linguísticas que cumprem o papel de marcas de pressuposição. Por exemplo, *desistir* ativa o pressuposto de que se *havia pensado nisso anteriormente*.

Os conceitos de pressuposição e polifonia serão melhor tratados em aulas posteriores.



Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana. Seus escritos em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, estruturalismo, a crítica religiosa) e em disciplinas diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia. É criador de uma nova teoria sobre o romance europeu, incluindo o conceito de polifonia em uma obra literária.

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin)

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881) – ocasionalmente grafado como Dostoevsky – foi um escritor russo considerado um dos maiores romancistas da literatura russa e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos. É tido como o fundador do existencialismo.

A obra dostoevskiana explora a autodestruição, a humilhação e o assassinato, além de analisar estados patológicos que levam ao suicídio, à loucura e ao homicídio: seus escritos são chamados por isso de “romances de ideias”, pela retratação filosófica e atemporal dessas situações.

Seu último romance, *Os irmãos Karamazov*, foi considerado por Sigmund Freud como o melhor romance já escrito. Perigoso, segundo Stálin; até 1953, o currículo soviético para estudos universitários sobre o escritor o classificava como “expressão da ideologia reacionária burguesa individualista”. Segundo ele mesmo, seu mal era uma doença chamada consciência. A obra de Dostoiévski exerce uma grande influência no romance moderno, legando a ele um estilo caótico, desordenado e que apresenta uma realidade alucinada.

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fi%C3%B3dor_Dostoi%C3%A9vski)

Oswald Ducrot, nascido em 1930, o linguista francês foi professor e ex-pesquisador do CNRS. Atualmente é professor – *directeur d'études* – na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), em Paris.

É o autor de uma série de obras, principalmente em enunciação e desenvolveu uma teoria da argumentação na língua, com Jean-Claude Anscombre.

(Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Oswald_Ducrot)

A semântica lexical

Para introduzir a semântica lexical, é preciso, antes de tudo, entendermos os termos “léxico” e “campo lexical”. Entende-se por léxico, grosso modo, o conjunto de palavras que pertencem a uma determinada língua. Pode ser visto como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes utilizam.

Campo lexical, por sua vez, é o conjunto de palavras ou expressões que se referem ao mesmo domínio da realidade, estando dentro do léxico de alguma língua. Por exemplo, se quisermos construir o campo lexical de *vestuário*, poderemos usar palavras como *calças, camisa, meias, sapatos, saia, vestido*, etc. campo lexical de *futebol* incluiria palavras como *estádio, jogador, bola, juiz, pênalti* etc.

A semântica lexical estuda o significado individualizado dos itens lexicais e as relações semânticas que mantêm com outros itens lexicais. Pode-se dizer que é o estudo do que itens lexicais individuais significam, por que eles querem dizer o que dizem e como podemos representar tudo isto.

A Semântica Lexical passou por vários estágios desde o século XIX até os dias de hoje, em que pode ser entendida como a que trata do significado cognitivo, isto é, o que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais, que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante.

Portanto, como propõem estudiosos, como Geeraerts (2010), não se pode falar em uma teoria única ao se falar em semântica lexical. Há várias “semânticas lexicais”, que apresentam como ponto comum o fato

de considerarem como principal objeto a relação entre a língua e a sua representação mental.



Leia a entrevista com Márcia Cançado sobre Semântica Lexical.
Acesse:

<http://www.revel.inf.br/files/9413728ff9736a3e2c00b7f18bf7db89.pdf>

Leia a entrevista com Ray Jackendoff acessando:

<http://www.revel.inf.br/files/167269794e695934b2e3446ac8479f2d.pdf>

A semântica cognitiva

A palavra “cognição” é comumente utilizada para designar algo relacionado à mente ou à percepção que o ser humano possui, decorrente de sua interação com o mundo. Conforme Castilho (2002), o termo “cognição” abriga os sentidos da percepção, o pensamento, a memória e a resolução de problemas. Grosseiramente, define-se a cognição como a percepção do mundo.

A semântica cognitiva trata a comunicação como elemento resultante entre a interação do sujeito e o seu contexto e conhecimento de mundo. Em outras palavras, procura descrever a funcionalidade da língua no processo comunicativo, em paralelo a uma representação de mundo em movimento, voltada para o dinamismo mental, no processo de construção do pensamento.

Ela se evidenciou no final da década de 1970 e início da década de 1980, instigada parcialmente pelo interesse no fenômeno de significação. Uma vez que a semântica procura estudar o significado linguístico em todos os âmbitos possíveis, o significado do vocábulo necessita de vários outros critérios, para ser definitivamente dado.

Essa vertente da semântica surge como uma espécie de oposição às ideias trazidas pelo Estruturalismo e o Gerativismo. O Gerativismo de Noam Chomsky, colocando a Sintaxe como elemento realmente gerador das construções da língua, tratava a “linguagem como um sistema

que se basta a si mesmo”, não considerando as sensações psíquicas dos interlocutores, nem a leitura que cada um deles faz acerca de mundo.

Sendo assim, para a semântica cognitiva, é de extrema importância levarem-se em conta os fatores extralinguísticos, na construção de sentidos. Para a semântica cognitiva, a língua está relacionada ao processo perceptivo do indivíduo; a linguagem contribui para nossa percepção e conhecimento do mundo.

Neste campo, metáfora e metonímia não se restringem à estilística; antes, são mecanismos cognitivos que fazem com que a linguagem se torne repleta de “extensões semânticas”. Há metáforas que são comuns no nosso dia a dia e que possibilitam o surgimento de expressões linguísticas que denotam a forma como percebemos certas situações do mundo. Por exemplo, é comum que o ser humano entenda a vida como uma viagem, um percurso. A metáfora “a vida é uma viagem” surge a partir da analogia que estabelecemos entre essas experiências pessoais de vida e de viagem. Por extensão, somos *viajantes*, num percurso que tem começo e fim. Assim, a partir desta metáfora, construímos expressões que se valem de “nosso entendimento de vida como uma viagem se vale de nosso conhecimento sobre viagens”, as quais “envolvem viajantes, caminhos percorridos, lugares onde as iniciamos, lugares onde estivemos” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 60-61). Entender a metáfora “a vida é uma viagem” é “ter em mente uma correspondência entre um viajante e uma pessoa que está vivendo, a estrada percorrida e o ‘curso’ de uma vida, um ponto de partida e o nascimento e assim por diante” (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 60-61). Uma vez que nosso conhecimento de viagens envolve sabermos que há opções sobre tipos de viagens, o entendimento metafórico de vida, em termos de uma viagem, inclui opções para um grande número de compreensões de vida.

Vivendo a vida numa louca viagem

Charlie Brown Jr.

[...]

Senão tá mal!

Pra quem nasceu na contramão

A corrida é desigual

Cabeça feita, realismo, cada dia é um degrau

Caminhei por mil lugares, vi milhares de pessoas

Mais de mil aprendizados, coisas ruins, coisas boas

Já a metonímia é um recurso que se baseia em relações de contiguidade, atribuindo, assim, uma relação de “hierarquia” de significados na elaboração das mensagens dos falantes. Por exemplo, no trecho:

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, defendeu nesta terça-feira sua lei de saúde, apesar dos problemas enfrentados pelos usuários interessados no programa federal de seguros de saúde. A Casa Branca não divulgou todos os detalhes da nova campanha para promover o Obamacare. (<http://www.estadao.com.br>, 3 de dezembro de 2013).

Há enunciados que ligam conceptualmente conceitos em torno do domínio cognitivo do governo americano, como “presidente dos Estados Unidos” e “Casa Branca”. Para Lakoff & Johnson (2002, p. 93), a metonímia “não é um mero recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento”.

Nos estudos em semântica cognitiva, a metáfora e a metonímia trabalham no mesmo nível cognitivo, por isso não há superioridade de uma em relação à outra.

O estudo da semântica em sua ramificação cognitiva é de grande valia, uma vez que atenta ao aluno e ao professor sobre os diversos significados possíveis de dadas estruturas linguísticas, considerando fatores extratextuais como grandes colaboradores no processo de construção do sentido. Dessa forma, o teor polissêmico da mensagem não se justifica apenas pela relação da palavra com ela mesma, mas sim pela relação estreita que essa mesma palavra mantém com fatores psíquicos e contextuais de seus emissores e receptores, bem como com a leitura de mundo que cada um traz em mente.

Conclusão

Como foi visto nesta aula, sempre houve preocupação por parte do ser humano em entender a linguagem. As palavras são espelho do mundo? Que faculdade é essa que permite somente ao homem expressar-se ou entender o mundo por meio da linguagem falada?

Em meio a tais questionamentos, o homem tem buscado investigar esse fenômeno. Surge, então, a ciência linguística, que se divide em áreas de interesse; uma dessas áreas é a semântica.

Propusemos para esta aula uma apresentação do conceito de semântica — área da ciência linguística que tem por objeto de estudo o significado das línguas naturais.

Esperamos que esta aula introdutória tenha servido como gatilho motivador, aguçando sua curiosidade acerca desta disciplina que será apresentada aos poucos, no decorrer de algumas aulas.

Atividade final

Atende ao objetivo 3



1) Sabendo que *pressuposição* pode ser entendida como um processo que permite deduzir certos fatos não explicitados, a partir de outros que são explícitos, analise os pares de sentenças e diga se a segunda sentença do par pode ser pressuposta da primeira.

- a) Marta tirou nota 10 na prova.
- b) Alguém tirou nota 10 na prova.

2) Leia o fragmento do texto “Nós, escravocratas”, de autoria de Cristovam Buarque, publicado no jornal *O Globo*, de 1/2/2010.

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição

do regime escravocrata no Brasil. Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras.

No trecho destacado, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. Há definições que partem de determinadas pressuposições. Cite uma delas.

3. Identifique as informações pressupostas nas frases a seguir:

- a) “Avião desaparecido da Malaysia Airlines teria descido aos 5 mil pés para evitar radares comerciais” (noticias.uol.com.br, 17/03/2014).
- b) “Bala perdida faz mais uma vítima no Rio de Janeiro” (Veja, 02/01/2013).
- c) “Rio de Janeiro sai do estado de epidemia de dengue, diz a prefeitura” (O Globo.com, 28/05/2012).

Resposta comentada

1) Sabendo que um enunciado pressuposto é algo que pode ser inferido a partir de um conhecimento prévio do interlocutor, analisando os pares de sentenças do exercício 1 entendemos que o fato de alguém ter tirado 10 na prova pode ser inferido a partir de *a*. Pelos enunciados dados, entende-se que já era conhecimento anterior que alguém tinha tirado 10 (informação velha). A informação nova é que quem tirou 10 foi Marta. Nesse caso, pode-se afirmar que *a* pressupõe *b*.

2) Uma pressuposição possível de se deduzir da leitura do fragmento apresentado é a de que é comum, entre intelectuais, a resistência a ações.

Ao definir Joaquim Nabuco como um “político que ousou pensar”, coloca em destaque uma qualidade que não é comum, e ao defini-lo como “intelectual que não se omitiu em agir”, o autor permite que se pressuponha que é característica dos intelectuais resistirem à ação.

3) No enunciado (a), podem-se pressupor as seguintes ideias:

- 1) Que o avião ainda não apareceu até aquele momento.
- 2) Que o avião voava a mais de 5 mil pés de altitude.
- 3) Que os radares comerciais são incapazes de detectar um avião na altitude informada.

Em (b), o uso do vocábulo *mais* leva à pressuposição de que há registro de outras vítimas anteriores de bala perdida.

Em (c), é possível pressupor que:

- 1) O Rio de Janeiro passava por uma epidemia de dengue.
- 2) Houve controle da epidemia.

Resumo

A semântica, como foi visto no decorrer desta aula, é a área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais. Interessa-se pelo estudo das relações entre as expressões linguísticas e os conceitos mentais associados a elas. Vimos também que sentido, significado, conceito ou ideia são, na verdade, a representação mental de um objeto ou da realidade social que vivenciamos.

Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. Todos os signos significam, isto é, apresentam significado. Desta forma, podemos afirmar que não há signos sem significado, uma vez que o significado é o que representam. Estabelecer o que seja significado é o problema que constitui o campo da semântica.

Tal como as outras disciplinas linguísticas, a semântica pode ser teórica (se estuda o conceito de significado), histórica (quando analisa o significado diacronicamente), descritiva (sempre que analisa o significado sincronicamente) ou comparativa (quando se opta por relacionar significados). A semântica formal considera como uma propriedade

central das línguas humanas o fato de que as línguas naturais são utilizadas para estabelecermos uma referencialidade. A semântica argumentativa ou da enunciação considera o enunciado fonte prioritária da informação a ser transmitida e entende que é a intencionalidade do falante que denota a significação contida na mensagem. A semântica lexical estuda o significado individualizado dos itens lexicais e as relações semânticas que mantêm com outros itens lexicais. Pode-se dizer que é o estudo do que itens lexicais individuais significam, porque eles querem dizer o que dizem, e como podemos representar tudo isto.

Aula 2

Semântica e Pragmática:
divisão ou relação?

Meta da aula

Apresentar os estudos da área da semântica e da área da pragmática.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer e caracterizar duas diferentes visões sobre os estudos da área da semântica e da pragmática, uma que as separa e outra que as integra, relacionando-as a visões de conhecimento também distintas;
2. identificar as relações semânticas (e pragmáticas).

Introdução

Você acompanhou, na aula anterior, a discussão do conceito de semântica. A semântica tem afinidade com várias outras áreas (por exemplo, a lexicologia, que estuda cientificamente o vocabulário de uma língua; a lexicografia, que se ocupa da confecção de dicionários; a estilística, que estuda os efeitos de expressão da linguagem; entre outras). Nesta aula, vamos estudar a relação da semântica com a pragmática, que também é uma área afim.

Pontos de vista sobre os fenômenos da língua

Para estudar as línguas de modo mais aprofundado e proveitoso, os linguistas organizam os dados linguísticos de acordo com o que estejam observando, ou seja, eles dispõem esses dados sob determinado ponto de vista. Esses pontos de vista (ou níveis de análise), em termos gerais, são: fonológico, morfológico, sintático e semântico.



Relembremos, com base em Perini (2000, p. 49), esses níveis de análise:

- 1) Nível fonológico – estudos nesse nível de análise focam os sons de uma língua: em português, podemos estudar, por exemplo, as regras que nos levam a pronunciar, em certos dialetos, a vogal média-alta pretônica *e* de “menino; perigo” como vogal alta *i*, “minino; perigo”, por influência (assimilação) da vogal alta *i* da sílaba tônica.
- 2) Nível morfológico – são estudados, nesse nível, a estrutura e os processos de formação das palavras. Por exemplo, a palavra *carregador* é formada por uma sequência de elementos: *carreg-* / *-a-* / *-dor*. Tais elementos, chamados morfemas, podem ocorrer em outras formas da língua e organizam-se com base em regras que permitem combinações como em *carregamos* e *vendedor*, mas não nos permitem combinações como em, por exemplo, *carregança* e *bibliotecador*.

3) Nível sintático – nesse nível, estuda-se o modo como as palavras se combinam para formar sentenças. Na frase “João comprou uma bicicleta”, por exemplo, uma alteração na posição ocupada pelo termo *João* pode influenciar a forma do termo *comprou* (p. ex.: *Nós compramos* uma bicicleta), mas o mesmo não ocorre se mudarmos o termo que ocupa a posição de *uma bicicleta* (p. ex.: João *comprou um brinquedo*). Do ponto de vista sintático, alterações na posição de *uma bicicleta* não interferem na forma de *comprou*.

4) Nível semântico – estuda-se, nesse nível, o significado. No exemplo anterior (“João comprou uma bicicleta”), pode-se depreender que *João* refere-se a um homem, *uma bicicleta* refere-se a um objeto (mais precisamente, um meio de transporte de duas rodas não motorizado), que houve uma *compra*, que *uma bicicleta* foi comprada e que *João* realizou essa compra em algum momento passado.

Com o objetivo maior de compreender a linguagem, o linguista procura explicar o funcionamento da língua, analisando-a em todas as suas possibilidades. Entretanto, conforme aponta Perini (2000), os níveis mencionados não cobrem todas essas possibilidades de análise:

É importante notar que esses quatro componentes não esgotam tudo o que se pode estudar a respeito de uma língua. Não tratam, por exemplo, da história das formas linguísticas, nem do uso feito pelos falantes de seu conhecimento geral do mundo para ajudar a compreender as frases, nem de muitos outros aspectos importantes. A fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica (mais o léxico (...)) constituem o estudo da estrutura interna de uma língua – aquilo que a distingue das outras línguas do mundo, e que não decorre diretamente de condições da vida social ou do conhecimento do mund. (PERINI, 2000, p. 50).

Vamos pensar um pouco sobre isso. Se usarmos nosso conhecimento de mundo (conhecimento enciclopédico) para entender frases e, segundo Perini, esse conhecimento não é abordado em nenhum dos componentes enumerados, onde se encaixaria esse estudo?



Componentes (ou módulos) da gramática

A separação dos estudos linguísticos em níveis de análise reflete uma visão, fortalecida com os estudos gerativistas, de que a mente é dividida em vários compartimentos (hipótese da modularidade). Um desses compartimentos (componentes ou módulos) é específico da linguagem, o qual, por sua vez, também é constituído por módulos menores, internos (submódulos). Esses módulos menores da linguagem são: fonológico; morfológico; lexical; sintático; semântico (cf. KENEDY, 2013, p. 40-45). Na concepção gerativista, enfatiza-se a importância do módulo sintático.

Outras correntes, como o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, por exemplo, reconhecem os níveis de análise, mas não compartilham da visão modular da linguagem. Assumem, na verdade, uma visão não modular, ou seja, integradora: a linguagem compartilha princípios gerais com outras capacidades cognitivas. Nesse sentido, o léxico mental, por exemplo, não contém conhecimento semântico separado de outros tipos de saber. Nessas correntes, enfatiza-se a importância da semântica (cf. FERRARI, 2011, p.14-15).

Sobre modularidade da linguagem, leia mais em KENEDY, E. “Conceitos fundamentais” (Unidade 2). In: _____. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

Sobre a perspectiva não modular da linguagem, leia mais em FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

Segundo Ferrari (2011, p. 16), “as relações do significado com o mundo são vinculadas ao domínio da pragmática, o qual, na visão formalista, é externo ao domínio da linguagem propriamente dita”.

Ferrari (2011) explica que a visão componencial (ou modular) está ligada à analogia entre significado das palavras e conhecimento de dicionário, ou seja, segundo essa visão, existe, por exemplo, um módulo

lexical em que constam apenas informações semânticas. Essa perspectiva é assumida, para exemplificar, pelos linguistas gerativistas.

Já a visão não modular está ligada à analogia entre significado das palavras e conhecimento enciclopédico, isto é, conhecimento de mundo (linguístico e/ou não linguístico). Essa perspectiva, por sua vez, é assumida por linguistas cognitivo-funcionalistas.

Vamos entender melhor essas comparações no próximo item.

Visão de dicionário e visão enciclopédica

Segundo Ferrari (2011), na visão de dicionário, acredita-se que:

“(...) o conhecimento linguístico (por exemplo, o conhecimento do significado de uma palavra como mochila) é específico, de natureza distinta de outros tipos de conhecimento de mundo (por exemplo, saber como usar uma mochila, ou onde se pode comprá-la). Assim, assume-se que o conhecimento linguístico é representado em um componente especializado, denominado **dicionário mental** ou **léxico**, e dentro dessa perspectiva, os significados linguísticos armazenados na mente podem ser definidos de forma semelhante ao modo como aparecem no dicionário. (FERRARI, 2011, p. 16).

Por essa razão, nessa perspectiva, a definição principal (“essencial”) de uma palavra é considerada suficiente para abarcar seu significado: *mochila* significa “espécie de saco onde os soldados ou excursionistas levam, às costas, roupas e outros objetos” (*Dicionário Aurélio Século XXI*). Os outros aspectos relacionados não seriam essenciais para o significado. A questão que se coloca é: que informação seria “essencial” ao significado de uma palavra?

Na visão enciclopédica, como a da linguística cognitiva, por exemplo, acredita-se que “os significados associados às palavras são abstrações a partir de uma vasta gama de contextos de uso associados a um dado item lexical.” (FERRARI, 2011, p. 17). Isso quer dizer que cada situação comunicativa em que determinado item é usado contribui para a compreensão do significado desse item.



Conhecimento enciclopédico (vs. conhecimento de dicionário)

Segundo Ferrari (2011, p.16), desde a década de 1960, estabeleceu-se uma comparação entre conhecimento de dicionário e nível de representação mental das palavras (léxico), a partir da hipótese da modularidade (da teoria gerativa). Nessa visão, acredita-se que há um componente especializado, chamado léxico, em que os significados linguísticos são definidos, como um dicionário mental. Esse modelo relaciona-se ao estudo da semântica lexical.

O conhecimento enciclopédico é o conhecimento não linguístico, o conhecimento de mundo. Esse modelo está relacionado à “ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (FERRARI, 2011, p. 18), ou seja, ao estudo da pragmática.

A pragmática é uma possibilidade de análise um tanto polêmica por conta dessa discussão: ela deve ser considerada como um módulo/componente fora da gramática, portanto, separado do módulo semântico, ou semântica e pragmática devem ser vistas como níveis integrados? Em outras palavras, os níveis semântico e pragmático são estanques, isto é, podem ser analisados de modo independente, ou não?

Oliveira (2001) resume a questão ao afirmar que: “Qualquer descrição semântica está necessariamente engajada numa visão da linguagem, o que implica uma explicação para a relação entre linguagem e mundo, linguagem e conhecimento” (OLIVEIRA, 2001, p. 43).

Ou seja, a escolha entre a visão modular e a visão não modular de semântica e pragmática está diretamente ligada ao viés teórico-metodológico de quem analisa.

Semântica e pragmática: módulos independentes ou níveis inter-relacionados?

Se, por um lado, os níveis de análise tornam mais prático e preciso o estudo da linguagem, por outro lado, vimos que o tratamento des-

Perspectiva teórico-metodológica

Conjunto de conhecimentos e princípios científicos, técnicas e procedimentos utilizados em determinada área.

esses níveis pode se distinguir de acordo com a **perspectiva teórico-metodológica** do linguista sobre eles. Essas perspectivas resumem-se, basicamente, em duas tendências de abordagem da semântica e da pragmática: uma que as vê como módulos (ou componentes) cognitivos separados, e outra que vê a semântica como dependente da pragmática (uso da língua).

Uma passagem de Perini (2000) ilustra bem essa visão:

(...) estou pressupondo que a semântica e a pragmática podem ser descritas como componentes separados (ao lado da sintaxe, da morfologia, da fonologia etc.). (...). Devo alertar o leitor que *a hipótese da separação da semântica e da pragmática em componentes distintos não é universalmente aceita. Na verdade, trata-se de um dos grandes pontos de discussão da linguística atual, e muitos negam a possibilidade de separar os dois tipos de fatores.* Aqui, como minha tarefa é a descrição do português, sou forçado a tomar partido e optei pela alternativa que me parece mais plausível: uma decisão ditada mais pela necessidade prática do que por uma convicção profunda. (grifo nosso) (PERINI, 2000, p. 243).

Conforme se pode ver, o autor assume uma postura teórico-metodológica separatista no que diz respeito à relação entre semântica e pragmática. Ainda assim, admite que a questão é controversa e que sua escolha foi orientada não pela certeza de essa ser a melhor ou mais correta opção, mas pela praticidade para atingir seu objetivo (a descrição do português).



Lyons (1981b, p. 14-18) trata da diferença entre uso e menção e língua-objeto e metalinguagem. Esses conceitos estão ligados ao conceito de significado. São, então, todos eles, importantes para entendermos semântica e pragmática.

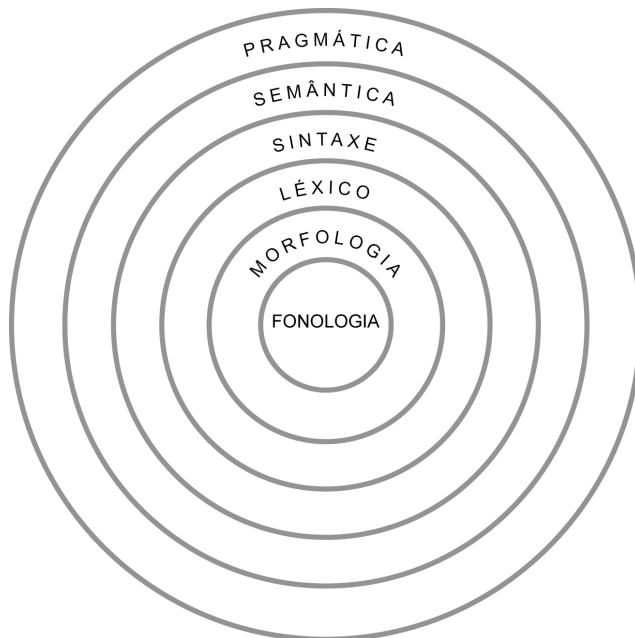
Ainda que, apenas por questões práticas, lancemos mão do estudo “separado” dos níveis, é inevitável, em algum momento da análise, fazer

referência a aspectos que os inter-relacionam. Você vai observar isso ao longo do nosso curso, principalmente ao estudarmos as relações semânticas (e pragmáticas), mas também no próximo item, em que veremos alguns fenômenos e o limite tênue entre semântica e pragmática.

=====**Atividade 1**=====

Atende ao objetivo 1

Observe a figura e estabeleça a relação com uma das visões de conhecimento discutidas. Justifique sua resposta:



Resposta comentada

A figura faz uma alusão à separação dos níveis linguísticos. Essa separação é um recurso didático para estudarmos as línguas, mas, ao mesmo tempo, evoca uma divisão da linguagem em módulos. Essa é a visão gerativista, segundo a qual o significado das palavras, por exemplo, pode ser comparado ao conhecimento de dicionário, ou seja, segundo essa visão, existe um módulo lexical onde constam apenas informações semânticas. Essa visão se opõe à visão enciclopédica, que considera o conhecimento de mundo e tem caráter não modular.

Os fenômenos investigados

Em inúmeras situações cotidianas, o falante tem de lançar mão de recursos não só linguísticos como também extralinguísticos para depreender significados. Esses recursos extralinguísticos podem ser: o contexto comunicativo (situação comunicativa, lugar, relação entre os interlocutores etc.), expressões faciais, gestos, conhecimento prévio, entre outros. No nível pragmático, estuda-se o uso da língua nas situações comunicativas, ou seja, nesse nível inclui-se o estudo dos recursos extralinguísticos. Vejamos um exemplo: uma pergunta simples como “Como está?” será respondida de maneiras diferentes se os interlocutores forem a) um médico e um paciente; b) dois vizinhos que se cruzam na rua.

Da mesma maneira, se uma pessoa caminha perdida, em direção a outra, na rua e pergunta “Você sabe onde fica o supermercado X?”, é improvável que o interlocutor entenda essa pergunta de modo literal, saiba onde fica o supermercado, responda apenas “sim” e siga o seu caminho. É natural que a maioria dos falantes entenda a pergunta como um pedido de informação e, sabendo onde se localiza o supermercado, automaticamente dê, como resposta, as orientações para que a pessoa consiga chegar ao local. Essa interpretação por parte do interlocutor só é possível porque, provavelmente, ele fez o seguinte raciocínio: 1) Ela está me interpelando porque não sabe onde é o supermercado; 2) dizer apenas “sei” não servirá a ela de nada, portanto, provavelmente não é isso que ela realmente quer saber; 3) apenas dizer a localização pode, também, não ajudá-la muito, pois o supermercado não está à vista e ela pode não conhecer a região e as referências próximas a ele; 4) ela deve estar querendo saber o caminho até lá.

Esses exemplos mostram que é preciso compreender muito mais do que os itens lexicais e as estruturas morfossintáticas para depreender o significado de um enunciado; é preciso, também, ter percepção de toda a situação comunicativa. Segundo Perini (2000):

É como se o processo de interpretação compreendesse duas etapas: primeiro, temos um sistema que extrai do enunciado aquilo que é possível depreender a partir somente da estrutura formal (morfossintática). O resultado é uma representação semântica, que poderíamos chamar o *significado literal* do enunciado. Em um segundo momento, essa representação semântica se associa a uma série de outros fatores, ligados ao contexto da comunicação e ao conhecimento prévio existente (ou pressuposto como tal) na memória do falante e do ouvinte. Resulta daí algo que, por falta de termo melhor, chamarei o *significado fino*. (grifos do autor. (PERINI, 2000, p. 242).

Perini (2000) nos dá uma explicação inicial, simples, para que possamos começar a pensar sobre o modo como conseguimos compreender uns aos outros, mas, na verdade, o processo é muito mais complexo.



Segundo Castilho (2010, p.122), os estudos semânticos têm sido realizados em três frentes, embora elas não estejam claramente demarcadas: a semântica lexical (estuda “os *sentidos* contidos nas palavras” [grifo do autor]), a semântica gramatical ou composicional (estuda “os *significados* contidos nas construções” [grifo do autor]) e a semântica pragmática (estuda “as *significações* geradas no ‘intervalo’ que medeia entre os locutores e os signos linguísticos” [grifo do autor]).

Castilho procura distinguir esses campos partindo da conceituação dos termos grifados. Estudaremos esses termos no próximo capítulo.

Oliveira (2001, p. 18-19) afirma que

Há várias semânticas. Cada uma elege a sua noção particular de significado, responde diferentemente à questão da relação

linguagem e mundo e constitui, até certo ponto, um modelo fechado, incomunicável com outros.

A autora aborda três dessas “semânticas”: a semântica formal, que vê o significado como constituído de sentido e referência; a semântica da enunciação, que vê o significado como “o resultado do jogo argumentativo”, “soma das contribuições em inúmeros fragmentos de discurso” (OLIVEIRA, 2001, p. 18); e a semântica cognitiva, segundo a qual o conceito “é adquirido por meio de nossas manipulações sensório-motoras com o mund.” (OLIVEIRA, 2001, p.19).

As denominações para essas diversas “semânticas” podem variar de autor para autor, de acordo com a teoria que utilizam. Por exemplo: a semântica formal também é denominada por alguns autores de semântica lógica, semântica referencial ou semântica de valor de verdade; já as teorias que veem o significado como uma representação mental são chamadas mentalistas, representacionais ou cognitivas (CANÇADO, 2012, p. 23-24).



Estamos tratando, neste capítulo, especificamente dos vínculos entre semântica e pragmática. Para uma leitura mais detalhada sobre os campos específicos da Semântica, veja:

FIORIN, J. “Pragmática”. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. Vol. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-186.

MÜLLER, A.; VIOTTI, E. “Semântica formal”. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. Vol. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 137-160.

PIETROFORTE, A.; LOPES, I. “Semântica lexical”. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. Vol. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 111-136.

Outro caso interessante que mostra a importância da análise pragmática para a compreensão dos fenômenos linguísticos pode ser visto no exemplo: “Maria foi à dentista porque seus dentes estavam amarelos.” Existe certa ambiguidade nessa frase porque *seus* pode ser interpretado tanto em referência a *Maria* quanto em referência a *dentista*. No entanto, essa ambiguidade é imediatamente desfeita pelo nosso conhecimento extralinguístico: pessoas com dentes amarelos procuram o dentista; dentistas não costumam, por influência da profissão, ter dentes amarelos; conseqüentemente, *seus* só pode se referir a *Maria*.

Já em “Maria foi à dentista porque sua fama era a de melhor da cidade”, também existe certa ambiguidade na interpretação de *sua*, mas tal ambiguidade se anula, igualmente, pela experiência dos usuários da língua de que pacientes procuram profissionais de renome e cujo trabalho seja confiável. Nesse caso, então, *sua* só pode referir-se a *dentista*.

Contudo, Perini (2000) alega que há casos em que não há ambiguidade. Isso se daria quando o pronome tem referência determinada. Para ilustrar, cita o exemplo “Roberto mandou que Caio o penteasse”, em que, segundo ele, *o* só pode se referir a *Roberto* e jamais a *Caio*, pois, “nesses casos, a representação semântica (significado literal) não pode ser alterada por fatores de natureza pragmática” (PERINI, 2000, p. 243). Porém, tal interpretação pode cair por terra se pensarmos nesse enunciado em um contexto em que apareça outra pessoa (ou outras pessoas) do sexo masculino. Se isso ocorresse, só mesmo o contexto poderia o desambiguar. Pode-se perceber que Perini adota a perspectiva de que semântica e pragmática são níveis separados. Para ele,

O primeiro componente da apreensão do significado (o que produz o significado literal) denomina-se *semântica*; o segundo, que computa o significado final com base no significado literal, mais fatores extralinguísticos, chama-se *pragmática* (grifos do autor) (PERINI, 2000, p. 243).

Relações semânticas (e pragmáticas)

Vimos, pelo exposto no item anterior, que o significado não envolve apenas o que é dito/escrito. Envolve o significado das palavras (significado lexical) e da sentença, e nosso conhecimento sobre comportamentos, intenções etc. (conhecimento de mundo).

De acordo com Cançado (2012):

A semântica pode ser pensada como a explicação de aspectos de interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua e não de como as pessoas a colocam em uso; (...) A pragmática estuda os usos situados da língua e lida com certos tipos de efeitos intencionais. Entretanto, (...) nem sempre é tão clara essa divisão e nem sempre conseguimos precisar o que está no terreno da semântica e o que está no terreno da pragmática (CANÇADO, 2012, p. 17-18).

A autora lembra que existem alguns fenômenos semânticos e pragmáticos básicos, de interesse comum a todos os estudiosos da área. No nosso curso, trataremos de alguns com mais detalhe nas próximas aulas (por exemplo: pressuposição; sinonímia; antonímia; homonímia; polissemia; entre outros). Por ora, neste capítulo, vamos apenas citar e exemplificar. São eles: composicionalidade e expressividade; algumas relações semânticas (e pragmáticas); referência e representação.

Composicionalidade e expressividade

Segundo Cançado (2012, p.19), “uma teoria semântica deve, em relação a qualquer língua, ser capaz de atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe(s) é (são) associado(s) nessa língua.” Porém, o significado das sentenças não depende apenas das palavras que a formam, mas também de aspectos gramaticais como ordem das palavras, entre outros. Para Lyons (1981a, p. 150),

o significado de uma sentença é o produto tanto do significado lexical quanto gramatical: isto é, do significado dos lexemas constituintes e das construções gramaticais que relacionam um lexema, sintagmaticamente, a outro.

Entre outros exemplos que demonstram o envolvimento de aspectos gramaticais no significado das sentenças, o autor cita “O cachorro mordeu o carteiro” vs. “O carteiro mordeu o cachorro”. Essas sentenças têm significados diferentes e eles não se devem aos lexemas que constituem as sentenças e sim a um aspecto gramatical: a ordem em que eles estão organizados.

Lyons menciona, ainda, a importância do significado do **enunciado**. Este engloba o significado da sentença mais os fatores contextuais, o que, para alguns estudiosos, foge do domínio da semântica e entra no domínio da pragmática. Contudo, Lyons considera precipitado afirmar isso, pois, segundo ele:

A noção de significado de sentença pode depender, tanto lógica quanto metodologicamente, da noção de significado do enunciado, de maneira que não se pode dar conta totalmente do significado de sentença sem relacionar as sentenças, em princípio, a seus possíveis contextos de enunciação (LYONS, 1981a, p. 137).

Enunciado

Termo ambíguo que pode se referir tanto ao ato quanto ao produto desse ato. Nas palavras de Lyons (1981a): “Aqueles que distinguem sentenças e enunciados concordam de um modo geral que as primeiras, diferentemente dos últimos, são entidades abstratas independentes de contexto, no sentido de não estarem vinculadas a nenhum tempo ou espaço particular: elas são unidades do sistema linguístico a que pertencem” (LYONS, 1981a, p. 157).

Relações semânticas (e pragmáticas)

Uma das tarefas dos especialistas é buscar explicar as relações semânticas (e pragmáticas) que os falantes, intuitivamente, fazem. Vejamos algumas delas:

Implicação

São relações que envolvem acarretamento, pressuposição, implicatura, hiponímia. Exemplos:

a) Chove; b) A rua está molhada.

Vemos no exemplo dado que (a) sugere, ou seja, *implica* (b), pois provoca essa interpretação por parte do interlocutor.

c) Maria parou de trabalhar; d) Maria trabalhava.

Temos em (d) uma *pressuposição* a respeito de (c), pois esta (c) só pode ser afirmada se tomarmos aquela (d) como verdade.

e) Maria vendeu sua casa; f) Maria vendeu algo.

A sentença em (e) traz consigo, isto é, *acarreta*, a ideia contida em (f). Ao mesmo tempo, a palavra *algo* “inclui” (contém) o sentido de *sua casa*, sendo, portanto, *hiperônimo* dessa expressão. Por sua vez, dizemos que *sua casa* é *hipônimo* de *algo*, pois seu sentido está incluído no sentido de *algo*.



Ilari & Geraldi (2003) discutem algumas relações semânticas (e pragmáticas) importantes para a reflexão sobre o significado. Algumas delas serão temas do nosso curso. Logo, essas contribuições serão revisitadas nas respectivas aulas. Por ora, fica a indicação: ILARI, R. & GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2003.

Sinonímia e paráfrase

a) A menina saiu; b) A garota saiu.

Lyons (1981a, p. 143) define sinonímia como “identidade de significado”, mas observa que não existe sinonímia absoluta. Nos exemplos citados, as palavras *menina* e *garota* são sinônimas. Veremos mais detalhes sobre sinonímia em aula dedicada a ela.

Além disso, as duas sentenças estão em relação de paráfrase porque expressam significados semelhantes. De acordo com Cançado (2012, p. 21), na paráfrase, as sentenças “passam a mesma informação, ou seja, se a sentença (a) é verdadeira, a sentença (b) também é verdadeira”. Essa e outras concepções ligadas ao conceito de paráfrase também serão discutidas em aula à parte.

Antonímia e contradição

a) Maria é baixa; b) Maria é alta.

As sentenças anteriores são consideradas contraditórias porque são conflitantes e não podem coocorrer. A contradição é causada pela oposição entre *baixa* e *alta*, que são antônimos (palavras de sentidos opostos).

Ambiguidade

Segundo Cançado (2012, p. 70), é “um fenômeno semântico que aparece quando uma simples palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado”. A homonímia ocorre “quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados” (CANÇADO, 2012, p. 71),

p. ex.: manga – fruta; parte da camisa; e a polissemia ocorre “quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si” (CANÇADO, 2012, p. 72), p. ex.: rede – elétrica; de deitar etc.). A polissemia também é estudada na abordagem cognitiva. Falaremos mais sobre esse fenômeno em aula específica sobre o tema.

Metáfora

Esse também é um fenômeno bastante tratado na abordagem cognitiva. Cançado (2012, p. 22) afirma que “as metáforas são entendidas, geralmente, como uma comparação que envolve identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro”. No exemplo dado pela autora, “este problema está sem solução: não consigo achar o fio da meada”, é feita uma comparação entre “meada enrolada” e “problema complicado”.

Existem muitas outras relações semânticas (e pragmáticas). Entretanto, pretendemos, aqui, apenas apresentar o tema de forma inicial, ilustrando com algumas dessas relações. No decorrer das aulas, trataremos com mais detalhe das que são de particular interesse para o nosso curso, ainda que sem pretender esgotar o assunto.

Referência e representação

Conforme já mencionamos anteriormente nesta aula, entender o conceito de significado é fundamental para o desenvolvimento de uma teoria semântica. Assim, na busca pela construção dessas teorias, os estudiosos propuseram diferentes perspectivas para a compreensão do significado. Uma delas é que existe ligação entre as expressões linguísticas e o mundo, ou seja, as palavras fazem referência a objetos extralinguísticos. A outra sugere que o significado está ligado a uma representação mental, não a uma referência no mundo. Ou seja, representamos e reconstruímos mentalmente o que é significado.

Esse assunto será melhor abordado na nossa próxima aula (“O significado e o sentido”).



Sobre a fragilidade da distinção entre semântica e pragmática, veja também: LEVINSON, S. O âmbito da pragmática (Cap. 1). In: _____. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. pp. 1-64.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Dê exemplos que ilustrem relações semânticas (e pragmáticas) de acarretamento e ambiguidade e comente:

Resposta comentada

1a) Maria é solteira; 1b) Maria nunca se casou.

Existe aqui uma relação de acarretamento: (a) acarreta (b) porque (a) está contida em (b). Se (a) é verdade, (b) é necessariamente verdade.

2) Foi difícil encontrar a prova.

Há ambiguidade porque não se sabe se *prova* refere-se a evidências ou se se refere a exame.

Conclusão

Esperamos ter dado uma visão panorâmica das relações entre semântica e pragmática, abordando importantes conceitos e teorias que servirão de base para as próximas aulas.

Como apontado desde o início, as fronteiras entre semântica e pragmática são bastante sutis e até controversas, e não foi nosso objetivo mostrar um caminho ou esgotar o tema, e sim apresentá-lo em suas diferentes visões, preparando o terreno para uma melhor compreensão dos fenômenos que serão discutidos ao longo do nosso curso de semântica.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

Leia a história e faça um comentário, com base no que estudamos na aula de hoje, sobre a importância dos fatores extralinguísticos para a compreensão dos significados:



Resposta comentada

Se analisarmos apenas os fatores linguísticos envolvidos (itens lexicais e estrutura morfosintática) nos enunciados para compreender esse diálogo, concluiríamos que “Já estou guardando...” não responde à pergunta feita. Além disso, a ação de guardar ocorreu depois de o filho dizer “Já estou guardando...” e não no momento da sua fala, conforme seria esperado do uso dessa forma verbal no gerúndio. Por outro lado, ainda do ponto de vista puramente linguístico, a própria pergunta também não faria sentido, pois um par de tênis não é capaz de realizar (“fazer”) nada.

Só quando olhamos para os fatores pragmáticos, extralinguísticos, envolvidos conseguimos compreender como e por que os interlocutores puderam se comunicar satisfatoriamente, sendo essa satisfação perceptível ao fim do diálogo na fala da mãe (“Ótimo!”), que viu que foi compreendida e alcançou prontamente seu propósito de fazer com que o filho tirasse o par de tênis do sofá. Como essa era a intenção da mãe com a pergunta inicial, a resposta do filho foi adequada ao contexto.

Resumo

Nesta aula, apresentamos a linha tênue existente entre semântica e pragmática. Para tanto, começamos lembrando os níveis de análise linguística, que são uma separação didática feita para facilitar e otimizar os estudos linguísticos. Mostramos que a adoção dessa separação ganhou força a partir da visão modular da linguagem, na década de 1960, com os estudos gerativistas.

Vimos que o estudo do significado seguiu essa mesma tendência fragmentária, sendo o léxico, por exemplo, visto como um componente separado, tendo sido equiparado a um dicionário mental. Posteriormente, surge uma visão que se opunha a essa ideia: a visão do conhecimento como enciclopédico.

Em seguida, discutimos o caráter da relação entre a semântica e a pragmática, se são níveis inter-relacionados ou módulos independentes.

No item “Os fenômenos investigados”, foram apresentados vários exemplos ilustrando questões que devem ser levadas em conta em uma teoria/análise semântica.

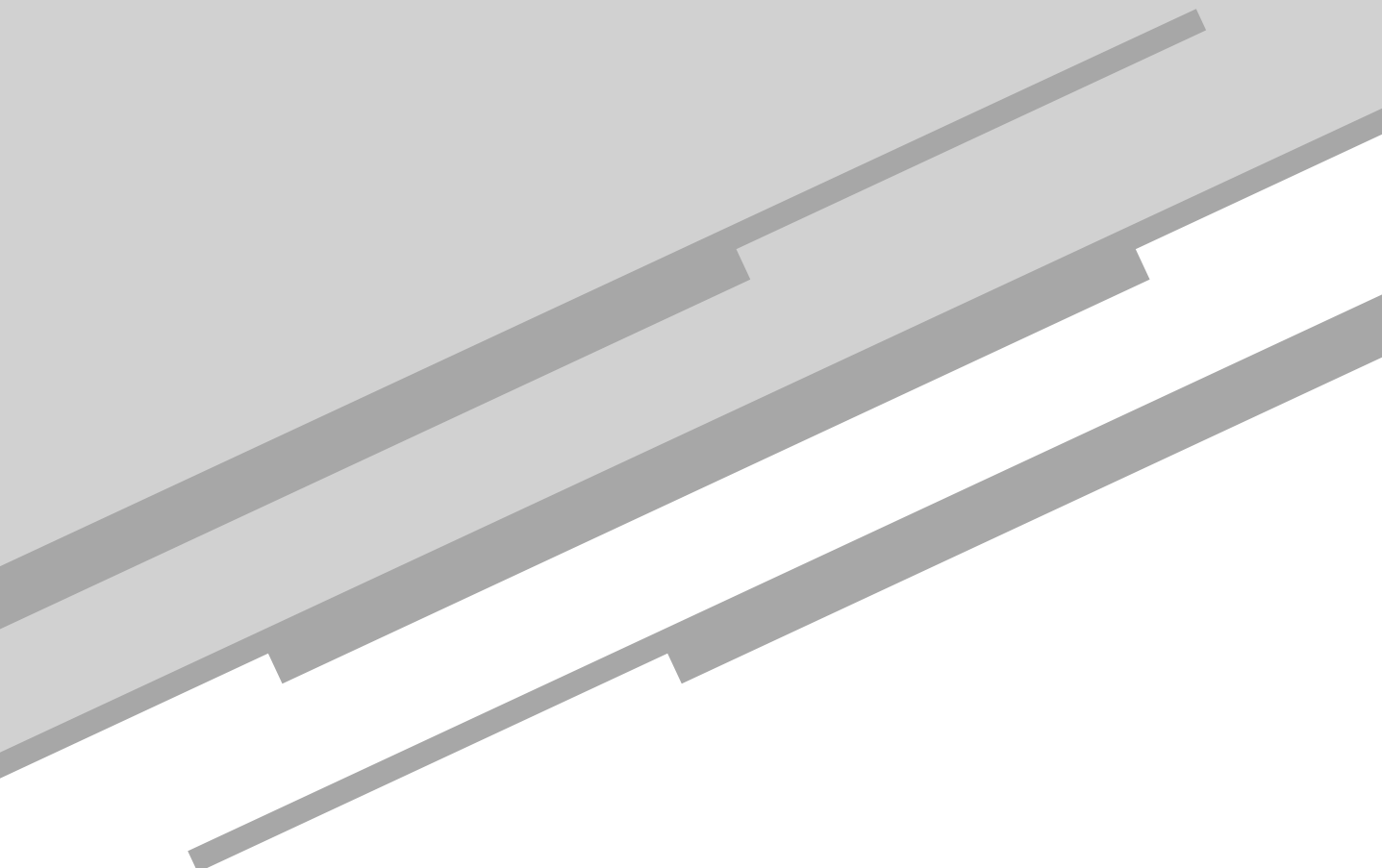
No item “Relações semânticas (e pragmáticas)”, foram introduzidas algumas das relações semânticas (e pragmáticas) que são objeto de investigação por parte dos semanticistas.

Informação sobre a próxima aula

Em nossa próxima aula, avançaremos na compreensão da diferença entre dois conceitos básicos para os estudos semânticos: significado e sentido.

Aula 3

O significado e o sentido



Meta da aula

Apresentar os conceitos de *significado* e *sentido*.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir *significante* e *significado* linguísticos;
2. reconhecer a diferença entre *significado* e *sentido*;
3. distinguir *sentido literal* de *sentido figurado*.

Introdução

Ao contrário do que, em geral, acreditamos, sentido e significado não são a mesma coisa. O significado é direto, literal, explícito, enquanto o sentido implica uma série de outros conhecimentos e visões que interferem na forma como entendemos o mundo a nossa volta, como bem diz José Saramago (1997):

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.

Desde a Grécia antiga, já era preocupação entender a problemática do significado. Platão, em um diálogo chamado *Crátilo*, através de uma conversa entre três personagens – Sócrates, Crátilo e Hermógenes –, traz à reflexão a questão do significado das palavras. No diálogo, Sócrates é questionado por Crátilo e Hermógenes sobre se os nomes são “convencionais” ou “naturais”, isto é, se a linguagem é um sistema de símbolos arbitrários ou se as palavras possuem uma relação natural com as coisas que elas significam. Esse texto é uma importante referência no que diz respeito ao estudo do significado.

No entanto, somente no século XX, como você já estudou nas aulas anteriores, é que surge uma disciplina, dentro dos Estudos Linguísticos, dedicada ao estudo do significado. Trata-se da semântica. Ela procura explicar a capacidade inerente ao ser humano, falante de uma língua, de atribuir um significado aos sons que ouve ou emite.

Além da Linguística, ciência da linguagem verbal, surge, no século XX, uma ciência que se interessa por toda e qualquer linguagem: a **Semiótica**.

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis. Seu objetivo principal é investigar como se constitui todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

Semiótica

Ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas signícos, isto é, sistemas de significação.

Surgiu, de forma independente, na Europa e nos Estados Unidos. Mais frequentemente, costuma-se chamar “Semiótica” à ciência geral dos signos nascidas do americano Charles Sanders Peirce, e “Semiologia”, à vertente europeia do mesmo estudo, as quais tinham metodologia e enfoques diferenciados entre si. Na vertente europeia, o signo assumia, a princípio, um caráter duplo, composto de dois planos complementares – a saber, a “forma” (ou “significante”, aquilo que representa ou simboliza algo) e o “conteúdo” (ou “significado” do que é indicado pelo significante) –, logo a Semiologia seria uma ciência dupla que busca relacionar certa sintaxe (relativa à “forma”) a uma semântica (relativa ao “conteúdo”). A Semiótica é um saber muito antigo, que estuda os modos como o homem significa o que o rodeia.

Fonte: (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Semi%C3%B3tica>)

Por possuírem o mesmo interesse de estudo, isto é, significado e sentido, a semântica aproxima-se da Semiótica.

Semântica e Semiótica têm, contudo, abordagens diferentes do significado. A Semiótica trabalha com a dependência que existe entre significante e significado, e a semântica preocupa-se com o significado como elemento independente, resultado do processo de interação.

Não é possível falar de significado sem mencionar Saussure, linguista suíço que postulou os conceitos de significado e significante. Só para nos lembrarmos do que foi falado em aulas anteriores, Saussure, sobre o signo linguístico, afirma que este é a união do significado e da imagem acústica. O que ele chama de “significado” é a mesma coisa que *conceito* ou *ideia*, isto é, a representação comum de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde que nascemos. Para Saussure, *conceito* é sinônimo de *significado* (plano das ideias), em oposição ao *significante* (plano da expressão), que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, 2006, p. 80). *Imagem acústica é o significante*. Com isso, temos que o signo linguístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80), semelhante a uma moeda com cara e coroa ou as duas faces de uma folha de papel.

Esta aula trata da distinção entre significado e sentido. O que entender por significado? E sentido? Há diferença entre os dois?

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Vicente Matheus (1908-1997) foi um dos personagens mais controversos do futebol brasileiro. Esteve à frente do time paulista de futebol Corinthians em várias ocasiões entre 1959 e 1990. O uso que fazia da língua portuguesa nem sempre era aquele reconhecido pelos livros. Uma vez, querendo deixar bem claro que o craque do Timão não seria vendido ou emprestado para outro clube, afirmou que “o Sócrates é invendável e imprestável”.

(Adaptado de *Revista de História da Biblioteca Nacional*, jul. 2011, p. 85.)

Com relação ao vocábulo imprestável usado por Vicente Matheus ao se referir à ideia de que o jogador Sócrates não seria emprestado a nenhum outro clube, explique por que causou estranheza esse termo. Construa uma resposta que deixe claro seu conhecimento sobre significante e significado.

Resposta comentada

O signo linguístico, conforme Saussure, é a unidade constituinte do sistema linguístico, formado de duas partes absolutamente inseparáveis chamadas de significante e significado. O significante é a imagem acústica formada na nossa mente a partir da impressão que um som ou grupo de sons deixam. O significado é o conceito, a ideia que buscamos associar a essa imagem acústica para estabelecermos o entendimento do que ouvimos ou lemos.

Quando Vicente Matheus usa um vocábulo cujo significado já é de domínio dos falantes do português – *imprestável* – que quer dizer “que não tem utilidade”, “que não tem mais serventia”, leva ao entendimento de que Sócrates era inútil, não servia mais para o Corinthians. O que aconteceu na situação descrita é que a ideia associada à imagem acústica provocada pelo significante IMPRESTÁVEL não foi a mesma ideia que Matheus queria transmitir, provocando efeito contrário ao esperado. *Imprestável* forma-se com o acréscimo do prefixo negativo *in-* + *prestável*, por sua vez formado do radical de *prestar*, que significa “*ser útil*”.



O significado e o conceito

O termo “significado” tem sido definido como sentido ou conceito, sem muito cuidado, como se não houvesse diferenças sutis entre esses termos que os diferenciam. Observe as definições de significado a seguir:

“s.m. 1. Sentido, acepção. 2. Significação” (*Dicionário Caldas Aulete*)

“s.m.1. Acepção, sentido, significação. 2. Linguística Valor, sentido ou conteúdo semântico de um signo linguístico” (*Dicionário Aurélio*)

“sig.ni.fi.ca.do *adj* (*part* de *significar*) 1 Que se exprimiu, que se manifestou. 2 Notificado, declarado. *sm* 1 Significação, sentido, acepção. 2 Sentido de qualquer símbolo, frase ou palavra mais ou menos obscura; interpretação. 3 Valor, importância, alcance: *Acabou compreendendo o significado de minha atitude.*” (*Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*).

Para Saussure (CLG, 2006), “significado” é definido como sinônimo de *conceito* ou *ideia*. No entanto, como veremos nesta aula, há distinção entre significado, sentido e conceito.

Conceito pode ser definido como definição, concepção, caracterização. Com origem no latim *conceptus* (do verbo *concupere*), é aquilo que se concebe no pensamento sobre algo ou alguém. É a forma de pensar sobre algo, consistindo em um tipo de apreciação através de uma opinião manifesta. Quando construímos uma imagem sobre algo ou alguém, formamos um conceito sobre esse ser.

Por exemplo, as palavras *house*, *casa* e *maison* expressam o mesmo conceito, isto é, o conceito de “casa” pode ser expresso como *house* (em inglês), *maison* (em francês) e *casa* (em português). Para perceber ou alcançar o significado das palavras que ouvimos ou lemos, estabelecemos uma relação entre o conceito, já dominado, e a imagem que os sons ou letras criam em nosso cérebro.

Significado também é entendido como “sentido”, como pôde ser visto nas definições retiradas dos dicionários. Sentido está associado à significação. Do latim, *significatio*, significado quer dizer “o sentido das palavras”. No entanto, há autores que tratam sentido e significado como coisas diferentes. Sendo assim, apresentaremos, na próxima seção, estudos sobre sentido para entendermos essas sutis diferenças.

Definição de sentido

Vários autores conceituados, filósofos e estudiosos da linguagem têm apresentado suas definições para sentido, que podem variar, dependendo do enfoque dado. Mourão (1947, 2011), por exemplo, quando aborda *sentido*, o faz da seguinte forma:

[...] o sentido aparece sempre indissoluvelmente associado à significação e à direção.

[...] o sentido existe somente como um resultado de uma construção efectuada pelos sujeitos “em situação”.

Wittgenstein (2001), por sua vez, considera que “o sentido de uma expressão é o seu uso.

Escolhemos a definição de sentido de Wittgenstein por entendermos que não se pode excluir o uso linguístico de qualquer análise, sobretudo quando se tratam de significados e sentidos. Por exemplo, se alguém diz “boa noite”, há vários sentidos relacionados a essas palavras, que podem significar cumprimento ou saudação, mas, também, despedida ou demonstração de fim de conversa. Podemos, então, fazer a distinção entre o significado dessas palavras, tal como aparecem no dicionário e o sentido com que são empregadas, isto é, seu uso.

Todas as vezes que proferimos enunciados, seu sentido ou a leitura que fazemos das expressões enunciadas varia conforme o contexto de fala. É por isso que a linguagem cotidiana é tão rica e tão maleável. E é por isso que se defende a diferença entre o *sentido literal* e o *sentido contextual*.

De fato, ao ouvirmos o enunciado “O gato está deitado no sofá da sala”, não é possível saber se o sentido literal é que o felino está deitado no sofá que fica na sala. Pode-se estar querendo informar a alguém que o gato, que esse alguém procurava, foi achado deitado no sofá. Além disso, o vocábulo “gato” nem sempre se refere ao felino doméstico, podendo referir-se a um rapaz bonito. O sentido deste enunciado, portanto, como diz Wittgenstein, dependerá do uso.

Para Wittgenstein, o sentido é a única exigência de significatividade de uma linguagem em geral. Ter sentido é poder significar, é ter um valor de verdade, independente de qual ele seja. Ter sentido para uma sentença é descrever uma situação que “significa” algo para alguém.



Figura 3.1: Wittgenstein

Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (Viena, 26 de abril de 1889 — Cambridge, 29 de abril de 1951) foi um filósofo austríaco naturalizado britânico. Um dos principais atores da virada linguística na filosofia do século XX, suas principais contribuições foram feitas nos campos da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e filosofia da mente.

Muitos o consideram o filósofo mais importante do século passado. O único livro de filosofia que publicou em vida, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1922, exerceu profunda influência no desenvolvimento do positivismo lógico. Mais tarde, as ideias por ele formuladas a partir de 1930 e difundidas em Cambridge e Oxford impulsionaram ainda outro movimento filosófico, a chamada “filosofia da linguagem comum”. Seu pensamento é geralmente dividido em duas fases. À primeira fase, pertence o *Tractatus Logico-Philosophicus*, livro em que Wittgenstein procura esclarecer as condições lógicas a que o pensamento e a linguagem devem atender para poder representar o mundo. À segunda fase pertencem as *Investigações Filosóficas*, publicadas postumamente em 1953. Nesse livro, Wittgenstein trata de tópicos similares ao do *Tractatus* (embora sob uma perspectiva radicalmente diferente) e avança sobre temas da filosofia da mente ao analisar conceitos como o de compreensão, intenção, dor e vontade.

Fonte: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Wittgenstein)

Como dissemos, *ter sentido é poder ter um valor de verdade*. O que entender, então, por “valor de verdade”? É poder ser falso ou verdadeiro, quando enunciamos algo acerca do mundo, de fato, determinamos a existência dessa situação, desse fato, desse estado de coisas, no espaço lógico que uma proposição com sentido determina (WITTGENSTEIN, 2001). A linguagem portanto é usada para descrever o mundo, descrever fatos ou situações vivenciadas ou observadas.

Para entendermos melhor, Wittgenstein não quer dizer que tudo o que se produz na linguagem tem sentido; o sentido de uma proposição, para o filósofo, é garantido pelo fato de proposições descreverem um estado de coisas. Wittgenstein estabelece que o sentido da proposição consista em descrever algo que pode ser verídico. Mas poder descrever algo não é garantia de uma proposição autêntica.

Observe a seguinte frase: “No Rio de Janeiro, faz muito calor”. Esta é uma proposição porque declara um fato; e tem um valor de verdade que pode ser verdadeiro ou não. Mas seu sentido está garantido: ela significa para alguém. E o valor de verdade? Vai depender do contexto interpretativo.

Só para não confundirmos, vamos a alguns conceitos básicos:

Chamamos de *enunciados* o que proferimos, sequência de palavras que usamos para fazer uma declaração ou uma pergunta, fazer uma ameaça, dar uma ordem, exprimir um desejo, etc.

A *proposição* é o pensamento que uma frase declarativa exprime literalmente, e que nós podemos considerar verdadeiro ou falso. Apenas as proposições podem ter um valor de verdade?

O valor de verdade de uma proposição é a verdade ou falsidade dessa proposição. A frase “Aquele cavalo branco é negro” é uma frase declarativa, contudo, não exprime uma proposição porque não tem valor de verdade – ela é absurda, sem sentido. Por outro lado, se eu digo “José Serra foi eleito presidente do Brasil no ano de 2011”, estou determinando, com o que enunciei, a existência dessa situação, que pode ser falsa ou verdadeira, mas tem sentido dentro de um espaço lógico que essa proposição determina. Todos os brasileiros sabem que José Serra é um político que se candidatou à presidência do Brasil, por algumas vezes, e que é perfeitamente possível que ele fosse eleito. Tem sentido. Logo, exprime uma proposição porque tem valor de verdade. E tem valor de verdade porque a frase ou é verdadeira ou é falsa.

Uma frase tem valor de verdade quando é verdadeira ou falsa, ainda que não saibamos se a frase é realmente verdadeira ou falsa. Por exemplo, a frase “Há vida noutros planetas além da Terra” exprime uma proposição porque esta frase tem um valor de verdade – é verdadeira ou falsa. Mas nós não sabemos se a frase é verdadeira ou falsa.

Assim, o sentido é garantido pelo fato de o que é dito poder descrever algo possível.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Apresente a distinção entre significado, sentido e conceito.

Resposta comentada

Conceito pode ser definido como definição, concepção, caracterização. Quando se constrói uma imagem sobre algo ou alguém, forma-se um conceito sobre esse ser. As palavras “jerimum” e “abóbora” expressam o mesmo conceito.

Para perceber ou alcançar o significado das palavras, estabelecemos uma relação entre o conceito, já dominado, e a imagem que os sons ou letras criam em nosso cérebro. Significado também é entendido como sentido, como pôde ser visto nas definições retiradas dos dicionários. Sentido está associado à significação.

Sentido está diretamente relacionado ao uso. Podemos, então, fazer a distinção entre o significado das palavras, tal como aparecem no dicionário, e o sentido com que são empregadas, isto é, seu uso. O sentido pode variar conforme o contexto de fala e os envolvidos no processo.

Sentido literal e sentido figurado

Começamos esta seção com o seguinte questionamento: existe sentido literal? Muitos foram os questionamentos ao longo dos anos sobre a existência ou não de sentido literal em oposição a um sentido não literal.

Para responder à questão “o que é sentido literal?”, vamos recorrer a Searle (2002). O teórico, com relação a este questionamento, apresenta o senso comum que diz que, dada qualquer sentença, seu significado literal pode ser definido como o significado que ela tem, independentemente de qualquer contexto. Resumindo: segundo o que comumente se defende, o significado literal seria o significado sem o contexto. Searle (2002, p. 184), no entanto, defende a ideia de que não há contexto nulo de sua interpretação, pois só conseguimos captar o significado das sentenças proferidas com base no que conhecemos ou supomos sobre o contexto em que foram emitidas. Para exemplificar, Searle (p. 189) apresenta o seguinte enunciado: “O gato está sobre o capacho”. Para o teórico, nosso conhecimento de mundo sobre gatos, capachos e sobre o hábito de gatos dormirem sobre os capachos determina nossa compreensão, fazendo com que as diferenças individuais de interpretação sejam mínimas.

Ainda assim, Searle não nega a existência de um sentido literal, mas o vê como relativo: “significado literal, embora relativo, é ainda significado literal” (SEARLE, 2002, p. 206). Podemos dizer, então, que sentido literal, para o autor, é aquele que pode ser tomado como o sentido “básico, usual” da palavra ou expressão, porém, ao contrário do que o senso comum diz, depende do contexto interpretativo, por não haver contextos nulos de interpretação. O sentido figurado, por sua vez, é aquele que as palavras ou expressões adquirem em situações particulares de uso.

A palavra tem valor conotativo quando seu significado é ampliado ou alterado no contexto em que é empregada, sugerindo ideias que vão além de seu sentido mais usual. Como bem caracteriza Ilari (2013, p. 41),

a conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados, etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam ‘neutramente’ do mundo.

Por meio da imaginação criadora do homem, as palavras podem ter seu significado ampliado, deixando de representar apenas a ideia original. Comumente, fazemos associações permitindo o surgimento de novos conceitos e ideias relacionadas às palavras e expressões. Para entendermos melhor, comparemos os seguintes enunciados:

(a) João tem uma *cabeça* grande.

(b) João é o *cabeça* da turma.

No primeiro exemplo, a palavra destacada significa “parte superior do corpo humano e de outros animais que contém o cérebro e outros órgãos como olhos, nariz, ouvidos e boca”, conforme consta nos dicionários. Já no segundo exemplo, a mesma palavra teve seu significado ampliado e, por uma série de associações, entendemos que nesse caso significa alguém com capacidade de liderança ou inteligência superior aos demais do grupo.

Muitas vezes, isso se estende a frases, pois uma frase pode ter mais de uma interpretação. Por exemplo:

(c) João *caiu do cavalo*.

No sentido literal, entende-se, a partir deste enunciado, que João sofreu um acidente quando andava a cavalo, caindo de cima do mesmo. Entretanto, a mesma frase pode ser entendida num sentido figurado, como “João não foi feliz/se deu mal em alguma atividade”.

Pelos exemplos citados, percebe-se que uma mesma palavra ou expressão pode apresentar mais de um significado, ocorrendo, basicamente, duas possibilidades:

a) A palavra apresenta seu sentido original, impessoal. Nesse caso, prevalece o sentido denotativo.

b) A palavra aparece com outro significado, passível de interpretações diferentes, dependendo do contexto em que for empregada. Nesse caso, prevalece o sentido conotativo.

Ilari (2013, p. 41) afirma, ainda, que “os dois efeitos de sentido da conotação e denotação estão presentes em diferentes medidas em qualquer ato de fala e não é sempre fácil dizer onde termina um e onde começa outro.”

Atividade 3

Atende ao objetivo 3

1. Assinale, nos enunciados a seguir, palavras ou expressões que foram usadas no sentido conotativo. Explique-as:

- a) Eram 75 linhas que jorravam na máquina de escrever com regularidade mecânica.
- b) O homem procura novos caminhos na tentativa de fixar suas raízes.
- c) O estrangeiro tropeça, com muita frequência, no dialeto carioca.

2. Analise a letra da música *Cálice*, de autoria de Gilberto Gil e Chico Buarque, com relação às metáforas utilizadas:

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga

Tragar a dor, engolir a labuta

Mesmo calada a boca, resta o peito

Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa

Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta

Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado

Se na calada da noite eu me dano

Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoados eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

Link: <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/calice.html#ixzz30sA-quUQh>

Resposta comentada

1. Em (a), o verbo “jorrar”, em (b), a expressão “fixar raízes” e em (c) “tropeçar” devem ser entendidos conotativamente, uma vez que seus significados são ampliados nos contextos em que são empregados. Essas palavras e expressões sugerem ideias que vão além de seu sentido mais usual: em (a), “jorrar” sugere que as linhas eram escritas com facilidade e rapidez, em (b), “fixar raízes” sugere que o homem deseja estabelecer-se em um lugar ou situação mais bem definida e estável e em (c) “tropeçar” remete à ideia de que o estrangeiro, ainda que saiba expressar-se em português, quando se depara com o dialeto carioca, tem dificuldades. A conotação é um efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão faz uma referência à forma como as coisas são percebidas pelo falante.

2. A análise é extensa por conta de que todos os versos vêm imbuídos de metáforas usadas para contar o drama da tortura no Brasil no período da ditadura militar.

1. Pai, afasta de mim esse cálice

Súplica que remete à Paixão de Cristo, fazendo alusão à agonia de Jesus no calvário, sintetizando o pedido de afastamento de algo que imprime dor e sofrimento. Associado a isso, há uma ambiguidade no uso da palavra “cálice” em relação ao imperativo “cale-se”, fazendo uma referência à censura no período de ditadura militar.

2. De vinho tinto de sangue

O “cálice” é um objeto que contém algo em seu interior. Na *Bíblia*, esse conteúdo é o sangue de Cristo; na música, é o sangue derramado pelas vítimas da repressão e torturas.

3. Como beber dessa bebida amarga

A metáfora do verso remete à dificuldade de aceitar uma realidade dura e difícil.

4. Tragar a dor, engolir a labuta

Significa a imposição de ter que aguentar a dor e desistir de lutar, de brigar por um ideal.

5. Mesmo calada a boca, resta o peito

Os poetas afirmam que mesmo a pessoa tendo a sua liberdade de pronunciar-se cerceada, ainda lhe resta o desejo, escondido e inviolável dentro do seu peito.

6. De que me vale ser filho da santa / Melhor seria ser filho da outra

Essas metáforas remetem à ideia de descrença no regime político. A ideia da figura materna faz referência à Pátria.

7. Esse silêncio todo me atordoa

Os métodos de tortura usados para conseguir das vítimas informações acabavam por silenciá-las, levando à morte ou total apatia.

8. Atordoado, eu permaneço atento/ Na arquibancada, pra a qualquer momento ver emergir o monstro da lagoa.

O regime militar é metaforizado como “monstro da lagoa” que se mostrará como tal, a qualquer momento, apresentando a todos suas reais características.

9. De muito gorda a porca já não anda/ De muito usada a faca já não corta

Referência à inoperância e desgaste, provavelmente da ferramenta política utilizada.

10. Como é difícil, pai, abrir a porta

É difícil encontrar uma saída.

11. Essa palavra presa na garganta

Falta liberdade de expressão.

12. Esse pileque homérico no mundo

Refere-se ao desejo de liberdade contido no peito de cada cidadão dos países vivendo sob os vários regimes autoritários existentes no mundo.

13. De que adianta ter boa vontade

Referência possível à frase bíblica: “Paz na terra aos homens de boa vontade” (Bíblia, Lucas, 2, 14).

14. Mesmo calado o peito resta a cuca dos bêbados do centro da cidade

Ninguém pode impedir que se continue pensando.

15. Talvez o mundo não seja pequeno nem seja a vida um fato consumado

Renovam-se as esperanças. Nada está consumado. Pode haver uma reviravolta.

16. Quero inventar o meu próprio pecado/Quero morrer do meu

próprio veneno

Expressa o desejo de liberdade. Que se seja punido pelos erros sem ter seu desejo cerceado ou punido por erros que lhe imputam.

17. Quero perder de vez tua cabeça / minha cabeça perder teu juízo
Traz a ideia de que o eu-lírico deseja ter seu próprio juízo e não o do poder repressor.

18. Quero cheirar fumaça de óleo diesel / me embriagar até que alguém me esqueça

Os autores usam uma imagem relacionada às práticas de tortura: os repressores queimavam óleo diesel, cuja fumaça deixava os torturados embriagados. Esses, por sua vez, fingiam desmaio para fugir da tortura.

O duplo sentido

Duplo sentido, também chamado de trocadilho, é uma frase ou palavra que tem dois sentidos diferentes. Em geral, são engraçadas ou irônicas. Nas palavras ou enunciados com duplo sentido, o primeiro sentido é o real significado do termo, e o segundo é o lado duplo. Muitas vezes, é difícil para algumas pessoas entenderem o verdadeiro sentido.

As frases com duplo sentido apresentam certa malícia, uma conotação sexual, uma piada, etc.

Veja alguns exemplos de frases com duplo sentido:

“Mulher é igual moeda, ou são caras ou são coroas.”

“O alcoolismo mata lentamente, bebo pra não morrer de repente.”

“Em pane de avião ninguém é ateu.”

“Prefiro ser um bêbado conhecido a um alcoólatra anônimo.”

Observe a seguinte matéria publicada no jornal *O Globo* (28/02/2014):

Nomes de blocos esbanjam criatividade com duplo sentido

Organizadores revelam as origens dos nomes mais divertidos da folia de rua.

Rodrigo Bertolucci e Emanuel Alencar

Bloco Calma, Calma sua Piranha, desfila em Botafogo

Marcelo Carnaval / Arquivo *O Globo*

RIO — Especialista em gaiatice como ele só, o carioca põe a cabeça para bolar os trocadilhos mais inusitados na hora de botar os blocos na rua. É extensa e divertida a lista dos nomes engraçadinhos, abusados e divertidos: Vem Cá Me Dá, Que Merda É Essa?; Senta Que Eu Empurro; Só o Cume Interessa; Calma, Calma, Sua Piranha; Balança Meu Catete ou Vai Tomar no Grajaú já conquistaram um lugar cativo neste abecedário fanfarrão.

Leia na íntegra em <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2014/blocos/nomes-de-blocos-esbanjam-criatividade-com-duplo-sentido-11740167#ixzz30s9IKTZo>

Como você pode ver, o duplo sentido está presente em nossa vida cotidiana, provocando humor e o subentendido. Também na música pode-se perceber o duplo sentido. Veja:

Radinho de pilha
(Genival Lacerda)

Fui pra cidade do Rio de Janeiro
Trabalhei o ano inteiro e fiz até serão
A vida do Paraíba não foi brincadeira,
De servente, de pedreiro pra ganhar o pão
Fiz economia, deixei de fumar,
Comprei um rádio de pilha e mandei pro meu bem
Fiquei muito revoltado quando regressei,
O rádio que eu dei pra ela, ela doou pra alguém

Mas ela deu o rádio,
Ela deu o rádio e nem me disse nada,
Ela deu o rádio
Ela deu sim, foi pra fazer pirraça
Mas ela deu de graça,
O rádio que eu comprei, e lhe presenteei

Eu sou honesto, sou trabalhador,
Mas não gosto de deboche com a minha cara
Não vou enfeitar boneca pros outros brincar

Ninguém vai pintar o sete com esse pau de arara
Eu não tolero tanto desaforo,
Tem mulher que só aprende quando o couro desce
Pra gente ficar de pazes vou lhe dar uma sova,
Pois o rádio que eu comprei, todo mundo já conhece

Link: <http://www.vagalume.com.br/genival-lacerda/radinho-de-pilha.html#ixzz30sChU64b>



Assista ao vídeo *Nós na fita*, com Leandro Hassum e Marcius Melhem. No trecho da peça, você poderá ver o uso do duplo sentido provocando humor, além de se divertir um pouco.

http://www.youtube.com/watch?v=s3Ooji_h8GU

Conclusão

Como vimos em aulas anteriores, semântica é a área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais. Interessa-se pelo estudo das relações entre as expressões linguísticas e os conceitos mentais associados a elas. Sentido, significado, conceito ou ideia têm sido vistos como a representação mental de um objeto ou da realidade social que vivenciamos.

Ferdinand de Saussure define o signo linguístico como a união do sentido e da imagem acústica. Estabelecer o que seja significado e sentido constitui o campo da semântica e é objetivo desta aula.

Numa análise mais criteriosa, ao contrário do que, em geral, se diz, sentido e significado não são a mesma coisa. O significado é direto, literal, explícito, enquanto o sentido implica uma série de outros conhecimentos e visões que interferem na forma como entendemos o mundo a nossa volta.

Atividade final

Atende ao objetivo 3

A simples mudança de posição de uma palavra no interior de um enunciado pode alterar o sentido global do que se pretende dizer. Nos pares de sentenças, a seguir, houve mudança de posição de uma palavra. Apresente a alteração de sentido observada:

- 1a. Maria não prometeu comparecer ao encontro.
- 1b. Maria prometeu não comparecer ao encontro.
- 2a. Até o governador admitiu que a situação estivesse difícil.
- 2b. O governador até admitiu que a situação estivesse difícil.
- 3a. O Senado declarou finalmente que a lei deveria ser mudada.
- 3b. O Senado declarou que a lei finalmente deveria ser mudada.
- 4a. Apenas o secretário deixou de comparecer à reunião.
- 4b. O secretário apenas deixou de comparecer à reunião.
- 5a. O ator confirmou que não pertencia ao grupo.
- 5b. O ator não confirmou que pertencia ao grupo.

Resposta Comentada

1. Alterando a posição do advérbio *não*, o sentido se altera de modo que, em 1a, entende-se que ela não havia feito promessas e, em 1b, que ela promete não comparecer.
2. Com a mudança de posição da preposição *até*, o sentido se altera e o enunciado passa a expressar que o governador, inclusive, admitiu a situação expressa, quando em 2a entendia-se que também o governador admitiu que a situação estivesse difícil.
3. Em 3a, o sentido expresso pelo enunciado é o de que o senador se

posicionou por fim. Com a movimentação do advérbio *finalmente*, o advérbio passa a se referir à mudança da lei.

4. Enquanto em 4a entende-se que somente o secretário esteve ausente da reunião, em 4b passa-se a entender que dentre os compromissos do secretário ele somente não compareceu à reunião.

5. Em 5a, o advérbio *não* próximo ao verbo pertencer nega a ideia expressa por este verbo, causando o entendimento de que o ator afirmou não pertencer ao grupo. Em 5b, o advérbio passa a se relacionar com o verbo confirmar, negando essa ação.

Resumo

Sentido e significado não são a mesma coisa. O significado é direto, literal, explícito, enquanto o sentido implica uma série de outros conhecimentos e visões que interferem na forma como entendemos o mundo a nossa volta.

Além da Linguística, ciência da linguagem verbal, surge, no século XX, uma ciência que se interessa por toda e qualquer linguagem: a Semiótica.

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis. Seu objetivo principal é investigar como se constitui todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

Por possuírem o mesmo interesse de estudo, isto é, significado e sentido, a semântica aproxima-se da Semiótica.

Não é possível falar de significado sem mencionar Saussure, linguista suíço que postulou os conceitos de significado e significante. Só para nos lembrarmos do que foi falado em aulas anteriores, Saussure, sobre o signo linguístico, afirma que este é a união do significado e da imagem acústica. O que ele chama de “significado” é a mesma coisa que *conceito* ou *ideia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde que nascemos.

O termo “significado” tem sido definido como sentido ou conceito, sem muito cuidado, como se não houvesse diferenças sutis entre esses termos que os diferenciam.

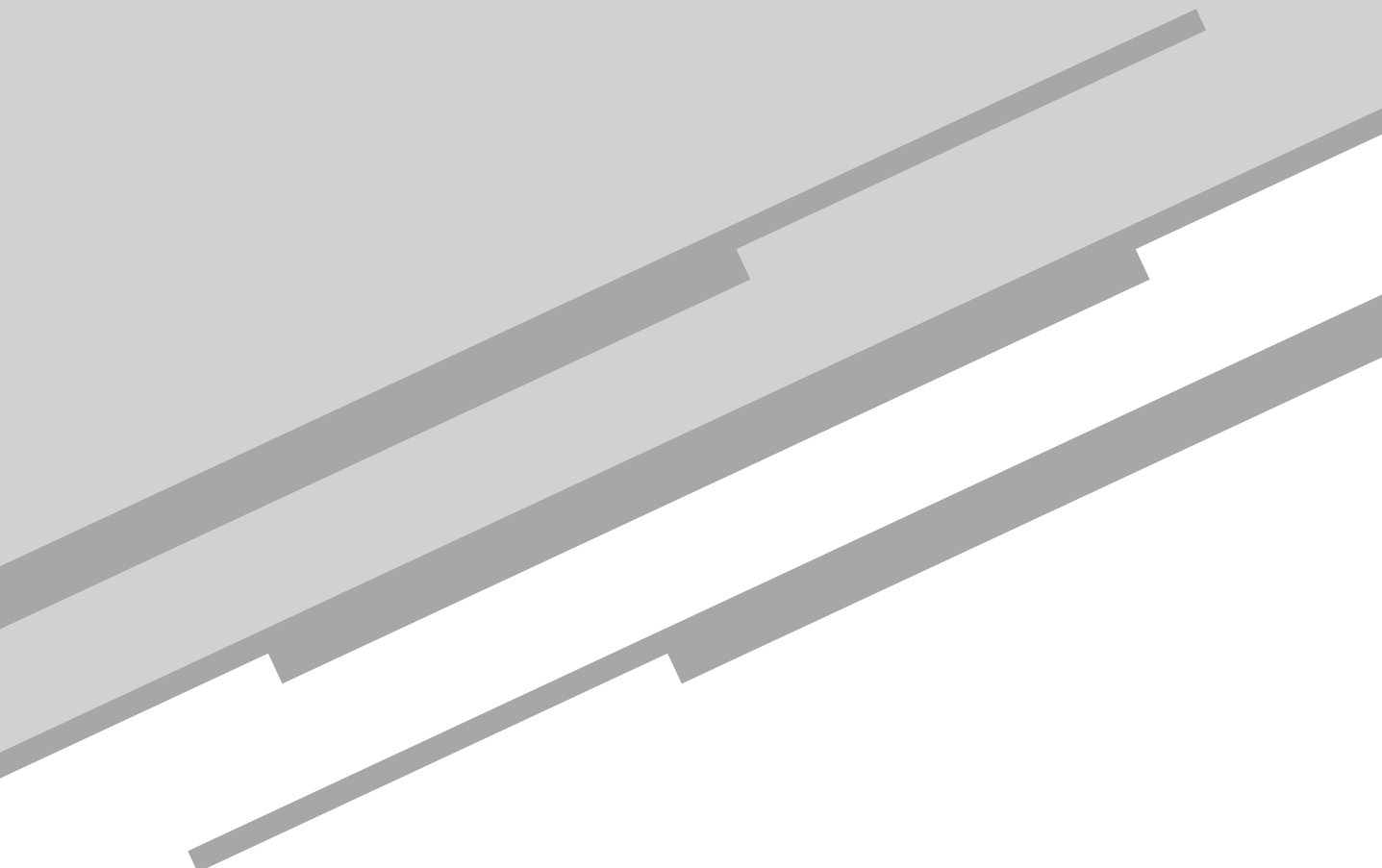
Sentido está associado à significação. De origem latina, significado quer

dizer “o sentido das palavras”. No entanto, há autores que tratam sentido e significado como coisas diferentes. Sendo assim, apresentaremos, na próxima seção, estudos sobre *sentido* para entendermos essas sutis diferenças.

Escolhemos a definição de sentido de Wittgenstein por entendermos que não se pode excluir o uso linguístico de qualquer análise, sobretudo quando se trata de significados e sentidos. Todas as vezes que proferimos enunciados, seu sentido, ou a leitura que fazemos das expressões enunciadas, varia conforme o contexto de fala.

Aula 4

0 pressuposto e o subentendido



Meta

Apresentar a *pressuposição* como um dos conteúdos veiculados pelos enunciados.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir *pressuposto* de *subentendido*;
2. relacionar os elementos linguísticos, classes e estruturas que veiculam significações implícitas.

Introdução

Os conceitos de *pressuposto* e *subentendido* estão ligados à noção de *implícito*. Segundo Savioli & Fiorin (2007, p. 306), “um texto diz coisas que parece não estar dizendo, porque não as diz explicitamente”. Essas informações que são transmitidas sem serem enunciadas são os chamados implícitos, que, ainda segundo os autores, são de dois tipos: os pressupostos e os subentendidos.

Segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, *pressupor* é “imaginar algo a partir de certos indícios”. Na literatura especializada sobre pressuposição, esses “indícios” são as marcas linguísticas que veiculam conteúdos pressupostos. Entretanto, é importante salientar que a pressuposição é tratada em sentido amplo por alguns autores, ou seja, englobando também os subentendidos, que não são introduzidos por marcas linguísticas. Outros autores, como Koch (2007) e Savioli & Fiorin (2007), abordam-na em sentido estrito, reservando o termo *pressuposição* apenas para os enunciados linguisticamente marcados. De acordo com Koch, quando “exige-se do interlocutor determinado conhecimento de mundo” ou quando

é o contexto que vai possibilitar essa inferência, ou seja, favorecer ou não essa leitura (...), parece preferível falar em *subentendidos*, reservando o termo *pressupostos* apenas para os casos de pressuposição linguística (KOCH, 2007, p. 49 [grifos da autora]).

Estudaremos, então, o fenômeno da pressuposição, observando, ainda, os indícios, os vestígios, isto é, as marcas linguísticas dos pressupostos. Antes, apresentaremos brevemente o tratamento que a pressuposição recebeu em algumas abordagens.

O fenômeno da pressuposição

A pressuposição vem sendo abordada por diferentes modelos teóricos que estudam o significado, como a Semântica Formal (ou Lógica; ou de Valor de Verdade), a Semântica da Enunciação (ou Argumentativa) e a Semântica Cognitiva. Os diferentes enfoques a esse fenômeno devem-se às também diferentes visões de linguagem e, mais especificamente, à relação entre significado e mundo.

A pressuposição na Semântica Formal

Na perspectiva lógica, por exemplo, a linguagem refere-se a objetos



Friedrich Gottlob Frege (1848-1925)

Frege foi um dos maiores lógicos, depois de Aristóteles, e um dos criadores da lógica matemática moderna. Ficou mais conhecido nessas áreas (matemática e lógica), mas também conduziu seus achados pela filosofia, tendo suas publicações sido mais difundidas através dos trabalhos de Bertrand Russell, Ludwig Wittgenstein e Rudolf Carnap. Suas contribuições à filosofia da linguagem e à semântica incluem, entre outras, a distinção entre sentido e referência de nomes e outras expressões e o conceito de quantificador. http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/99/Young_frege.jpg

e/ou verdades do mundo, ou seja, tem referência externa à língua. O filósofo alemão **Frege**, que muito contribuiu para os estudos semânticos, definiu significado como a articulação entre sentido e referência: o sentido tomado como a imagem objetiva, compartilhada; e a referência, como o objeto no mundo, a verdade. Nessa perspectiva, a pressuposição é existencial. Oliveira (2001, p. 19) dá o seguinte exemplo: “O homem de chapéu saiu’ (...): existe um e apenas um indivíduo tal que ele é homem e está de chapéu e saiu.”

No entanto, ainda de acordo com Oliveira (2001, p. 26), na Semântica Formal, nem toda pressuposição é existencial, e acrescenta a condição para que haja pressuposição:

(...) a Semântica Formal considera que há pressuposição quando tanto a verdade quanto a falsidade da sentença dependem da verdade da sentença pressuposta. Há muitos tipos de pressuposição. A sentença (16) contém uma pressuposição, mas dessa vez não se trata de uma pressuposição existencial: (16) Maria parou de fumar.

Para que eu possa atribuir um valor de verdade a essa sentença, devo pressupor que seja verdade que Maria fumava. Se Maria nunca fumou, então ter parado de fumar é algo que simplesmente não se aplica a Maria: não é nem verdadeiro nem falso.

A pressuposição na Semântica Argumentativa

Na perspectiva da Semântica Argumentativa, a linguagem não se refere a objetos no mundo nem a verdades do mundo, e sim a um mundo que construímos através da própria linguagem. Nas interlocuções, criamos verdade se tentamos convencer o outro dessas verdades. Portanto, nessa visão, a linguagem é dialógica e a referência é interna ao seu jogo argumentativo.



Para mais informações sobre a visão da Semântica Formal, veja:

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

OLIVEIRA, R. “Semântica”. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 17-46.

Para mais informações sobre os diferentes posicionamentos em relação à noção de pressuposição, ver ainda:

KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000. pp. 49-58 (item 2.1).



Émile Benveniste

Linguista, estudou os pronomes e verbos do francês, entre outros temas, e mostrou que há, nesses elementos, marcas de subjetividade, isto é, da presença do enunciador. Sua obra mais importante, *Problemas de Linguística Geral*, foi publicada em dois volumes, um em 1966 e outro em 1974, e reúne diversos artigos seus de mais de 25 anos de trabalho, como, por exemplo, o que trata da diferença entre a comunicação animal e a linguagem humana.

Fonte: ÉMILE BENVENISTE, 2015.

Ducrot, criador da Semântica Argumentativa, ampliou a discussão sobre pressuposição, a partir da reformulação da teoria da polifonia, do filósofo M. Bakhtin, e do desenvolvimento da proposta da subjetividade na linguagem, de **Émile Benveniste**. Segundo Ducrot (1987), a pressuposição é criada dentro do jogo discursivo. De acordo com Oliveira (2001, p. 28), nas versões mais recentes da Semântica Argumentativa, “o conceito de pressuposição é substituído pelo de enunciador”: o enunciado é polifônico, ou seja, é composto de diversas vozes, e a pressuposição é vista como uma das vozes presentes no enunciado. Essa voz pressuposta leva o ouvinte a admitir a pressuposição e a não poder negá-la sem causar prejuízo ao diálogo. Um exemplo da presença dessa voz pressuposta pode ser visto em:

(a) Maria parou de trabalhar.

E_1 : Maria trabalhava.

E_2 : Maria não trabalha mais.

Vemos no enunciado (a) a presença de mais de um enunciador, isto é, mais de uma voz em diálogo. E_1 , o enunciador 1, é o pressuposto, ou seja, a voz pressuposta; e E_2 é o **posto**, o conteúdo explícito.



Segundo Koch (2000): “A frase é uma entidade abstrata suscetível de uma infinidade de realizações particulares (...), ao passo que o enunciado consiste em cada uma destas realizações, cada uma das suas ocorrências (...)” (KOCH, 2000, p. 63 [grifos da autora]).

Posto

Segundo Fiorin (2003, p. 181), o posto “é o verdadeiro objeto do dizer”.

Já a enunciação é o uso do enunciado, o ato de dizer em um determinado contexto/situação comunicativa, em um momento único. Koch (2000) afirma que:

(...) a enunciação é um acontecimento que se inscreve historicamente no tempo e no espaço, um evento que deixa marcas no próprio enunciado. Assim sendo, a situação é produto do próprio enunciado, é quase um conceito linguístico: a enunciação só inclui da situação aquilo que linguisticamente é produzido como situação. Para Ducrot, o contexto é algo linguístico: linguisticamente, não há contexto sem texto (KOCH, 2000, p. 63 [grifo da autora]).

Koch diz, ainda, que “a enunciação é o evento constituído pela produção de um enunciado, isto é, pela realização de uma frase” (KOCH, 2000, p. 64 [grifo da autora]).

Para Fiorin, assim se resume a diferença entre frase e enunciado:

A frase é um fato linguístico caracterizado por uma estrutura sintática e uma significação calculada com base na significação das palavras que a compõem, enquanto o enunciado é uma frase a que se acrescentam as informações retiradas da situação em que é enunciada, em que é produzida. A mesma frase pode estar vinculada a diferentes enunciados (FIORIN, 2003, p.168 [grifos nossos]).

Vogt (1977) relaciona *explícito* à língua e *implícito* à fala. Segundo ele, “a distinção entre significação explícita e significação implícita (...) recobre, de certa forma, a distinção entre sentido e significação ou entre língua e fala (...)” (VOGT, 1977, p. 29). Entretanto, o autor completa esse pensamento afirmando que existe, também, um espaço onde a subjetividade tem seu lugar. Esse espaço é o *intervalo semântico*:

É no intervalo entre a língua e a fala, entre a competência e a performance, entre o enunciado e a enunciação que estes marcadores de subjetividade habitam (...). É neste intervalo que a linguagem é atividade e é nele que o homem a possui e é possuído. É dentro deste quadro geral de preocupação teórica que a pesquisa sobre a argumentatividade linguística deverá organizar-se (VOGT, 1977, p. 32).

Ducrot aponta três tipos de implícito: o que se baseia na enunciação (por exemplo: “Está frio aqui” – *Subentendido*: “desligue o ar-condicionado”); o que se baseia no enunciado (por exemplo: “José sumiu, logo deve estar com dinheiro”); o que é implícito do enunciado, o intermediário entre o dizer e o não dizer, em suma, a *pressuposição* linguística.

A pressuposição na Semântica Cognitiva

Na visão da Semântica Cognitiva, “o significado (...) não tem nada a ver com a relação de pareamento entre linguagem e mundo” (OLIVEIRA, 2001, p. 34); ele é construído a partir da nossa experiência sensorio-motora com o mundo e da abstratização de domínios dessa experiência através de processos metafóricos e metonímicos. Portanto, nessa perspectiva, “o significado é uma questão da cognição em geral, e não um fenômeno pura ou prioritariamente linguístico” (OLIVEIRA, 2001, p. 35).

Quanto às pressuposições na visão cognitivista, de acordo com Oliveira (2001, p. 41-42):

(...) Fauconnier propõe uma análise distinta das pressuposições, já que elas nem estabelecem referência com entidades no mundo, nem são procedimentos argumentativos; são antes entidades mentais cognitivas. (...) A pressuposição é descrita como significados que se transferem de um espaço mental para outro.

Na sentença (a), *Maria parou de fumar*, a Semântica Cognitiva vê dois **espaços mentais** (o do pressuposto [Maria já fumou] e o do posto [Maria parou de fumar]), e a pressuposição só é transportada para o outro espaço mental se o espaço mental da pressuposição não for negado.

Ilari & Geraldini (2003, p. 63) afirmam que as diferentes abordagens “iluminam aspectos diferentes do fenômeno da pressuposição”. Entretanto, a contribuição da Semântica da Enunciação tem destaque na compreensão desse fenômeno e de sua importância no uso argumentativo da linguagem.

Espaços mentais

Segundo Ferrari, espaços mentais são: “domínios conceptuais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento da referência. Tais espaços são criados a partir de indicadores linguísticos, tecnicamente denominados construtores de espaços mentais (*spacebuilders*) (...)” (FERRARI, 2011, p. 111 [grifos da autora]).

Pressupostos e subentendidos: afinal, o que são?

Inferência

Segundo o dicionário Aurélio Século XXI, é a “passagem da premissa à conclusão”; dedução.

Acarretamento

Cançado (2012, p. 32) afirma que o acarretamento “é a relação existente entre sentenças, quando o sentido de uma está incluído no sentido da outra”. Por exemplo:

a) Sentença: Pedro chegou tarde.

b) Acarretamento: Pedro chegou.

Cançado (2012, p. 33-34) também define como acarretamento duas outras possíveis situações: quando a sentença (a) for verdadeira e a sentença (b) também for verdadeira ou, ainda, quando a sentença (a) e a negação da sentença (b) forem contraditórias. A autora sugere, como método de reconhecimento do acarretamento, a aplicação de uma dessas três definições.

Segundo ela, o acarretamento depende apenas do conteúdo da sentença, e não do seu uso: as expressões são inferidas apenas com base no sentido literal.

A autora estabelece algumas diferenças entre acarretamento e pressuposição. Para maiores detalhes, ver Cançado (2012, p. 38-42).

Trask (2004, p. 237-238) define *pressuposição* como “Um tipo particular de **inferência**”. Segundo ele, a pressuposição distingue-se, por exemplo, da **implicatura conversacional** e do **acarretamento**. Ilari & Geraldi (2003, p. 62) colocam a pressuposição como um fenômeno semântico ao equipararem-no, de certa forma, ao acarretamento: “É possível definir pressuposição como um tipo complexo de acarretamento”. De acordo com Cançado (2012, p. 37), a pressuposição encontra-se em um nível intermediário do *continuum* de implicação. Esse *continuum* vai desde uma noção mais semântica (acarretamento) até uma mais pragmática (implicatura conversacional). Para a autora, a pressuposição é, portanto, uma noção semântico-pragmática porque, por um lado, depende do conteúdo da sentença, e, por outro, toma por base o conhecimento extralinguístico do falante e do ouvinte.

Segundo Cançado (2012, p. 39), “a pressuposição é um conhecimento compartilhado por falante/ouvinte, prévio à sentença proferida, ainda que seja desencadeado a partir desta”, e traz uma “família de implicações” (declaração afirmativa, negação, interrogação e condição antecedente). A autora sugere que se proceda a esses “testes” para verificar se a pressuposição existe ou não. Vejamos um exemplo:

a) Sentença: Os amigos sabem que o marido de Maria trabalha em um escritório.

a1) Afirmação: O marido de Maria trabalha em um escritório.

a2) Negação: *Não é verdade que* os amigos sabem que o marido de Maria trabalha em um escritório.

a3) Interrogação: *É verdade que* os amigos sabem que o marido de Maria trabalha em um escritório?

a4) Condição: *Se* os amigos sabem que o marido de Maria trabalha em um escritório...

b) Pressuposto: O marido de Maria trabalha em um escritório.

Vemos, pelos exemplos, que uma dada sentença pode ser testada, aplicando-se essas quatro formas, e o conteúdo pressuposto continuar sendo verdadeiro, ou admitido como verdadeiro. Entretanto, a autora afirma que pressupostos podem ser anulados se entendermos a pressuposição como “um mecanismo de atuação no discurso: o falante quer

direcionar a conversa, fazendo o ouvinte criar certa expectativa” em relação ao pressuposto (CANÇADO, 2012, p. 42). A autora dá o seguinte exemplo: “Não foi a Maria que tirou nota boa em semântica. Na verdade, ninguém tirou nota boa em semântica”.

Savioli & Fiorin (2007) enfatizam a importância de se compreender o fenômeno da pressuposição para melhor interpretar e produzir textos. Os autores afirmam que:

Na leitura, é muito importante detectar os pressupostos, pois eles são um recurso argumentativo que visa a levar o leitor ou ouvinte a aceitar certas ideias. Como assim? Ao introduzir um conteúdo sob a forma de pressuposto, o falante transforma o ouvinte em cúmplice, pois a ideia implícita não é posta em discussão, é apresentada como se fosse aceita por todos, e os argumentos explícitos só contribuem para confirmá-la. O pressuposto aprisiona o ouvinte ao sistema de pensamento montado pelo falante (SAVIOLI & FIORIN, 2007, p. 307).

E acrescentam, ainda:

A aceitação do pressuposto estabelecido pelo falante permite levar adiante o debate; sua negação compromete o diálogo, uma vez que se destrói a base sobre a qual se constroem os argumentos e daí nenhuma proposição tem mais importância ou razão de ser. Com pressupostos distintos, o diálogo não é possível ou não tem sentido (SAVIOLI & FIORIN, 2007, p. 308).

E o subentendido? De acordo com Koch (2007, p. 48), “aqueles que não se apresentam com algum tipo de marca linguística são, por vezes, classificados como subentendidos, outras vezes como pressuposições em sentido amplo ou, simplesmente, como inferências” (grifo da autora).

Savioli & Fiorin (2007) estabelecem como diferença entre pressuposto e subentendido o fato de que os pressupostos originam-se de alguma marca linguística (palavras ou expressões) enquanto os subentendidos não estão contidos linguisticamente na frase. Os autores colocam, ainda, como “diferença capital entre pressupostos e subentendidos” (SAVIOLI & FIORIN, 2007, p. 310 [grifo nosso]) o seguinte:

Implicatura Conversacional (IC)

Bem como a pressuposição e o acarretamento, a implicatura é um tipo de inferência e pode ser negada sem produzir anomalias (TRASK, 2004, p. 144). Outra característica da IC é que ela depende do contexto; seu conteúdo não deriva da estrutura linguística e sim do discurso (ILARI & GERALDI, 2003, p. 77). Para Cançado (2012, p. 31), a implicatura conversacional (IC) “é uma noção estritamente pragmática, que depende exclusivamente do conhecimento extralinguístico que o falante e o ouvinte têm sobre um determinado contexto”.

O primeiro é uma informação estabelecida como indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte, uma vez que decorre necessariamente de algum elemento linguístico colocado na frase. Ele pode ser negado, mas o falante coloca-o de maneira implícita para que não o seja. Já o subentendido é de responsabilidade do ouvinte. O falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte depreendeu de suas palavras (SAVIOLI & FIORIN, 2007, p. 310-311).

Para Ducrot, a pressuposição é um fenômeno semântico porque está vinculado à sintaxe, enquanto o subentendido geralmente não está vinculado:

O fenômeno da pressuposição parece estar em estreita relação com as construções sintáticas gerais – o que fornece uma primeira razão para tratá-la no componente linguístico onde, evidentemente, deveria ser descrito o valor semântico dessas construções. O mesmo argumento não pode ser empregado, tratando-se dos subentendidos, pois a relação com a sintaxe é bem mais difícil de aparecer (DUCROT, 1987, p. 19).

Segundo Fiorin (2003), os subentendidos podem ser de dois tipos:

a) Alusão:

Pode ser um subentendido de conteúdo licencioso, com conotação sexual; um subentendido que se refere a fatos só conhecidos dos parceiros da troca verbal ou a remissão a conteúdo de outro texto ou discurso (FIORIN, 2003, p. 185).

b) Insinuação: “É um subentendido maldoso” (FIORIN, 2003, p. 184).

==== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Com base na distinção entre pressupostos e subentendidos, vista em Koch (2007) e Savioli & Fiorin (2007), por exemplo, analise os textos e comente os conteúdos implícitos veiculados.

a) Diálogo entre dois amigos:

- Decidi me casar!

- Você perdeu o juízo?

b) “O secretário de Segurança, José Beltrame, disse que a expansão das UPPs prevê 32 novas bases até 2018 (...). Mais dois PMs foram baleados no Alemão” (*O Globo*, 02/05/2014).

c) Diálogo entre duas amigas que marcaram de sair para um piquenique:

- Alô, Maria?

- Sim.

- Aqui é Ana. Acabo de ver que o sol se escondeu...

Resposta comentada

a) O verbo *decidir* pode dar a pressupor que o falante não estava resolvido ou que havia dúvida antes. Já pela reação do interlocutor, subentende-se que casar é uma atitude sem ponderação ou que quem casa é insensato ou está fora de si.

b) Em “a *expansão* das UPPs prevê 32 *novas* bases” (grifos nossos), temos como pressuposto: já existem bases de UPPs.

Em “Mais dois PMs foram baleados”, o pressuposto é: outros PMs foram baleados antes.

c) Pressuposto de “Acabo de ver que o sol se escondeu...”: o sol se escondeu.

Subentendido: “Vamos adiar o piquenique”.

Marcas linguísticas desencadeadoras da pressuposição

Segundo Cançado (2012, p. 38), “são determinadas construções, expressões linguísticas que desencadeiam a pressuposição”. A autora, então, divide tais “construções e expressões linguísticas” em: lexicais (verbos factivos: saber, esquecer, adivinhar etc.; expressões que denotam mudança de estado: parar de, iniciar em) e sintáticas (construções clivadas e orações subordinadas, como as temporais e comparativas). Esclarece, ainda, que há outros tipos, mas salienta que mais importante que listá-los é “aplicar a definição para podermos estabelecer ou não a pressuposição” (CANÇADO, 2012, p. 42-44).

Savioli & Fiorin (p. 309) apontam também, como “marcadores de pressupostos”, adjetivos, alguns advérbios (ex.: totalmente), orações adjetivas e algumas conjunções (ex.: mas), além de verbos que indicam permanência ou mudança de estado e verbos que indicam ponto de vista sobre fato expresso pelo complemento. Já Ilari & Geraldi (2003) mencionam os advérbios (até, só etc.), as conjunções (em geral concessivas e temporais), os verbos que regem subordinadas substantivas (esquecer que, adivinhar que etc.) e algumas construções (clivadas etc.).

Segundo Koch (2007, p. 46), os “marcadores de pressuposição” são marcas que incorporam os pressupostos. A autora relaciona os seguintes marcadores, além dos vários **operadores argumentativos**:

Operadores argumentativos

Expressão criada por Ducrot. Segundo Koch (2007, p. 30), operadores argumentativos são “certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para a qual apontam”. Alguns exemplos são: (até) (mesmo), inclusive, nem mesmo, e, também, além disso, portanto, ou, então, mais/menos que, entre outros. Para Ducrot, mas é o “operador argumentativo por excelência”.

a) Operadores que incluem pressupostos nos enunciados: já, ainda, agora etc. Por exemplo:

1) Maria *ainda* vive na Europa.

Pressuposto: Maria vivia na Europa antes. Verbos que indicam mudança ou permanência de estado. Por exemplo: deixar de, continuar, começar a, passar a, ficar, tornar-se etc.

2) Maria parou de trabalhar.

Pressuposto: Maria trabalhava.

c) Verbos factivos (“complementados pela enunciação de um fato (fato que, no caso, é pressuposto)” [KOCH, 2007, p. 47]). Por exemplo: lamentar, lastimar, sentir, saber etc.

3) Lamento que Maria tenha parado de trabalhar.

Pressuposto: Maria trabalhava.

Ainda segundo Koch:

Existe uma *retórica da pressuposição*, recurso argumentativo bastante comum em nosso cotidiano, que consiste em apresentar como se fosse pressuposto justamente aquilo que se está querendo veicular como informação nova; trata-se de uma *manobra* argumentativa (KOCH, 2007, p. 47 [grifos da autora]).

Um exemplo disso pode ser visto em:

4) Lamentamos não vender fiado.

Pressuposto: Não vendemos fiado.

Neste exemplo, o pressuposto é a informação principal, pois, na verdade, é uma informação nova, que está sendo anunciada. Porém, é apresentada como pressuposto pelo marcador *lamentamos*. Segundo Koch, isso é feito como uma estratégia de atenuação.

d) Alguns conectores em oração anteposta. Por exemplo: desde que, antes que, visto que etc.

5) Depois que passou no concurso, João não visitou mais os amigos.

Pressuposto: João passou no concurso.

=====**Atividade 2**=====

Atende ao objetivo 2

Indique a(s) informação/informações pressuposta(s) e o(s) marcador(es) que a(s) veicula(m):

a) “(...) utilizando armas de preconceito, de intolerância e fazendo apologia à brutalidade, os 'justiceiros' continuam a acreditar que a força seja o único e exclusivo meio para se fazer justiça em pleno século XXI” (Revista *Carta Capital*, 30 abr. 2014).

b) “Depois do discurso do pré-candidato do PSB, Paulinho pediu novamente que o público repetisse o gesto da banana para Dilma” (*O Globo*, 2 mai. 2014, p. 3).

c) “Quem pensa que os jovens só se preocupam com o último tipo de celular está redondamente enganado” (Wadih Damous, da Comissão

da Verdade (RJ), sobre a reação dos alunos após palestras, nas escolas, onde fala de torturas e torturados na ditadura). (Revista *Carta Capital*, 30 abr. 2014).

Resposta comentada

a) Marcador: *continuam*.

Pressuposto: Os justiceiros já acreditavam que a força era o único e exclusivo meio para se fazer justiça.

b) Marcador: *depois do*.

Pressuposto: O pré-candidato do PSB já havia discursado.

Marcador: *novamente*.

Pressuposto: Paulinho já havia pedido ao público que repetisse o gesto da banana para Dilma.

Marcador: *repetisse*.

Pressuposto: O público já havia feito o gesto da banana antes.

c) Marcador: *só*.

Pressuposto: Os jovens preocupam-se com o último tipo de celular.

Conclusão

O fenômeno da pressuposição tem sido discutido em várias abordagens. Algumas delas o colocam no nível semântico; outras, no nível pragmático. Ainda, alguns autores o identificam como um fenômeno semântico-pragmático.

A Semântica Argumentativa muito contribuiu para o avanço nos estudos dos implícitos. Os pressupostos são conteúdos semânticos “que ficam à margem da discussão” (KOCH, 2007, p. 46) e são introduzidos por marcas linguísticas. Já os subentendidos não são introduzidos por marcas linguísticas.

A “família de implicações” (declaração afirmativa, negação, interrogação e condição antecedente), nos termos de Cançado (2012), confirma a existência do pressuposto. Segundo Fiorin,

a pressuposição aprisiona o leitor ou o ouvinte numa lógica criada pelo produtor do texto, porque, enquanto o posto é *proposto* como verdadeiro, o pressuposto é, de certa forma, *imposto* como verdadeiro. Ele é apresentado como algo evidente, indiscutível (FIORIN, 2003, p. 182 [grifos nossos]).

Usar apropriadamente os pressupostos é fundamental como recurso argumentativo. É através deles que o falante faz o ouvinte aceitar determinadas ideias.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

Selecione um texto (propaganda, texto essencialmente argumentativo etc.) e aponte os possíveis subentendidos e pressupostos veiculados. Marque, quando aplicável, os desencadeadores.

Resposta comentada



Adaptado de: Revista *Carta Capital*, 30 abr. 2014, p. 14.

Há, nessa propaganda, o pressuposto *a Hyundai fez outros SUVs*. Marcador de pressuposição: *já*.

Interessante apontar que a interpretação esperada desse enunciado é: *a Hyundai fez outros SUVs*, mas esse é o mais completo que essa montadora de automóveis já fez. Entretanto, essa propaganda pode trazer prejuízo ao anunciante se o comprador, diferentemente, entender, a partir do *lead* “O SUV mais completo que a Hyundai já fez”, que o Santa Fe é o SUV mais completo *que a Hyundai já fez*, mas outras montadoras fizeram SUVs ainda mais completos.

Ilari também apresenta uma propaganda “potencialmente prejudicial ao comerciante” (ILARI, 2013 [2001], p. 89): “Não se deixe explorar pela concorrência! Compre na nossa loja”. Essa propaganda pode comprometer as vendas se a interpretação for: *deixe-se explorar pela nossa loja*.

Resumo

A proposta desta aula foi apresentar a pressuposição como um tipo de informação, implícita, que pode ser transmitida pelos enunciados. Iniciamos com um panorama dos estudos sobre esse fenômeno em três diferentes modelos teóricos: Semântica Formal (ou Lógica; ou de Valor de Verdade), Semântica da Enunciação (ou Argumentativa) e Semânti-

ca Cognitiva. Observamos que o tema foi mais amplamente explorado pela Semântica da Enunciação (ou Argumentativa).

Vimos, também, que existem diferentes perspectivas sobre os domínios da pressuposição: semântica, pragmática ou no meio caminho nesse *continuum*.

No item “Pressupostos e subentendidos: afinal, o que são?”, observamos que a distinção entre pressuposto e subentendido recai, respectivamente, sobre a presença ou a ausência de marcas linguísticas.

Finalmente, no item “Marcas linguísticas desencadeadoras da pressuposição”, relacionamos alguns dos elementos linguísticos e construções que podem veicular significações implícitas. Essas marcas são de natureza variada, com menor ou maior quantidade de material linguístico, menor ou maior complexidade estrutural etc.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, trataremos de duas relações semânticas substitutivas: sinonímia e antonímia.

Aula 5

Relações semânticas entre as palavras:
sinonímia e antonímia

Meta da aula

Apresentar os conceitos de significado e sentido.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as relações semântico-lexicais de sinonímia e antonímia;
2. distinguir hiperonímia e hiponímia como recursos de coesão textual;
3. distinguir antonímia da ideia de contradição.

Introdução

A semântica lexical é uma das muitas vertentes relativas aos estudos semânticos, como vimos na primeira aula. Na semântica lexical, as palavras são definidas umas em relação às outras. Nesta aula, apresentaremos duas dessas relações: a sinonímia e a antonímia.

Grosso modo, as palavras podem ser consideradas sinônimas quando apresentam a possibilidade de serem substituídas umas pelas outras, em um determinado contexto, sem acarretar alteração de sentido. Quanto à antonímia, diz respeito a relações entre palavras que apresentam significados contrários.

Lyons (1979), ao abordar as relações de sinonímia e antonímia, afirma que os valores afetivos inerentes a um lexema não se separam na linguagem cotidiana. Sua grande contribuição é evidenciar que a sinonímia é dependente do contexto.

No que diz respeito à antonímia, o referido autor (1979) apresenta três tipos de oposições de sentido, a saber: a complementaridade, a antonímia e a reciprocidade.

A complementaridade pode ser definida como uma relação que se estabelece entre pares de palavras como *solteiro* e *casado*, de forma que a afirmação de um implica a negação do outro. Assim, ao proferirmos o enunciado *Pedro não é casado*, sugerimos que Pedro seja solteiro.

Lyons afirma que o que caracteriza os antônimos é o fato de poderem ser regularmente graduáveis, podendo ser a comparação entre eles explícita ou implícita. Assim, em *Minha mala é menor que a sua*, dois objetos estão sendo comparados explicitamente em relação à propriedade relativa ao tamanho.

A reciprocidade, por fim, é a relação em que os termos opostos estão em permuta, como no caso de pai/filho, em que se entende que se A é pai de B, então B é filho de A.

Ex.: “Certa ocasião perguntaram a Sérgio Buarque de Holanda se o Chico Buarque era filho dele e ele respondeu: - Não, o Chico não é meu filho, eu é que sou o pai dele.” (PINHEIRO, Liliana. *O Estado de S. Paulo*, 25.12.94.)

Lopes e Pietroforte (2004) também tratam da sinonímia e de antonímia. Para os autores, dois termos são chamados sinônimos quando apresentam a possibilidade de se substituírem um ao outro em determinado

contexto. “Novo” é “sinônimo de *jovem*” porque, no contexto *homem novo*, o termo “novo” pode ser substituído por “jovem”. No entanto, não existem sinônimos perfeitos, porque eles não são intercambiáveis em todos os contextos. Isto significa que, no discurso, o enunciador pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são. Observe:

(1) **Desaquecimento da economia** afeta dissídios e ganho real de categorias cai no 1º semestre”

Negociações entre janeiro e maio renderam 1,4% a mais nos salários, acima da inflação, contra 2,23% no 1º semestre de 2012

(LINO RODRIGUES / BRUNO ROSA- 27/7/2013)

(2) SÃO PAULO e RIO - O forte **desaquecimento da economia** já afetou as negociações salariais de categorias com data-base no primeiro semestre do ano. Dados preliminares do Dieese revelam que o ganho real médio dos dissídios negociados entre janeiro e maio chegou a 1,4%, bem abaixo dos 2,23% alcançados no primeiro semestre de 2012. O balanço completo será divulgado na segunda semana de agosto, mas o resultado das negociações apuradas até maio indica um cenário mais difícil para as grandes categorias que terão de negociar seus salários no segundo semestre, caso de metalúrgicos, bancários, comerciários e petroleiros.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/desaquecimento-da-economia-afeta-dissidios-ganho-real-de-categorias-cai-no-1-semester-9213805#ixzz348sndxzm>

O termo em destaque nos exemplos dados, “desaquecimento da economia”, poderia ser substituído por recessão, sem prejuízo de sentido.

Neste outro exemplo, a palavra *inflação* está sendo substituída por *alta de preços*. Ambos os termos apresentam a possibilidade de se substituírem um ao outro nesse contexto.

(3) “**Alta dos preços** em São Paulo desacelera para 0,25% em maio, diz Fipe”

(Do UOL, em São Paulo, 3/6/2014)

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) de São Paulo fechou maio com alta de 0,25%, uma desaceleração sobre a alta de abril, que havia sido de 0,53%. Os dados foram divulgados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) nesta terça-feira (3).

De acordo com a Fipe, os preços da alimentação foram a principal influência para a queda da **inflação**, porque têm o maior peso na composição do índice. Em maio, a alta dos preços foi de 0,73%, contra 1,23% em abril.

As categorias de despesas pessoais e saúde também tiveram altas menores em maio. Enquanto a primeira subiu 0,59% (contra 1% em abril), a segunda avançou 0,79% (contra 1,15%).

Fonte: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/03/alta-dos-precos-em-sao-paulo-desacelera-para-025-em-maio-diz-fipe.htm>

Com relação aos antônimos, não há oposição absoluta entre eles, de forma que palavras diferentes podem ter um mesmo antônimo, desde que tenham ao menos um sentido em comum.

Veja:

(4) Um cafezinho **fresco** é algo irresistível para boa parte dos brasileiros; ele quebra a rotina e representa uma pausa agradável entre as tarefas do dia. Mas como tudo em excesso é prejudicial, com ele também não poderia ser diferente. O café é bom para o coração, é energético, porém, tem cafeína, que em excesso pode fazer mal para o organismo, principalmente para quem tem histórico de pressão alta. Além disso, o café pode dar celulite ou acentuar o quadro. Uma xícara de café pequena por dia é o suficiente, indica Paula.

Fonte: <http://saude.terra.com.br/nutricao/confira-50-erros-que-fazem-engordar-e-prejudicamsaude>

(5) Em algumas casas, é comum reutilizar o resto de um café **velho**, que está na garrafa térmica há horas, colocando-o para aquecer e passando sobre um pouco de pó novo (virgem). Isso é conhecido como “recircular” o café. A bebida fica áspera e amarga, pode causar problemas de saúde (já que utiliza um café já oxidado) e a economia é mínima. Melhor fazer um café totalmente **fresquinho**.

Fonte: <http://comida.ig.com.br/colunistas/giulianabastos/os+dez+pecados+capitais+do+cafe+coado/c1596989632868.html>

(6) “Se o **velho** pudesse e o **jovem** soubesse, não haveria nada que não se fizesse.” (provérbio português)

Fonte: <http://www.quemdisse.com.br/frase.asp?f=se-o-velho-pudesse-e-o-jovem-soubesse-nao-haveria-nada-que-nao-se-fizesse&a=proverbio-portugues&frase=66746#ixzz3490yN0G2>

(7) Adeus Ano Velho Feliz Ano Novo

Adeus, ano **velho**!

Feliz ano **novo**!

Que tudo se realize

No ano que vai nascer!

Muito dinheiro no bolso,

Saúde pra dar e vender!

Para os solteiros, sorte no amor

Nenhuma esperança perdida

Para os casados, nenhuma briga

Paz e sossego na vida

(8) O **antigo Jovem** Marx e o **novo Velho** Marx renascem em Berlim

O Marx que provavelmente emergirá do projeto MEGA, edição integral de Marx/Engels, será menos apocalíptico e teleológico, mais profético e analítico.

Fonte: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/O-antigo-Jovem-Marx-e-o-novo-Velho-Marx-renascem-em-Berlim/39/29724>

Nos exemplos de (4) a (8), o discurso é responsável por estabelecer e desfazer os antônimos. Podemos ver que **velho** pode ser usado como antônimo de “fresco”, “novo” e “jovem”. Nesses casos, as palavras diferentes, mas que possuem em comum o antônimo apresentam, pelo menos, um sentido comum.

Assim, se buscarmos nos dicionários o significado das palavras “novo”, “jovem” e “recente”, veremos que apresentam algum sentido comum. Observe:

Novo - adj. Que existe há pouco tempo; acabado de fazer. / Moço, de pouca idade. / Que é dito, tratado, visto pela primeira vez. / &151; S.m. O que é recente: o velho e o novo se confrontam. /

Jovem - adj. Moço, de pouca idade: mulher jovem. / Que ainda possui o vigor da juventude: pode-se ser jovem aos quarenta anos. / Que não tem o espírito amadurecido; ingênuo: ele ainda é muito jovem. / Diz-se de qualquer animal de tenra idade. / &151; s.m. e s.f. Pessoa moça: que disse o jovem?

Recente - adj. Feito ou acontecido há pouco tempo; novo, fresco: descoberta recente.

Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Recente.html>

Agora observe as manchetes a seguir:

(9) PLANTÃO DE POLÍCIA

“Idoso preso ao oferecer 500 paus para soldado”

“Suspeito foi flagrado no Morro do Andaraí com carro todo errado” (jornal *O Povo online*, 10/6/14)

(10) “Idoso que tentou subornar policial militar na Zona Norte do Rio é preso”

“Aposentado dirigia carro roubado e ofereceu R\$ 500 para ser liberado”

(*O Globo online*, 9/6/14)

A mesma situação foi noticiada por dois jornais de grande circulação, como pode ser visto em (9) e (10), sendo, no entanto, destinados a leitores diferenciados. O jornal *O Povo* é reconhecidamente um jornal popular, de preço acessível. Tem como objetivo ser de fácil compreensão. É destinado às classes C e D, em virtude das notícias locais e da linguagem popular empregada.

O jornal *O Globo*, por outro lado, atende a um público da classe média alta e apresenta uma preocupação aparente em adequar a linguagem ao público-alvo.

Como vemos nos exemplos (9) e (10), as escolhas lexicais feitas evidenciam a adequação ao contexto. Para Ilari e Geraldini (2006, p. 47),

as expressões sinônimas são, ainda assim, expressões entre as quais os locutores escolhem: a escolha é, no caso, uma ‘procura da palavra exata’ (como na pena do escritor que corrige um texto já escrito), a mostrar que duas expressões não são igualmente adequadas aos fins visados; essa escolha traduz frequentemente

a preocupação de evocar ou respeitar um determinado nível de fala, um determinado tipo de interação, ou mesmo um certo jargão profissional.

Assim, podemos afirmar que a sinonímia está ligada, diretamente, às intenções dos falantes, não podendo ser feita, de forma alguma, dissociada de um contexto, pois tal relação de sentido envolve a situação de uso da língua, as pretensões de quem produz o enunciado naquele instante e os interlocutores envolvidos.

Outro aspecto que merece ser destacado, com relação à substituição lexical por meio dos sinônimos, é a sua contribuição para a continuidade temática do texto. O uso da sinonímia possibilita a formação dos nexos que marcam a sequência do texto. Para Antunes (2005, p.100), essa substituição repercute “no caráter informativo e na força persuasiva do texto, pois pode elevar o grau de interesse do interlocutor pela forma como as coisas são ditas”.

Em Lyons (1979), vemos que, a princípio, defendia-se que duas palavras poderiam ser substituídas uma pela outra, em qualquer contexto, sem que houvesse nenhuma alteração de sentido, o que consistia a existência da sinonímia perfeita. No entanto, com novas pesquisas, rejeitou-se essa ideia por se perceber que não há na língua esses pares de expressões totalmente correspondentes, visto que a significação das palavras é um fenômeno contextual. Como afirma o próprio Lyons (1979, p. 435), “é muitas vezes impossível dar o significado de uma palavra sem inseri-la num contexto”.

Ilari e Geraldi (2006, p. 46, grifos dos autores), sobre este assunto, afirmam que “a significação de uma palavra é o conjunto de contextos linguísticos em que pode ocorrer, então é impossível encontrar dois sinônimos perfeitos”.

Desse modo, torna-se válida a tese de que a classificação de termos como sinônimos ou não só é possível tendo em vista o contexto de ocorrência, ou seja, se, dependendo da situação, houver uma relação de equivalência/aproximação entre os sentidos de duas palavras, diz-se que, naquela ocasião, tem-se um par de sinônimos. Assim, podemos afirmar que, de um modo geral, a sinonímia pode ser compreendida como a relação de equivalência/aproximação entre os sentidos das palavras em um determinado contexto.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1. Acaba de chegar ao Brasil um medicamento contra rinite. O anti-inflamatório em *spray* Nasonex diminui sintomas como nariz tampado e coriza. Diferente de outros medicamentos, é aplicado uma vez por dia, e em doses pequenas. Estudos realizados pela Schering-Plough, laboratório responsável pelo remédio, mostram que ele não apresenta efeitos colaterais, comuns em outros medicamentos, como sangramento nasal. “O produto é indicado para adultos e crianças maiores de 12 anos, mas estuda-se a possibilidade de ele ser usado em crianças pequenas”, diz o alergista Wilson Aun, de São Paulo (*Isto É*, 4/11/1998).

O objeto de que trata esse texto é chamado, sucessivamente, de “medicamento”, “anti-inflamatório”, “remédio” e “produto”. Qual desses termos é o que tem o sentido mais geral e qual o mais específico?

2. Explique, baseando-se nas informações apresentadas no capítulo 1, as escolhas lexicais nas manchetes a seguir:

a) “Pai e madrasta de Isabella estão presos e primeiro depoimento é marcado para 28 de maio” (*O Globo Online*, 8/5/08).

b) “Quebraram a cara! Pai e madrasta de Isabella no xilindró” (*Povo do Rio Online*, 8/5/08).

Resposta comentada

1. A ideia de remédio está associada a todo e qualquer tipo de cuidado utilizado para curar ou aliviar doenças, sintomas, desconforto e mal-estar. Alguns exemplos de remédio são: banho quente ou massagem para diminuir as tensões; chazinho caseiro e repouso em caso de resfriado; hábitos alimentares saudáveis e prática de atividades.

Já os medicamentos são substâncias ou preparações elaboradas em farmácias (medicamentos manipulados) ou indústrias (medicamentos industriais), que devem seguir determinações legais de segurança, eficácia e qualidade. Assim, um preparado caseiro com plantas medicinais pode ser um remédio, mas ainda não é um medicamento; para isso, deve atender a uma série de exigências do Ministério da Saúde, visando garantir a segurança dos consumidores. Desse modo, respondendo à questão, elencando os termos do mais geral ao mais específico, temos: produto, remédio, medicamento, anti-inflamatório.

2. Como foi apresentado no capítulo 1, as escolhas lexicais são feitas em função do contexto. Nos exemplos, a mesma notícia é transmitida usando-se expressões diferenciadas, adequando a linguagem ao público leitor de cada jornal. Entende-se que o jornal *Povo do Rio* utiliza uma linguagem mais despretensiosa, marcada, enquanto o jornal *O Globo* busca manter certa isenção ao noticiar o fato.

O papel da sinonímia na coesão textual

Henriques (2011, p. 113) afirma que as relações semântico-lexicais são ferramentas coesivas importantes que nos auxiliam na construção do texto. Para esse autor, “há relação de hiponímia e hiperonímia quando ocorre a seguinte relação de sentido: X faz parte de Y, e X é um tipo de Y”. Ao observarmos os termos “cão” e “animal”, podemos dizer que cão faz parte da classe dos animais, ou seja, cão é um tipo de animal, o que implica dizer que “cão” é um hipônimo e “animal” seu hiperônimo. Logo, ao longo de uma produção escrita, tais termos podem ser substituídos um pelo outro para promover o encadeamento das partes do texto.

Coesão textual é o termo que designa os mecanismos linguísticos de sequencialização que instituem continuidade semântica entre diferentes elementos da superfície textual. Esses mecanismos envolvem processos léxicos diversos, dentre os quais estão as substituições lexicais (coesão lexical). A unidade semântica do texto é assim garantida por uma organização formal que permite articular e interligar sequencialmente diferentes componentes. Esse tipo de coesão realiza-se, na maioria das vezes, por outro mecanismo ao qual chamamos *reiteração*.

Podemos conceituar a coesão como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos (KOCH, 2007, p.45).

A coesão lexical é um mecanismo de coesão textual que envolve a repetição da mesma unidade lexical ao longo do texto ou a sua substituição por outras unidades lexicais que com ela mantêm relações semânticas. A reiteração por sinonímia consiste no uso de palavras sinônimas, ou quase sinônimas, para retomar um conteúdo já mencionado sem repeti-lo.

Veja o seguinte trecho retirado de matéria publicada no site da CBN:

(11) (...) o BRT Transcarioca registrou seu primeiro acidente na quinta-feira (5). Um **ônibus** articulado e um **carro** se envolveram numa batida na pista sentido Galeão. O acidente foi num cruzamento, nas imediações da estação Aracy Cabral, entre os bairros do Tanque e da Taquara, na Zona Oeste. O **veículo** teria tentado fazer um retorno, que é proibido, à esquerda e foi atingido pelo **coletivo**. Ninguém se feriu.

Fonte: <http://www.cbnfoz.com.br/editorial/brasil/rio-de-janeiro/09062014-152142-brt-transcarioca-tem-trecho-com-horario-ampliado-nesta-segunda>

A substituição da palavra “carro” pela palavra “veículo” e da palavra “ônibus” pela palavra “coletivo” assegurou a coesão lexical e garantiu, simultaneamente, a identidade referencial (o “carro” e o “veículo” designam o mesmo objeto, assim como “ônibus” e “coletivo”), dando maior expressividade ao texto e evitando repetições desnecessárias.

Antunes (2005, p.102) afirma que se consideram hiperônimos “palavras gerais, palavras superordenadas ou nomes mais genéricos, com os quais se nomeia uma classe de seres ou abarcam todos os membros de um grupo”.

Para entendermos melhor essa definição, algumas palavras podem apresentar um sentido mais restrito enquanto outras um sentido mais amplo. Assim, a relação estabelecida entre uma palavra de sentido mais geral e outra de sentido mais específico constitui a hiperonímia, enquanto a relação entre um termo de sentido mais específico e outro mais genérico constitui a hiponímia.

Segundo Lyons (1979, p. 483), esse tipo de relação de sentido entre termos nos permite ser mais “genéricos ou mais específicos de acordo com as circunstâncias”.

Os hiperônimos, portanto, são termos mais genéricos, pois sua significação pode abarcar elementos pertencentes à mesma classe. Como exemplo, mamífero é hiperônimo de cachorro, vaca, baleia, etc., visto que todos esses elementos podem ser considerados pertencentes ao grupo dos mamíferos.

Antunes (2005, p. 97) afirma que “substituir uma palavra por outra supõe um ato de interpretação, de análise, com o objetivo de avaliar a adequação do termo substituidor quanto ao que se pretende conseguir”. Assim, é possível afirmar que a substituição lexical, ou seja, as retomadas realizadas por meio de sinônimos e hiperônimos consistem um meio capaz de evidenciar a inter-relação semântica entre as partes do texto, visto que, dado a essência de tais relações, sempre é possível estabelecer alguma associação entre os sentidos do termo de referência e os termos que os substituem.

Como nem sempre é possível recorrer a sinônimos, um recurso muito utilizado por quem redige um texto é a relação entre as palavras por meio de hipônimos e hiperônimos.

A relação por hiponímia é aquela que ocorre entre uma palavra de sentido mais específico e outra de sentido mais genérico, que tem com a primeira traços semânticos comuns. Já a relação por hiperonímia corresponde ao processo inverso, ou seja, ocorre entre uma palavra de sentido genérico para o específico. Ilari (2003) classifica essas relações como acarretamentos, ou seja, palavras que nomeiam um conjunto de experiências em algum sentido análogas e que possibilitam estabelecer relação de significado entre duas frases. Voltando ao exemplo anterior, “carro” é hipônimo de “veículo” e “ônibus” é hipônimo de “coletivo”.

Observe outro exemplo:

(12) “Na reunião, os **profissionais de educação** se encontraram com o subsecretário de Gestão da Prefeitura, Paulo Figueiredo, para apresentar a documentação solicitada pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro. Entre as principais reivindicações, os **professores** requerem 20% de aumento.”

Fonte: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/professores-do-municipio-e-do-estado-do-rio-decidem-futuro-de-greve-nesta-quinta-05062014>

Neste exemplo, estabelece-se uma relação do genérico (maior) para o específico (menor), isto é, o termo *profissionais de educação* é hiperônimo de *professores*.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Estabeleça a coesão do texto, valendo-se de expressões que substituam o excesso do emprego da palavra “golfinho”. Utilize expressões que, mesmo não oficiais, possam servir como substitutas.

O golfinho nada velozmente e sai da água em grandes saltos fazendo acrobacias. É mamífero e, como todos os mamíferos, só respira fora da água. O golfinho vive em grupos e comunica-se com outros golfinhos através de gritos estranhos que são ouvidos a quilômetros de distância. É assim que golfinho pede ajuda quando está em perigo ou avisa os golfinhos onde há comida. O golfinho aprende facilmente os truques que o homem ensina e é por isso que muitos golfinhos são aprisionados, treinados e exibidos em espetáculos em todo o mundo (revista *Ciência Hoje*).

2. Reúna os dois períodos, fazendo a substituição dos termos repetidos por hipônimos ou hiperônimos:

a) Eles estão muito felizes com o novo gato. O gato é muito brincalhão e dengoso.

b) Meu pai comprou um carro novo. O carro tem tudo o que um carro de luxo tem.

c) O “Katrina” deixou cidades inteiras arrasadas. O Katrina apareceu repentinamente e destruiu o que estava pela frente.

d) Os adolescentes adoram postar suas intimidades no Facebook. O Facebook tem a cada dia mais seguidores.

Resposta comentada

1. O golfinho nada velozmente e sai da água em grandes saltos fazendo acrobacias. É mamífero e, como todos os mamíferos, só respira fora da água. O delfim vive em grupos e comunica-se com outros de sua espécie através de gritos estranhos que são ouvidos a quilômetros de distância. É assim que o mamífero pede ajuda quando está em perigo ou avisa os golfinhos onde há comida. O animal aprende facilmente os truques que o homem ensina e é por isso que muitos golfinhos são aprisionados, treinados e exibidos em espetáculos em todo o mundo.

2. a) Eles estão muito felizes com o novo gato. O animal é muito brincalhão e dengoso.

- b) Meu pai comprou um veículo novo. O automóvel tem tudo o que um carro de luxo tem.
- c) O “Katrina” deixou cidades inteiras arrasadas. O furacão apareceu repentinamente e destruiu o que estava pela frente.
- d) Os adolescentes adoram postar suas intimidades no Facebook. A rede social tem a cada dia mais seguidores.
-
-
-

Antonímia e a ideia de contradição

Definir antonímia como oposição de sentidos entre as palavras não é um caminho seguro, nem é suficiente, para que se entenda tal mecanismo, uma vez que os sentidos podem se opor de várias formas. Podemos afirmar, inclusive, que não há oposição verdadeira.

É possível estabelecer oposições de três maneiras básicas:

1. Quando opomos pares de palavras em que uma necessariamente nega a outra.

Exemplo: morto/vivo, casado/descasado, igual/diferente.

2. Quando uma palavra descreve uma relação entre duas coisas ou pessoas e outra palavra descreve essa mesma relação, mas em uma ordem inversa.

Exemplo: pai/filho

3. Quando as palavras estão em lados opostos de uma escala contínua de valores.

Exemplo: quente/frio, alto/baixo.

Pode-se dizer que há antonímia e contradição no sentido de que esta última diz respeito à oposição de sentidos entre sentenças e está ligada à noção de acarretamento. Quando se diz que “Paulo abraçou a namorada”, acarreta-se a ideia de que “A namorada de Paulo foi abraçada por ele”, havendo contradição em um enunciado do tipo “Paulo abraçou a namorada, mas ela não foi abraçada por Paulo”.

O acarretamento ocorre quando há sentenças que resultam na verdade de outra, ou seja, se há uma sentença A verdadeira, deduzimos então que B também seja verdadeira.

Observe os seguintes exemplos de acarretamento:

(13) Marcos comprou o carro de João.

ACARRETA

O carro de João foi comprado por Marcos.

Marcos comprou um veículo.

No entanto, não acarreta “Marcos comprou um *Fiesta*”, uma vez que não se sabe, pela sentença expressa em (13), o tipo de carro que Marcos comprou, que pode não ser, necessariamente, um *Fiesta*, havendo, portanto, contradição.

São sentenças contraditórias as expressas em (14a) e (14b):

(14a) O piloto está morto.

(14b) O piloto está vivo.

As sentenças são contraditórias porque (14a) e (14b) não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo; se (14a) for verdade, (14b) será mentira.

Vale ressaltar que a contradição é usada como um instrumento do discurso: o que é contraditório serve para passar alguma informação extrassentencial, explorada, também, nos textos literários.

(Camões, Lírica)

Amor é fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É nunca contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder
É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É ter com quem nos mata lealdade
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Reconhecendo, pois, que antonímia não é o mesmo que contradição, observemos outra situação:

(15) Há brasileiros que torcem para o Brasil ganhar a Copa, mas outros torcem para perder.

A utilização de quantificação faz alternar os referentes dos sintagmas, possibilitando a utilização de pares antônimos: ganhar e perder. O mesmo pode ser percebido no exemplo (16):

(16) O Contrário do Medo

(Cocoricó)

Era uma vez dois irmãos

O Seu Joaquim e o Seu Antônimo

Tudo que o Joaquim falava

O Seu Antônimo falava o contrário

É, não é

É aqui, é lá

Em cima, embaixo

Gostoso, ruim

Espetacular, hum... chinfrim

Quando o Joaquim falava “sim”, o Seu Antônimo falava “não”.

(bis)

Depressa, devagar

Deitado, de pé

O bem, o mal

A paz, a guerra

O medo, hum...

E o Antônimo parou: “qual o contrário do medo?”

Como se diz quando a gente sente que tem que se mexer,

Respirar bem fundo e enfrentar o perigo

Enfrentar o perigo

Coragem, coragem

O contrário do medo.

Coragem, coragem

A força que eu carrego comigo.

(bis)

Tchau, oi

Goodbye, “goodboi”

Era uma vez

Era uma vez

Atividade 3

Atende ao objetivo 3

1. Observe a letra da música a seguir e estabeleça as oposições de acordo com as três maneiras básicas apresentadas:

Encontros e Despedidas
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Mande notícias
Do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando...

Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero...

Todos os dias é um vaivém
A vida se repete na estação
Tem gente que chega prá ficar
Tem gente que vai
Prá nunca mais...

Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai, quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir...

São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem
Da partida...

A hora do encontro
É também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...
Lá lá lá lá lá...

A hora do encontro
É também, despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...

Resposta comentada

É possível estabelecer oposições de três maneiras básicas:

Na música apresentada, opomos pares de palavras em que uma necessariamente nega a outra, tais como encontros/despedidas, chegar/partir, vai/vem.

Há também casos em que uma palavra descreve uma relação entre duas coisas ou pessoas e outra palavra descreve essa mesma relação, mas em uma ordem inversa, como nos versos Tem gente que vem e quer voltar/
Tem gente que vai, quer ficar.

Conclusão

Concluindo as ideias apresentadas nesta aula, vimos que a semântica lexical, uma das muitas vertentes relativas aos estudos semânticos, entende que as palavras são definidas umas em relação às outras. Dentre as relações possíveis, estão a sinonímia e a antonímia.

Palavras consideradas sinônimas são aquelas que apresentam a possibilidade de serem substituídas umas pelas outras, em um determinado contexto, sem acarretar alteração de sentidos. No entanto, segundo os autores apresentados, não há sinonímia perfeita.

Quanto à antonímia, diz respeito a relações entre palavras que apresentam significados contrários. Lyons afirma que o que caracteriza os antônimos é o fato de poderem ser regularmente graduáveis, podendo ser a comparação entre eles explícita ou implícita.

Outro aspecto importante diz respeito às relações semântico-lexicais, ferramentas coesivas importantes que nos auxiliam na construção do texto. Ao longo de uma produção escrita, termos podem ser substituídos por outros para promover o encadeamento das partes do texto.

Assim, antonímia e sinonímia são recursos linguísticos importantes que contribuem para a fluidez do texto.

==== **Atividade final** =====

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

1. Leia este excerto da obra de Saramago *As Pequenas memórias* (2006):

Por que este meu temor aos cães? Por que esta minha fascinação pelos cavalos? O receio, que hoje ainda, apesar de algumas harmoniosas experiências vividas nos últimos tempos, mal consigo dominar quando me vejo perante um representante desconhecido da espécie canina, vem-me, tenho a certeza, daquele pânico desabalado que senti, teria uns sete anos, quando, ao princípio da noite, candeeiros públicos já acesos, dispondo-me eu a entrar no prédio da Rua Fernão Lopes, ao Saldanha, onde convivíamos em arranjo doméstico com outras duas famílias, se abriu de repente a porta e por ela desembestou, como a pior das feras malaias ou africanas, o lobo-d'alsácia de uns vizinhos que, imediatamente, para honrar o nome que tinha, começou a perseguir-me, atrojando os espaços com os seus latidos furiosos, enquanto o pobre de mim, desesperado, fintando-o atrás das árvores o melhor que podia, gritava que me acudissem. Os ditos vizinhos, a quem só me permitirei dar este nome porque moravam no mesmo prédio, não porque fossem da igualha dos pelintras que habitavam as águas-furtadas do sexto andar, como era o nosso caso, levaram mais tempo a chamar o animal do que a mais elementar caridade deveria ter consentido. Entretanto, se a memória não me engana, se não estou a juntar o enxovalho ao pavor, os donos do cão, novos, finos, elegantes (seriam os filhos adolescentes da família,

um rapaz e uma rapariga), riam a bandeiras despregadas, como nessa época ainda se dizia. Graças à agilidade das minhas pernas de então, o animal não chegou a alcançar-me, menos ainda a morder-me, ou não seria essa a sua intenção, o mais provável é que ele próprio se tivesse assustado quando lhe apareci inesperadamente à entrada da porta. Tivemos medo um do outro, foi o que foi. O lado intrigante do episódio, do mais banal quanto ao resto, esteve em saber eu, quando me encontrava do lado de fora da porta, que o cão, precisamente aquele cão, estava ali à minha espera para me saltar ao gasnet ... Sabia, não me perguntem como, mas sabia.

E os cavalos? O meu problema com os cavalos é mais pungente, daquelas coisas que ficam a doer para toda a vida na alma de uma pessoa. Uma irmã da minha mãe, Maria Elvira de seu nome, estava casada com um certo Francisco Dinis que trabalhava como guarda na Herdade de Mouchão de Baixo, parcela do Mouchão dos Coelhoos, designação por que era conhecido o conjunto de uma extensa propriedade na margem esquerda do Tejo, mais ou menos em linha recta com uma povoação metida para o interior chamada Vale de Cavalos.

a) Encontre palavras sinônimas que possam substituir, de forma a não alterar o sentido, as palavras a seguir, retiradas do texto:

Pungente
Iqualha
Pelintras
Atroando
Gasnete
Desabalado
Águas-furtadas

Resposta comentada

1.a)

Pungente	Lancinante, penetrante
Igualha	Igualdade de condição social
Pelintras	Sem-vergonha
Atroando	Retumbando, trovejando
Gasnete	Garganta, pescoço
Desabalado	Desembestado
Águas-furtadas	Sótão

Resumo

A semântica lexical é uma das muitas vertentes relativas aos estudos semânticos. Na semântica lexical, as palavras são definidas umas em relação às outras.

Dois termos são chamados sinônimos, quando apresentam a possibilidade de se substituírem um ao outro em determinado contexto. No entanto, não existem sinônimos perfeitos, porque eles não são intercambiáveis em todos os contextos.

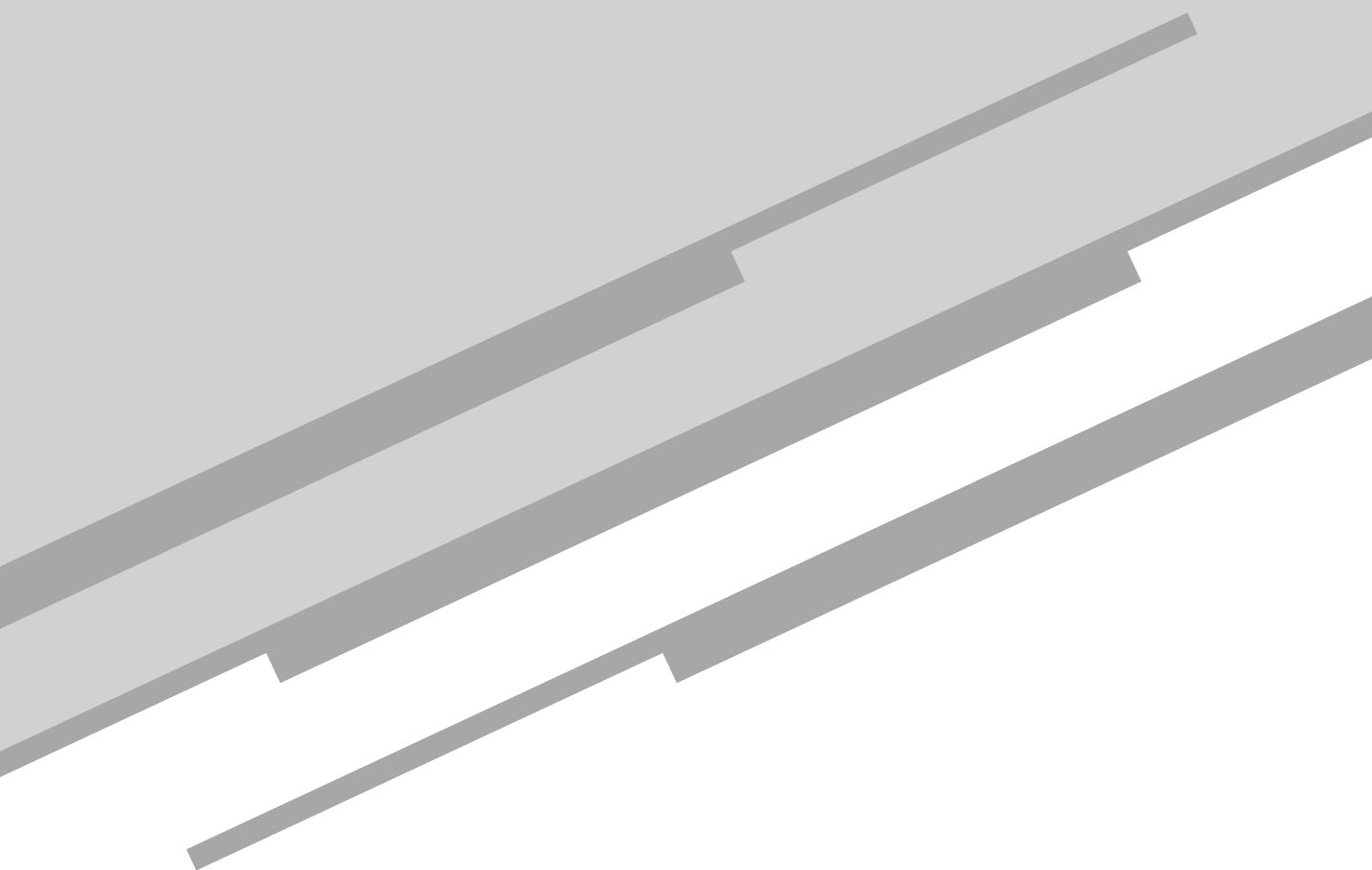
Com relação aos antônimos, não há oposição absoluta entre eles de forma que palavras diferentes podem ter um mesmo antônimo, desde que tenham ao menos um sentido em comum.

A sinonímia está ligada, diretamente, às intenções dos falantes, não podendo ser feita, de forma alguma, dissociada de um contexto.

Algumas palavras podem apresentar um sentido mais restrito enquanto outras um sentido mais amplo. Assim, a relação estabelecida entre uma palavra de sentido mais geral e outra de sentido mais específico constitui a hiperonímia, enquanto a relação entre um termo de sentido mais específico e outro mais genérico constitui a hiponímia.

Aula 6

Homônimos e parônimos



Meta

Apresentar homonímia e paronímia como dois dos tipos de relações entre palavras.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir homônimos de parônimos;
2. reconhecer usos estilísticos relacionados à ambiguidade desses itens.

Introdução

Na Aula 4, intitulada “O pressuposto e o subentendido”, vimos rapidamente dois tipos de relações de sentido que se estabelecem entre certas palavras: a hiponímia e a hiperonímia. Em seguida, na Aula 5, estudamos sinonímia e antonímia, mais dois tipos de relações de sentido. Nesta aula, estudaremos a homonímia e a paronímia, antes de passarmos para a polissemia, que será vista na Aula 7. Entretanto, apresentaremos brevemente a discussão sobre distinguir ou não homonímia de polissemia.



Figura 6.1

Nessa tirinha, podemos perceber o uso de palavras que possuem semelhanças no som e na grafia, porém com significados diferentes. Esse será o escopo de nossa aula; estudaremos a homonímia e a paronímia.

Homônimos são palavras que têm o mesmo som, mas significados diferentes (e grafias iguais ou diferentes). Na tirinha, foi usada a palavra “bota” (verbo *botar*), que é homônima, ou seja, tem o mesmo som de “bota” (calçado), por exemplo. Já os parônimos são palavras que têm sons apenas semelhantes e significados e grafias diferentes. É o caso das palavras “infração” (violação) e “inflação” (aumento geral de preços), na tirinha. Além da diferença entre homônimos e parônimos, veremos que, mesmo entre os homônimos, existem tipos diferentes (perfeitos e imperfeitos, por exemplo), e cabe distinguir, ainda, os homônimos dos homógrafos, e os parônimos dos vocábulos de grafia dupla.

Frequentemente, a homonímia é tratada, juntamente com a polissemia, apenas como caso de ambiguidade. Apresentaremos, também nesta aula, uma breve discussão sobre os casos em que é vantajoso distinguir homonímia de polissemia e quando essa distinção não é relevante (usos em que palavras homônimas e polissêmicas produzem trocadilhos para fins estilísticos, como piadas e propagandas, por exemplo).

Homônimos e parônimos nas gramáticas e nos trabalhos de orientação linguística

Homônimos

As gramáticas chamadas tradicionais abordam homônimos e parônimos sob diferentes óticas. Rocha Lima (2000), por exemplo, os apresenta na seção de “**Estilística** léxica” (capítulo 31, “Funções da linguagem”). Já Bechara (1999) os separa, abordando os homônimos na seção “Estrutura das unidades: análise mórfica” (capítulo 2, parte B), em uma subseção intitulada “Alterações semânticas”, e os parônimos na seção “Ortografia” (capítulo 1, parte D). Entretanto, algumas gramáticas, provavelmente por se tratar de fenômenos que envolvem, em especial, os aspectos semânticos das palavras, sequer os mencionam.

Estilística

Disciplina que estuda a expressividade duma língua, i. e., a sua capacidade de sugerir e emocionar mediante determinados processos e efeitos de estilo, de acordo com o *Dicionário Aurélio Século XXI*.

A estilística estuda o uso estético da língua não somente na literatura, mas também em outras situações de uso, como por exemplo, na publicidade.

Seu estudo distribui-se em estilística fônica, léxica e sintática, acompanhando a tradicional divisão dos estudos gramaticais. Estilística e gramática são interdependentes, visto que “muitas das aparentes irregularidades registradas pela gramática têm sua origem em motivações de natureza estilística”, como aponta Carvalho (2004).



Relação entre funções da linguagem e estilística

Karl Bühler, psicólogo e linguista alemão colaborador do Círculo Linguístico de Praga, propôs um conjunto de três funções da linguagem, as quais foram posteriormente renomeadas e ampliadas por Roman Jakobson. As funções sugeridas por Bühler foram: a representativa, a expressiva e a apelativa (respectivamente referencial, emotiva e conotativa, na proposta de Jakobson).

Conforme explica Carvalho (2004), a função representativa corresponde à linguagem denotativa e as funções expressiva e apelativa têm caráter conotativo. A função representativa está ligada à transmissão de informações, portanto, a uma linguagem mais literal (denotativa); já a função expressiva está ligada à exteriorização dos sentimentos, e a função apelativa, à influência sobre os interlocutores. Assim, as funções expressiva e apelativa correspondem a uma linguagem mais subjetiva ou figurada (conotativa).

Ainda de acordo com Carvalho (2004), “enquanto a representação (...) diz respeito à linguística, as outras duas funções – expressão e apelo – interessam à estilística, devido à impregnação afetiva de que se revestem”.

Vejamos a definição de homônimos dada por Rocha Lima:

A rigor só deveriam ser consideradas como tais aquelas palavras que, tendo origem diversa, apresentassem a mesma forma, em virtude de uma *coincidência* na sua evolução fonética. No entanto, sem cogitar da origem das palavras, costuma-se entender sob essa designação *todas* as palavras que, possuindo forma idêntica, designem coisas distintas (ROCHA LIMA, 2000, p. 487 [grifos do original]).

Rocha Lima dá como exemplo a palavra *cabô*, originada da palavra *caput*, cujo sentido evoluiu, ao longo do tempo, de maneiras diferentes (posto militar ou acidente geográfico).

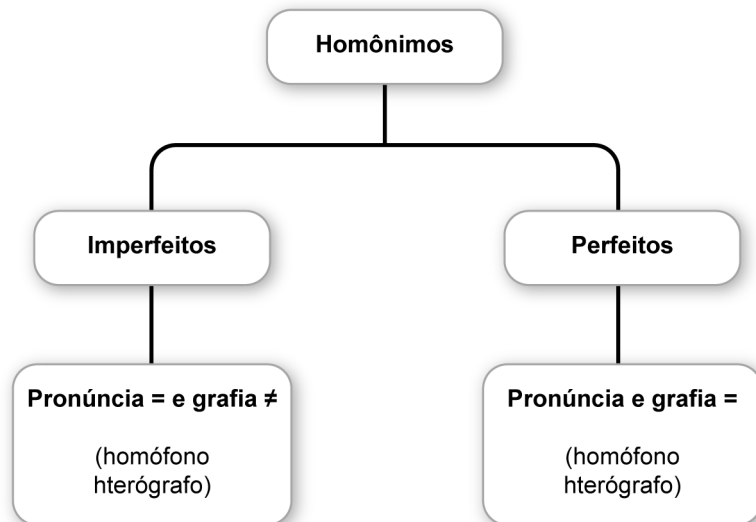
Bechara salienta a importância da identidade de pronúncias nos casos de homonímia:

Já por *homonímia* entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação [...]” (BECHARA, 1999 [grifo do original]).

Os homônimos podem ser classificados levando-se em conta, além da pronúncia idêntica, suas grafias. Nesse sentido, são denominados *imperfeitos* ou *perfeitos*, conforme o caso.

Nos *homônimos imperfeitos*, embora a pronúncia seja igual, as grafias são diferentes (*heterógrafos*). Alguns autores, como Rocha Lima, referem-se a casos assim apenas como *homófonos*. Segundo ele, homófonos são “homônimos que, apesar de terem os mesmos fonemas, se escrevem diferentemente” (2000, p. 487). O autor dá vários exemplos como *cessão/seção*; *coser/cozer*.

Homônimos perfeitos são formas com pronúncia e grafia iguais, ou seja, simultaneamente homófonas e homógrafas. Por exemplo: *verão* (substantivo); *verão* (verbo).

**Figura 6.2**

Mattoso Câmara chama a atenção para os chamados *homógrafos* (mas não homófonos, ou seja, que não têm o mesmo som). Segundo ele, “formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a *fonemas distintos*” (1978, “verbete *homonímia*” [grifo nosso]). Por exemplo: *selo* (substantivo; pronunciado com ê); *selo* (1ª pessoa do singular do verbo *selar*; pronunciado com é). O autor afirma que homógrafos (não homófonos) não são homônimos, visto que possuem fonemas distintos enquanto os homônimos são essencialmente formas orais idênticas. Pelos exemplos dados pelo autor, percebe-se que seu comentário sobre o conceito de *homógrafos* diz respeito apenas a esses casos específicos em que as grafias são iguais, mas as *pronúncias* são *diferentes*, não englobando o caso dos homônimos perfeitos, que têm grafias iguais e *pronúncias* também *idênticas*, como em *são* (verbo) e *são* (adjetivo: sadio).

Cançado (2012, p. 71) observa que “nem todos os falantes possuem o mesmo grupo de homonímias”. A autora dá como exemplo o caso da palavra “calma”, que, no dialeto caipira, é pronunciada da mesma maneira que a palavra “carma” (castigo). Afirma, porém, que a distinção entre homófonos e homógrafos não é importante. Isso porque, seguindo também uma tendência de vários outros estudiosos, a autora trata todos esses fenômenos ligados à homonímia, bem como o fenômeno da polissemia, como possíveis geradores de ambiguidade lexical, de que falaremos mais adiante.

Parônimos

Os *parônimos*, segundo Rocha Lima:

São palavras de forma parecida, que, por isso, se prestam a frequentes confusões de emprego. Exemplos: infligir e infringir; [...]; descrição e discrição, etc. Grande número de parônimos se distinguem pelos prefixos apostos a um radical comum: eminente e iminente; emigrar e imigrar [...] (2000, p. 487).

Os parônimos se assemelham na pronúncia e na grafia, mas têm sentidos diferentes, por exemplo: *ratificar* (confirmar); *retificar* (corrigir). Bechara (1999, p. 96) aponta que:

[...] deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com e ou com i, com o ou com u, com c ou q, com ch ou x, com g ou j, com s, ss ou c, ç, com s ou x, com s ou z, e com os diversos valores do x.

Como exemplos de vocábulos de grafia dupla, podemos citar *catorze/quatorze*. Essas palavras não constituem parônimos, pois, embora tenham pronúncias e grafias parecidas, elas têm o mesmo sentido. São apenas vocábulos que podem ser grafados de duas maneiras diferentes. Portanto, se trocarmos uma grafia pela outra, não há prejuízo na compreensão, pois elas querem dizer a mesma coisa. Observe, agora, o par de palavras *cavaleiro* (homem que sabe andar a cavalo); *cavalheiro* (homem gentil). Suas pronúncias e grafias se assemelham, mas seus sentidos são diferentes; logo, são parônimos. Se confundirmos suas escritas (ou mesmo pronúncias), haverá prejuízo na compreensão, pois são palavras com sentidos distintos.

Resumindo:

	Pronúncia	Grafia	Sentido
Homônimos imperfeitos (ou homófonos heterógrafos)	Igual	Diferente	Diferente Ex.: cessão/seção; aço/asso
Homônimos perfeitos (ou homófonos homógrafos)	Igual	Igual	Diferente Ex.: verão (subst.)/ verão (verbo); são (adj.: sadio)/são (verbo)
Homógrafos (segundo matoso, não são homônimos)	Diferente	Igual	Diferente Ex.: selo (ê)/selo (é); aperto (ê)/aperto (é)
Parônimos	Semelhante	Semelhante	Diferente Ex.: cavaleiro/cavalheiro; infligir (aplicar castigo)/ infringir (transgredir)
Dupla grafia	Semelhante	Semelhante	Igual Ex.: quatorze/catorze; quotidiano/cotidiano

Figura 6.3:



Quer ver mais homônimos e parônimos? Scarton & Smith (2002) apresentam uma lista. Entretanto, os autores incluem não só palavras, mas também expressões, tais como:

- *acerca de* (a respeito de); *a cerca de* (a uma distância de); *há cerca de* (aproximadamente; tempo atrás) – homônimos.

- *em vez de* (em lugar de); *ao invés de* (ao contrário de) – parônimos.

Para conhecer a lista de Scarton & Smith, acesse: <http://www.pucrs.br/manualred/homonimos.php>

Atividade 1**Atende ao objetivo 1**

Observe os pares de palavras e indique se constituem casos de homonímia (e o tipo) ou paronímia e justifique.

- a) conserto (ê)/conserto (é)
- b) cerrar/serrar
- c) discriminar/discriminar
- d) cura (substantivo)/cura (verbo)
- e) quociente/cociente

Resposta comentada

- a) conserto (ê)/conserto (é) – Segundo Mattoso, não são homônimos, pois não são pronunciados da mesma maneira, ou seja, não são fonologicamente idênticos. São apenas homógrafos: possuem a mesma grafia.
- b) cerrar (verbo)/serrar (verbo) – São homônimos imperfeitos (homófonos heterógrafos), isto é, têm a mesma pronúncia, mas grafias diferentes.
- c) discriminar (absolver de crime)/discriminar (estabelecer diferença) – São parônimos: formas fonologicamente não idênticas, apenas semelhantes (embora possa haver casos de ocorrências dessas palavras com realizações foneticamente idênticas); além disso, têm grafias semelhantes e sentidos distintos.
- d) cura (substantivo)/cura (verbo) – São homônimos perfeitos (homófonos homógrafos): são pronunciados e grafados do mesmo modo.

e) quociente/cociente – Não são homônimos nem parônimos. São apenas vocábulos de grafia dupla, pois não têm sentidos diferentes, embora possuam pronúncias e grafias semelhantes.

Homonímia x polissemia

A homonímia está presente na língua, muitas vezes confundindo-se com a polissemia. Segundo **Ullmann**:

Em inúmeros casos, mais que um sentido estará ligado com o mesmo nome [...]. Esta “*polivalência*” das palavras, como por vezes é chamada, pode tomar duas formas diferentes: a) a mesma palavra pode ter dois ou mais significados diferentes. Esta situação é conhecida, a partir de Bréal, por “*polissemia*” [...]; b) duas ou mais palavras podem ser idênticas quanto ao som (“*homonímia*”) (1987, p. 329-330 [grifos do original]).



Stephen Ullmann



Figura 6.4

Fonte: https://openlibrary.org/authors/OL134617A/Stephen_Ullmann

Stephen Ullmann foi um linguista húngaro que passou a maior parte de sua vida na Inglaterra e escreveu principalmente sobre semântica. Suas ideias foram apoiadas por vários materiais publicados por toda a Europa e suas obras foram traduzidas para várias línguas, como francês, russo e japonês. Em português, há títulos como: *Os princípios de semântica; Palavras e seu uso; Semântica: uma introdução à ciência do significado; Linguagem e estilo.*

Adaptado de http://en.wikipedia.org/wiki/Stephen_Ullmann

De acordo com Ullmann, há um limite tênue entre homonímia e polissemia, mas a distinção deve considerar “o modo como surgem (...), e o efeito que têm na língua” (1987, p. 330).

O autor lista três modos de surgimento da homonímia e cincos surgimento da polissemia. A homonímia surge, segundo ele, por:

- a) convergência fonética – quando duas ou mais palavras desenvolvem-se foneticamente de modo a coincidirem. Por ex.: *sanctu* e *sanu* (latim) > *são* (português).
- b) influência estrangeira – Ullmann afirma que é raro, mas pode ocorrer de um empréstimo sofrer mudanças com base no sistema fonético da língua que o recebeu e acabar tendo uma forma que coincida com outra já existente nessa língua. É um tipo de convergência fonética.
- c) divergência semântica – “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída” (ULLMANN, 1987, p. 368). Por ex.: *sole* (inglês) – sola de sapato e linguado (peixe).

E a polissemia surge, segundo Ullmann, por:

- a) mudança de aplicação – ocorre quando alguma nuance de sentido de uma palavra distancia-se das demais de modo permanente, consideramos aquela nuance como um sentido diferente dessa mesma palavra. Por exemplo: *bonito* (para pessoas, animais, objetos, ações etc.).
- b) especialização em um meio social – ocorre quando uma palavra ganha um sentido restrito. Por exemplo: ação (direito: processo; economia: parcela de sociedade anônima).

c) linguagem figurada – ocorre quando uma palavra adquire um sentido metafórico (ou seja, quando é usada abstratamente, por semelhança. Por exemplo: *olho gordo*; *olho mágico*) ou metonímico (usada concretamente (ULLMANN, 1987, p. 458). Por exemplo: ele é o *orgulho* da família; o *cabeça* da casa). Ainda segundo Ullmann (1987, p. 454), a metonímia “não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si”, designando uma entidade contígua.

O autor afirma também que

a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia [...] (ULLMANN, 1987, p. 442).



A linguística cognitiva trata a metáfora e a metonímia não como simples figuras de linguagem de uso literário, mas como processos utilizados cotidianamente nas línguas. Esses processos serão tema da Aula 15.

d) homônimos reinterpretados – Ullmann aponta que este é um caso raro de polissemia: “quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos” (p. 340). Por exemplo: a palavra *ear* (orelha/espiga de cereal), do inglês.

e) influência estrangeira – ocorre quando uma palavra muda de sentido por ação de outra língua. Por exemplo: *parlement* significava “discurso”, em francês, e passou a “tribunal” por influência do inglês *parliament* (assembleia legislativa).

Observando-se, principalmente, as causas dos surgimentos de ambos (da homonímia e da polissemia), em que, respectivamente, a polissemia é reinterpretada como homonímia e a homonímia é reinterpretada

como polissemia, fica mais evidente porque esses dois fenômenos se confundem, sendo muitas vezes difícil distingui-los na prática.

Esta distinção (homonímia x polissemia) tem sido tema de muitas discussões entre linguistas e frequentemente inclui também outros fenômenos como, por exemplo, **ambiguidade** e **vagueza**.



Na subseção seguinte, abordaremos a ambiguidade. Para saber mais sobre a diferença entre ambiguidade e vagueza, leia o subitem “Ambiguidade vs. vagueza”, no capítulo intitulado “Ambiguidade e vagueza”, in: CANÇADO, M. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012. A autora inclui, ainda, a diferença entre vagueza e indicialidade.

Cançado (2012) lembra que ainda é importante distinguir homonímia de polissemia, pois a descrição do léxico e parte da descrição gramatical estão relacionadas a essa diferenciação. Segundo a autora, “palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais” (2012, p. 72). Por outro lado, alega que uma mesma palavra pode ser homônima e polissêmica, dependendo do sentido, e dá como exemplo o caso da palavra *pasta* (reproduzido a seguir), que tem sentido polissêmico, se considerarmos suas diferentes ocorrências, mas que também apresenta homonímia entre $pasta_1$ e $pasta_2$:

$pasta_1$ = massa (ex.: pasta de dente; pasta de comer)

$pasta_2$ = lugar específico (ex.: pasta de couro; pasta ministerial)

Marques admite a dificuldade de se estabelecer a diferença, mas cita uma possibilidade de se contornar, em algumas situações, a questão:

a distinção entre *homonímia* e *polissemia*, no *plano sincrônico* é problemática, pois o mesmo fenômeno é registrado por alguns lexicógrafos como caso de homonímia e por outros como de polissemia. A tendência, a partir dos anos 70, é tratar os fenômenos

Ambiguidade

Segundo Cançado (2012), uma palavra ambígua possui vários sentidos diferentes e o contexto é que seleciona um sentido.

Por exemplo: a palavra “canto” é ambígua porque seu sentido só pode ser definido no contexto (música vocal ou lugar afastado).

Vagueza

Uma palavra vaga tem um sentido geral em seus diferentes usos; o contexto, nesse caso, só acrescenta informações, mas não seleciona sentido.

Por exemplo: a palavra “beijo” é vaga porque é genérica, mas ela possui apenas um sentido. O contexto pode detalhar o beijo (no rosto, na mão etc.), mas não é crucial para definir a palavra “beijo”, que tem sentido único.

como *polissemia* ou estudá-los como casos de *ambigüidade lexical* (MARQUES, 1979, “verbete *semântica*” [grifos do original]).

A ambigüidade

A ambigüidade é uma propriedade semântica das palavras, estruturas e situações que podem ser interpretadas de mais de uma maneira. Segundo Ilari & Geraldi (2003, p. 57), “a homonímia é frequentemente a raiz de uma ambigüidade ou dupla leitura de frases”, mas os autores apontam também outros dois tipos de ambigüidade. Vejamos cada um dos três tipos:

- a) Ambigüidade de natureza homonímica: para os autores, é a duplicidade de sentido gerada pelos homófonos homógrafos (ex.: banco – assento/estabelecimento financeiro) e pelos homófonos heterógrafos (ex.: sexta/cesta).
- b) Ambigüidade estrutural: corresponde à dupla interpretação causada pela estrutura sintática, não pelas palavras que compõem a sentença, embora a ambigüidade homonímica possa coexistir com a estrutural. Os autores dão o seguinte exemplo: Pedro pediu a José para sair (Quem saiu? José ou Pedro?).
- c) Ambigüidade situacional: segundo Ilari & Geraldi, tem fundamento não linguístico, está relacionada às implicaturas. Por exemplo: José não consegue passar perto de um cinema (não sendo José deficiente, o ouvinte/leitor tem de buscar um sentido não literal para a sentença: José adora/detesta cinema).

Ullmann (1987) também já havia apontado três formas de ambigüidade, mas com diferenças. Segundo ele, a ambigüidade pode ser fonética, gramatical ou lexical. A ambigüidade fonética pode ocorrer na linguagem falada ao se pronunciar ininterruptamente um grupo de palavras de modo que ele se torne homônimo a uma palavra/grupo de palavras existente na língua. Em português, temos, por exemplo: acerca de (a respeito de)/há cerca de (faz aproximadamente); agosto (mês)/a gosto (“à vontade”) etc.

Ainda de acordo com Ullmann, há a ambigüidade gramatical, que pode se dar em consequência da forma gramatical ou da estrutura da oração. Segundo ele, algumas formas gramaticais, livres ou presas (como prefixos e sufixos), têm vários significados. Em português, temos exemplos como o do prefixo *in-*, que pode significar “dentro, sobre” (como em

inflamar) ou pode exprimir negação (como em *inapropriado*). Quanto à anfibologia (ambiguidade na construção sintática), Ullmann afirma que ocorre quando a organização das palavras é ambígua, mas as palavras em si não são. Por exemplo, a frase clássica “Vi a menina no jardim com o telescópio”, em que não está claro quem está com o telescópio: a menina ou o sujeito da sentença (eu). Para Ullmann, essa ambiguidade geralmente pode ser desfeita pelo contexto ou pela entonação. Cançado (2012) denomina ambiguidade sintática o tipo que, segundo ela, decorre da possibilidade de se organizar as sentenças de diferentes maneiras. Para ela, a ambiguidade sintática pode ser desfeita alternando-se a posição do sintagma envolvido. No exemplo dado, teríamos: “Vi, com o telescópio, a menina no jardim” ou “Vi a menina com o telescópio no jardim”.



Alguns livros didáticos e manuais de redação trabalham a ambiguidade não intencional, como um vício de linguagem que pode refletir um descuido ou até desconhecimento da norma culta. Nesse caso, foca-se na prática de exercícios para “reverter” ou evitar tal ambiguidade por parte de quem escreve, visando a uma interpretação clara e correta de quem vai ler. Se precisar aperfeiçoar sua escrita, consulte:

CARNEIRO, A. *Redação em construção*. São Paulo: Moderna, 2001.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013 [2001].

A terceira forma de ambiguidade proposta por Ullmann é a lexical, que o autor destaca como a mais importante. É aquela causada pela polissemia ou pela homonímia, conforme vimos anteriormente.

Cançado (2012) destaca que os fenômenos apontados pela literatura semântica são insuficientes para dar conta, na prática, de vários exemplos de ambiguidade. Assim, a autora amplia o quadro de fenômenos

causadores de ambiguidade, chegando aos seguintes tipos: lexical; sintática; de escopo; por cor referência; por atribuição de papel temático; por construção com gerúndio; múltipla.

De forma resumida, podemos visualizar a seguinte organização dos trabalhos de orientação linguística sobre ambiguidade nesta aula:

Autores	Tipos de ambiguidade
Ilari & Geraldi	De natureza homonímica Estrutural Situacional
Ullmann	Fonética Gramatical Lexical
Cançado	Lexical Sintática De escopo Por correferência Por atribuição de papel temático Por construção com gerúndio Múltipla

Figura 6.5



A respeito da perspectiva de Cançado, trataremos aqui apenas da ambiguidade lexical, por também envolver a homonímia, um dos temas principais desta aula. Cançado apresenta, exemplifica e justifica toda a sua classificação no subitem “Tipos de ambiguidade”. In: CANÇADO, M. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 70-83.

Usos ambíguos com fins estilísticos

A ambiguidade pode gerar má interpretação e mal-entendidos quando ocorre não intencionalmente. Contudo, podemos usar a ambiguidade intencionalmente, valendo-nos dos jogos de palavras, dos trocadilhos, para causar determinados efeitos. O uso intencional da ambiguidade pode ser feito em vários contextos, sendo encontrado, inclusive, no uso cotidiano da língua, mas verifica-se mais facilmente em textos literários, na linguagem publicitária, em provérbios e expressões idiomáticas.

Como vimos anteriormente, itens parônimos não se confundem, pois possuem sentidos diferentes, embora suas grafias e pronúncias sejam semelhantes. No entanto, eles também podem participar de jogos de palavras e são bastante explorados em trocadilhos, seja na literatura, na publicidade etc. Pietroforte & Lopes (2003) registram alguns usos poéticos da chamada *paronomásia*: figura de linguagem sonora que consiste no emprego de parônimos na mesma frase ou próximos uns dos outros. Como exemplo, mostram o jogo de palavras parônimas em um poema de Augusto de Campos:

arte longa vida breve
 escravo se não escreve
 escreve só não descreve
 grita grifa grafa grava
 uma única palavra
 greve

(CAMPOS, Augusto de apud PIETROFORTE & LOPES, 2003, p. 130)

São parônimos: grita / grifa; grifa / grafa; grafa / grava; escravo / escreve; escreve / descreve.



Para ler e ver mais exemplos de paronomásia, consulte:

a) Item “A paronomásia” no capítulo de PIETROFORTE, A.; LOPES, I. “Semântica lexical”. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. Vol. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 111-136.

b) Artigo de apoio sobre paronomásia da Porto Editora. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$paronomasia;jsessionid=IkWbc1GfJwZ9jlZPuGmYnQ__](http://www.infopedia.pt/$paronomasia;jsessionid=IkWbc1GfJwZ9jlZPuGmYnQ__)

Ullmann (1987, p. 330) já havia apontado que a distinção entre homonímia e polissemia deve levar em conta, além da maneira como sur-

gem, seus efeitos na língua. No que tange a tais efeitos, o autor (1987, p. 390) afirma que tanto a homonímia quanto a polissemia podem ser fontes de trocadilhos, mas a polissemia costuma gerar jogos de palavras mais interessantes, que se dividem em implícitos e explícitos.

A ambiguidade implícita causada pela polissemia se dá “quando uma palavra se menciona apenas uma vez, mas comporta dois ou mais significados que o leitor tem de decifrar por si próprio”. Já a ambiguidade explícita se dá “pela repetição da mesma palavra com acepções diferentes” (ULLMANN, 1987, p. 392) ou por um comentário explícito que aclara a ambiguidade. A ambiguidade por homonímia também apresenta trocadilhos implícitos e outros explicitados por repetição ou por comentário expresso, sendo os implícitos mais sutis do que os explícitos. Segundo Ullmann (1987, p. 399),

os jogos de palavras trazem um elemento de garbo e de maleabilidade ao manejo da língua e [...] podem proporcionar um valioso meio de humor e ironia, ênfase e contraste, alusão e sutileza, e uma certa variedade de outros efeitos estilísticos.

Pietroforte & Lopes (2003, p. 131) afirmam que “a polissemia está na base de inúmeros jogos de palavras”, mas não mencionam a homonímia como fonte de ambiguidade. Os autores dão dois exemplos, sendo um deles o seguinte: “Qual é a diferença entre o estudante e o rio? O estudante deve deixar seu leito para seguir seu curso, enquanto o rio segue seu curso sem deixar seu leito”. O exemplo mostra o jogo entre os sentidos das palavras *curso* e *leito*.

Segundo Carvalho (2005, p. 349), no discurso publicitário, é preciso distinguir a ambiguidade, que é a dupla possibilidade de interpretação, da imprecisão, que é acidental e ocorre quando “o receptor não pensa em nenhuma interpretação definitiva, podendo ficar inseguro e confuso a respeito do significado”. Segundo a autora, no caso de imprecisão, o objetivo do anúncio pode não ser atingido. Nesse sentido, conforme ressalta a própria autora, “nem sempre o duplo sentido é positivo para a publicidade” (p. 350).

Segundo Paiva (2013), a ambiguidade na propaganda é usada como um meio criativo de surpreender e capturar a atenção. Entretanto, conforme aponta Carvalho (2005, p. 349-350), ela deve ser desfeita por uma frase, pelo nome do produto, por uma imagem etc., para que não

se transforme em um “erro tático de publicidade”. Um dos exemplos de Carvalho:

Como largar o vício do álcool. Este anúncio é para você que é dependente do álcool, para você que gasta um tempo se matando para limpar vidros com ele. Saiba que a cura pode estar em suas mãos. Vidrex. Use Vidrex e veja como esse negócio vicia (CARVALHO, 2005, p. 349).

Nesse caso, a ambiguidade foi criada a partir da polissemia do item lexical “álcool” e a partir do campo semântico de bebida (*vício, dependente, se matando, cura*) e foi desfeita pelo nome do produto e pela frase “para você que gasta um tempo se matando *para limpar vidros com ele*”.

Paiva (2013) analisa três anúncios. Um deles é uma propaganda de chocolate que mostra dois atores bonitos e famosos, cercados de chocolate, e a seguinte frase: “Você nunca viu tanta delícia junto. Ei, estamos falando da nova Nhá Benta”. Aqui a ambiguidade está na polissemia da palavra *delícia* e é desfeita pela frase “Ei, estamos falando da nova Nhá Benta”, que traz o leitor de volta para a interpretação que interessa ao produto.

Piadas também se valem da ambiguidade para produzir efeito humorístico. Por exemplo:

“O que fala o livro de Matemática para o livro de História?”

R: Não me venha com história que eu já estou cheio de problema!”

(Disponível em <http://www.piadasnet.com/piada2072curtas.htm>)

Vemos, aí, um jogo com as palavras *história* e *problema*, que são polissêmicas.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Identifique o recurso estilístico, presente nas anedotas a seguir, para enfatizar o humor.

a) Um candidato a juiz de direito, na prova, ao redigir uma sentença, escreveu o seguinte: “Isto posto, paço a decidir...” Passo com paço não

passa! E não passou no exame (Adaptado de <http://exercicios.brasilecola.com/gramatica/exercicios-sobre-paronimos-homonimos.htm>).

b) “O que é que a *banana* tem? Entre no ritmo do Hortifruti” (*Outdoor* publicitário do Hortifruti).

c) “Cremação. Uma novidade *quentinha* do Sinaf” (*Outdoor* publicitário do Sinaf, empresa de assistência funeral).

Resposta comentada

a) O autor grafou incorretamente a 1ª pessoa do singular do verbo *passar* com ç, causando confusão com *paço*, que significa *palácio*.

b) O Hortifruti é conhecido por suas propagandas ambíguas e irreverentes. Nesta, a propaganda se valeu de uma música conhecida e tradicional, aproveitou os parônimos *baiana* e *banana* e a polissemia da palavra *ritmo* e fez um trocadilho.

c) O Sinaf também é conhecido por seus anúncios ambíguos e irreverentes, porém relacionados ao humor negro, por lidarem com o tema da morte. Nesta propaganda, a empresa anuncia o serviço de cremação (ato de queimar o cadáver) e faz um jogo semântico com a palavra polissêmica *quentinha* (temperatura elevada; válida/confiável[informação ou notícia]).



Conclusão

Homônimos e parônimos são temas abordados de modo superficial, especialmente nas gramáticas. Entretanto, pudemos observar que, se os explorarmos em suas diversas possibilidades, nos depararemos com várias questões que os envolvem. Em especial no que tange à homonímia,

essas questões podem ter diferentes tratamentos e, conseqüentemente, diferentes desdobramentos, tanto no que diz respeito às suas causas quanto aos seus efeitos.

Um desses pontos está relacionado à distinção (ou não) entre homonímia e polissemia. Vimos que alguns autores consideram importante distinguir esses fenômenos, mas vimos também que é possível tratá-los apenas como fenômenos de ambigüidade, especialmente quando se quer observá-los ou utilizá-los como recursos expressivos.

Observamos que a ambigüidade pode ter diferentes naturezas, e a homonímia e a polissemia inserem-se nos casos de ambigüidade lexical.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

1. Observe a imagem e o texto e diga se a palavra está apropriada ao contexto. Justifique.



Figura 6.6

2. Aponte as relações estabelecidas entre as palavras:

a) O que o fósforo falou para o cigarro? Por sua causa, perdi a cabeça (Adaptado de: <http://www.piadasnet.com/piada10adivinhas.htm>)

b) Qual o estado do Brasil que queria ser carro? Sergipe (ser jipe) (Adaptado de: <http://www.piadasnet.com/piada1746adivinhas.htm>)

c) Qual é o bicho que anda com as patas? O pato (Adaptado de: <http://www.piadasnet.com/piada4adivinhas.htm>)

Resposta comentada

1. A palavra não está apropriada, pois “sexta” não faz sentido nesse contexto. Trata-se apenas, na verdade, de um jogo de palavras intencional, uma piada (ao lermos, concentramo-nos na pronúncia, que é igual à de “cesta”) e o que permite esse trocadilho é a pronúncia igual, o fato de que sexta e cesta são homônimos imperfeitos: têm pronúncia igual, mas grafias e sentidos diferentes. Nesse caso, há uma intencionalidade, um desejo de causar efeito de humor, mas deve-se ter cuidado, pois a semelhança entre homônimos imperfeitos pode induzir a erros nãointencionais de grafia ao redigir textos.

2. a) *Perder a cabeça* é uma expressão idiomática. Os itens *perder* e *cabeça* são polissêmicos.

b) Ser jipe e Sergipe são homônimos.

c) *Patatas* é uma palavra homônima: fêmea do pato; pé de animal.

Resumo

Nesta aula apresentamos a diferença entre homônimos e parônimos. Homônimos são palavras que apresentam a mesma pronúncia, mas sentidos diferentes. Já os parônimos apresentam pronúncias apenas semelhantes.

Também revisitamos, brevemente, a polêmica discussão sobre a fronteira entre homonímia e polissemia e relacionamos esses fenômenos à ambiguidade. A controvérsia em relação à distinção entre homonímia e polissemia se dá, principalmente, quando um mesmo fenômeno é analisado do ponto de vista sincrônico, pois pode ser considerado caso de homonímia em alguns dicionários, aparecendo como diferentes entradas lexicais, e de polissemia em outros, em que aparece como uma única entrada lexical. Passou-se, então, a tratar os casos de homonímia e polissemia como ambiguidade lexical. Ullmann (1987) afirma que o limite entre homonímia e polissemia realmente é sutil e propõe, para fins de distinção, que se observe o surgimento, na língua, da(s) palavra(s) envolvida(s). Entretanto, ainda assim, muitas vezes a diferença não fica clara, pois há casos em que a polissemia é reinterpretada como homonímia e vice-versa. Não poderíamos deixar de mencionar o debate em torno da diferenciação entre homonímia e polissemia, mas, por questões de objetivo e espaço, não tratamos o tema de forma exaustiva. A polissemia é o tema central da próxima aula.

Partimos das definições de homônimos e parônimos nas gramáticas e em algumas obras de orientação linguística e percebemos que:

- a) há tipos diferentes de homônimos: imperfeitos (mesma pronúncia, mas grafias diferentes); perfeitos (mesma pronúncia e grafia); homógrafos (pronúncias diferentes, mas grafias iguais).
- b) existe uma controvérsia em relação aos homógrafos: Mattoso Câmara e alguns outros autores não os consideram homônimos por não terem a mesma pronúncia. Segundo eles, ter a mesma pronúncia é uma condição *sine qua non*, isto é, imprescindível para um fenômeno ser classificado como um caso de homonímia.
- c) parônimos e vocábulos de grafia dupla não se confundem: embora em ambos os casos ocorram pronúncias e grafias semelhantes, parônimos têm sentidos diferentes enquanto vocábulos de dupla grafia têm sentidos iguais.

Por fim, mostramos o uso de itens ambíguos (vocábulos homônimos e polissêmicos) com propósitos estilísticos. Vimos como esses itens po-

dem formar jogos de palavras, originar trocadilhos que podem tanto ocasionar mal-entendidos quanto ser usados intencionalmente, por exemplo, em anúncios publicitários, para atrair a atenção do público-alvo através do humor, da ironia etc.

Informação sobre a próxima aula

Na nossa próxima aula, veremos com mais profundidade o tratamento dado a um assunto ao qual fizemos uma rápida menção neste capítulo: a polissemia.

Aula 7

As armadilhas da língua: um estudo sobre polissemia e ambiguidade

Meta

Apresentar os conceitos de polissemia e ambiguidade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer casos de ambiguidade e o que a gera;
2. conceituar polissemia, distinguindo-a de homonímia.

Introdução

Quando aprendemos uma língua, internalizamos as regras que a regem. Assim, qualquer falante é conhecedor de sua língua materna de tal modo que é capaz de resolver ambiguidades em sentenças sem que as tenha aprendido um dia, ou de construir tais sentenças de determinada maneira e não de outra.

A ambiguidade define-se, pois, em função das regras gramaticais. Quando uma frase possibilita duas interpretações, semânticas ou sintáticas, ela é considerada ambígua. Desse modo, temos a ambiguidade léxica gerada pela homografia, como nos exemplos a seguir:

1. A *casa* é azul.
2. Meu irmão se *casa* amanhã.

Nos exemplos 1 e 2, a ambiguidade é exclusivamente semântica. Agora observe o exemplo 3:

3. Entrei no *trem andando*.

Esse enunciado apresenta uma ambiguidade que é sintática em razão da construção feita.

Nesta aula, trataremos de ambiguidade e polisemia, comentando os problemas de entendimento que surgem em função dessas questões.

Sobre ambiguidade

Segundo Ullmann (1964), linguisticamente, existem três tipos principais de ambiguidade: fonética, gramatical e lexical. A *ambiguidade fonética* é resultado da estrutura fonética da frase, uma vez que a unidade acústica da linguagem pronunciada sem interrupção pode provocar homonímia.

Como exemplo de ambiguidade fonética, podemos citar:

- 1.

Sal *a gosto*?

Especialistas esclarecem 25 dúvidas sobre o consumo de sal, que está associado ao desenvolvimento de doenças e pode deixar de ser considerado substância segura.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0510200606.htm>. Acesso em: 20 ago. 2014).

2.

Sambinha a gosto de Deus, ou melhor, de São Pedro...

18 de março de 2010

Nesta quinta-feira um grupo de samba de Belo Horizonte pode contar com uma participação especialíssima no seu show. O pessoal do Briga de Galo tem apresentação marcada para as 19h30 no *A Gosto de Deus* Butiquim, contudo eles só entram na roda se São Pedro estiver em ritmo de samba. A questão é a seguinte: como a apresentação é feita ao ar livre, o samba só acontece se o céu não desabar. Como o grupo tem um excelente repertório e músicos de qualidade, vale a pena cruzar os dedos e torcer para que o santo resolva ficar fazendo uma segunda voz ou batucando na caixinha de fósforos, mas caso São Pedro resolva roubar a cena, o sambinha fica para a outra quinta.

(Disponível em: <http://ocenosamba.com.br/2010/03/sambinha-a-gosto-de-deus-ou-melhor-de-sao-pedro/>. Acesso em: 20 ago. 2014).

3.

Turnê de *Doctor Who* passará pelo Rio de Janeiro em agosto

Peter Capaldi, Jenna Coleman e Steven Moffat participarão de eventos e entrevistas.

(Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/turne-de-idoctor-who-passara-pelo-rio-de-janeiro-em-agosto/>. Acesso em: 20 ago. 2014).

Nos exemplos 1, 2 e 3 temos a homonímia entre *agosto*, referindo-se ao oitavo mês do ano, e a locução adverbial *a gosto*, que significa “à vontade”, que pode causar ambiguidade, resultado da forma como os termos são proferidos, como um único grupo sonoro.

A respeito das ambiguidades de segmentação, Ilari (2013, p.13) diz o seguinte:

Excetuadas algumas poucas situações (...), as pessoas não costumam separar as palavras, na fala. Separar palavras de um mesmo texto é um hábito que adquirimos com a escrita. Nesse caso, a escrita funciona como uma análise da fala, e facilita nossa leitura. Compare-se, por exemplo, a dificuldade com que lemos a mesma frase em (1), onde não foi feita a separação de palavras, e em (2), onde as palavras foram separadas, como é habitual: em (2) é imediato reconhecer a letra de uma das mais célebres (e mais bonitas) canções brasileiras.

(1) Meu coração não sei por que bate feliz quando te vê e os meus olhos ficam sorrindo...

(2) Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê e os meus olhos ficam sorrindo...



Carinhoso

(Pixinguinha)

Meu coração, não sei por quê
Bate feliz quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo,
Mas mesmo assim foges de mim.

Ah, se tu soubesses
Como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero.
E como é sincero o meu amor,
Eu sei que tu não fugirias mais de mim.

Vem, vem, vem, vem,
Vem sentir o calor dos lábios meus
À procura dos teus.
Vem matar essa paixão
Que me devora o coração
E só assim então serei feliz,
Bem feliz.

Ah, se tu soubesses como sou tão carinhoso
E o muito, muito que te quero.
E como é sincero o meu amor,
Eu sei que tu não fugirias mais de mim.

Vem, vem, vem, vem,
Vem sentir o calor dos lábios meus
À procura dos teus.

Vem matar essa paixão
Que me devora o coração
E só assim então serei feliz,
Bem feliz.

Para ouvir a música, acesse: <http://www.vagalume.com.br/pixinguinha/carinhoso.html>. Acesso em: 20 ago. 2014.



Figura 7.1

Alfredo da Rocha Vianna Filho, conhecido como Pixinguinha, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de abril de 1897, e morreu na mesma cidade, em 17 de fevereiro de 1973. Pixinguinha foi flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro. É considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira, tendo contribuído, diretamente, para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva. Quando compôs *Carinhoso*, entre 1916 e 1917, e *Lamentos*, em 1928, que são considerados alguns dos choros mais famosos, Pixinguinha foi criticado e essas com-

posições foram consideradas como tendo uma inaceitável influência do jazz. Hoje em dia, contudo, são vistas como avançadas demais para a época. Além disso, *Carinhoso*, naquele tempo, não foi considerado choro, e sim uma polca. Pixinguinha morreu na igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, quando seria padrinho em uma cerimônia de batismo.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pixinguinha>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Com relação à *ambiguidade gramatical*, esta pode se originar pela indeterminação da estrutura da frase, gerando sentenças equívocas. Como exemplo, podemos citar: “Yoko Ono falará de seu marido que foi morto em uma entrevista com Jô Soares”. Esse tipo de ambiguidade é desfeito pelo contexto ou pela forma como pronunciamos o enunciado, fazendo as pausas necessárias.

E, finalmente, a *ambiguidade lexical* diz respeito aos casos de polissemia e homonímia. Segundo Ullmann (1964, p. 354), a polissemia pode conduzir à ambiguidade no contato entre as línguas, no uso técnico e científico e na fala vulgar.

No contato entre línguas, a ambiguidade se dá pelo empréstimo semântico. Ainda segundo Ullmann, já citado anteriormente, “o empréstimo semântico, apesar de muito comum em certas situações, não é um processo normal na linguagem cotidiana”.

Como exemplo de ambiguidade provocada por empréstimos de língua estrangeira, podemos citar o uso do vocábulo *bullying*, em inglês, motivando o uso do verbo *bolinar* no sentido de “prática de crueldades com outrem”. Sobre isso, Aldo Bizzocchi diz o seguinte:

Bullying e bolinar: alguma coisa a ver?

O termo “*bullying*” é de introdução recente em português. [...] desde que “*bullying*” passou a circular no vocabulário escolar, estudantes alegam ter sido “bolinados” ou que fulaninho é um “bolinador”. Há algo em comum entre “*bullying*” e o verbo “bolinar”?

A aproximação das duas palavras é uma dessas curiosas peças que a língua, em seus cegos meandros, nos prega, mais ou menos

como a súbita relação que se estabeleceu em italiano entre o substantivo “choc” (choque, de origem francesa) e o verbo “scioccare” (chocar, derivado de “sciocco”, bobo) por causa da pronúncia comum – o “sci” do italiano tem o mesmo som do francês “ch”. Em português, o casamento de “bullying” com “bolinar” foi facilitado pela pronúncia “bulinar”, de longe a mais corrente no Brasil.

O fato é que “bolinar” é palavra bem mais antiga que “bullying” e veio da linguagem náutica. Bolinar é apontar a embarcação na direção do vento, navegar à bolina, de viés. E, segundo o dicionário Michaelis, bolina, do inglês “*bowline*”, é “cada uma de duas chapas de aço ou outras saliências longitudinais semelhantes a uma nadadeira, fixadas uma em cada lado arredondado do fundo do navio para evitar grandes balanços”.

Da navegação, “bolinar” passou ao linguajar sexual, designando, segundo o *Houaiss*, o ato de “apalpar ou encostar-se a uma outra pessoa com fins libidinosos, geralmente de modo furtivo”. Para o *Michaelis*, é “tocar em alguém com intuítos libidinosos”.

Já “bullying” vem do inglês “bully”, definido pelo *American Heritage Dictionary* como uma pessoa habitualmente cruel, especialmente com pessoas menores ou mais fracas. [...]

Mas como “bolinar” assumiu conotação sexual? [...] Perscrutar a origem de expressões populares é um dos grandes desafios da etimologia, já que documentação comprobatória na maioria dos casos não existe. No entanto, eu lançaria mão de um terceiro elemento, o verbo “bulir”, sinônimo de “mexer”, que, como este, também significa “incomodar, importunar, caçoar”. Ora, o bolinador escolar aborrece, importuna, leva à loucura suas vítimas (já houve até casos de suicídio de crianças assediadas na escola); além disso, quando se dirige às meninas, em geral seu assédio envolve sexo: propostas indecorosas, obscenidades cochichadas ao ouvido, apalpadelas...

Essa convergência de sons e sentidos pode ter reunido três palavras de origens tão diversas numa única família semântica: “bullying”, “bulir” e “bolinar”. Caprichos da língua.

(Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/blog-abizzocchi/bullying-e-bolinar-alguma-coisa-a-ver-295937-1.asp>. Acesso em: 20 ago. 2014).

Há casos em que termos nascidos em um contexto técnico-científico passam ao uso comum, provocando confusões e equívocos, como é o caso, por exemplo, do adjetivo *culposo* que, para aqueles que não estão ambientados com a linguagem jurídica, poderia significar que quem pratica ato culposo é culpado pelo delito, sem atenuantes. No entanto,

quando um ato é considerado culposo no jargão jurídico, não há intenção de praticá-lo por parte do autor, havendo, portanto, atenuantes.

Finalmente, a ambiguidade pode ser ocasionada quando uma palavra produz dois ou mais sentidos em um mesmo contexto. Por exemplo: A coisa ficou preta para aquele homem preto, de calça preta.

Voltando à ambiguidade lexical, esta pode se manifestar por meio de três fenômenos: polissemia, homonímia e categorização gramatical.

Trataremos, nesta aula, especificamente da polissemia.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1. Que tipo de ambiguidade podemos encontrar nos enunciados a seguir?

- a) A empregada lavou as roupas que encontrou no tanque.
- b) Comi um churrasco num restaurante que era gostoso.
- c) Estivemos na escola da cidade que foi destruída pelo incêndio.
- d) O juiz declarou ter julgado o réu errado.

2. Como a ambiguidade pode ser solucionada nesses casos apresentados?

3. Explique cada um dos sentidos dos textos a seguir:

a) Texto 1

Um garoto pergunta para o outro:

- Você nasceu em Pelotas?

- Não, nasci inteiro.

b) Texto 2

- Doutor, já quebrei o braço em vários lugares.

- Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses lugares.

c) Texto 3

- Não deixe sua cadela entrar na minha casa de novo. Ela está cheia de pulgas.

- Diana, não entre nessa casa de novo. Ela está cheia de pulgas.

d) Texto 4

O bêbado está no consultório e o médico diz:

- Eu não atendo bêbado.

- Então quando o senhor estiver bom eu volto – disse o bêbado.

Resposta comentada

1. A ambiguidade se apresenta de três tipos: fonética, gramatical e lexical. Em a), b), c), e d), a ambiguidade está sendo gerada pela forma como a frase foi estruturada, ocasionando frases equívocas. Em a), a empregada lavou as roupas no tanque ou lavou as roupas que estavam no tanque? Em b), o churrasco era gostoso ou o restaurante era? Em c), o que foi destruído pelo incêndio: a escola ou a cidade? E, finalmente, em d), entende-se que o réu estava errado ou que o juiz julgou-o erradamente?

2. A ambiguidade pode ser solucionada pela reelaboração das frases. Sugerimos as seguintes estruturas:

- a) No tanque, a empregada lavou as roupas que encontrou.
- b) Num restaurante, comi um churrasco que era gostoso.
- c) Estivemos naquela cidade, na escola destruída pelo incêndio.
- d) O juiz declarou ter julgado o réu erradamente.

3.

- a) O primeiro garoto entendeu que “em pelotas” significa em pedaços, enquanto Pelotas, com inicial maiúscula, se refere ao nome de local.
- b) O médico entendeu lugar como espaço físico, e não corpóreo.
- c) O falante 1 usa o “ela” referindo-se à cadela. O falante 2 pensa que a residência está cheia de pulgas e, dirigindo-se à cadela de nome Diana, adverte que a casa está contaminada.
- d) O profissional viu o estado de embriaguez do paciente e mandou-o embora. O paciente devolveu ao médico o julgamento de embriagado.

Polissemia

Segundo Ullmann (1964, p. 331), “a polissemia é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de maneiras múltiplas”. Nessa mesma obra, o autor lista cinco procedências que poderiam explicitar o fenômeno da polissemia em uma língua, a saber:

- 1. Um dado item lexical pode adquirir um maior número de sentidos graças ao seu posicionamento na frase e aos termos que o circundam. Por exemplo, um adjetivo *x* adquire outro significado dependendo de seu posicionamento com relação ao substantivo que o acompanha. Veja:
 - a) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar a fábrica *nova*.
 - b) Amanhã cedo sairemos em comitiva para inaugurar a *nova* fábrica.

Nos sintagmas “fábrica nova” e “nova fábrica”, a anteposição do adjetivo “nova” não o coloca em função substantiva, ele continua com o comportamento de determinante do núcleo (substantivo) “fábrica”; contudo, há a mudança de sentido. A mudança de posição afeta o campo semântico das orações.

2. As palavras adquirem significados diversos e específicos dependendo do seu campo de ação e de atuação.
3. Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem que haja a perda do seu significado original; os significados convivem lado a lado e não se confundem. Ullmann (1964, p. 338) diz que “esta possibilidade de transposição metafórica é fundamental para a actividade da língua”. Veja o seguinte exemplo: “Ronaldo, com fome, perde a fome de bola”.
4. Há palavras, segundo o mesmo autor, que são homônimas, uma vez que têm origens diferentes, mas os falantes desconhecem esse fato e são incapazes de estabelecer relações de significado entre elas. Casos como esses são raros e imprecisos: “Quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos” (ULLMANN, 1964, p. 340). Como exemplo, podemos citar as palavras “senso” e “censo”. Elas existem na língua portuguesa, possuem a mesma pronúncia, porém seus significados são diferentes. A palavra “senso” se refere a um juízo, um raciocínio e um sentido, bem como à capacidade de apreciar e julgar alguém ou alguma coisa. A palavra “censo”, por sua vez, se refere ao recenseamento da população, ou seja, à contagem e ao levantamento estatístico de dados referentes a um grupo de indivíduos. “Senso” tem sua origem na palavra em latim *sensos*, enquanto “censo” tem sua origem na palavra em latim *census*.
5. Influência estrangeira, em que há a mudança de sentido de uma palavra já existente num sistema linguístico por importação de significado de uma palavra estrangeira. Tende-se à coexistência dos dois significados: o novo e o antigo, dando origem à polissemia.

A polissemia é um fenômeno que está espontaneamente presente em uma língua natural, visto que é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um vocábulo, o contexto pode fazer com que se evite qualquer confusão entre eles.

A frequência de uso de uma palavra está relacionada com a sua polissemia. Como afirma Ullmann, “quanto mais frequente é uma palavra, mais sentidos é possível que tenha” (1964, p. 350). A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a frequência de muitas unidades lexicais, gerando a polissemia.

Para Barbosa (1996, p. 245-249), um significado polissêmico existe quando, num mesmo significante, unem-se vários feixes de **semas** ou **sememas**, que se diversificam pelas combinações diferentes de semas. Dessa forma, um termo polissêmico preserva uma unidade de significado, que é garantida pelo núcleo sêmico comum, o que permite ao falante identificar um único signo linguístico em suas diferentes realizações no discurso.

Para Rehfeldt, “polissemia [...], segundo os próprios componentes (poly + sema + ia), é palavra que comporta várias significações” (1980, p. 77). Para a autora, a arbitrariedade linguística é uma das causas da polissemia e o reaproveitamento de uma mesma unidade linguística pode ser visto como uma deficiência desse sistema, uma vez que não é consenso que ela seja entendida como economia linguística.

Em contrapartida, Bréal relata a superioridade de uma língua capaz de abarcar novas significações para uma palavra já existente, sem, contudo, perder de vista o seu significado antigo e primário. De fato, os novos significados coexistirão, lado a lado, com o antigo. Nesse sentido, diz:

À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a polissemia. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social. (BRÉAL, 1992, p. 103).

Esse mesmo autor atenta para o fato de os diversos sentidos não se misturarem ou se contradizerem, uma vez que são inseridos cada qual em um contexto que precisa e antecipa a sua carga semântica. Assim sendo, um significado só terá sentido em determinada situação, dado que os outros significados não existirão (e não se confundirão) na mente do interlocutor. Com efeito, trata-se de um signo que possui um significante e um significado que são empregados em uma pluralidade de sentidos mais ou menos ampla; a correlação existente entre os diversos sentidos conduz a um mesmo significante (fato esse que diferencia a polissemia da homonímia).

sema ou se-me-ma

(sema + -ema), substantivo masculino [Linguística]. Unidade de significação composta pelo conjunto de semas de uma palavra ou de um morfema?. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/semema>. Acesso em 17 jun. 2014).

Na terminologia da análise sêmica, o semema é a unidade que tem por correspondente formal o lexema; ele é composto de um feixe de traços semânticos chamados semas (unidades mínimas não susceptíveis de realização independente).

O semema de cadeira comporta os semas S1, S2, S3, S4 (“com encosto”, “sobre pernas”, “para uma só pessoa”, “para sentar-se”; observa-se que a adjunção de um sema S5 (“com braços”) realiza o semema de poltrona” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 534).

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Entende-se por *polissemia*:

- a) o conjunto de significados unitários relacionados com uma mesma forma, ou seja, a polissemia consiste em uma palavra que apresenta vários significados.
- b) a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.
- c) o erro no emprego de uma palavra em um contexto inapropriado de interação verbal.
- d) o erro de sintaxe que torna a palavra incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade.
- e) a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete.

2. Observe o diálogo a seguir, criado pelo cartunista argentino Quino, em 2002, e responda:

- Você leu isso? Aqui diz que a TV é um veículo de cultura.
- Um veículo de cultura?
- Se eu fosse a cultura, saltava do veículo e ia a pé.

Nesse diálogo, a palavra *veículo* foi apresentada com dois sentidos. Essa multiplicidade de sentidos que uma palavra pode adquirir, nos vários contextos de uso, recebe o nome de _____.

Explique esse fenômeno.

3. Leia os excertos a seguir.

a)

Rei Juan Carlos da Espanha abdica em favor de seu filho

Príncipe Felipe de Borbón vai assumir o cargo, anunciou premiê. Rei disse que renuncia para ‘abrir uma nova etapa de esperança’.

Em discurso à nação, Juan Carlos, de 76 anos, afirmou que decidiu abdicar em favor do filho para que se possa “abrir uma nova etapa de esperança na qual se combinem a experiência adquirida e o impulso de uma nova geração”. “Decidi colocar fim ao meu reinado e *abdicar da coroa* da Espanha”, informou o monarca, ressaltando “um impulso de renovação, de superação, de corrigir erros e abrir caminho para um futuro decididamente melhor”.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/06/rei-juan-carlos-da-espanha-abdica-em-favor-de-seu-filho.html>. Acesso em 2 jun. 2014).

b)

Professores municipais do Rio fazem enterro simbólico da educação

O magistério municipal está em greve desde 8 de agosto. Em assembleia hoje (9), os professores decidiram manter a paralisação.

Professores da rede de ensino municipal fizeram um enterro simbólico da educação, na entrada principal da Central do Brasil, ao lado da sede da Secretaria de Estado de Segurança. Os manifestantes levaram cruzes pretas e uma *coroa de flores* e se deitaram no chão, em sinal de luto.

(Disponível em: http://www.portalhoje.com.br/homologacao_20052013/cidades/professores-municipais-do-rio-fazem-enterro-simbolico-da-educacao/. Acesso em 21 ago. 2014).

c)

O abacaxi é um fruto-símbolo de regiões tropicais e subtropicais, de grande aceitação em todo o mundo, quer ao natural, quer industrializado: agrada aos olhos, ao paladar e ao olfato. Por essas razões e por ter uma “*coroa*”, cabe-lhe por vezes o cognome de “rei dos frutos”, que lhe foi dado, logo após seu descobrimento, pelos portugueses.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anan%C3%A1s>)

Agora, responda: O que há em comum entre esses sentidos da palavra *coroa*?

4. Imagine que a frase a seguir esteja em um cartaz afixado na parede de uma igreja.

No Dia de Finados, haverá uma missa cantada por todos os mortos da paróquia.

Atenção: “A conjunção *por* é bem polissêmica, podendo significar em favor de, em nome de, além de indicar o agente da ação, na voz passiva.” (Informação disponível na versão eletrônica do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009).

a) Qual sentido assume a frase do cartaz, caso a conjunção *por* seja entendida na primeira acepção? E na segunda acepção?

b) Em uma situação como essa, qual teria sido a intenção do autor do cartaz? Você acha que ele pretendia explorar a polissemia da conjunção *por*, ou o duplo sentido que ela acabou adquirindo foi acidental? Explique.

c) Como você reescreveria a frase do cartaz, de modo que ela só pudesse ser entendida de uma maneira?

d) O que você precisou mudar para eliminar a ambiguidade do cartaz?

Resposta comentada

1. Resposta: (a).
2. Segundo o teórico Rehfeldt, “polissemia (...), segundo os próprios componentes (poly + sema + ia), é palavra que comporta várias significações” (1980, p. 77).
3. Polissemia. A polissemia é um traço fundamental da fala humana, em que um item lexical pode adquirir um maior número de sentidos.
4. A palavra *coroa* apresenta muitas acepções dicionarizadas. Do latim *corona*, deu origem a coroa, que pode se referir a: distintivo de nobreza, grinalda de flores que exprime saudade por um morto, folhas do abacaxi, parte do dente ao redor do alvéolo, face de uma moeda, oposta à cara, pessoa idosa, dentre outras acepções. Como são extensões de uso de uma palavra que possui uma única origem, há algum traço semântico que pode ser encontrado nessas variadas acepções. O sentido que pode ser percebido relacionando essas acepções é o de ornamento distintivo digno de reis.
 - a) Se entendermos *por* como “em favor de”, a frase do cartaz conduzirá ao entendimento de que a missa será rezada em favor dos mortos. No entanto, se a conjunção for entendida como “indicativo do agente da ação”, o entendimento será de que a missa foi cantada pelos mortos, o que gera uma frase equívoca.
 - b) Provavelmente, a ambiguidade se deu acidentalmente, como, em geral, ocorre, em função da polissemia dos termos nas línguas.
 - c) Para desfazer a ambiguidade e o equívoco, a frase deveria ser escrita da seguinte maneira: *No Dia de Finados, haverá uma missa cantada por todos da paróquia, em favor dos mortos.*
 - d) O que foi preciso alterar foi a posição dos sintagmas, de modo que o sintagma *da paróquia* funcione como especificador de *todos*.



Como distinguir polissemia de homonímia?

Em semântica linguística, ainda existe muita polêmica sobre essas duas relações semânticas na linguagem. Ambas são fenômenos linguísticos de origens diferentes e, embora distintas entre si, contribuem para a ambiguidade lexical. Como Ullmann afirma, “embora a fronteira entre a polissemia e a homonímia seja, por vezes, fluida, os dois tipos são tão distintos que terão de ser considerados separadamente” (1962, p. 330).

Para Lyons (1977a, p. 27), numa definição comum do termo, homônimos são palavras ou lexemas que têm a mesma forma, mas diferem no significado; não apenas por terem significados diferentes, mas por serem completamente estranhos um ao outro é que são homônimos.

Ilari (2002, p. 103 e 152), por sua vez, diz que a homonímia é um fator “potencial” de ambiguidade de nossos textos e que tais palavras são aquelas que se pronunciam da mesma maneira, mas têm significados distintos e são percebidas como diferentes pelos falantes da língua. Quanto à polissemia, esse autor diz que as formas linguísticas admitem extensões de sentido e que a relação polissêmica caracteriza-se pelos diferentes sentidos de uma mesma palavra, percebidos como extensões de um sentido básico.

Apresentaremos agora, de maneira mais detida, alguns critérios de distinção entre polissemia e homonímia, propostos por alguns teóricos especialistas no assunto. Como você verá, em todas as propostas há pontos problemáticos, que podem ser contestados por outras posições teóricas. Não há um único critério a se propor nessa distinção.

Lyons afirma que, a princípio, a diferença entre homonímia e polissemia está na afirmação de que “a polissemia é uma propriedade de lexemas simples” (1987, p. 142). Para esse autor, um dos critérios de distinção entre esses dois fenômenos é o etimológico, uma vez que este seria uma condição para a classificação de formas léxicas como homônimas. Para a linguística sincrônica, entretanto, esse critério é irrelevante: mesmo que duas palavras estejam relacionadas historicamente quanto aos seus significados, sincronicamente o usuário não estabelece relação entre elas, dado que seus significados divergiram de tal maneira a ponto de pensar-se tratar de duas formas completamente diferentes e que nunca estiveram relacionadas antes. Por outro lado, Lyons considera importante a relação entre significados de um item lexical como critério distintivo: os vários significados de um item polissêmico estão relacionados entre si, ao passo que, se não houver nenhuma relação

entre significados, o item lexical deve ser considerado homônimo. O autor acrescenta, todavia, que esse critério é difícil de ser aplicado com segurança e coerência, e afirma, ainda, que a única forma de resolver, ou talvez de delimitar, o problema tradicional da homonímia e da polissemia seja abandonar totalmente os critérios semânticos, na definição do lexema, contando apenas com os critérios sintáticos e morfológicos.

Para Sandmann (1990), podem-se usar três critérios para a distinção de polissemia e homonímia: o etimológico, o semântico e o formal. Dentre eles, destacamos o critério formal, que está relacionado à distribuição das palavras na frase. Segundo ele, se uma unidade lexical puder ser classificada em diferentes classes de palavras, haverá homonímia; caso contrário, preenchendo somente uma mesma classe de palavras, haverá polissemia.

Segundo Câmara Jr. (1985), o critério mais adequado para se distinguir a homonímia da polissemia é o da distribuição das formas. Com isso, uma mesma distribuição de formas em uma frase é sinal de polissemia, ao passo que uma distribuição diferente revela homonímia. No critério distintivo de Câmara Jr., predomina o ponto de vista morfossintático.

Pottier (1968) distingue os dois fenômenos com base na semântica das palavras. Para o autor, nos casos de homonímia, os sememas são independentes uns dos outros, enquanto que, nos casos de polissemia, existe uma interseção de traços significativos entre as formas.

Werner estabelece alguns critérios para que se mantenha a distinção entre a homonímia e a polissemia, com destaque para o critério etimológico e o da “consciência linguística dos falantes” (1982, p. 297-314). Usando o critério etimológico, entende-se que há polissemia quando significados distintos correspondem a significantes iguais, desde que, de um ponto de vista diacrônico, tenham mesma origem. Aplicado o critério com relação à homonímia, dois significados diferentes correspondem a igual significante, desde que, diacronicamente, originem-se de diferentes significantes. Aplicando o critério da consciência linguística dos falantes, existe a polissemia quando na consciência do usuário da língua há uma relação entre os diferentes significados que podem corresponder a somente um significante. Contrariamente, quando o falante não estabelece nenhuma relação entre os diferentes significados de uma única forma, haverá, então, homonímia.

Conclusão

Vimos nesta aula que um dos critérios para a definição de homonímia é o que a considera como um mesmo nome com sentidos diferentes, porque, na sua origem, os diversos sentidos se prendem a segmentos fônicos distintos, que evoluíram para formas sonoras. A existência de um traço comum de significado entre sentidos diversos de uma mesma palavra, por outro lado, caracteriza a polissemia.

==== **Atividade final** ====

Atende aos objetivos 1 e 2

1. As orações a seguir apresentam problemas de ambiguidade. Leia-as e depois responda às perguntas.

a) O deputado conversou com o presidente da Câmara na sua sala.

Na sala de quem foi a conversa?

b) Ela aparecerá brevemente num programa de TV.

Ela ficará pouco tempo no programa ou ela aparecerá daqui a pouco tempo?

c) Especialistas debatem saída para crise em São Paulo.

O debate é em São Paulo ou a crise é em São Paulo?

d) Mutirão contra a violência do governo completa um ano.

O mutirão é do governo ou a violência é do governo?

(Fonte: Exemplos baseados no verbete “ambiguidade” do *Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo*).

2. Leia o trecho inicial de uma crônica de Clarice Lispector. Depois, responda às questões.

Uma esperança

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve o grito abafado de um de meus filhos;

– Uma esperança! E na parede bem em cima de sua cadeira! – Emoção dele que também unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

– Ela quase não tem corpo – queixei-me.

– Ela só tem alma – explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças. [...]

(LISPECTOR, 1999. p. 192. [Fragmento]).

O texto fala de duas acepções da palavra *esperança*. Quais são elas?

Resposta comentada

1. Em todas as frases dadas no exercício número 1, encontramos casos de ambiguidade gerados ou pela estruturação das frases ou pela polissemia ou homonímia dos termos. Em a), o pronome *sua* pode se referir tanto ao deputado, quanto ao presidente. Em b), a ambiguidade sintática é fruto da posição do termo *brevemente* na frase, o que poderia ser solucionado com a sua simples movimentação para o início da mesma. Em c), verificamos o mesmo que ocorreu em b), podendo o problema ser resolvido se trouxermos o adjunto adverbial *Em São Paulo* para o início da frase. Em d) também ocorre ambiguidade sintática: Trazer *do governo* para junto de *mutirão* fará com que este termo não leve ao entendimento de que se liga à violência.

2. A palavra esperança está sendo usada, no fragmento do texto apresentado, com as acepções de “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja, confiança em coisa boa, fé” e “inseto de cor verde”.

Resumo

Nesta aula vimos que, quando aprendemos uma língua, internalizamos as regras que a regem de forma que somos capazes de conhecer profundamente nossa língua materna e, assim, evitamos “as armadilhas da língua”, resolvemos as ambiguidades que podem surgir e estabelecemos relações entre as palavras de modo a estender os usos a outros contextos, possibilitando várias acepções para uma mesma palavra.

Estudando os tipos de ambiguidade que acontecem quando uma frase possibilita duas interpretações semânticas ou sintáticas, Ullmann (1964) aponta a ambiguidade fonética, a gramatical e a lexical. A ambiguidade fonética é resultado da estrutura fonética da frase, uma vez que a unidade acústica da linguagem pronunciada sem interrupção pode provocar homonímia; a ambiguidade gramatical pode se originar pela ambiguidade da estrutura da frase, gerando frases equívocas, e a ambiguidade lexical diz respeito aos casos de polissemia e homonímia. Tratamos, nesta aula, especificamente da polissemia, buscando estabelecer a distinção entre esta e a homonímia.

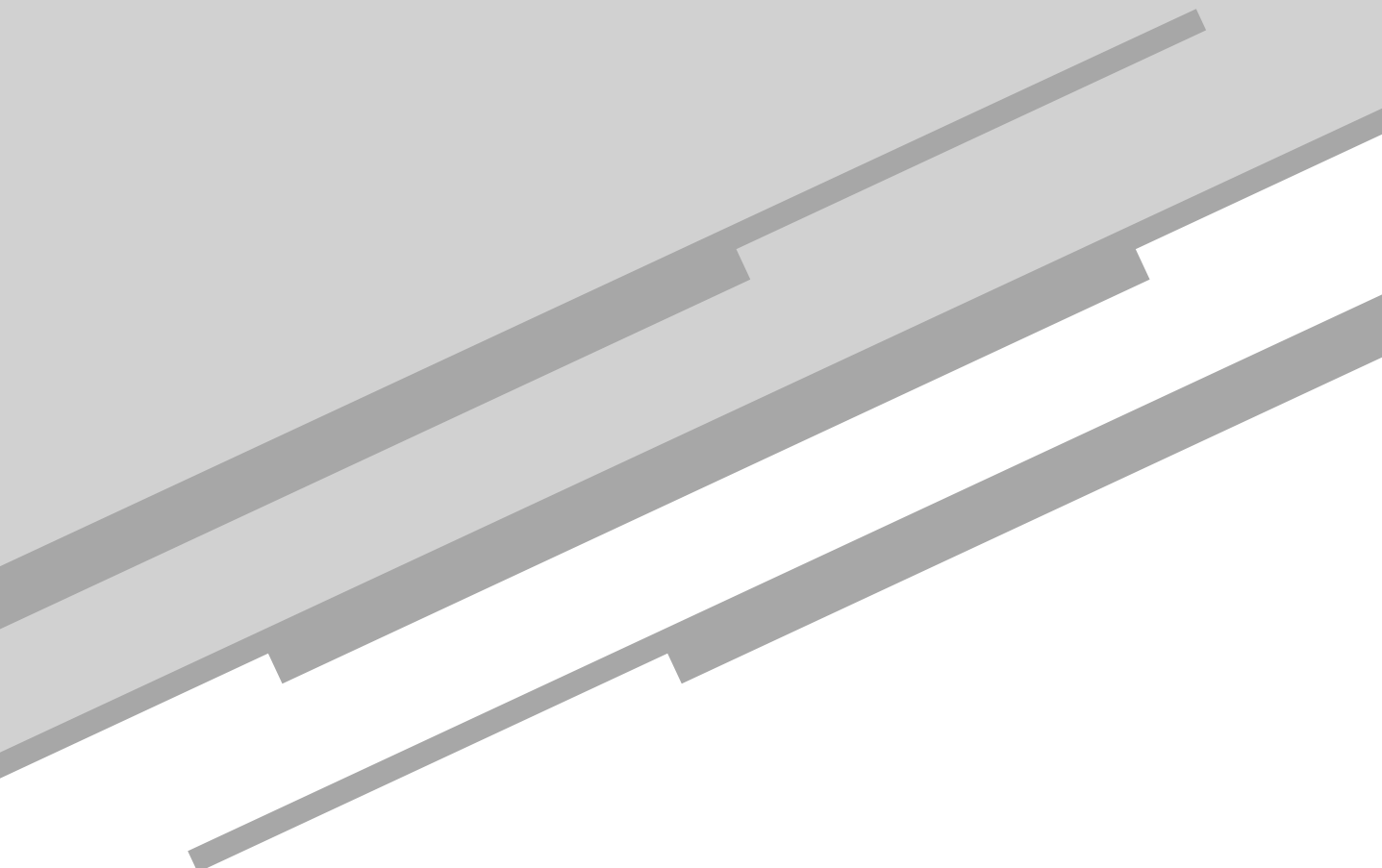
A polissemia é um fenômeno que está espontaneamente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um vocábulo, o contexto pode fazer com que se evite qualquer confusão entre eles. Como exemplo, temos a polissemia do vocábulo boca, que pode ser vista nas frases “O bebê coloca tudo na boca.”, “Rasguei a boca da calça.” e “Bebi na boca da garrafa.”.

Também vimos que, quanto mais frequente é uma palavra, mais sentidos é possível que ela tenha. A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a frequência de muitas unidades lexicais, gerando a polissemia.

Polissemia e homonímia são casos distintos. Em semântica linguística, ainda existe muita polêmica sobre essas duas relações semânticas na linguagem. Ambas são fenômenos linguísticos de origens diferentes e, embora distintas entre si, contribuem para a ambiguidade lexical. Na homonímia, os significados diferentes são expressos por um mesmo nome.

Aula 8

Paráfrase e paródia



Meta

Apresentar a paráfrase e a paródia como formas de manifestação da intertextualidade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar que paródia e paráfrase também se manifestam na linguagem não verbal (pintura, cinema etc.);
2. reconhecer as intertextualidades implícita e explícita presentes em um texto;
3. diferenciar paráfrase de paródia.

Introdução

Leia atentamente os exemplos que seguem, ou melhor, busque escutar as duas versões da música.

País do futebol

(MC Guimê e Emicida)

No *flow*, por onde a gente passa é *show*
Fechou, e olha onde a gente chegou
Eu sou... País do futebol negô
Até gringo sambou, tocou Neymar é gol!

Ô minha pátria amada e idolatrada, um salve à nossa nação
E através dessa canção hoje posso fazer minha declaração
Entre *house de boy*, beco e viela jogando bola dentro da favela
Pro menor não tem coisa melhor e a menina que sonha em ser
uma atriz de novela

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-guime/pais-do-futebol-part-emicida.html#ixzz3P10ts5rb>>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.

Quebrou Neymar, ferrou

(Autor desconhecido)

Jogou, mas a Alemanha humilhou
Não rolou, mesmo com um que o Oscar marcou
Acabou, Brasil de 7 a 1 levou
O time até tentou, mas quebrou Neymar, ferrou

Quase chegou na final mas não foi dessa vez o hexacampeão
Fica pra 2018 pra gente voltar com a taça na mão
Tava bem pra seleção amarela, mas o Neymar foi fraturar a costela
Tudo isso culpa do Zuñiga aquele colombiano Zé Ruela

Disponível em: <<http://letras.mus.br/parodias/quebrou-neymar-ferrou/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2014.

Ao ouvir essas versões o que você percebe de comum entre elas? Ao comparar as músicas *País do futebol* (MC Guimê e Emicida) e *Quebrou Neymar, ferrou* (Autor desconhecido), você percebeu que a segunda ver-

são crítica e ironiza a atuação da nossa seleção na Copa de 2014? Ela usa a forma da primeira música, mas muda seu conteúdo.

Agora leia os trechos a seguir:

Canção do exílio

(Gonçalves Dias)

[...]

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

[...]

Hino Nacional Brasileiro

(Joaquim Osório Duque-Estrada)

[...]

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos lindos campos têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida, em teu seio, mais amores...

[...]

Você reconheceu que o segundo texto imita o primeiro? Desta vez, sem crítica ou ironia, e sim mantendo a ideia original, reafirmando-a.

O objeto de estudo desta aula são as relações entre textos, conforme acabamos de ver entre as duas músicas e os dois poemas apresentados.

Intertextualidade, paráfrase e paródia

Já percebeu o quanto mencionamos, no nosso dia a dia, o que vemos, ouvimos e experienciamos? Geralmente, fazemos referências a textos, quadros, filmes, livros, novelas, personagens históricos, fatos, entre tantas outras coisas... O recurso explícito ou implícito a essas referências chama-se *intertextualidade*. Nesta aula, vamos falar de duas formas específicas de intertextualidade: a *paródia* e a *paráfrase*. Vamos começar a entender esses conceitos.

Você já deve ter ouvido imitações cômicas de músicas, como a que observamos no início da aula. Essas imitações são exemplos de paródias e são bastante comuns. As paródias são recriações de textos (não só letras de músicas) cujas mensagens são alteradas para produzir efeito irônico ou cômico. Elas são uma forma de manifestação da intertextualidade porque fazem referência a textos que já existem.

Humoristas e publicitários, por exemplo, recorrem frequentemente às paródias para, respectivamente, fazer críticas ou divulgar produtos, aproveitando a popularidade de músicas, poemas etc. O fato de esses textos estarem fresquinhos ou sempre vivos na memória da maioria das pessoas (memória textual coletiva) faz com que eles sejam facilmente reconhecidos. Ao identificar esses textos-fonte (textos originais), captamos imediatamente a ironia e a crítica, presentes nos textos derivados, ou memorizamos com mais facilidade o produto que está sendo anunciado com humor. Percebemos a relação dialógica, ou seja, a relação de sentido entre o texto-fonte e a paródia. Voltemos aos exemplos do início da aula comparando a música “País do futebol”, de MC Guimê e Emicida, e o exemplo de paródia feita a partir dela:

PAÍS DO FUTEBOL	QUEBROU NEYMAR, FERROU	PONTO EM QUE CONVERGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Homenageia o jogador de futebol Neymar da seleção de 2014 	<ul style="list-style-type: none"> • Critica a atuação da seleção brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tratam de futebol
<ul style="list-style-type: none"> • Fala da vida difícil e pobre do jogador em comunidade à realização do sonho de se tornar um dos melhores e mais ricos jogadores do país. 	<ul style="list-style-type: none"> • Retrata fatos que levaram o Brasil a perder a Copa de 2014. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Música tema da novela da época. 	<ul style="list-style-type: none"> • Segue as rimas da música original da Copa de 2014. 	

Figura 8.1

Como podemos perceber, a segunda música é uma paródia, pois se baseia na primeira, que é a original, ironizando-a. O autor da paródia escolheu uma música que foi tema de novela e tocou em 1º lugar nas rádios na época, além de tratar do mesmo tema (futebol) que ele queria abordar. Ele também procurou seguir as mesmas rimas da música ori-

ginal. Por outro lado, só conseguimos compreender a ironia desse texto porque conhecemos:



Figura 8.2

Reconhecemos, ainda, a paródia por tratar-se de uma imitação irônica de outro texto.

Além dos textos que imitam outros para ridicularizá-los, como a paródia que acabamos de ver, também há textos que imitam outros, mas mantendo a ideia original e não ironizando, como o *Hino Nacional Brasileiro* que, conforme vimos, imita a *Canção do exílio*. Esse tipo de recriação chama-se paráfrase. Enquanto na paródia temos uma mesma forma, com conteúdo diferente (como humor ou ironia), na paráfrase temos um mesmo conteúdo, mas apresentado de forma diferente. As paródias e paráfrases são algumas das manifestações da intertextualidade. Elas mantêm relações dialógicas, ou seja, relações de sentido, com seus respectivos textos-fontes, pois refletem, de algum modo, as formas e/ou conteúdos desses textos.

Paródia e paráfrase: origem dos termos

A paródia já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média, embora tenha recebido muita atenção a partir do século XIX. O sentido etimológico do termo *paródia* vem do grego: *parodía* (*para-ode*) “canto

ao lado de outro canto”, algo como um contracanto, ou seja, a palavra possui uma origem musical (SANT’ANNA, 2007). O termo se desenvolveu ao longo do tempo e hoje a paródia é tratada como manifestação da intertextualidade.

O desenvolvimento do termo está ligado à especialização da literatura, assim como ocorreu com a arte de um modo geral, que passou a usar cada vez mais a **metalinguagem**. Por exemplo, após o advento da fotografia, a pintura passou de “retrato da realidade” à abstração; já a literatura, com o advento do jornalismo e de outras formas de comunicação, voltou-se para si mesma, mesclando formas e estilos. Resumindo, as diferentes linguagens passaram a dialogar não com a realidade, mas com elas mesmas, com suas próprias características, técnicas, estilos etc. Vejamos um exemplo de metalinguagem e abstratização na pintura:



Figura 8.3: *As meninas*, de Diego Velázquez (1656). O próprio pintor se encontra à esquerda do quadro, retratando a realidade.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Las_Meninas,_by_Diego_Vel%C3%A1zquez,_from_Prado_in_Google_Earth.jpg

Temos aqui uma famosa pintura espanhola, que mostra o próprio Velázquez pintando a corte espanhola, ou seja, uma pintura que fala de pintura: esse é um exemplo de metalinguagem. Podemos também

Metalinguagem

Uso de uma linguagem para falar dela própria. Por exemplo, as gramáticas usam metalinguagem, pois lançam mão da língua para descrever ou explicar fenômenos da própria língua. A metalinguagem também pode ocorrer na música, no cinema, no teatro etc. É o caso, por exemplo, de uma peça teatral cujo tema seja teatro.

perceber que essa tela é quase uma fotografia, pois retrata as pessoas em um determinado momento, a realidade reproduzida do modo mais fiel possível. Esse quadro, portanto, também é um exemplo da pintura como retrato da realidade, o que era bastante comum naquela época (1656). Agora observe o quadro a seguir:



Figura 8.4: *As meninas*, de Pablo Picasso (1957). Observe que os personagens estão no mesmo cenário e posições dos personagens da obra original de Velázquez, mas com os traços característicos de Picasso.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:PabloPicasso_Meninas.jpg

Formalistas russos

Membros do formalismo russo, ou crítica formalista, influente escola de crítica literária na Rússia de 1910 a 1930, cujo objetivo é estudar a linguagem poética. Fazem parte Mikhail Bakhtin, Yuri Tynianov, Viktor Chklovsky, Roman Jakobson, entre outros autores, que estabeleceram o estudo da especificidade e da autonomia da linguagem poética e literária. Seus membros são considerados os fundadores da crítica literária moderna.

Adaptado de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Formalismo_russo

Esta é uma das releituras feitas por Picasso do quadro de Velázquez. Entretanto, diferentemente do quadro original que o inspirou, este não reproduz fielmente a realidade. Picasso fez uma recriação e, para isso, lançou mão dos elementos da própria pintura (cor, luz, formas geométricas etc.), embora tenha mantido os mesmos personagens e cenário. Nessa época (1957), as pinturas já haviam se tornado mais abstratas.

Mikhail Bakhtin, importante filósofo e **formalista russo**, refinou o conceito de paródia em 1928, em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Ele só teve seus trabalhos traduzidos e publicados no Ocidente quase 50 anos depois, mas é, ainda hoje, a maior referência em estudos sobre paródia. Fiorin, em *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, lembra a definição do pensador russo: “a paródia é uma imitação de um texto ou de um estilo que procura desqualificar o que está sendo imitado, ridicularizá-lo, negá-lo” (FIORIN, 2008, p. 42).

O objetivo da paródia é mudar o sentido original, mas procurando manter a forma. Na linguagem verbal, ou seja, em se tratando de textos orais ou escritos, isso é feito selecionando-se palavras-chave ou frases sobre o tema escolhido e um texto-fonte conhecido que tenha as mesmas palavras-chave / frases (ou alguma que rime com elas). Em seguida, substituem-se as palavras / frases do texto-fonte pelas suas, sobrepondo os textos (fonte e derivado), como veremos mais adiante.



Apesar de a paródia ser mais conhecida pelos estudos de Bakhtin, na verdade, Tynianov já havia abordado o tema 10 anos antes. Bakhtin, no entanto, não menciona seu colega formalista. Viktor Chklovsky também é apontado como precursor de suas ideias, embora o próprio Bakhtin também não o cite. Não se sabe ao certo por que ele não se referiu a seus colegas, mas acredita-se que isso possa estar relacionado à própria censura que sofreu e o obrigou, inclusive, a usar pseudônimos e até nomes de companheiros.

Fiorin (2008) apresenta um breve e interessante capítulo sobre a vida de Bakhtin, incluindo o problema da autoria e o da ordem (data) de publicação de suas obras, que trouxeram consequências e abrem discussões até hoje. Vale a pena conferir!

FIORIN, J. “Vida e obra” (cap. 1). In: *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008 [2006]. p. 9-17.

O termo *paráfrase*, diferentemente de *paródia*, não apresenta uma história, mas sabe-se que, no grego, significava “continuidade ou repetição de uma sentença” (SANT’ANNA, 2007, p. 17). Atualmente, o termo tem vários sentidos, e, além da linguagem não verbal, é um fenômeno tratado também na linguagem verbal, tanto no nível da frase quanto no nível do texto. No nível da frase, temos o exemplo “Ó minha pátria amada e idolatrada, um salve à nossa nação”, da música *País do futebol*, que vimos no início da aula. É um exemplo de paráfrase de uma frase do *Hino Nacional* (“Ó pátria amada, idolatrada, salve, salve”). Já no nível do texto, vimos, também no início desta aula, o próprio *Hino Nacional*, que, por sua vez, parafraseia a *Canção do exílio*.

Porém, seja no nível da frase ou no nível textual, o objetivo da paráfrase é dizer o mesmo (manter o sentido original) de forma diferente. Veremos, mais à frente, que a paráfrase pode ser feita utilizando-se sinônimos (exemplo: mudar > transformar) e nominalizações (transformar verbos em nomes ou o contrário. Ex.: descobrir > descoberta/descobrimiento) e invertendo-se a ordem das palavras (trocando-as de lugar) nas frases, com ou sem alternância da voz verbal (ativa para passiva ou vice-versa. Por ex.: Maria fez o jantar > O jantar foi feito por Maria).

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Segundo Sant'Anna (2007), conceitos como paródia, paráfrase e intertextualidade aplicam-se a outras artes e materiais, como cinema, pintura, histórias em quadrinhos, além de textos. Antes de continuarmos, e com base no que vimos até aqui, como você classificaria a pintura de Picasso: paródia ou paráfrase? Justifique.

Resposta comentada

O quadro de Picasso apresenta intertextualidade, visto que faz referência a um quadro já existente (o de Velázquez). Essa intertextualidade manifesta-se em forma de paráfrase, pois Picasso apresenta o mesmo conteúdo da tela de Velázquez, mas de forma diferente.



Intertextualidade

Como vimos nos exemplos anteriores (tanto na música quanto na pintura e na linguagem verbal), a paráfrase e a paródia estão relacionadas ao estabelecimento de relações e comparações. Por exemplo, na letra de *Quebrou Neymar, ferrou* e do *Hino Nacional Brasileiro*, identifi-

camos a presença de outro texto (**intertexto**) e comparamos, para captar o sentido da recriação: se novo ou igual. Por essa referência a textos já produzidos, ou seja, já existentes, dizemos que a paráfrase e a paródia pautam-se no conceito de intertextualidade. A intertextualidade é um dos temas da Aula 13, por isso, aqui, vamos abordá-la apenas de modo a compreender como ela se manifesta na paródia e na paráfrase.

O termo *intertextualidade* surge a partir da ideia de *dialogismo* de Bakhtin. Bakhtin não usou a palavra *intertextualidade* (cf. FIORIN, 2008, p. 51), mas mencionou relações entre textos e dentro de textos. Foi **Julia Kristeva**, uma semiótica francesa, quem designou a noção de *dialogismo* de *intertextualidade*, em 1967, em uma revista científica francesa, ao chamar de “texto” o que Bakhtin chamava de “enunciado”.

A partir disso, a palavra *intertextualidade* passa a substituir a palavra *dialogismo*, pois o também semiólogo francês **Roland Barthes** difunde o pensamento de Kristeva.

No Brasil, Koch vem dedicando-se, há muitos anos, ao estudo da intertextualidade. Segundo ela, a intertextualidade, em sentido restrito, é “a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (2013, p. 62). Há diferentes tipos de intertextualidade. Vamos tomar por base os conceitos de *intertextualidade explícita* e *intertextualidade implícita*, de Koch (2013 [1997]) e Koch, Bentes & Cavalcante (2008), que nos interessam nesta aula.

A intertextualidade explícita

A intertextualidade geralmente é explicitada através de citações e referências à(s) fonte(s). É comum em resumos, resenhas, traduções etc., mas não somente. Reproduzimos, aqui, um exemplo de intertextualidade explícita, tirado de Koch (2012). Trata-se de um anúncio de um laboratório farmacêutico:

Paixão segundo Nando Reis: “Faz muito tempo, mas eu me lembro, você implicava comigo. Mas hoje eu vejo que tanto tempo me deixou mais calmo. O meu comportamento egoísta, o seu temperamento difícil. Você me achava meio esquisito e eu te achava tão chata. Mas tudo que acontece na vida tem um momento e um destino. Viver é uma arte, é um ofício. Só que precisa cuidado. Pra perceber que olhar só pra dentro é o maior desperdício. O teu amor pode estar do seu lado. O amor é o calor que

Intertexto

Texto (por exemplo, um texto-fonte) que se liga a outro por meio da intertextualidade.

Julia Kristeva (1941-)



Filósofa, escritora, crítica literária e psicanalista búlgaro-francesa. Kristeva tornou-se influente na análise crítica internacional, cultural e teoria feminista após publicar o seu primeiro livro em 1969. Seu trabalho inclui livros e ensaios que abordam intertextualidade e semiótica, nas áreas de linguística, teoria e crítica literária, psicanálise, biografia e autobiografia, análise política e cultural, arte e história da arte.

Roland Barthes (1915-1980)



Escritor e crítico literário francês. Influenciado pelo estruturalismo e por Saussure.

Seus conceitos centrais: Autor: cria um texto apenas pelo poder de sua imaginação. Para ele, o termo tornou-se obsoleto por conta dos insights do mundo moderno.

Scriptor: combina textos preexistentes em novas formas. Para Barthes, toda escrita é uma reescritura.

Adaptado de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Roland_Barthes

aquece a alma. O amor tem sabor pra quem bebe a sua água. Eu hoje mesmo quase não lembro que já estive sozinho. Que um dia eu seria seu marido, seu príncipe encantado. Ter filhos, nosso apartamento, fim de semana no sítio. Ir ao cinema todo domingo só com você do meu lado. O amor é o calor que aquece a alma.” Para Nando Reis, paixão significa estar do seu lado. Para a Pfizer, paixão é o que faz a gente pesquisar as curas para os males que afetam a qualidade de vida dos homens e das mulheres. E a gente faz isso todos os dias. Com paixão. Muito prazer, nós somos a Pfizer (Revista *Veja*, ano 38, n. 44, ed. 1.929. São Paulo: Abril, 2 nov. 2005).

Vemos aqui um exemplo de intertextualidade explícita porque há referência ao autor do texto-fonte, Nando Reis. Interessante apontar que a fonte é uma música de muito sucesso, “Do seu lado”, gravada pela banda Jota Quest, mas foi utilizada aqui como uma conversa, um depoimento.



Assista ao vídeo e ouça a música “Do seu lado”, acessando: <https://www.youtube.com/watch?v=e4LBUMS1Wvo>.

Alusão

Referência a um fato ou personagem conhecido.

A intertextualidade implícita

Na intertextualidade implícita, o leitor / interlocutor tem de recorrer ao seu conhecimento prévio e à sua memória para entender o sentido do texto, pois não há citação expressa ao autor / fonte. É o que acontece nas paródias, em certos tipos de paráfrases e nas **alusões** e ironias. Se o leitor não reconhece o intertexto, perde-se parte ou todo o sentido do texto.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Você conhece a música “Festa da Música Tupiniquim”, de Gabriel, o Pensador? De acordo com o que foi dito até o momento sobre intertextualidade, observe o trecho que segue e comente os tipos de intertextualidade nele presentes. Identifique os personagens, falas, situações etc. e, caso não reconheça alguma dessas informações, faça uma pesquisa na internet ou com amigos que conheçam bem os anos 1980 para descobrir a que se refere.

Festa da Música Tupiniquim

(Gabriel, o Pensador)

(Fonte: <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/30445/>)

Há muito tempo tá rolando essa festa maneira
da música popular brasileira
Ninguém me convidou, mas eu queria entrar
Peguei o 175 e vim direto pra cá pra

REFRÃO:

Festa da Música Tupiniquim
Que tá rolando aqui na rua Antônio Carlos Jobim
Todo mundo tá presente e não tem hora pra acabar
E muita gente ainda tá pra chegar

Na portaria o segurança pediu o crachá do Gilberto Gil
Ele apenas sorriu
Acompanhado por Caetano, Djavan, Pepeu, Elba, Moraes, Alceu
Valença
(Xá comigo! Dá licença! Abre essa porta, cabra da peste)
E foi assim que eu penetrei com a galera do Nordeste

Baby tá na área, senti firmeza! E aí, Sandra de Sá? “Bye, bye, tris-teza...”

Birinight à vontade a noite inteira
Olha o Ed Motta assaltando a geladeira!
Olha quanta gata bonita e gostosa! Olha o Tiririca com uma
negra cheirosa!

Ué, cadê os críticos?! Ninguém convidou? “Barrados no Baile uouou”

Não é festa do cabide, mas o Ney tirou a roupa

Bzzz... Paulinho Moska pousou na minha sopa

Cidade Negra apresentou um reggae nota 100

Tá rolando um Skank também! E o Tim Maia até agora nem pintou

Mas o Jorge Benjor trouxe a banda que chegou “Pra animar a festa”

Resposta comentada

A letra da música apresenta exemplos de intertextualidade implícita e explícita. Implícita porque faz muitas alusões a artistas, músicas, situações etc. Para compreender plenamente o sentido da letra, você precisa reconhecer essas referências e acionar seu conhecimento prévio a respeito delas. Alguns exemplos:

- *Música Popular Brasileira* – MPB, um estilo musical;
- 175 – antiga linha de ônibus (atual 308), Central-Barra da Tijuca. Passava pela Zona Sul, onde muitos compositores moravam e se encontravam, principalmente os do estilo “bossa nova” (MPB);
- Antônio Carlos Jobim – refere-se ao famoso cantor e compositor de MPB, um dos criadores da “bossa nova”;
- Alceu Valença (*Xá comigo! Dá licença! Abre essa porta, cabra da peste*) – Alceu Valença é um cantor pernambucano. Pernambuco é um estado do Nordeste em cujo dialeto é comum referir-se a outra pessoa como “cabra da peste”;
- Ed Motta é um cantor que tem sobrepeso, por isso a referência ao “assalto à geladeira” (comer muito);

- “E o Tim Maia até agora não pintou” – refere-se à fama do cantor Tim Maia de não comparecer até aos seus próprios shows;
- “Barrados no Baile uouou” – refrão da música de Eduardo Dusek.

Há, também, exemplos de intertextualidade explícita, já que, em alguns trechos, o compositor recorre a citações, mencionando os autores. Por exemplo:

- *Sandra de Sá?* “Bye, bye, tristeza...”;
- *Mas o Jorge Benjor trouxe a banda que chegou* “Pra animar a festa”

Essas são algumas das referências. Gabriel, o Pensador, usa essa intertextualidade para homenagear a Música Popular Brasileira e seus representantes.



Assista ao vídeo, ouça a música e observe as imagens de algumas das referências mencionadas na letra: https://www.youtube.com/watch?v=Q0lgzWP_iV0.

Outros exemplos de paráfrase e paródia

Observemos outros exemplos de intertextualidade implícita a partir do texto-fonte, *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias:

Canção do exílio

(Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras
 Onde canta o sabiá,
 As aves que aqui gorjeiam
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá.

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

**Canção do exílio
facilitada**

(José Paulo Paes)

lá?

ah!

sabiá...

papá...

maná...

sofá...

sinhá...

cá?

bah!

Vemos um exemplo de um poema frequentemente parafraseado e parodiado: *A canção do exílio*, que enaltecía a pátria, os valores brasileiros (“lá”) em detrimento dos portugueses (“aqui”, onde o autor se encontrava “exilado”). A partir do suporte desse texto como fonte, foi atribuída uma nova “roupagem”: em *Canção do exílio facilitada*, as palavras foram modificadas, mas manteve-se, no novo texto, a mesma ideia contida no original. “Lá” é a terra distante, de que o autor tem saudade, e “cá” o lugar onde está e insatisfeito. Paes apenas disse o mesmo com outras palavras (e bem menos palavras). Portanto, elaborou uma paráfrase.

Agora observe um trecho de outra “versão”:

Canto de regresso à pátria

(Oswald de Andrade)

Minha terra tem palmares
 Onde gorjeia o mar
 Os passarinhos daqui
 Não cantam como os de lá.

Aqui Oswald de Andrade inverteu o sentido original, introduzindo uma crítica social a partir de um “trocadilho” com palavras parônimas (palmeiras / palmares [quilombo liderado por Zumbi]) e de “estranhamentos” (“onde gorjeia o mar”). O intertexto é usado de forma irônica, para fazer uma crítica à escravidão; logo, há uma ruptura do texto com o intertexto. Temos, nesse caso, uma paródia.

A paródia também é muito explorada em propagandas. Tem um caráter humorístico e, geralmente, utiliza músicas de sucesso. A letra sofre modificações de modo que o público-alvo memorize-a e adquira o produto, serviço ou ideia. Um exemplo é o da propaganda da marca Assolan, para a qual foi parodiada a música “Festa no apê”, do cantor Latino:

Original	Paródia
Hoje é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalelê ...	A família não para de crescer, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno
[...] Chega aí, pode entrar, quem tá aqui, tá em casa	Lã de aço, tem esponjas, panos multiuso, saponáceos
Hoje é festa lá no meu apê, pode aparecer, vai rolar bundalelê [...]	Hoje é festa na casa e no apê, usou, passou, limpou, é Assolan fenômeno

Figura 8.5



Assista à propaganda de Assolan no link: <http://www.youtube.com/watch?v=oTgOchYHYDU>.

Atividade 3

Atende ao objetivo 3

Observe o trecho a seguir, pesquise sua origem e diga se se trata de paráfrase ou de paródia do texto-fonte. Justifique.

A Toyota

(Maria da Penha)

Eu sou feita de aço
Aço, matéria morta
Mas, não há coisa no mundo
Mais viva que uma Toyota.

Eu ando devagarinho
para carregar o velhinho

Eu ando com cuidado
pra ninguém ficar com o nariz quebrado
Eu ando com toda velocidade
Pra dar um rolé pela cidade
Eu ando desconfiado
quando carrego um deputado.

Só não ando com essa gente
Que é metido a rico
Diz que Toyota é carro velho
Que não paga esse mico.

Eu sou muito inteligente!
Pois não deixo ninguém a pé
Carrego o pobre, carrego o rico
carrego até sua colheita de café.

Disponível em: <http://peinharrebonato.blogspot.com.br/>

Resposta comentada

O texto tem como fonte o poema “A porta”, de Vinícius de Moraes, e trata-se de uma paráfrase, pois a ideia do texto original foi mantida, porém foi reescrita com outras palavras.

Conclusão

A intertextualidade é uma forma de absorção de outros discursos e pode ocorrer de maneira explícita (discurso direto, aspas etc.) ou implícita (pela *paráfrase* e pela *paródia*, entre outras formas).

Saber reconhecer a presença de outro texto (intertexto) em um texto é muito importante para que se depreenda plenamente seu sentido. O leitor / interlocutor deve acionar o conhecimento prévio em sua memória para buscar o sentido de um texto. Além disso, deve estar sempre atento ao fato de que, ao estabelecer as relações intertextuais, o autor pode ter alterado o sentido do texto original no texto que produziu.

==== **Atividade final** =====

Atende aos objetivos 2 e 3

Crie uma versão parodiada de um poema ou música de sua preferência. Para isso, siga os seguintes passos:

- a) estude o assunto que você quer usar como tema e escreva em um papel palavras-chave relacionadas e/ou algumas frases simples;
- b) leia em voz alta e veja se alguma palavra ou frase lembra alguma música ou poema conhecido ou tente achar uma música (ou poema) que tenha a mesma palavra-chave ou que rime com ela;
- c) vá trocando as palavras, encaixando, o máximo possível, as frases do assunto escolhido.

Algumas músicas e poemas também podem ativar temas/assuntos na nossa mente. Então, se preferir, você pode mudar a ordem dessas etapas e começar pelo passo (b), ou seja, partir da música/poema para ativar um assunto.

Resposta comentada

Texto-fonte: **Esse cara sou eu**

(Roberto Carlos)

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/esse-cara-sou-eu.html>)

O cara que pensa em você toda hora
Que conta os segundos se você demora
Que está todo o tempo querendo te ver
Porque já não sabe ficar sem você
[...]
Eu sou o cara certo pra você
Que te faz feliz e que te adora
Que enxuga seu pranto quando você chora
Esse cara sou eu
[...]

O canalha sou eu

(Paulo Issler)

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/paulo-issler/o-canalha-sou-eu-parodia-esse-cara-sou-eu.html>)

O cara que engana você toda hora
Que conta os segundos para ir embora
Que nunca tem tempo de sair com você
Pensa numa desculpa e vai pra esquina beber
[...]
Não sou o cara certo pra você
E apesar de tudo “cê” me adora
Corre atrás de mim de hora em hora
O canalha sou eu
[...]

Como podemos perceber, o segundo texto ironiza o texto-fonte (*Esse cara sou eu*), que descreve o homem ideal. A paródia descreve o homem “canalha”. A palavra-chave do original (“cara”) assemelha-se à da paródia (“canalha”). Além disso, várias frases do original tiveram seus conteúdos modificados. O autor substituiu palavras e expressões, subvertendo o sentido original. Por exemplo: o “cara” - *pensa em você toda hora; conta os segundos se você demora; está todo o tempo querendo te ver; não sabe ficar sem você; é o certo pra você; enxuga seu pranto quando você chora*. O “canalha” - *engana você toda hora; conta os segundos para ir embora; nunca tem tempo de sair com você; pensa numa desculpa e vai pra esquina beber; não é o cara certo pra você*.



Quer mais dicas e exemplos de como fazer uma paródia? Acesse o *blog*: <http://blogdivertido.blogspot.com.br/2011/06/como-fazer-uma-parodia.html>.

Resumo

A proposta desta aula foi apresentar a paráfrase e a paródia como fenômenos relacionados à intertextualidade. A intertextualidade é a referência, nos textos, a textos preexistentes. É um assunto muito abordado e, como percebemos nesta aula, manifesta-se não só na linguagem verbal como também na não verbal, sendo, então, de interesse também de outras áreas como pintura, jornalismo, cinema etc.

Há vários tipos de intertextualidade. Nesta aula sobre paródia e paráfrase vimos a diferença entre intertextualidade explícita e implícita. A intertextualidade é explícita quando há menção ao texto-fonte e é implícita quando essa fonte não é citada. Na intertextualidade implícita, o leitor/interlocutor tem de ter conhecimento prévio da fonte e recorrer à sua memória para entender o sentido do texto atual. Paródias e paráfrases são manifestações desse tipo de intertextualidade.

Paródias e paráfrases são recriações de textos que já existem. Por isso seu caráter intertextual. Em geral, tanto nas paródias quanto nas paráfrases, a fonte não é mencionada (intertextualidade implícita) e, se o leitor não reconhece o intertexto (texto-fonte), perde parte ou todo o sentido do texto. Nas paródias, os sentidos são alterados para produzir efeito irônico ou cômico. Nas paráfrases, a ideia é não alterar o sentido.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, trataremos das relações de significados entre itens lexicais.

Aula 9

Os campos semânticos lexicais

Meta

Apresentar o conceito de campo semântico lexical.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer palavras de mesmo campo lexical;
2. identificar palavras de mesmo campo semântico;
3. reconhecer as relações paradigmáticas que podem existir entre um item do vocabulário e outros itens representantes da mesma categoria.

Introdução

O idioma dispõe de palavras e expressões pertencentes ao campo lexical e ao semântico que variam de sentido e de valor de acordo com a época, com a situação comunicativa, com a intenção e com o contexto em que foram empregadas.

Nesta aula, vamos tratar, especificamente, do campo lexical. Para tanto, começaremos a próxima seção com a definição de *léxico*.

Campo lexical

O que é léxico? Para compreendermos bem o tema de nossa aula, é necessário que comecemos com a definição da palavra léxico. Em uma consulta a dois dicionários, encontramos o seguinte:

(1) lé.xi.co

(cs) sm (grlexikón)

1. Conjunto das palavras de que dispõe um idioma.
2. Dicionário abreviado.
3. Dicionário, de formas raras e difíceis, peculiares a certos autores; glossário.
4. Dicionário de línguas clássicas antigas.
5. O mesmo que dicionário e vocabulário. Adj. V. análise léxica.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=l%E9xico>

(2) (lé.xi.co) sm.

1. Ling. Próprio das palavras ou referente a elas; LEXICAL.
2. Ling. O repertório de palavras de uma língua ou de um texto; VOCABULÁRIO.
3. P. ext. Obra de compilação de uma parte (reduzida ou extensa) dos vocábulos de uma língua e seus significados; DICIONÁRIO.
4. Dicionário de antigas línguas clássicas.
5. P. ext. Relação de palavras us. por um autor ou por uma escola ou movimento literário.
6. Ling. Conjunto dos lexemas da língua (proposto por Saussure), oposto ao conjunto de vocábulos.

7. P. ext. Gram. Componente da gramática internalizada de um falante que abarca todo o seu conhecimento das palavras (esp. sua pronúncia, significação e emprego numa sentença).

[F.: Do gr. leksikós, e, on.]

Fonte: <http://aulete.uol.com.br/l%C3%A9xico>



Como todas as palavras, o termo em análise apresenta mais de um significado. Tomemos, portanto, para fins de entendimento do assunto desta aula, o seguinte significado de léxico: “Conjunto de palavras usadas em uma língua ou em um texto”.

Léxico, portanto, pode ser definido como o conjunto de palavras de uma língua ou um texto à disposição de seus falantes para fins comunicacionais.

Nenhum falante tem o domínio completo do léxico da língua que fala, porque, além de muito amplo, - este é um conjunto aberto, ou seja, a cada dia surgem palavras novas (neologismos) que a ele se incorporam, além de palavras que dele desaparecem. Palavras nascem e palavras morrem. Acerca das palavras que desapareceram do português, leia o que diz Álvaro Silva (2005):

[...] Lá pelos idos de 1214, o nobre D. Lourenço Fernandes da Cunha pôs no papel (ou, melhor, num papiro irregular de 15 por 30 centímetros) os vexames que havia sofrido. O documento, conhecido como *Notícia de Torto*, é um dos cinco mais antigos textos escritos em português. Em 55 linhas, D. Lourenço reclamava da violência dos filhos de Gonçalo Ramires. Num trecho, o nobre diz o seguinte: “[...] fur(u) a Ueraciamazaruli os om(ée) s”*. Alguém entende?

E olha que isso é português, como o nosso. O período de transição entre o latim e a nova língua já havia passado – foi entre os séculos 9 e 11. Acontece que 23% dos velhos termos desapareceram mesmo do português. Uma comparação entre o Dicio-

nário Houaiss, com 228 mil verbetes, e o Dicionário de Verbos do Português Medieval (DVPM), projeto da Universidade de Lisboa que cataloga as palavras usadas nos primeiros textos da língua, mostra ainda que outros 3% dos verbos são classificados como arcaicos, antigos ou obsoletos. E mais 1% é tido como de uso raro.

Tirar palavras em desuso do dicionário é comum em diversos idiomas. A Espanha, por exemplo, passou por uma reforma ortográfica severa. Em 1999, diversos verbetes foram excluídos da língua espanhola [...]

Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/palavras-tambem-morrem-434247.shtml>.

Estes termos usados nos idios de 1200 sumiram ou foram modificados:

Assunar: juntar, pôr(-se) junto, unir(-se), reunir(-se).

Amazar: matar, tirar a vida (de alguém) intencionalmente, assassinar.

Chuiva: Chuva, fenômeno que resulta da condensação do vapor de água contido na atmosfera em pequenas gotas que, quando atingem peso suficiente, se precipitam sobre o solo muito próximas umas das outras.

Encartado: condenado, que ou o que se condenou.

Geolho: joelho, articulação da coxa com a perna.

Mesurado: moderado, que se moderou, comedido.

Osmar: calcular, determinar o valor.

Suso: acima, em direção a lugar ou parte superior, ascensionalmente.

Trevudar: pagar imposto.

Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/palavras-tambem-morrem-434247.shtml>.

Já quanto aos *neologismos*, pode-se dizer que são todas as palavras que não existiam e passaram a existir e incorporar o léxico da língua. É comum surgirem nomes novos para objetos novos, como, por exemplo, os termos tecnológicos: computador, tuitar, embedar, upar, deletar etc.

Pode ser uma aquisição de palavras pertencentes a outra língua, como em alguns dos termos na informática citados. Podem ainda surgir

na mídia, em razão de uma jogada de *marketing*, como é o caso de *churrascabilidade* e *bebabilidade* nas propagandas da Skol.



Assista ao comercial “Churrascabilidade”, no canal da Ambev Brasil, no *YouTube*: <https://www.youtube.com/watch?v=ezZn75fTRJA>.

Um exemplo muito citado de neologismo está no poema de Manuel Bandeira que possui esse mesmo título. Leia:

Neologismo (Manuel Bandeira)

Beijo pouco, falo menos ainda.

Mas invento palavras

Que traduzem a ternura mais funda

E mais cotidiana.

Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.

Intransitivo:

Teadoro, Teodora.

Fonte: www.escritas.org/pt/t/11073/neologismos

O léxico de uma língua é virtual. Nele vamos buscar as palavras que pretendemos usar em nossos textos. Quando uma palavra do léxico se materializa em um determinado texto, passa a integrar o seu vocabulário. Dessa forma, podemos dizer *vocabulário de Machado de Assis* ou *vocabulário de Fernando Pessoa* para nos referirmos às palavras do léxico que foram utilizadas por esses escritores.



Na página da Academia Brasileira de Letras, indicada a seguir, você pode acessar o Índice do Vocabulário de Machado de Assis (IVMA), i.e., um apanhado completo das obras em prosa e em poesia do referido escritor: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=649>.

Dentro do conjunto vocabular, podem-se observar campos lexicais que são subconjuntos formados por palavras pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou de interesse. Observe alguns exemplos de campos lexicais:

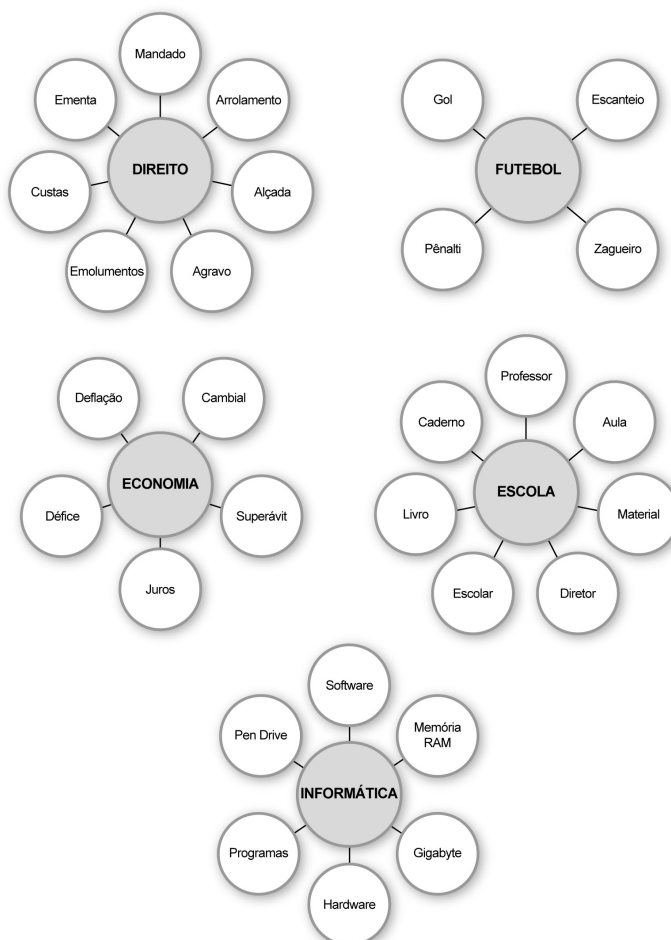


Figura 9.1: Campos lexicais.

Câmara Jr. (1968) apresenta a seguinte conceituação para os termos *campo lexical* e *campo semântico*. Para o autor, campo lexical refere-se à família léxica, palavras que têm em comum a mesma base significativa (raiz), que se multiplica através dos processos de formação de palavras; já campo semântico refere-se à associação de significação para certo número de palavras de distintas bases que se relacionam a um mesmo fenômeno, como, por exemplo, palavras da área da saúde, tais como médico, hospital, remédios, paciente etc.

Em suma, pode-se dizer que formam o campo lexical as palavras que pertencem a uma mesma área de conhecimento ou as que derivam do mesmo radical, como a família de *pedra*: pedregulho, pedreira, pedrinha etc.



Figura 9.2

Como foi visto anteriormente, nesta mesma seção, os campos lexicais não são fixos numa língua, porque estamos sempre criando novos lexemas ou mudando a relação entre os lexemas que formam um campo.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1. Leia com atenção o excerto que se segue:

A tarde já ia muito adiantada quando começou a correr o rumor de que, desde a entrada do novo ano, mais precisamente desde as zero horas deste dia um de janeiro em que estamos, não havia constância de se ter dado em todo o país um só falecimento que fosse. Poderia pensar-se, por exemplo, que o boato tivesse tido origem na surpreendente resistência da rainha-mãe a desistir da pouca vida que ainda lhe restava, mas a verdade é que a habitual parte médica distribuída pelo gabinete de imprensa do palácio aos meios de comunicação social não só assegurava que o estado geral da real enferma havia experimentado visíveis melhoras durante a noite, como até sugeria, como até dava a entender, escolhendo cuidadosamente as palavras, a possibilidade de um completo restabelecimento da importantíssima saúde. Na sua primeira manifestação o rumor também poderia ter saído com toda a naturalidade de uma agência de enterros e trasladações, Pelos vistos ninguém parece estar disposto a morrer no primeiro dia do ano, ou de um hospital. Aquele tipo da cama vinte e sete não ata nem desata, ou do porta-voz da polícia de trânsito, É um autêntico mistério que, tendo havido tantos acidentes na estrada, não haja ao menos um morto para exemplo. O boato, cuja fonte primigénia nunca foi descoberta, sem que, por outro lado, à luz do que viria a suceder depois, isso importasse muito, não tardou a chegar aos jornais, à rádio e à televisão, e fez espevitar imediatamente as orelhas a directores, adjuntos e chefes de redacção, pessoas não só preparadas para farejar à distância os grandes acontecimentos da história do mundo como treinadas no sentido de os tornar ainda maiores sempre que tal convenha (SARAMAGO, 2005, p. 12).

- a) Faça o levantamento, no texto apresentado, sobre as palavras do campo lexical de *enferma*.

- b) Explique o significado da palavra *prescindir* em “Os directores não podem prescindir de bons professores”. Escreva uma frase usando uma palavra ou expressão do mesmo campo lexical de *prescindir*.

Resposta comentada

- a) No texto é possível perceber as seguintes palavras do campo lexical de *enferma*: falecimento, médica, saúde, hospital, morrer, enterro.
- b) *Prescindir* significa dispensar, passar sem algo. Como exemplo de frase com palavra que pertença ao mesmo campo lexical de prescindir, temos: “Cabral abriu mão do cargo para se candidatar a senador”.
-
-
-

Campo semântico

Semântica, como vimos em aulas anteriores, é o estudo dos significados dos vocábulos existentes na língua. E campo semântico, então? Na maioria dos manuais especializados, este é comumente definido como:

- a) O conjunto dos significados de um vocábulo.
- b) O conjunto estruturado de unidades lexicais, expressões lexicalizadas ou outras unidades linguísticas, unidas semanticamente por traços comuns em torno de um conceito-chave.

Se buscarmos o significado do verbo levar nos dicionários, encontraremos as seguintes acepções:

(le.var) v.

1. Fazer passar (de um lugar) para (outro); transportar [tda: Ele levou a poltrona para a sala] [tda + de, para : Levou a estante do escritório para a sala][ta: Este ônibus leva aos subúrbios] [tdi + a, para: A nova tubulação levará gás à população].
2. Restr. Retirar do local, do recinto (em que se encontra o falante), afastando ou conduzindo para outro lugar [td: Levem-no! disse o policial.] [tda: Levem-no daqui!!!].
3. Tirar ou afastar (algo ou alguém) de (determinado lugar) [tda: Levaram as mensagens do escaninho: Depois da confusão, levaram-no do bar].
4. Fazer-se acompanhar de [td: Levou a esposa na viagem].

5. Carregar consigo para dar ou entregar a (alguém); fazer as vezes de mensageiro de algo. [tdi: Levou a carta para o namorado da jovem: Levei-lhe um buquê de flores: Levou um recado para o irmão da amiga].

6. Carregar consigo; transportar, carregar (esp. para uso ou consumo próprio) [td.: Por sorte, levava pouco dinheiro quando foi assaltado].

7. Conduzir, guiar; encaminhar [td: “E deixa a vida me levar / Vida leva eu / Tô feliz e agradeço/ por tudo que Deus me deu” (Serginho Meriti , “Deixa a vida me levar”)] [tda: Levaram -na à sala do diretor].

8. Roubar, furtar [td: Depois que levaram seu carro, passou a andar de metrô].

9. Ser atingido (física ou moralmente) por; ser o alvo de (golpe, ação ou crítica); receber, ganhar [td: Ele vai acabar levando uma surra: O rapaz levou um soco: A menina levou uma bronca] [tdi + de : O menino levou uma repreensão da mãe]

[F.: Do v.lat. *levare*

Hom./Par.: leva(s) (fl.), leva(s) (sf.[pl.]); leve (fl.), leve (a2g. adv.); leves (fl.), leves (pl. de leve [a2g.] e sm pl.). Ideia de ‘que leva’: - fora e - foro.]

Fonte: <http://aulete.uol.com.br/levar>.

Como você pode perceber, o conjunto de acepções do vocábulo *levar* é bem grande; trata-se de um termo polissêmico. Na frase “Ele levava muito dinheiro no bolso”, o verbo *levar* pode ser substituído, dependendo da intenção, por *transportar*, *carregar*. Isso porque transportar e carregar fazem parte do conjunto de unidades lexicais unido semanticamente a *levar*. Mas isso não é polissemia?

Por vezes, confundem-se os conceitos de polissemia e campo semântico. Isso acontece porque campo semântico é um termo ambíguo, podendo significar duas realidades diferentes:

- a) o conjunto de palavras que têm em comum uma área conceitual: livro, revista, jornal, boletim constituem o campo semântico das publicações;
- b) o conjunto das acepções de uma palavra, sobretudo na obra de investigação do linguista francês Bernard Pottier: a palavra *livro* define-se como objeto normalmente de papel, constituído por uma capa e folhas; um texto ou conjunto de textos que se encontram escritos nesse objeto etc.

É justamente nessa última acepção que os termos se confundem. Câmara Júnior (1986, p. 157) define campo semântico como “associações de significação para um certo número de semantemas, como os termos para cor, partes do corpo animal, para os fenômenos meteorológicos etc.” Ficaremos com essa definição de Câmara Jr.

É importante salientar, então, que formam campos semânticos palavras como *flor, jardim, perfume, terra, espinho*. Embora não pertençam a um grupo delimitado, há uma associação evidente entre elas.

Além disso, as palavras podem pertencer a mais de um campo semântico. O vocábulo *laranja* pode pertencer ao campo semântico das cores, das frutas, da corrupção etc. Observe os seguintes contextos:

a)

Decoração laranja: dicas e fotos para deixar a casa mais bonita.

Decoração laranja: arquiteta dá dicas de como decorar a casa usando o laranja sem cair na cafonice.

Depois que a Pantone definiu Tangerine Tango como “a” cor do momento, arquitetos e decoradores antenados trataram de usar e abusar do tom alaranjado em seus projetos. Rapidamente o que já vinha sendo usado com timidez ganhou mais espaço na casa, colorindo móveis e objetos de decoração. Confira abaixo uma galeria com fotos inspiradoras para decorar a casa com a cor laranja (Bruna Capistrano).

Fonte: <http://gnt.globo.com/casa-e-decoracao/materias/decoracao-laranja-dicas-e-fotos-para-deixar-a-casa-mais-bonita.htm#3227=1>.

b)

Por que o suco de laranja custa tão caro no Brasil?

Custo de produção e carga tributária elevados fazem com que o suco natural em caixinha fique bem longe da casa da maior parte dos brasileiros.

Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/por-que-o-suco-de-laranja-custa-tao-caro-no-brasil>.

c)

Uma rede de empresas fantasmas e laranjas... Naquele avião, não estava o voo do novo.

Se o Brasil fosse um ente, com um centro organizador do pensamento, seria o caso de lhe propor um desafio: escolher, afinal de

contas, que democracia pretende ter – desde, é claro, que fizesse uma escolha prévia: decidir se pretende ou não continuar na trilha democrática (Reinaldo Azevedo, 27/08/2014).

Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/uma-rede-de-empresas-fantasmas-e-laranjas-naquele-aviao-nao-estava-o-voo-do-novo/comment-page-2/>.



Figura 9.3

Dessa forma, pode-se dizer que o campo semântico de uma determinada palavra é dado pelas diversas nuances de significado que ela assume. Vamos a outro exemplo?

Num mesmo texto, a palavra *educação* pode ser utilizada com significações diversas, como:

1. Ação ou resultado de educar(-se). [Antôn.: deseducação.].
2. Processo formal de transmissão de conhecimentos em escolas, cursos, universidades etc.: A educação é a alavanca do progresso da nação.
3. Formação e desenvolvimento da capacidade física, moral e intelectual do ser humano.

4. Conjunto de teorias e métodos relativos ao ensino e à aprendizagem; DIDÁTICA; PEDAGOGIA.

5. Cultivo e desenvolvimento de alguma capacidade perceptiva, sensorial ou fisiológica (educação do paladar).

6. Comportamento em consonância com as regras sociais de etiqueta e de boa convivência; CIVILIDADE; POLIDEZ: Meu vizinho não tem nenhuma educação.

7. Arte de adestrar animais.

8. Arte de cultivar plantas e de fazê-las reproduzir em condições que deem bons resultados.

Fonte: <http://www.aulete.com.br/educacao>.

As diversas acepções que essa palavra toma, tornando-a polissêmica, são dadas pelas relações dela com outras palavras do mesmo texto.

Como vimos, uma palavra pode pertencer a vários campos lexicais. Outro exemplo: o verbo *largar* pertence a vários campos semânticos: ao campo psicossocial das relações interpessoais, no sentido de “abandonar”, em “A mãe largou o filho na beira da estrada”; ao campo da mudança de posse como em “Jonas largou a casa com os filhos”; ao de movimento, “afastar-se”, em “Me larga, cara!” etc. Essas diferentes categorizações estão inter-relacionadas.

O campo semântico, em uma de suas acepções, constitui um conjunto de **sememas** e resulta da intersecção do significado das unidades lexicais de um campo lexical.

Semema

Termo cunhado por Bernard Pottier para designar o conjunto de traços mínimos distintivos de significação (semas) que se referem à substância do conteúdo de um signo mínimo (morfema ou lexia). Explicando melhor, é o resultado da soma dos semas que forma o significado global de um lexema. Assim, o semema <cadeira> = S1 (para sentar) + S2 (com pés) + S3 (com encosto) + S4 (sem braços).

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Leia a letra da música “Passaredo”, de autoria de Chico Buarque e Francis Hime:

Ei, pintassilgo

Oi, pintarroxo

Melro, uirapuru

Ai, chega-e-vira

Engole-vento
Saíra, inhambu
Foge asa-branca
Vai, patativa
Tordo, tuju, tuim
Xô, tié-sangue
Xô, tié-fogo
Xô, rouxinol sem fim
Some, coleiro
Anda, trigueiro
Te esconde colibri
Voa, macuco
Voa, viúva [...]



Para ver a letra na íntegra e ouvir a música, acesse: <http://letras.mus.br/chico-buarque/#mais-acessadas/80825>.

a) A letra da música se constrói com substantivos que pertencem ao mesmo campo semântico. Que campo semântico é esse?

b) Dentre os verbos ou expressões verbais utilizados na música, cite os que pertencem ao mesmo campo semântico.

Resposta comentada

- a) A música em análise apresenta nomes de pássaros da fauna brasileira. Esses nomes estão unidos em torno de um conceito comum, isto é, pertencem ao campo semântico *nomes de pássaros*.
- b) Os verbos *foge*, *vai*, *some* e a interjeição *xô* pertencem ao mesmo campo semântico, uma vez que representam um conjunto de unidades lexicais, unidas semanticamente por traços comuns em torno de um conceito-chave.

Campo semântico lexical

O campo semântico lexical trata das relações paradigmáticas entre um item do vocabulário e outros itens representantes da mesma categoria. Mas o que é *categoria*?

A mente humana tende a organizar tudo que percebe em seu entorno em categorias. A maior parte desse processo de categorização ocorre automática e inconscientemente. Esse processo só se torna perceptível a nós quando ocorrem casos ambíguos. Sem categorias, simplesmente não funcionamos como seres humanos. Um dos primeiros pesquisadores a tornar a categorização objeto de discussão científica foi **Eleanor Rosch**.

A partir de experiências de campo que a autora realizou (ao lado do então marido Karl Heider), na década de 1970, com o povo dani, de Papua-Nova Guiné, Rosch concluiu que, quando se categoriza um objeto ou experiência cotidiana, as pessoas confiam menos em definições abstratas das categorias do que em uma comparação do dado objeto ou experiência com o que eles consideram ser o objeto ou experiência que melhor representa uma categoria. Embora a falta de palavras dani para todas as cores em inglês (a língua deles continha apenas dois termos de cores, dividindo todas as cores em brilhantes ou escuras), Rosch mostrou que eles ainda poderiam categorizar objetos por cores para as quais não tinham palavras. Ela argumentou que os objetos básicos têm uma importância psicológica que transcende as diferenças culturais e as formas como tais objetos são representados mentalmente. Ela concluiu que pessoas de diferentes culturas tendem a categorizar objetos usando protótipos, embora os protótipos de categorias específicas possam variar.

Eleanor Rosch (1938)

Professora de Psicologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, com especialização em Psicologia Cognitiva e conhecida, principalmente, por seu trabalho sobre categorização, em particular por sua teoria dos protótipos. Ao longo de seu trabalho, realizou uma ampla pesquisa com foco em tópicos, incluindo a categorização semântica, representação mental de conceitos.

Voltando à noção de categorização, as categorias não são universais; dependem do sistema de experiências, crenças e práticas de um grupo étnico ou social. Pessoas diferentes podem perceber o mundo ao seu redor de maneiras diferentes que, automaticamente, se refletirão em diferentes categorias.

Cada categoria tem um protótipo, isto é, uma representação mental, um ponto de referência cognitivo para tal categoria. Tomemos a categoria *pássaro* como exemplo. Sempre que ouvimos a palavra *pássaro*, surge em nossa mente uma imagem de um pássaro típico, tal como um sabiá ou um canário, dependendo de onde e de que cultura somos.

Cada categoria tem atributos, características que nos permitem identificar membros que pertencem a ela. Certos atributos relacionados a *pássaros* são compartilhados por grande parte das línguas e culturas: (1) eles têm duas asas, (2) duas patas, (3) podem voar, (4) têm bico, (5) têm o corpo coberto de penas e (6) põem ovos. Em certas culturas, todavia, outras características além dessas podem representar um papel significativo. Quando categorizamos espécies que não conhecemos, aplicamos o critério dos atributos para classificá-las. Assim, se somos apresentados, pela primeira vez, a um animal que desconhecemos, se ele possuir os atributos acima, ou quase todos, a tendência é enquadrá-lo na classe das aves.

Cada categoria é constituída de representantes “bons” ou típicos e “maus” ou atípicos, além de exemplos marginais cujo lugar na categoria não é tão claro. Ainda sobre a classe das aves, sabiá, rolinha e coleiro são exemplos típicos – ou bons exemplos – da categoria das aves. Por outro lado, o pinguim é um representante atípico – ou mau exemplo – por possuir menos atributos em comum com os representantes mais típicos desta categoria: o pinguim não voa, e, no lugar de asas, possui nadadeiras.

Não há limites fixos entre as diferentes categorias. O que isso quer dizer? O Morcego, por exemplo, voa, mas não é ave, assim como o golfinho é um animal marítimo, mas não é peixe. Além disso, objetos e eventos podem fazer parte de mais de uma categoria ao mesmo tempo. Avestruz é um representante atípico da categoria *pássaro*, no entanto, faz parte da categoria *animais*, e isso não se discute.

Retomando as relações paradigmáticas que podem existir entre um item do vocabulário e outros itens representantes da mesma categoria, segundo Cruse:

As relações de sentido são de dois tipos fundamentais: paradigmática e sintagmática [...]. Cada uma das duas relações de sentido possui a sua significância distinta. Relações paradigmáticas, em grande parte, refletem a forma na qual a realidade experimentada, a qual se dá de forma infinita e variada, é apreendida e controlada por meio da categorização, subcategorização e gradação ao longo das dimensões específicas de variação. Elas representam os sistemas de escolhas com os quais o falante se depara quando codifica a sua mensagem. Os aspectos sintagmáticos do significado lexical, por outro lado, servem à coesão do discurso, adicionando informação necessária à mensagem, ao mesmo tempo controlando a contribuição semântica de elementos individuais da enunciação através da desambiguidade, por exemplo, ou pela sinalização de estratégias alternativas – e.g. figuração – de interpretação (CRUSE, 1986, p. 86).

Referir-se à morte de alguém com a expressão “bater as botas” ou “partir desta para melhor”, ou, ainda, “descansar” são formas de refletir a realidade vivenciada por cada falante, de maneira particular. Cada um conceptualiza o mundo a sua volta de maneira própria.

Segundo Cruse (1986), quando há estranheza no que se diz pode-se amenizar ou eliminar o problema promovendo a simples substituição de termos que pertençam ao mesmo campo semântico. Cruse (1986, p. 107) dá outro exemplo para ilustrar o que foi dito:

A “aspidistra” bateu as botas.

Segundo o autor, se substituirmos a expressão “bater as botas” pelo sinônimo cognitivo “morrer” poderemos remover a dissonância presente em tal frase, visto que “aspidistra” é uma planta.



A aspidistra é uma planta herbácea, entouceirada, de folhagem vistosa e caule rizomatoso. Seu porte é baixo, alcançando de 40 a 60 centímetros de altura. As folhas são grandes, bonitas, lanceoladas, brilhantes, coriáceas, com longos pecíolos e de cor verde-escura na espécie típica. Ocorre ainda uma variedade de folhas pontilhadas de creme, a “Maculata”, e outra de folhas com variações estriadas de cor branca, a “Variegata”. As flores são curiosas, mas de importância ornamental secundária. Elas são arroxee-

adas, campanuladas e surgem diretamente do rizoma, elevadas pouco acima do solo, onde ficam escondidas pela folhagem. O florescimento ocorre no verão e é raro em plantas envasadas. Os frutos são esféricos.

Fonte: <http://www.jardineiro.net/plantas/aspidistra-aspidistra-elatior.html>.



Figura 9.4: Aspidistras.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Aspidistra#mediaviewer/File:Aspidistra_elatior_-_01.jpg

Pietroforte & Lopes reconhecem, assim como os outros autores, a importância da situação de discurso nas relações de sentido e declaram, ao definirem termos sinônimos, o seguinte: “No discurso, o enunciador pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são” (2003, p. 126).

Mas isso é assunto para as próximas aulas.

Atividade 3

Atende ao objetivo 3



Figura 9.5

1. Observe os seguintes enunciados:
 - a₁) Os *estudantes* propõem novo acordo.
 - a₂) Os *discentes* propõem novo acordo.
 - b₁) Os *comerciantes* propõem novo acordo.
 - b₂) Os *feirantes* propõem novo acordo.

Explique as relações de sentido que se estabelecem entre as palavras destacadas nos enunciados apresentados

Resposta comentada

No eixo paradigmático, as relações de sentido entre os vocábulos se dão com os elementos que estão em nossa memória, constituindo nosso léxico mental. Dessa forma, o vocábulo *estudantes*, numa relação paradigmática, pode ser substituído por *discente* ou *aluno*, com quem mantém uma relação de sentido, pertencendo ao mesmo campo semântico. O mesmo se dá com os vocábulos destacados em b1 e b2: são formas que pertencem ao mesmo eixo paradigmático.

Conclusão

Nesta aula, apresentamos o conceito de campo semântico lexical, ampliando o conhecimento acerca de termos essenciais para o entendimento das aulas de semântica, tais como léxico e eixo paradigmático.

Esperamos, desse modo, despertar seu interesse para o estudo das aulas que virão.

Resumo

O léxico pode ser definido como o conjunto de palavras de uma língua ou um texto à disposição de seus falantes para fins comunicacionais. Nele, vamos buscar as palavras que pretendemos usar em nossos textos.

Quando uma palavra do léxico se materializa em um determinado texto, passa a integrar o seu vocabulário.

Os campos lexicais são subconjuntos formados por palavras pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou de interesse, ou, ainda, aquelas palavras que derivam do mesmo radical, como a família de *pedra*: *pedregulho*, *pedreira*, *pedrinha* etc. Por vezes, confundem-se os conceitos de polissemia e campo semântico; o campo semântico lexical trata das relações paradigmáticas entre um item do vocabulário e outros itens representantes da mesma categoria.

Aula 10

Os campos semânticos contextuais

*Roza Maria Palomanes Ribeiro
Deise Cristina de Moraes Pinto*

Metas

Apresentar o conceito de contexto e as estruturas cognitivas utilizadas no estabelecimento de sentido.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir contexto;
2. reconhecer os modelos cognitivos idealizados (MCI);
3. reconhecer o processo cognitivo da metáfora por trás do entendimento das frases ditas em nosso dia a dia.

Introdução

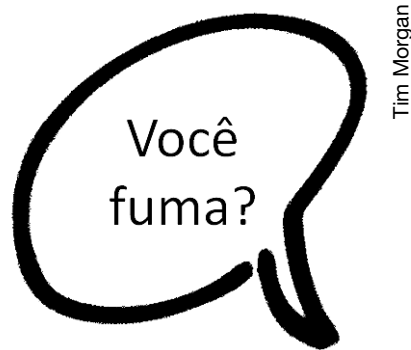


Figura 10.1

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/timothymorgan/75288771/>

Esta pergunta, feita de forma isolada, sem que se saiba em que situação foi proferida, pode levantar uma série de possibilidades de interpretação. Poderia, por exemplo, ser feita por um médico que examina o raio x de seu paciente, ou por um homem com um cigarro na mão, dirigindo-se a uma outra pessoa para pedir fósforos, por exemplo. A pergunta tanto pode servir para um pedido, neste último contexto, ou para uma “bronca” do médico em seu paciente. Diante de tantas possibilidades de interpretação, é de extrema importância para os estudos semânticos a noção de *contexto*, aqui tratado em sentido bastante amplo.

Contexto linguístico

Segundo **Geertz**, “o homem é um animal suspenso nas teias de significação que ele próprio tece”. Ou seja, o significado de tudo que há à nossa volta se constrói socialmente, isto é, as coisas só fazem sentido em/para determinado contexto sócio-histórico. O mundo simbólico só se constrói por meio da interação entre duas ou mais pessoas que atribuem, às coisas do mundo, significados, e com base neles é que passam a interagir com essas mesmas coisas. Assim, os significados são controlados em um processo interpretativo usado pelas pessoas interagindo entre si e com as coisas que elas encontram, sendo tudo isso mediado pela linguagem.

De acordo com o *site* www.lexico.pt, *contexto* é um substantivo masculino, oriundo do latim *contextu*, significando:

Clifford James Geertz (1926-2006)

Antropólogo americano, foi professor emérito da Universidade de Princeton, em Nova Jersey, EUA. Seu trabalho no Institute for Advanced Study, de Princeton, se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico. Foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Clifford_Geertz

- 1** Aglomerado de condições e circunstâncias que envolvem uma ocorrência ou um evento; quadro, trama ou conjetura;

- 2** Aquilo que abrange ou compreende alguma coisa ou algum indivíduo; âmbito ou ambiente;

- 3** Aglomerado de componentes linguísticos e não linguísticos que envolvem um texto, um enunciado ou uma exposição oral;

- 4** Organização da sequência de ideias ou pensamentos no discurso;

- 5** Elo, encadeamento ou conexão entre diferentes partes que constituem um todo.

Figura 10.2

Fonte: www.lexico.pt/contexto

Tomemos a acepção 3 para conduzir nosso estudo. Começemos pelos componentes não linguísticos que envolvem uma interação social. Vamos falar sobre o contexto social. Este reflete aquela situação em que os sujeitos que se relacionam desempenham papéis e exercem funções. A sua importância para o estabelecimento de sentido está no fato de que “o falante não apenas constrói mentalmente a realidade física externa, mas também os estados mentais de conhecimento, crença e intenção de seus interlocutores” (FERRARI, 2011, p. 44).

O contexto linguístico, por sua vez, envolve três aspectos, segundo Ferrari (p. 44), autora usada como referencial teórico nesta seção:

- a) o que é dito antes dos itens em foco;
- b) o ambiente linguístico, isto é, a frase em que o item em foco está inserido;
- c) o tipo de discurso em que o item se encontra.

Exemplificando, uma afirmativa como “Ela encontrou ontem seu gato, no portão de entrada do prédio”, o contexto permite que se pense no namorado ou em seu felino de estimação. São essas as possibilidades. Para o estabelecimento do significado desejado, o que é dito antes deste enunciado fará diferença, tal é a importância do contexto situacional e do contexto linguístico.

Veja o contexto linguístico ampliado:

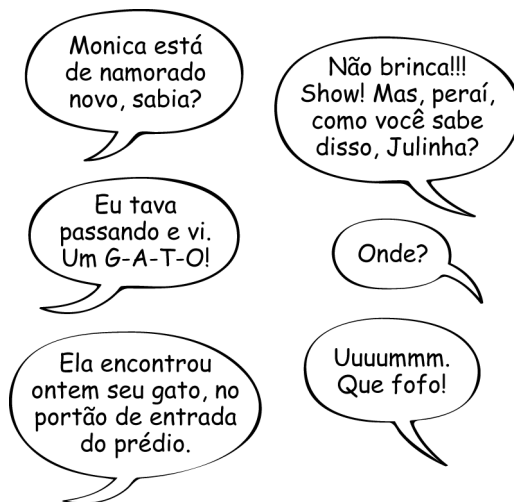


Figura 10.3

O que é *dito antes* do enunciado destacado delinea o cenário para que o significado alcançado seja o esperado. O *ambiente linguístico* em que o item “gato” está inserido torna possível a leitura “namorado”, apoiado por enunciados anteriores que reforçam a ideia. E o *tipo de discurso* – oral – permite que se entenda o item “gato” no sentido metafórico.

Os campos semânticos contextuais linguísticos têm seu foco nas relações sintagmáticas entre um item do vocabulário e outros itens usados no mesmo contexto ou modelo cognitivo.

“A dependência que existe entre dois elementos sequenciais de uma mesma cadeia chama-se relação (dependência, função) sintagmática (de sintagma: conjugado de duas unidades consecutivas onde o valor de cada um se define por relação ao valor da outra)” (LOPES, 1987, p. 88).

Tomemos como exemplo o par goiaba/goiabeira. Estabelece-se entre os itens uma relação sintagmática: goiaba (morfema lexical) + *-eira*

(morfema sufixal, com a noção de “árvore”). A partir daí, é possível o estabelecimento de uma relação paradigmática a partir da associação de goiabeira com *pereira*, *laranjeira*, *bananeira*, etc.

Numa relação sintagmática, o substantivo é o elemento e o adjetivo determinante. Em “casa azul”, o elemento “casa” é determinado por “azul”. No eixo paradigmático, “azul” poderia ser substituído por quebrada, alugada, grande, velha, etc.

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

Observando os aspectos relacionados ao contexto lingüístico apontados por Ferrari, analise o texto a seguir e destaque:

- a) o(s) item(s) em foco;
- b) o(s) ambiente(s) linguístico(s);
- c) o tipo de discurso em que o item se encontra.

O cão

O *cão*, no Brasil também chamado de *cachorro*, é um mamífero canídeo e talvez o mais antigo animal domesticado pelo ser humano. Teorias postulam que surgiu do lobo cinzento no continente asiático há mais de 100 000 anos. Ao longo dos séculos, através da domesticação, o ser humano realizou uma seleção artificial dos cães por suas aptidões, características físicas ou tipos de comportamentos. O resultado foi uma grande diversidade de raças caninas, as quais variam em pelagem e tamanho dentro de suas próprias raças, atualmente classificadas em diferentes grupos ou categorias. As designações *vira-lata* (no Brasil) ou *rafeiro* (em Portugal) são dadas aos cães sem raça definida ou mestiços descendentes.

Com expectativa de vida que varia entre dez e vinte anos, o cão é um animal social que, na maioria das vezes, aceita o seu dono como o “chefe da matilha” e possui várias características que o tornam de grande utilidade para o homem. Possui excelente olfato e audição, é bom caçador e corredor vigoroso, relativamente dócil e leal, inteligente e com boa capacidade de aprendizagem. Deste modo, o cão pode ser adestrado para executar um grande número de tarefas úteis, como um cão de caça, de guarda ou pastor de rebanhos, por exemplo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Canis_lupus_familiaris

Resposta comentada

O texto em análise é um tipo de texto que envolve a descrição de um animal e sua intenção é, sobretudo, transmitir para o leitor as impressões e as qualidades do cão. Utiliza o discurso indireto.

O foco recai sobre o animal descrito – o cão – que se insere na primeira frase do texto, chamando a atenção do leitor para o que será o foco do texto. Antes da frase inicial, há o título que corrobora a ideia de que o texto falará sobre o cão.

Desta forma, todo o contexto linguístico colabora para o entendimento da ideia apresentada pelo texto.

Modelo cognitivo: o que é?

Uma abordagem teórica recente, surgida no final do século XX, contempla, em seus estudos, aspectos de extrema importância para o estudo da significação. Trata-se da **linguística cognitiva**. Dentro deste modelo teórico, os termos “modelo cognitivo” ou “contexto cognitivo” são apresentados com frequência, correspondendo ao campo semântico contextual, ou ao contexto em que as palavras são proferidas.



Para aprofundar o conhecimento sobre linguística cognitiva, sugerimos a seguinte leitura:

MARTELOTTA, M. R.; PALOMANES, R.. “Linguística cognitiva”. In: MARTELOTTA, M. R. (org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 177-192.

Linguística cognitiva

Abordagem teórica que centra seus estudos na percepção e conceitualização humana do mundo, ou seja, predominam os estudos sobre a semântica e os significados ao invés dos estudos da gramática ou descrição da língua. Inicialmente, as pesquisas com foco no significado foram relegadas ao segundo plano, porque ainda não tinham sido encontrados critérios adequados para tratar cientificamente do interrelacionamento entre as formas linguísticas, aspectos cognitivos e eventos sociais e culturais para a descrição do funcionamento da linguagem.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_cognitiva

Neste capítulo, você encontrará os pressupostos teóricos da linguística cognitiva, de forma didática e clara.

Uma parte substancial do sentido de uma palavra vem do contexto em que ela é usada. Sempre que se usa a palavra “responder”, por exemplo, se forma uma imagem mental de alguém replicando algo que alguém perguntou ou afirmou. No entanto, ainda não é possível delinear um quadro completo da situação porque falta o contexto. Quando, porém, a palavra é usada num contexto definido, que pode ser linguístico ou não linguístico, a imagem mental é completada. Observe os seguintes exemplos:

- Os alunos *responderam* às perguntas feitas pelo professor.
- Os estudantes *responderam* com greve aos abusos do reitor.

Estes dois exemplos são ilustrações do uso de “responder” em dois diferentes contextos cognitivos ou molduras. Não há dúvida de que, sem esta informação vinda do contexto, não há maneira de se obter um quadro completo do sentido deste verbo.

Modelos cognitivos idealizados (MCIs)

A significação e a estrutura de uma categoria linguística dependem de determinadas estruturas de conhecimento sobre o domínio ou domínios da experiência a que essa categoria está associada. Trata-se de um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um *modelo cognitivo*, e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou *modelo cultural*. É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, para a linguística cognitiva, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas.

Os modelos cognitivos idealizados (MCI) são estruturas através das quais nosso conhecimento de mundo se organiza. São conjuntos de conhecimentos armazenados na memória pessoal ou social que se constituíram historicamente como uma herança da espécie humana, ou seja, é um conjunto de informações que o homem aprendeu a partilhar. Por exemplo, na nossa cultura aprendemos que devemos nos comportar em velórios com respeito, contrição, usar roupas pretas, não rir ou

contar piadas. Esse conjunto de informações aprendemos socialmente e partilhamos. Qualquer transmissão de informação implica trazer da memória esses conhecimentos. É fundamental para a compreensão de tudo que lemos ou ouvimos, além de ser importante para a **cognição** humana, no sentido de que auxilia na organização da imensa quantidade de informações que adquirimos diariamente.

Ainda citando Ferrari, já referenciada anteriormente:

As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente têm papel decisivo na construção do significado. Na verdade, são essas estruturas que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística. Como podemos saber que um estacionamento rotativo não é exatamente um estacionamento giratório? Ou que a expressão final de semana não designa literalmente os dois últimos dias da semana? (2011, p. 49).

Para entendermos melhor, tomemos o nome “domingo” como exemplo. Para atribuímos sentido ao termo, recorreremos ao conceito de “semana”, convenção humana de se dividir o tempo em seqüências de dias. A semana de sete dias constitui um MCI em relação ao qual o termo domingo é compreendido. Tudo está relacionado a domínios semânticos, que é a forma como organizamos nosso conhecimento e compreendemos novos conceitos.

Langacker (1987, p. 147) apresenta a noção de domínio para se referir a estruturas armazenadas na memória semântica permanente, isto é, no que já está arquivado em nossa memória e é usado para estabelecermos sentido para as coisas à nossa volta. Ele argumenta que

domínio é o contexto de caracterização da unidade semântica, destacando como domínios mais básicos aqueles que apresentam estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e cor.

Os modelos cognitivos (domínios) têm limites indeterminados e tendem a associar-se em redes (*networks*). Veja o exemplo:

Cognição

Ato ou processo da aquisição do conhecimento que se dá através da percepção, atenção, memória, imaginação, do raciocínio, juízo, pensamento e da linguagem. Podemos dizer que é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos. É, portanto, um processo de conhecimento que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cognição>



Figura 10.4

O modelo cognitivo “praia” (estar na praia) compreende vários contextos e situações (práticas de esportes, azaração, reunião de amigos, etc.) e está associado a outros modelos cognitivos, tais como os do sol, das férias, da areia, da pesca, etc. Os modelos cognitivos são onipresentes: em qualquer ato de categorização estão envolvidos, mais ou menos conscientemente, um ou mais modelos cognitivos; mesmo nos casos de objetos ou situações desconhecidas ou não familiares, é possível começar a ter deles uma ideia através de modelos cognitivos parecidos. Quais modelos cognitivos você relacionaria à categoria mãe?

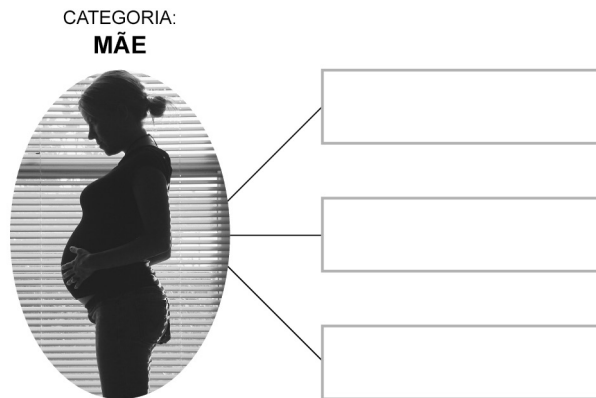


Figura 10.5

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mahalie/154017720/in/photostream/>

Certamente, você conseguiu pensar em mais do que três modelos cognitivos, mas o que gostaríamos de contextualizar, com esse breve exercício, é a variedade de domínios a que a categoria mãe remete. Veja como podemos ter um complexo de diferentes modelos:

- nascimento,
- genético,
- nutritivo (e educacional),

- **marital,**
- genealógico,
- razão pela qual a mulher que alimenta e educa uma criança, mesmo que não seja sua mãe biológica, pode ser considerada como sua mãe.

Marital

Relativo a casamento.

Os modelos cognitivos culturais

Determinados modelos cognitivos são exclusivamente culturais. Por exemplo, *sexta-feira* é:

- o dia seguinte à quinta-feira e o sexto e penúltimo dia da semana no calendário ocidental e cristão;
- o último dia da “semana de trabalho” na cultura ocidental, é o dia da “saldinha depois do trabalho para o choppinho”;
- para os cristãos, o dia em que Cristo foi crucificado.

Segundo Silva (1997, p. 65), os modelos cognitivos sobre determinado objeto ou situação podem divergir de cultura para cultura e ele dá o exemplo do protótipo de escrivaninha que, para chineses e japoneses, é bem diferente do correspondente protótipo europeu: enquanto para estes a escrivaninha prototípica tem uma determinada altura, porque nela se escreve sentado numa cadeira, e tem gavetas, porque serve também para guardar documentos pessoais e outras coisas, para aqueles, a escrivaninha prototípica caracteriza-se pela ausência destas duas propriedades, porque eles realizam o ato de escrever sentados no chão, com as pernas cruzadas.

Outro exemplo dado por Silva (p. 67) são as propriedades prototípicas da primeira refeição do dia, que são diferentes em Portugal e na Inglaterra e, podemos acrescentar, entre Brasil e EUA, porque são diferentes os respectivos modelos culturais sobre a função e a relevância das três refeições do dia (para portugueses e brasileiros, o *pequeno-almoço* ou café da manhã é de menor importância que o almoço e o jantar; em contrapartida, nos modelos inglês e americano, as refeições mais importantes são o *breakfast* ou café da manhã e o jantar).

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Leia o fragmento da crônica de Luís Fernando Veríssimo a seguir e faça o que se pede:

O golpe

Conversa entre o pai e o filho, por volta do ano de 2031, sobre como as mulheres dominaram o mundo.

[...]

Primeiro elas pediram igualdade entre os sexos. [...] Pouco a pouco, elas conquistaram cargos estratégicos: Diretoras de Orçamento, empresárias, Chefes de Gabinete, Gerentes disso ou daquilo.

[...]

– Ah, os homens foram muito ingênuos. Enquanto elas conversavam ao telefone durante horas a fio, eles pensavam que o assunto fosse telenovela...

Triste engano. De fato, era a rebelião se expandindo nos inocentes intervalos comerciais. “Oi querida!”, por exemplo, era a senha que identificava as líderes.

“Celulite” eram as células que formavam a organização.

Quando queriam se referir aos maridos, diziam “o regime”.

– E vocês? Não perceberam nada?

– Ficávamos jogando futebol no clube, despreocupados.

E o que é pior: continuávamos a ajudá-las quando pediam. Carregar malas no aeroporto, consertar torneiras, abrir potes de azeitona, ceder a vez nos naufrágios.

Essas coisas de homem. Aí, veio o golpe mundial!?

[...]

Então elas assumiram o poder em todo o planeta.

Aquela torre do relógio em Londres chamava-se Big-Ben, e não Big-Betty, como agora... Só os homens disputavam a Copa do Mundo, sabia? Dia de desfile de moda não era feriado.

[...]

– Pai, conta mais...

- Bem filho... O resto você já sabe. Instituíram o Robô-Troca-Pneu como equipamento obrigatório de todos os carros... a Lei do Já-Prá-Casa, proibindo os homens de tomar cerveja depois do trabalho... E, é claro, a famigerada semana da TPM, uma vez por mês...
- TPM???
- Sim, TPM... A Temporada Provável de Mísseis... É quando elas ficam irritadíssimas e o mundo corre perigo de confronto nuclear...
- Sinto um frio na barriga só de pensar, pai...
- Sssshhh! Escutei barulho de carro chegando. Disfarça e continua picando essas batatas... (VERISSIMO, in *O Globo*, 2001).

Neste texto, podemos identificar estruturas que organizam o conhecimento de mundo do leitor e possibilitam o entendimento do que ele lê. Separe os modelos cognitivos idealizados (MCI) que se referem aos universos masculino e feminino.

MCI1: Universo masculino

MCI2: Universo Feminino

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Resposta comentada

O texto lido é uma crônica publicada em um meio de comunicação de massa destinado, portanto, a um público variado que espera, ao ler este tipo de texto, relatos de situações cotidianas, sendo a crítica apresentada com doses de humor. Portanto, o autor alinha-se perfeitamente à moldura proposta, ou seja, responde ao conjunto das disposições comunicativas postas pela moldura comunicativa.

Os modelos cognitivos idealizados, como se sabe, são estruturas que organizam nosso conhecimento. São conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis, tendo papel crucial na cognição

humana, qual seja o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária.

São esses os MCIs que aparecem no texto:

MCI 1: universo masculino

- a) Ocupação de cargos estratégicos: diretoras de orçamento, empresárias, chefes de gabinete, gerentes, etc.
- b) Jogar futebol no clube.
- c) Atitudes como carregar malas no aeroporto, consertar torneiras, abrir potes de azeitona, ceder a vez nos naufrágios.
- d) Tomar cerveja depois do trabalho.
- e) Sexo, como “ponto fraco”.

MCI 2: universo feminino

- a) Conversar ao telefone durante horas a fio.
- b) Falar sobre telenovela.
- c) Celulite.
- d) Regime.
- e) TPM.

Considerando a articulação dos domínios conceptuais no texto, poder-se-iam considerar os MCIs do universo masculino e feminino evocados no texto como uma expectativa criada a partir de um contexto amplo, i.e., a sociedade ocidental.

A metáfora como processamento cognitivo

Para tratarmos do assunto desta seção, utilizaremos como referencial teórico Lakoff e Johnson (1980). Os referidos autores assumem um ponto de vista que se afasta radicalmente da concepção clássica que considera a metáfora como um fenômeno da linguagem poética, um desvio da linguagem cotidiana somente usado em textos poéticos.

Segundo Lakoff & Johnson (p. 45), a metáfora é mais uma questão de linguagem ordinária, estando infiltrada no nosso dia a dia, na linguagem, no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário

é metafórico por natureza. Isto vai de encontro ao que a maioria das pessoas entende por metáfora, que é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação.

Consideram a metáfora parte central da cognição humana. Estudos dos referidos autores sobre enunciados da linguagem cotidiana permitiram a identificação de um imenso sistema conceptual metafórico, que rege o pensamento e as ações humanas. Com isso, concluem que a maior parte da linguagem cotidiana é metafórica, e somente uma pequena parte é literal.

Para os referidos autores, os conceitos que governam nosso pensamento também governam nosso cotidiano, das mais simples ações às mais complexas. Tais conceitos estruturam aquilo que percebemos, a forma como nos comportamos ou nos relacionamos socialmente. Lakoff & Johnson (p. 45-47) defendem que, se o nosso sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que vivemos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

Para melhor entendimento, tomemos um exemplo que ilustra a forma como conceitos que permeiam e estruturam o pensamento, denominados metáforas conceptuais, podem ser metafóricos e estruturar uma atividade do nosso cotidiano: o conceito “discussão” na metáfora conceptual “discussão é guerra”. Trata-se de uma metáfora conceptual muito usada no nosso cotidiano em variadas expressões que nos permitem perceber que o conceito de “discussão”, em nossa sociedade competitiva, é entendido, sempre, como uma disputa pelo poder, uma verdadeira guerra. Ao observarmos os exemplos a seguir, poderemos entender que metáfora é *compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*:

1. Seus argumentos são indefensáveis.
2. Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação.
3. Suas críticas foram direto ao alvo.
4. Destruí sua argumentação.
5. Jamais ganhei uma discussão com ele.
6. Ele derrubou todos os meus argumentos (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46).

No uso metafórico, um conceito é estruturado em termos de outro, é um processo de construção de sentidos em que há uma projeção de um domínio-fonte sobre um domínio-alvo, o que, normalmente, tem reflexos em extensões maiores do discurso, uma vez que a metáfora disponibiliza um campo semântico adicional para o uso. Retomando o exemplo dado, do domínio-fonte “guerra”, projeta-se uma série de ideias que serão estendidas ao domínio-alvo “discussão”, de forma que *compreendemos uma coisa em termos de outra*.

Como explicam Lakoff e Johnson, se houvesse alguma cultura em que as discussões não fossem entendidas em termos de guerra, mas como uma dança, em que os participantes sejam vistos como dançarinos e em que o objetivo seja realizar uma dança de um modo equilibrado e esteticamente agradável, nessa cultura, as pessoas perceberiam as discussões de outra forma. Temos, em nossa cultura, um discurso estruturado em termos de competição, batalha, e, nessa cultura hipotética, o discurso se estrutura em termos de dança.

A utilização da metáfora conceptual “discussão é guerra” torna acessível uma série de expressões típicas do vocabulário de guerra: atacar, destruir, vencer, ganhar, derrubar. Assim, experienciamos e compreendemos “discussão”, um domínio experiencial mais abstrato, em termos do conceito de “guerra”, aqui representado concretamente por uma batalha verbal. Nessa perspectiva, a metáfora deixa de ser apenas fenômeno da linguagem, passando a ser considerada uma das características constitutivas do pensamento humano, metaforicamente estruturado.

Consideremos um último exemplo entre aqueles oferecidos por Lakoff e Johnson em sua teoria da metáfora: “tempo é dinheiro” (p. 50-51). Podemos observar claramente como os conceitos de dinheiro, trabalho e tempo estão associados em nossa cultura ocidental moderna. Por exemplo, na expressão “Você está desperdiçando meu tempo”, vemos que o trabalho é medido e remunerado pelo tempo que ele toma, e ele é quantificado com precisão. Veja mais alguns exemplos dados pelos autores:

1. Esta coisa engenhosa vai te poupar horas.
2. Como você gasta seu tempo hoje em dia?
3. Tenho investido muito tempo nela.
4. Eu não tenho tempo a perder com isso.

5. O seu tempo está se esgotando.
6. Reserve algum tempo para o pingue-pongue.

De acordo com os referidos teóricos, para a cultura ocidental moderna, o tempo é um bem valioso, recurso limitado usado para alcançar objetivos, forma de quantificar o trabalho, por exemplo, de forma que se tornou hábito pagar por horas trabalhadas. Entendemos “tempo” como “dinheiro”. “Compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado” (p. 51).

Para os autores, em todos os momentos e aspectos da nossa vida diária, estruturamos nossa realidade em termos de metáforas e passamos a pensar e agir a partir delas. Enfatiza-se, assim, a importância do contexto no processo de significação. Na visão cognitivista, não há significados prontos, mas mecanismos de construção de sentidos a partir de dados contextuais essencialmente ricos e dinâmicos. Em outras palavras, os significados não são elementos mentais únicos e estáveis, mas resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento.



Para complementar o estudo, sugerimos a seguinte leitura:

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 1980.

Lá você encontrará uma série de outras metáforas cotidianas, com exemplos que ilustram o tema estudado.

Atividade 3

Atende ao objetivo 3

Sabendo que a metáfora é um processo de construção de sentidos em que há uma projeção de um domínio-fonte sobre um domínio-alvo, explique a projeção conceptual que há nos seguintes enunciados:

- a) Após digerir suas ideias, sou capaz de um parecer sobre o projeto.
- b) Aquele livro que você me deu, devorei!
- c) É difícil pôr minhas ideias em palavras.

Resposta comentada

Quando dizemos “digeri suas ideias” e “devorei o livro”, estamos transferindo informações do domínio “alimentação do corpo” ao domínio do “enriquecimento do espírito”, sendo o primeiro mais concreto que o segundo. Outra metáfora comum no nosso dia a dia é considerar ideias como objetos e palavras como recipientes. “Pôr as ideias em palavras” transfere dos domínios mais concretos objetos e recipientes a um domínio mais abstrato em que as ideias e palavras se encontram, a informação usada para entender a expressão. Tais metáforas permitem, assim, a reconceitualização do intangível em termos do tangível.



Os esquemas conceptuais

Esquemas são estruturas de dados, de conhecimento, que representam conceitos gerais armazenados na memória, tais como objetos, situações, acontecimentos, sequências de acontecimentos e ações. Sua função central consiste na construção de uma interpretação de um acontecimento, objeto ou situação.

O conjunto dos esquemas de uma pessoa corresponde à forma como percebe a realidade e ao seu conhecimento de mundo. O conhecimento não é uma entidade amorfa ou uma coleção de fatos isolados que possa ser transmitido de uma pessoa para outra. O conhecimento é uma construção pessoal da realidade. Ao serem ativados, os esquemas podem gerar modelos que são percepções do mundo, possibilitando a explicação de fatos ou fenômenos.

Os esquemas conceituais, portanto, estão presentes no dia a dia. Como já foi mencionado anteriormente, as categorias mentais e linguísticas não são categorias abstratas, independentes dos seres humanos. Elas são criadas com base nas experiências concretas humanas, tendo como limites o corpo. Exemplificando, o homem conceptualiza um grande número de atividades em termos de *percurso* ou *containers*. Há muitas metáforas conceituais baseadas nesse esquema que somente podem ser compreendidas graças à percepção corporalmente baseada. Com isso, um grande número de conceitos abstratos formados a partir da noção de percurso permite a construção “A vida é uma viagem” e, a partir da noção de container, entender a expressão “palavras vazias”.

Isto porque se estabelece uma relação entre essas expressões e os conceitos formados a partir das noções de percurso e *container*. Sabemos, graças a nossa experiência corpórea, que um percurso tem um ponto de partida, um trajeto e um ponto de chegada. E que um *container* é algo capaz de armazenar, guardar coisas. Sendo assim, ao concebermos algo abstrato, nos apoiamos em noções concretas. Assim, a vida é entendida como um percurso, com um ponto de partida, um trajeto e um ponto de chegada, assim como as palavras, como um *container* capaz de guardar sentidos, significados. É desta forma que projetamos a noções de movimento, de percurso, de transferência, etc., para as mais diversas instanciações linguísticas.

Os esquemas associados a padrões sintáticos representam a experiência humana relevante mais básica, como os movimentos corporais através do espaço, a manipulação de objetos e a dinâmica de forças. Esses esquemas são vistos como ferramentas para a organização da compreensão e comunicação humanas, podendo estruturar, indefinidamente, muitas percepções, imagens e eventos (JOHNSON, 1987; LANGACKER, 1991).

Uma das ideias importantes trazidas pela linguística cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas estruturado por padrões dinâmicos e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas — os chamados *esquemas imagéticos* (*image schemas*, cf. JOHNSON, 1987 e LAKOFF, 1987/1990). Segundo Silva, entre os esquemas imagéticos mais frequentes, linguisticamente realizados de muitas variadas maneiras, estão os seguintes:

- *contentor* (*container*) ou recipiente,

- *origem-percurso-destino*,
- *percurso* (ou *caminho*), *elo* (*link*),
- *força*,
- *equilíbrio* (ou *balança*),
- *bloqueio*,
- *remoção*,
- *contraforça*,
- *compulsão*,
- *parte-todo*,
- *centro – periferia, em cima – embaixo, à frente – atrás*,
- *dentro – fora, perto – longe*,
- *contato*,
- *ordem linear*.

Como exemplo, Salim Miranda (p. 79) apresenta a ideia que temos do *equilíbrio* como algo que apreendemos, não pela compreensão de um conjunto de regras, mas com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais várias de equilíbrio e de desequilíbrio, e da manutenção dos nossos sistemas e funções corporais em estados de equilíbrio. E este esquema imagético do equilíbrio é metaforicamente elaborado para a compreensão de vários domínios abstratos como, por exemplo, estados psicológicos:

- Essa notícia balançou meus alicerces.
- O homem perde o equilíbrio quando é traído.

Vários estudos de linguística cognitiva têm comprovado o papel fundamental dos *esquemas imagéticos* e das suas *transformações* no conhecimento, no pensamento e na imaginação, na estruturação dos domínios da experiência, na metáfora (como vimos, esquemas imagéticos são metaforicamente elaborados para a conceptualização de várias categorias abstratas; cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987/1990 e JOHNSON, 1987), na significação lexical, na extensão semântica das categorias lexicais e na coerência de complexos polissêmicos na criação e na motivação semântica de formas e construções gramaticais (cf. LANGAKER, 1987).

O caráter interacional da construção de significado

Como estudado nas seções anteriores, a busca da compreensão do fenômeno da significação não nos permite excluir os interlocutores desse processo. Os falantes são produtores de significados em situações comunicativas reais nas quais interagem com interlocutores reais. Dentro da visão cognitivista do significado linguístico, a comunicação é uma atividade compartilhada que implica uma série de atitudes em conjunto pelos interlocutores rumo à compreensão mútua. O que isto significa? Que a significação é construída pelos falantes em situações contextuais específicas.

Salim Miranda (2001, p. 58) comenta um exemplo recolhido de um curso da prof.^a dr.^a Margarida Salomão:

Em um edital de um concurso público municipal para provimento de cargos para trabalhadores braçais, publicou-se a seguinte orientação: “As provas serão de 8 às 11h”. Resultado: candidatos se apresentaram para fazer as provas em horários diversos: 9h, 9h e 15 min, 10h...

O exemplo, segundo a autora citada, ilustra, de forma inequívoca, o caráter *partilhado da construção da significação*. O equívoco se explica a partir da possibilidade de se interpretar a cena descrita a partir de dois esquemas ou modelos culturais distintos. O primeiro seria um esquema de *prova* que teria uma estrutura aspectual contínua: um evento único e contínuo, que começa às 8h e se estende até o horário limite de 11h.

O segundo seria, de acordo com Salim Miranda (p. 58) um esquema de *consulta médica* que teria uma estrutura aspectual iterativa: um evento constituído de vários microeventos internos. A interpretação produzida por trabalhadores pouco letrados que frequentam muito mais as filas de hospitais que os bancos escolares foi certamente a primeira.

Salim Miranda continua:

Firmado a partir da sustentação do caráter social da cognição humana, o princípio do partilhamento nos processos de significação põe em relevo a participação dos interactantes. O sentido não seria, pois, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação,

consentimento. Em outros termos, significa dizer que a linguagem é conhecimento para o outro, que o sentido é uma construção situada no jogo, no drama da interação. É assim, pois, que informações idênticas podem ser processadas de modo distinto em contextos diferentes (2001, p. 58).

Sendo assim, é possível afirmar que a *linguagem é ação conjunta*, o que significa dizer que, sem atenção partilhada, não há linguagem. Os *atos comunicativos são atos conjuntos*, ou seja, não podem ser concebidos como atos isolados.

Não há como conceber um sujeito autônomo, cuja vontade e intenção determinam o sentido do discurso. Em cada contexto interativo, um atocomunicativo tem o sentido ali construído, negociado, partilhado pelos interlocutores. Esse será o seu sentido, o seu valor interativo (SALIM MIRANDA, 2001, p. 67).

Conclusão

Contexto linguístico, entendido como aglomerado de componentes linguísticos e não linguísticos que envolvem um texto, um enunciado ou uma exposição oral, tem seu foco nas relações sintagmáticas entre um item do vocabulário e outros itens usados no mesmo contexto ou modelo cognitivo.

Uma parte substancial do sentido de uma palavra vem do contexto em que ela é usada: quando usada num contexto definido, a imagem mental é completada. Importante salientar: não há significados prontos, mas mecanismos de construção de sentidos a partir de dados contextuais essencialmente ricos e dinâmicos. Os significados resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento.

A busca da compreensão do fenômeno da significação não nos permite excluir os interlocutores desse processo. Os falantes são produtores de significados em situações comunicativas reais nas quais interage com interlocutores reais. A comunicação é, portanto, uma atividade compartilhada que implica uma série de atitudes em conjunto pelos interlocutores rumo à compreensão mútua.

Atividade final

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Leia e responda:

A palavra

(Rubem Braga)

Tanto que tenho falado, tanto que tenho escrito – como não imaginar que, sem querer, feri alguém? Às vezes sinto, numa pessoa que acabo de conhecer, uma hostilidade absurda, ou uma reticência de mágoas. Imprudente ofício é este, de viver em voz alta. [...]

Alguma coisa que eu disse distraído – talvez palavras de um poeta antigo – foi despertar melodias esquecidas dentro da alma de alguém. Foi como se a gente soubesse que de repente, num reino muito distante, uma princesa muito triste tivesse sorrido. E isso fizesse bem ao coração do povo; iluminasse um pouco as suas pobres choupanas e as suas remotas esperanças.

- a) O texto analisado centra-se em um objeto. Qual é? Em que contexto linguístico se insere?
- b) O autor utiliza expressões que, para entendê-las, o leitor precisa estabelecer analogias. Cite três dessas expressões e explique a transferência entre domínios ocorrida em cada uma delas.

Resposta comentada

- a) O texto “A palavra” é uma crônica centrada no objeto palavra. Já no título, o autor fornece pistas sobre o que será abordado no texto.

b) O autor utiliza algumas expressões que só conseguimos entender via metáfora. Podemos citar as frases:

1. “uma reticência de mágoas”;
2. “viver em voz alta”;
3. “Alguma coisa que eu disse distraído foi despertar melodias esquecidas dentro da alma de alguém”.

Na frase 1, o leitor busca o entendimento estabelecendo relações entre seu conhecimento de mundo acerca do que seja uma reticência e para que é usada, levando-o a estabelecer o sentido “mágoas infinitas” para a expressão lida. Na frase 2, estabelece-se uma relação entre vida e expressão de pensamentos. Na frase 3, palavras são vistas como objetos e, bons sentimentos, como melodias, uma metáfora comum no nosso dia a dia.



Resumo

A significação é construída pelos falantes em situações contextuais específicas. Só é possível interpretar uma cena descrita a partir dos esquemas ou modelos culturais, apreendidos e armazenados graças a nossa vivência no mundo.

Além dos componentes linguísticos que estruturam os textos que lemos ou ouvimos, acionamos os componentes não linguísticos para estabelecer o sentido. E este é o resultado de ações conjuntas que dependem diretamente dos contextos em que se inserem.

Aula 11

As relações lexicais nas
situações comunicativas
e a construção do sentido

Meta

Apresentar as relações de significado entre itens lexicais nas diversas situações comunicativas.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a importância do léxico na comunicação;
2. apontar as relações estabelecidas entre as palavras em determinado evento comunicativo;
3. reconhecer os contextos linguístico e extralinguístico como elementos fundamentais na produção de sentido de uma palavra ou expressão em determinado enunciado.

Introdução

A interação humana é objeto de diversos questionamentos e estudos desde os primórdios da sociedade. Através da comunicação verbal, propriedade única e exclusiva do ser humano, os indivíduos expressam suas ideias, seus valores, suas ideologias e suas marcas de individualidade ou comunidade. A linguagem estabelece uma relação de identidade entre as pessoas, aproximando-as pelos aspectos comuns e distanciando-as através de suas diferenças.

Essas relações estão intimamente relacionadas à produção de sentido de determinada mensagem, que está condicionado ao conhecimento que os interlocutores têm diante dos elementos da comunicação. O código, mais especificamente o **léxico**, exerce um papel fundamental na concretização do processo comunicativo. Tanto por seu significado mais primário, quanto por suas variações em determinados contextos interativos, as palavras têm o poder de expressar o que o usuário de determinada língua pretende, desde que os envolvidos nesse processo estejam sintonizados no mesmo campo de significação, efetivando, dessa forma, a intenção comunicativa.

Segundo Azeredo (2007, p. 15), o “contrato” estabelecido pelos interlocutores é responsável pela concretização do evento comunicativo. É necessário, portanto, que sejam observados aspectos explícitos e implícitos da situação e que eles sejam compartilhados pelos autores da mensagem.

Conceituando o léxico

Os usuários de uma língua difundem conteúdos e informações através de textos, orais ou escritos. Essa atividade constitui o discurso, construído a partir do conhecimento lexical e semântico dessa língua.

Considere-se a seguinte situação: ouve-se a frase “A manga caiu no chão.”, dissociada de um contexto específico. Escreva o que vem a sua mente quando pensa na palavra “manga”.

Léxico

Sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocabulário ou correspondente às palavras, ou vocábulos providos de semantema, ou vocábulo que é lexema (CÂMARA JR., 2002).

Podem-se atribuir diversos sentidos à mensagem, tendo em vista a situação em que ela foi proferida. No caso de uma oficina de costura, a palavra manga refere-se à parte de tecido em uma camisa, responsável por cobrir o braço. No entanto, se a mensagem em questão se der em uma feira, por exemplo, pode-se concluir que manga corresponde ao nome de uma fruta. Destacamos, curiosamente, o emprego da palavra manga quanto ao que se diz nas regiões do CE à BA e MG a GO:



Figura 11.1: Nas regiões do CE à BA, mangar significa zombar de alguém, já de MG a GO manga é a pastagem cercada onde se guarda o gado.

Fonte: Flickr Foto: US Departamento of Agriculture. <https://www.flickr.com/photos/usdagov/9679055249/>Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>

Portanto, as lexias (palavras de uma língua) constituem unidades de características complexas, que dependem das combinações que se fazem com elas. No processo de textualização, podem adquirir diferentes significados, visto que o léxico de cada língua tem como propriedade fundamental seu caráter dinâmico, assumindo o sentido que lhe é atribuído de acordo com a intenção do enunciador e o conhecimento do interlocutor.

O saber léxico-gramatical é o que permite a um indivíduo conhecer uma língua, exercer com proficiência sua capacidade de comunicação e de produção de sentido. Pode-se afirmar que a competência comunicativa está intimamente relacionada ao domínio de um vasto repertório linguístico, com todas as variações lexicais que ocorrem nas diversas situações de interação.

Esse saber é fruto da integração de vários aspectos, como a formação sociocultural, por exemplo. O repertório de recursos linguísticos é um traço individual, único, que conta com experiências de variadas naturezas vivenciadas pelo usuário da língua.

A competência léxico-gramatical compreende o conhecimento das unidades dos dois planos da língua – expressão e conteúdo – e suas respectivas regras combinatórias. Estão envolvidos nesse conhecimento a fonologia, a morfologia, o léxico e a sintaxe. Sendo assim, podem-se conjugar verbos a partir de paradigmas da conjugação a que pertencem (“falava – cantava” em vez de “falava – comia”), pluralizar palavras a partir de outras correlatas (papel – papéis; pincel – pincéis), entre outros exemplos.

Em uma língua há, basicamente, dois tipos de léxico:

- o léxico comum e
- o léxico total.

O léxico comum compreende aquele conjunto de palavras de conhecimento de todos os usuários dessa língua, as que são empregadas frequentemente, em situações cotidianas. Já o léxico total abrange todas as palavras de uma língua, incluindo as de uso comum e as de uso mais restrito a determinados grupos de falantes e determinadas situações. Os dicionários, por exemplo, permitem o acesso ao léxico total de uma língua, disponibilizando uma grande variedade de vocábulos que se encaixam em diversas situações de interação.

Encontra-se, em várias línguas, uma grande diversidade de dicionários tratando do léxico empregado em situações específicas e por determinados grupos. Como exemplos, podem ser citados os dicionários de música, de provérbios, de gírias, do *surf*, de estrangeirismos, do futebol, de física, de filosofia, de símbolos, entre outros. Essas publicações permitem ao usuário da língua a possibilidade de compreensão e de aplicação de uma palavra em um contexto diferente daquele ao qual está habituado, ampliando, dessa forma, sua competência comunicativa e favorecendo mais dinamicidade de linguagem a esse indivíduo.

O léxico é objeto de estudo de algumas ciências, como a Lexicologia, a Fraseologia e a Lexicografia.

A Lexicologia estuda o léxico e sua organização a partir de pontos de vista diversos, considerando-se aspectos históricos, geográficos, fonéticos, composição mórfica, distribuição sintagmática, ou seja, a dis-

posição dos sintagmas na oração, com especial observação aos efeitos linguísticos e seu uso cultural, político e institucional. Seu produto é o significado das palavras.



Para maior aprofundamento do assunto, consulte a *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, de José Carlos de Azeredo (2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2002). Nela, há uma parte sobre “O léxico; formação e significação das palavras”, em que você poderá consultar informações sobre o léxico português, os conceitos básicos do significado lexical, as relações semânticas no léxico e as relações morfossemânticas.

A Fraseologia é um ramo da Lexicografia responsável pelo estudo das combinações estáveis de unidades léxicas formadas, pelo menos, por duas palavras gráficas e, no máximo, por uma frase completa. Esse sistema compreende as locuções (*morto de fome/a cada dia*), as colocações (*enquadrado no artigo tal/embarcou no avião*) e os enunciados fraseológicos, compostos por provérbios (*Filho de peixe peixinho é*), alegorias (*Junto todas as pedras do caminho e construo com elas um castelo*) e fórmulas de rotina (*Como vai?*).

A Lexicografia é responsável pela descrição do léxico, produzindo obras de referência, como dicionários e bases de dados lexicológicas. Além da lexicografia prática, há a lexicografia teórica, ou metalexiconografia, que estuda os aspectos relacionados aos dicionários, como a história, os problemas de elaboração, a análise e o uso. De acordo com os estudos lexicográficos, a estrutura do dicionário é composta da seguinte forma, a fim de facilitar a compreensão das consultas:

- Verbetes - cada uma das entradas (palavras listadas) de um dicionário, enciclopédia etc., que contém informações sobre um assunto.
- Entrada¹ - palavra, locução, frase ou elemento de composição que abre o verbete, sendo objeto de definição e de informação. Vem em negrito e em tipo redondo, se for o caso de palavra de língua portu-

guesa, e em negrito de tipo itálico, caso se trate de palavra ou locução de uma língua estrangeira. No exemplo a seguir, ela está marcada com numeração.

- Nominata – lista de nomes ou palavras, conjunto de verbetes.

Exemplo de verbete:

Dicionário¹ - do latim: *dici, dicere* (língua latina: dizer) daí *dictione(m)*: ação de dizer + *ário*: sufixo de lugar.

Na elaboração de um dicionário de termos específicos, devem ser consideradas mais duas ciências da área de linguagens:

- a Terminologia;
- a Terminografia.

A Terminologia refere-se ao conjunto de palavras relacionadas a um determinado contexto (informática, medicina, música, por exemplo). É responsável também pela compilação de postulados teóricos necessários à análise de fenômenos linguísticos relativos às situações de interação em que esses vocábulos são empregados. Veja alguns exemplos:

- INFORMÁTICA: computador, correio eletrônico.
- MEDICINA: bisturi, estetoscópio.
- MÚSICA: violão, partitura, batoque.

Essencialmente ligada à Terminologia, a Terminografia trata do registro, do tratamento e da apresentação de dados terminológicos sistematizados através de pesquisa. Possibilita uma consulta mais restrita, mais específica sobre determinados termos, apresentando informações de contexto delimitado. É um conteúdo acessível a um usuário da língua que já tem conhecimentos prévios sobre aquele campo de pesquisa. Veja os exemplos a seguir de Bevilacqua e Finatto (2006, p. 50):

MEIO AMBIENTE ¹ m. sing. 1 Circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora, fauna, seres humanos e suas inter-relações (cf. NBR ISO 14001). Nota: Neste contexto, circunvizinhança estende-se do interior de uma organização para o sistema global. (KRIEGER et al. Glossário de Gestão Ambiental, no prelo).

MEIO AMBIENTE ² m. sing. 2 Conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. (cf. Legislação Brasileira LEI 6938 de 31/08/81) (KRIEGER et al. Glossário de Gestão Ambiental, no prelo).



Figura 11.2: Resumo dos três ramos que estudam o léxico.

Em suma, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia são ciências complementares, fundamentais no estudo e na sistematização de obras que sirvam aos usuários de uma língua, ampliando, dessa forma, suas possibilidades interacionais em diversos contextos.

==== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

A partir da letra de Chico Buarque (1976) e os apontamentos até aqui apreendidos, discorra sobre a importância do léxico na compreensão da mensagem do compositor. De que maneira as palavras contribuem para chegarmos a possíveis interpretações sobre “O que será”?

O que será (À flor da pele)

O que será que me dá

Que me queima por dentro, será que me dá

Que me perturba o sono, será que me dá

Que todos os tremores me vêm agitar
Que todos os ardores me vêm atiçar
Que todos os suores me vêm encharcar
Que todos os meus nervos estão a rogar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo.

Resposta comentada

O compositor trabalha com a construção dos sentidos a partir do conjunto lexical apresentado por ele, levando o leitor a possíveis interpretações sobre o que poderia ser a partir do título da canção. A importância das palavras no contexto se dá pelo fato de nelas encontrarmos, pelo meio associativo, tais possibilidades interpretativas. Dessa forma, reafirmamos o que anteriormente já foi abordado, as lexias (palavras de uma língua), constituem unidades de características complexas, que dependem das combinações que se fazem com elas. No processo de textualização, podem adquirir diferentes significados, visto que o léxico de cada língua tem como propriedade fundamental seu caráter dinâmico, assumindo o sentido que lhe é atribuído de acordo com a intenção do enunciador e o conhecimento do interlocutor.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Os estudos fraseológicos são responsáveis pela análise das combinações estáveis das unidades léxicas organizadas pelos usuários de uma determinada língua, com no mínimo duas palavras. Em algumas regiões do país, temos expressões que exemplificam a importância desses estudos, visto que, por muitas vezes, só se torna compreensível por quem fala tais frases. Você consegue compreender o significado dessas sentenças? Se não conseguir identifique em quais termos teve dificuldade, faça uma pesquisa na internet, em livros ou conversando com conhecidos e tente reescrever as frases a seguir:

d) Vô quexá aquela pirigueti. (linguajar baiano)

e) Cê tá ligado qui cê é minha corrente, né vei? (linguajar baiano)

f) Dá uma moral aê! (linguajar carioca)

g) Na mão do palhaço! (linguajar carioca)

Resposta comentada

a) Vou paquerar aquela garota.

No item “a”, podemos observar que a palavra “quexá” significa paquerar.

b) Você sabe que é meu bom amigo, não é?

No item “b”, temos, por exemplo, a associação da palavra “corrente” à expressão “bom amigo”, no sentido da união, do elo que se firma pela amizade.

c) Pedir auxílio a alguém.

No item “c”, o tom apelativo se faz presente, de modo mais informal, na tentativa de aproximação dos interlocutores.

d) Condição das pessoas entorpecidas, não importando com qual substância.

No item “d”, percebemos a demonstração irônica/crítica do interlocutor em relação ao sujeito em questão.

O léxico em funcionamento

Quando se ouve de um amigo que o cunhado dele é um “pão-duro”, depreende-se que o indivíduo mencionado é uma pessoa sovina, excessivamente econômica, que não gosta de gastar dinheiro. A formação do adjetivo pão-duro por composição por justaposição, combinando o substantivo pão com o adjetivo duro, não sugere que uma pessoa possa ser comparada ao pão, alimento, em seu estado mais rígido, após o período adequado para seu consumo, pois essa associação seria incoerente.

Uma das explicações para o surgimento desse adjetivo diz que essa expressão passou a ser usada depois que faleceu um mendigo, que perambulava pelas ruas do Rio de Janeiro, pedindo qualquer coisa para comer, até mesmo um pão duro. Após sua morte, descobriram que o tal pedinte era muito rico, dono de imóveis pela cidade. Assim, surgiu a expressão “pão duro” para se referir àqueles que, mesmo tendo muito dinheiro, não o usufruem.



Figura 11.3: Essa imagem representa o gesto que expressamos quando queremos indicar que alguém é pão-duro.

Fonte: Pixabay. Domínio público. <http://pixabay.com/pt/punho-m%C3%A3o-silhueta-poder-a%C3%A7%C3%A3o-29827/>

O significado de uma sentença é resultado da combinação do significado das palavras e dos sintagmas que a compõem. Apesar de uma palavra poder assumir diferentes significados dependendo dessas combinações, é fundamental considerar os elementos que formam essas palavras. O conhecimento dos **morfemas** e dos processos de formação das palavras é essencial para o processo de produção de sentido. A seguir, veremos as variações do funcionamento do léxico, a partir das relações entre as palavras.

Morfema

Menor unidade provida de significado nas quais se pode dividir uma palavra. O morfema pode ser lexical ou gramatical.

O morfema lexical, também conhecido como radical, é o que serve de base à estrutura da palavra e que, por isso, às vezes é seu único elemento: mar, marinho; capuz, encapuzar; feliz, felicidade. O morfema gramatical é aquele que se anexa ao morfema lexical e pode ser de três tipos: afixo ou morfema derivacional, vogal temática e desinência ou morfema flexional (AZEREDO, 2008).



Leia mais sobre a origem das palavras e expressões de nossa língua no livro *A casa da Mãe Joana*, de Reinaldo Pimenta (Rio de Janeiro: Campus, 2003).

Campos associativos, conceituais e semânticos

Para Ferdinand de Saussure (2002, p. 146), cada palavra é como se fosse o centro de uma constelação, “o centro para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”.

Para exemplificar o funcionamento dessa rede semântica, podemos ter como centro de referência a palavra “compreensão”. A ela podem ser associadas inúmeras palavras, como “assimilação” (associação semântica), “compreender” (associação morfossemântica), “identificação” (associação fonológica – sonoridade das terminações), entre outras.

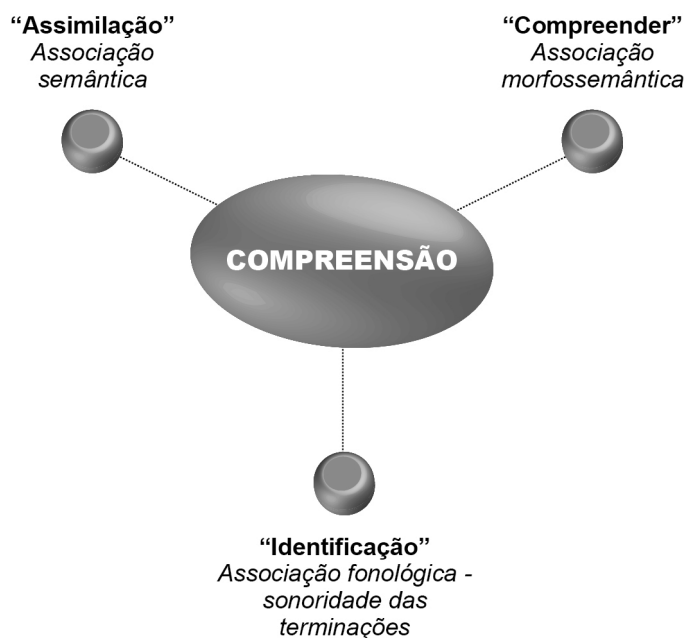


Figura 11.4: Simulação da rede semântica da palavra “compreensão” apoiado no conceito de constelação de Saussure.

Cláudio Cezar Henriques (2011a, p. 77) ilustrou esse processo associativo através da palavra “escravidão”, apresentando oito linhas. Apresentam-se, nesta aula, quatro delas, assim justificáveis:

- LINHA 1: “escravidão”/cativeiro/clausura” (*associação semântica*);
- LINHA 2: “escravidão/escravizar/escravatura” (*associação morfossemântica externa*: identidade do radical, fator determinante para reconhecer palavras cognatas, também chamadas palavras da mesma família etimológica);
- LINHA 3: “escravidão/aptidão/vermelhidão” (*associação morfossemântica interna*: identidade do sufixo -dão, formador de substantivo abstrato);
- LINHA 4: “escravidão/rapagão/combustão” (*associação fonológica*: identidade sonora das terminações).

=====**Atividade 3**=====

Atende ao objetivo 3

Observe os exemplos a seguir:

- a) Escravidão/magistério
- b) Escravidão/persuasão

Nesses dois exemplos, é possível identificar outras duas linhas associativas para a palavra escravidão. Você consegue identificar quais são essas associações?

Resposta comentada

Na letra “a”, é possível identificar uma associação semântica no sentido figurado. Normalmente, entendemos que o desempenho da atividade docente demanda muita dedicação e tempo do professor que, de um modo geral, é mal remunerado por seu trabalho.

Na letra “b”, é possível identificar uma associação. Perceba que é sonora, em razão da semelhança de suas terminações.

Atividade 4

Atende ao objetivo 3

Identifique os tipos de associações (semânticas ou morfossemânticas) realizados na formação das palavras:

a) bebemorar

b) sonhante

c) professorridente

Resposta comentada

a) Bebemorar representa a ação de comemorar algo, associada à presença de bebida alcoólica nesse ato. A associação entre comer e beber, ações comuns às festividades, são sugeridas pelo início do verbo (come-morar).

b) A formação do adjetivo “sonhante” sugere uma associação com adjetivos como “pensante”, designando a característica de alguém que realiza alguma ação. Apresenta o sufixo *-nte*, responsável por esse sentido.

c) “Professorridente”, através do processo de composição por aglutinação, sugere a designação de um indivíduo que exerce sua atividade profissional com alegria. Ocorre a fusão do substantivo “professor” e do adjetivo “sorridente”.

Henriques (2011a, p. 80) também distingue os tipos de relações associativas entre as palavras através do *campo associativo*, do *campo conceitual* e do *campo semântico*.

- campo associativo: expressão genérica que permite reunir palavras a partir de qualquer associação coerente (semântica ou não) que exista ou se faça entre elas – CATIVEIRO/CLAUSURA.
- campo conceitual: expressão que se refere ao contingente de palavras que se agrupam, *ideologicamente*, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido – ESCRAVIDÃO/DEPENDÊNCIA/SUBMISSÃO.
- campo semântico: expressão que se refere ao contingente de palavras que se agrupam, *linguisticamente*, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido – DEMOCRATIZAR/DEMOCRACIA.

=====**Atividade 5**=====

Atende ao objetivo 3

Observe o conjunto de palavras associadas à palavra “medo”:

escuro, morrer, doença, ladrão, assalto, violência, solidão, bicho, acidente, perda, abandono

Elabore uma lista com pelo menos 10 (dez) palavras relacionadas ao vocábulo “férias”, empregando o campo associativo.

Resposta comentada

Você pode ter pensado em outros termos relacionados à palavra férias; nesta resposta apresento os seguintes exemplos: férias – diversão, praia, amigos, festa, música, descanso, sol, confraternização, relaxamento, lazer.

Sinonímia e antonímia

O que as palavras sinonímia e antonímia sugerem a você?

Provavelmente você associará a sinônimos e antônimos, então veja o que significam:

- sinonímia é a propriedade de duas palavras possuírem significado ou sentido semelhante.
- Antonímia é a propriedade de duas palavras terem significações opostas, tornando-se antônimos.

Exemplifiquemos um caso em que uma mãe chega a casa com um pacote de biscoitos para oferecer aos filhos e pede que eles compartilhem o alimento entre si.

1. Crianças, dividam os biscoitos entre vocês.
2. Crianças, repartam os biscoitos entre vocês.
3. Crianças, distribuem os biscoitos entre vocês.

Nesse caso, os verbos “dividir”, “repartir” e “distribuir” são sinônimos, pois podem ser empregados com a mesma intenção comunicativa. A relação de sinonímia, nesse caso, é construída por associação semântica.

Vejamos outro exemplo: um adolescente chega a uma loja de informática e se dirige ao técnico, solicitando-lhe determinado tipo de serviço.

1. Por favor, você poderia instalar este programa no meu PC?
2. Por favor, você poderia desinstalar este programa no meu PC?
3. No caso dessa situação, os verbos “instalar” e “desinstalar” são antônimos, pois expressam ações opostas. A relação de antonímia entre esses dois verbos acontece no âmbito morfológico, com o acréscimo do morfema *des-*, atribuindo o sentido de negação ao verbo do primeiro enunciado, solicitando que a ação seja desfeita.

Observe a seguinte manchete jornalística e complete com uma das duas palavras entre parênteses:

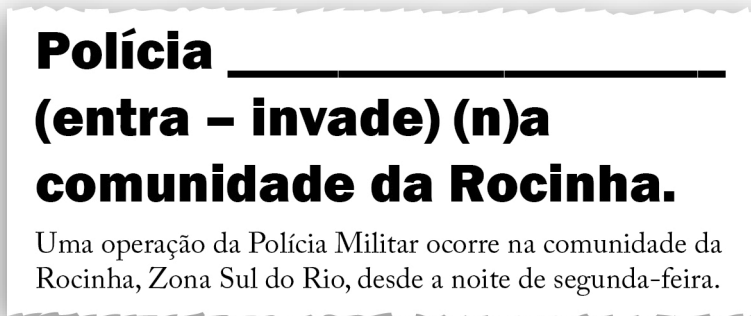


Figura 11.5

As duas opções estariam corretas no que se refere à compreensão da mensagem; no entanto, a segunda opção apresentada confere um sentido mais agressivo, de uma ação mais dura da corporação. Essa escolha faz com que o leitor deduz que a polícia teve uma atitude firme e corajosa em sua atuação, sugerindo força, destemor e firmeza por parte dos policiais. A implicação no sentido da sentença com ambas as opções de verbos cria uma estratégia de divulgação ideológica do veículo de comunicação, transmitindo a informação de forma mais objetiva (entra) ou enaltecendo a ação da polícia (invade). A carga semântica do verbo “invadir” será reiterada pelo corpo da notícia, que mostrará a polícia numa atuação positiva, no caso da entrada na comunidade para capturar bandidos, ou negativa, ao se tratar de uma operação violenta, intimidadora diante dos moradores do local.

Segundo Koch (2003, p. 54), a construção de cadeias coesivas – a escolha dos elementos linguísticos – pode construir índices valiosos das atitudes, crenças e convicções do produtor do texto, bem como do modo como ele gostaria que o referente fosse visto pelos parceiros. Pode-se concluir, por conseguinte, que a seleção vocabular do redator de uma notícia, por exemplo, revela os implícitos nela embutidos para a transmissão de determinada ideia, sugerindo pontos de vista e ideologias a respeito de um acontecimento.

Homonímia e paronímia

Considerando que as palavras têm significante e significado, e que palavras diferentes podem expressar ideias semelhantes, pode-se perceber que alguns vocábulos têm significantes que se aproximam fonológica e semanticamente. Se quiser relembrar os conceitos de homonímia e paronímia, volte à Aula 6.

Alguns enunciados, por conta do emprego equivocado de palavras homônimas e parônimas, podem ter sua mensagem comprometida, ficando até mesmo com um sentido absurdo e cômico.

Algumas redações de alunos costumam apresentar essa confusão de sentidos, o que se torna alvo de piadas divulgadas na internet, como em matérias intituladas “Pérolas do ENEM”.



Divirta-se com algumas pérolas do ENEM:

“A ciência progrediu tanto que inventou ciclones como a ovelha Dolly.”

“O problema da Amazônia tem uma percussão mundial. Várias Ongs já se estalaram na floresta.”

“O desenvolvimento trás grandes lados positivos e negativos para o meio ambiente.”

Veja mais em http://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A9rolas_do_ENEM. Acesso em: 1 de jun. 2016.



Leia mais sobre os aspectos lexicais em *Por dentro das palavras da nossa Língua Portuguesa*, de Domício Proença Filho (Rio de Janeiro: Record, 2003).

De forma concisa e bem-humorada, o autor demonstra as variadas situações das palavras no dia a dia e desenvolve uma obra de refe-

rência de leitura simples e prazerosa, com ilustrações para auxiliar o leitor na visualização das diferenças entre as palavras e expressões.

Tautologia, ambiguidade e polissemia

A tautologia (do grego *ταὐτολογία*, que significa “dizer o mesmo”), como um vício de linguagem, pode ser considerada um sinônimo de pleonasma ou redundância. A origem do termo vem do grego *tautó*, que significa “o mesmo”, mais *logos*, que significa “assunto”. Portanto, tautologia é dizer sempre a mesma coisa em termos diferentes.

A produção de humor costuma explorar a tautologia em suas criações. O jogo de palavras de duplo sentido, muitas vezes com conotação sexual, é largamente utilizado em apresentações teatrais (atualmente nos espetáculos de *stand up comedy*), programas televisivos, filmes, canções, entre outras formas de expressão. A variedade de significados das palavras de nossa língua tem agradado ao grande público, que se surpreende com a capacidade criativa dos artistas ao inserir determinadas palavras em contextos inusitados e divertidos.



Na internet, procure pelo vídeo que trata de redundância, pleonasma e tautologia, dos humoristas Marcius Melhem e Leandro Hassum no espetáculo *Nós na fita*: <https://www.youtube.com/watch?v=3h-GuKAXqcc>. Acesso em 1 jun. 2016.

Quando se pode atribuir mais de um significado a determinado enunciado, por meio do emprego de uma palavra ou expressão polisêmica, ocorre a ambiguidade. Em alguns casos, a ambiguidade pode provocar uma interpretação equivocada de uma mensagem; em outros, pode-se criar um efeito de humor que, muitas vezes, é proposital por parte do enunciador.



Figura 11.6

Na **Figura 11.6**, observa-se o emprego da locução “malha fina”, que pode ser compreendida como substantivo que significa tecido ou que significa investigação apurada, cuidadosa. A ambiguidade nesse caso foi acidental, comprometendo a inteligibilidade da sentença.



Figura 11.7

Na **Figura 11.7**, ocorre um jogo de sentidos com a palavra “rede”, em que a expressão “rede social” refere-se a *sites* de relacionamento. O autor

do texto, na intenção de criticar os contrastes sociais existentes no país, mostra a “rede” abrigando uma família de condição socioeconômica desfavorecida e que, certamente, não tem acesso às redes sociais. Convém lembrar também que a “rede” é um elemento comum nos lares do nordeste brasileiro, onde a situação de pobreza atinge elevados índices, em relação a outras regiões do país.

=====**Atividade 6**=====

Atende ao objetivo 3

Indique os sentidos possíveis das palavras em destaque nas frases a seguir:

1. Havia uma lima sobre a mesa.
2. A caixa caiu no pátio do estacionamento.
3. No dia de São Cosme e São Damião, deu bolo.
4. Fez a cama logo depois de acordar.
5. Meteu a mão na massa para fazer a comida.
6. O artista pintou o sete no comício da independência.
7. Sempre gostei do preto no branco.
8. Não consegui a linha que desejava.
9. A empregada botou as mãos nas cadeiras.
10. A saída era difícil.

Resposta comentada

1. A “lima” pode ser uma fruta ou uma ferramenta utilizada para desgastar alguma superfície.
 2. A “caixa” pode se referir ao local onde se acondicionam objetos, como também à pessoa do sexo feminino que exerce a função de receber os valores correspondentes às mercadorias em um estabelecimento comercial.
 3. A expressão “deu bolo” pode assumir o sentido conotativo, como algo que aconteceu de forma inesperada e inadequada, além de significar a distribuição de um doce.
 4. “Fazer a cama” pode ser compreendido como o ato de arrumar a cama ou de construí-la.
 5. “Meter a mão na massa” tem tanto o sentido de assumir uma tarefa para realizá-la ou de colocar as mãos em uma massa de qualquer natureza.
 6. “Pintar o sete” adquire o significado artístico, dado o contexto do enunciado, ou pode ser interpretada como o ato de realizar algo divertido, como uma travessura, por exemplo.
 7. “Preto no branco” pode se referir a algo bem esclarecido ou à sobreposição ou combinação dessas cores.
 8. O substantivo “linha”, dentre tantos sentidos, pode assumir a acepção de linha de transporte (ônibus, metrô), de linha de costura ou qualquer outro trabalho manual, ou ainda um ramo de pensamento, estudo ou ideologia.
 9. A empregada pode ter segurado os itens da mobília de determinado local ou ter colocado as mãos nos quadris, popularmente chamados de “cadeiras”.
 10. A “saída” pode significar a solução de algum problema ou ao local por onde as pessoas passam para deixar algum lugar.
-
-
-

Paráfrase

Paráfrase consiste na reconstrução de um texto original, empregando-se as palavras de quem o está produzindo.

Esse recurso da língua deve levar em conta a situação comunicativa em que está inserido, adequando-se a ela nos aspectos que concernem ao nível da linguagem, à escolha vocabular e também ao veículo em que será publicado.

Temos um exemplo citado por Affonso Romano Sant'Anna em seu livro *Paródia, paráfrase & Cia* (2003, p. 23):

Texto Original

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias, “Canção do exílio”).

Paráfrase

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a ‘Canção do Exílio’
Como era mesmo a ‘Canção do Exílio’?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!
(Carlos Drummond de Andrade, “Europa, França e Bahia”).

Antonomásia

Esse recurso efetua uma associação entre aspectos léxicos e semânticos das palavras em enunciados específicos, realizando trocas de vocábulos tanto para evitar repetições como também para imprimir outros sentidos complementares a determinado elemento mencionado na mensagem.

Por antonomásia entende-se a figura de linguagem que diz respeito à substituição de um nome por outro nome ou, ainda, a expressão que remeta à qualidade, característica ou fato que, de alguma forma, identifique o nome referido. Um exemplo de antonomásia é usar “Bruxo do

Cosme Velho” para se referir a Machado de Assis. É um tipo de metonímia, pois se substitui um nome por outro com afinidades semânticas.

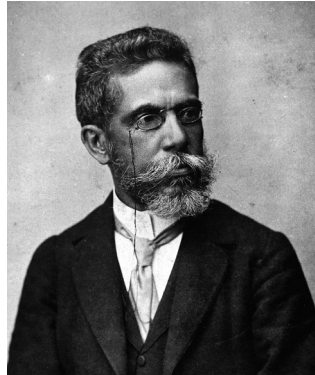


Figura 11.8: Machado de Assis era conhecido como o Bruxo do Cosme Velho porque fazia coisas mirabolantes com as palavras e vivia no Cosme Velho, bairro do Rio de Janeiro.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_de_Tarso#mediaviewer/File:File%22-Saint_Paul_Writing_His_Epistles%22_by_Valentin_de_Boulogne.jpg

Atividade 7

Atende ao objetivo 3

Associe os nomes próprios atribuídos a pessoas e lugares às antonímias correspondentes. É possível que você desconheça algumas das personalidades; busque informações sobre elas em livros, internet ou conversando com conhecidos.

1. Rainha Sertaneja () Recife
2. O Filho de Deus () Zico
3. O Rei da Guitarra () Clube Atlético Mineiro
4. A Dama de Ferro () Silvio Santos
5. O Velho Guerreiro () Jimi Hendrix
6. O Rei do Rock () Paula Fernandes
7. O Galinho de Quintino () Portela
8. O Galo () Jesus Cristo
9. Cidade Maravilhosa () Chacrinha
10. Veneza Brasileira () Rio de Janeiro
11. O Homem do Baú () Margaret Thatcher
12. A Águia de Madureira () Elvis Presley

Resposta comentada

Como você pode perceber pelo exercício, a antonomásia se caracteriza pela substituição de um nome por outro nome ou expressão que lembre uma qualidade, característica ou um fato que possa identificar aquele ser. Paula Fernandes é também referenciada como Rainha do Sertanejo, e Jesus Cristo como Filho de Deus. A sequência numerada, portanto, ficou: 10, 7, 8, 11, 3, 1, 12, 2, 5, 9, 4, 6.

Hiponímia e hiperonímia

Para Henriques (2011a, p. 113), a “roda da semântica” explora vínculos de equivalência, inclusão, oposição, hierarquia, além das relações fono-ortográficas. Neste tópico será enfocada a relação de sentido entre as ideias “todo” e “parte”.

Considere-se o seguinte enunciado:

Patrícia foi a feira e comprou batata, cenoura, chuchu e inhame, pois os *legumes* estavam em oferta.

Os termos sublinhados nomeiam tipos de legumes, constituindo hipônimos, enquanto a palavra em itálico abrange todos os tipos mencionados, tratando-se de um hiperônimo. O emprego desses recursos linguísticos é de extrema importância no aspecto coesivo de um texto, pois, através da substituição de determinados termos, há a possibilidade de particularizar ou generalizar uma ideia, de acordo com a intenção do enunciador.

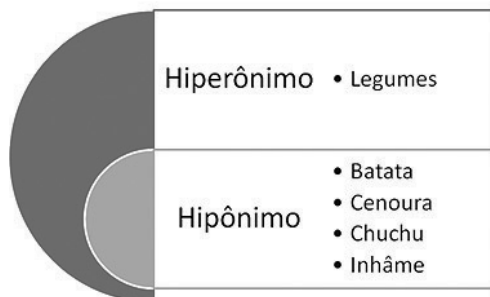


Figura 11.9: O hiperônimo abrange os hipônimos a ele correspondentes.

Meronímia e holonímia

Tomando-se como base os exemplos de hipônimos e hiperônimos do tópico anterior, é fácil perceber que o hiperônimo abrange os hipônimos a ele correspondentes. Outro tipo de relação que se pode estabelecer entre as palavras é a meronímia e a holonímia, que compreendem outros aspectos a serem considerados.

O termo holonímia vem do grego *hólos* (completo, inteiro, total) e *onímia* (nomes), e meronímia, do grego *meros*, significando parte. Eles dizem respeito à relação de hierarquia semântica que se estabelece entre as palavras, de modo que a primeira se refere à unidade em sua totalidade e a segunda, a uma parte desse todo.

Dada a palavra “escritório” como holônimo, podem-se associar a ela diversos merônimos: mesa, computador, pasta, arquivo, papéis, documentos, caneta, agenda. Todos esses elementos aqui nomeados são encontrados em um escritório, designando partes que compõem o todo.



Figura 11.10: No exemplo, “escritório” é a unidade (holônimo) e os demais objetos que o compõem representam as partes (merônimo).

Fontes: <https://www.flickr.com/photos/bbaunach/1055550941>; https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/HP-HP9000-C8000-Workstation_33.jpg; https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/15/File_Cabinet.jpg/320px-File_Cabinet.jpg; <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e1/03-BICcristal2008-03-26.jpg>; <https://www.flickr.com/photos/horiavarlan/4273962294>; <https://www.flickr.com/photos/wheatfields/379727793>; https://c1.staticflickr.com/1/129/320300354_a8e1ce5eef_b.jpg; https://pixabay.com/p-655112/?no_redirect

Conclusão

Pode-se concluir que, a partir de todas as relações de sentido expostas nesta aula, as interpretações e representações dos enunciados determinam o significado que será atribuído a determinada mensagem. A atividade comunicativa está intimamente relacionada aos conhecimentos formal e intuitivo de língua de que um usuário dispõe, que podem ser cada vez mais ampliados através do exercício da linguagem.

Infere-se, portanto, que a produção de sentido é um processo conduzido por elementos externos e internos à linguagem, de caráter único e particular, abrangendo os conhecimentos de diferentes naturezas que um indivíduo acumula no decorrer de sua vida.

Atividade final

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

1. A fim de se evitar a repetição do termo em destaque, produza uma sequência de texto para cada alternativa, utilizando um hiperônimo adequado:

a) A felicidade daquela família era o cão que já vivia há anos com ela.

b) A mudança do carro era necessária para que eles pudessem viajar.

c) O cometa Halley aparece sempre com uma luz especial e fulgurante.

2. Em relação aos holônimos e merônimos, aponte qual caso correspondente às sentenças abaixo e, em seguida, apresente a distinção básica entre eles:

a) As teclas já precisavam ser trocadas.

b) Todo o alfabeto precisa ser aprendido.

Resposta comentada

1.

- a) animal
- b) automóvel
- c) fenômeno

Obs: É necessário que o elemento utilizado como hiperônimo mantenha uma relação de significação estreita com o hipônimo da questão. Atenção!

2.

- a) meronímia
- b) holonímia

Em termos objetivos, a holonímia compreende o todo pela parte (alfabeto – letras) e a meronímia, a parte pelo todo (teclas – teclado).



Resumo

O código, mais especificamente o léxico, exerce um papel fundamental na concretização do processo comunicativo. Tanto por seu significado mais primário, quanto por suas variações em determinados contextos interativos, as palavras têm o poder de expressar o que o usuário de determinada língua pretende, desde que os envolvidos nesse processo estejam sintonizados no mesmo campo de significação, efetivando, dessa forma, a intenção comunicativa. Essa sintonia é chamada de “contrato comunicativo” por Azeredo (2007), compreendendo aspectos explícitos e implícitos do evento interativo.

Para difundir conteúdos e informações, os usuários de uma língua utilizam textos, orais ou escritos. Essa atividade constitui o discurso, construído a partir do conhecimento lexical e semântico de uma língua.

O léxico compreende o conjunto de palavras que compõem uma língua e é objeto de estudo de algumas ciências, como a Lexicologia, a Fraseologia e a Lexicografia, ciências complementares, fundamentais no estudo e na sistematização de obras que sirvam aos usuários de uma língua.

No que tange às relações lexicais, Saussure (2002, p. 146) afirma que cada palavra é como se fosse o centro de uma constelação, “o centro para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. Dessa forma, múltiplas associações podem ser feitas a partir de uma palavra, considerando-se diversos aspectos como a identificação semântica, morfológica, morfossemântica e fonológica.

Para Henriques (2011a), as relações associativas entre as palavras são definidas através do campo associativo, do campo conceitual e do campo semântico. Compreendidas nessas associações estão as relações de sinonímia, antonímia, homonímia e paronímia.

Considerando-se o aspecto polissêmico das palavras, tem-se a ocorrência da ambiguidade, fruto, muitas vezes, de uma má escolha lexical, tópico relevante nesta aula.

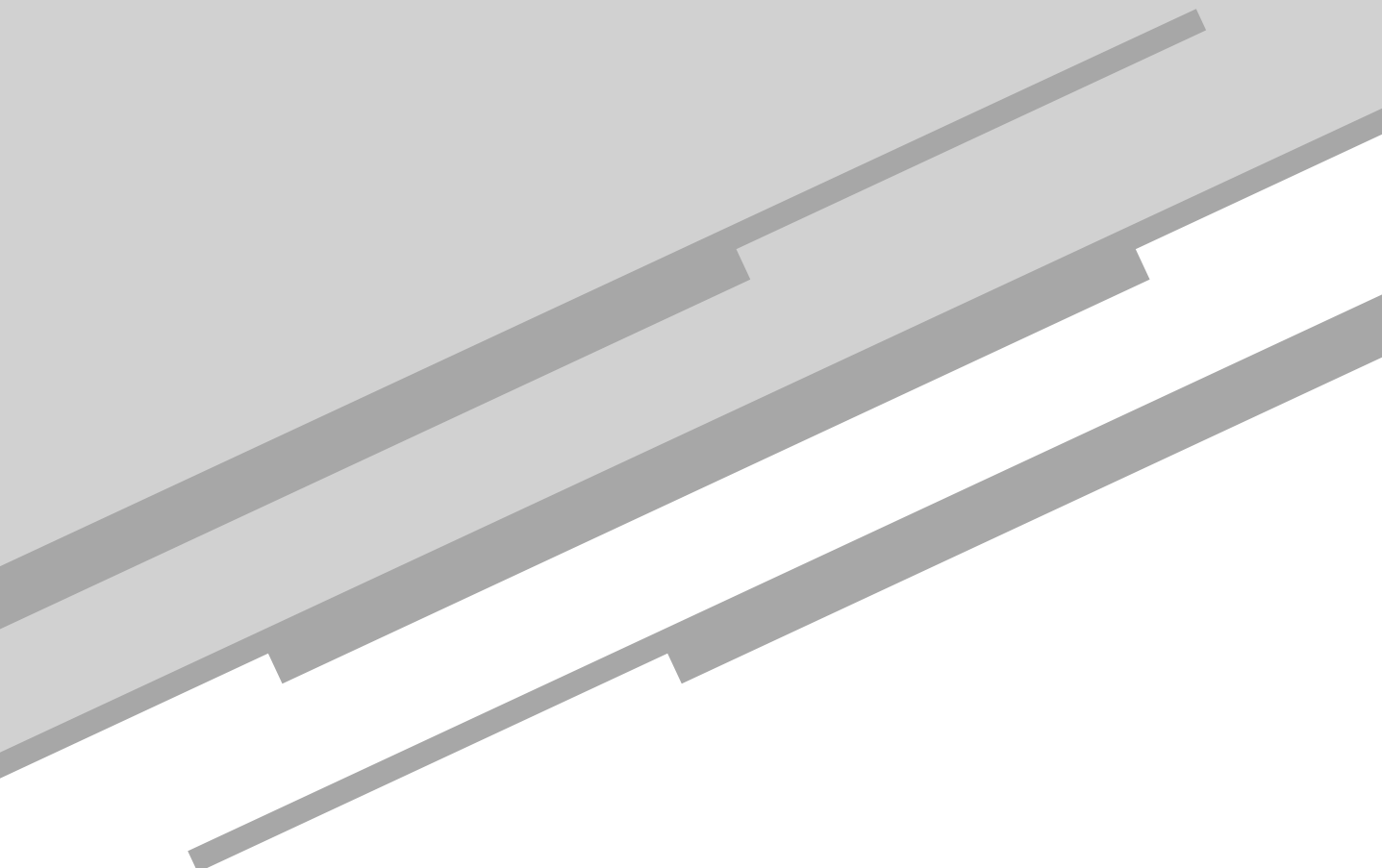
Importante mencionar também a paráfrase, tipo de intertextualidade em que há a reconstrução de um determinado texto através de outras palavras, preservando-se o sentido original.

Os variados tipos de associações realizadas entre as palavras constituem recursos coesivos importantes na elaboração de textos e contribuem na construção do sentido das mensagens. Podem-se mencionar a antonímia e a eponímia, assim como a hiponímia, a hiperonímia, a meronímia e a holonímia, que influenciam de forma considerável a progressão temática de um texto.

Todos os tópicos apresentados nesta aula constituem ferramentas fundamentais no aprofundamento dos estudos relativos ao léxico e suas respectivas relações no funcionamento de nossa língua.

Aula 12

Polifonia e intertextualidade



Deise Cristina de Moraes Pinto

Meta

Discutir a *polifonia e a intertextualidade* como fenômenos distintos, mas compreendendo que a intertextualidade é uma das manifestações mais importantes da polifonia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os tipos de intertextualidade;
2. reconhecer os principais indicadores de polifonia, tanto nos casos em que o locutor adere ao ponto de vista do(s) enunciador(es) quanto nos casos em que ele não adere.

Introdução

Observe o texto a seguir:

Até o fim

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim.
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
[...]

(BUARQUE, Chico. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45110/>).

Você deve ter achado esse texto, no mínimo, “familiar”. Isso ocorreu porque ele foi criado com base em outro texto e, embora não haja menção explícita a ele, você, de alguma forma, identificou esse “diálogo” entre ambos. Esse texto teve como fonte o poema que segue, de Carlos Drummond de Andrade, e é uma paródia deste:

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida
[...]

(ANDRADE, 2012, p. 53-54).

Na Aula 8, estudamos a paráfrase e a paródia, duas formas de manifestação da intertextualidade, mais precisamente da intertextualidade implícita. Porém, conforme vimos, este não é o único tipo de intertextualidade existente e, nesta aula, conheceremos outros dois: intertextualidade temática e intertextualidade estilística. Também faremos a distinção entre intertextualidade e polifonia, mostrando que esta é mais abrangente e que a intertextualidade é uma de suas manifestações mais importantes. Nesse sentido, observaremos, a partir da visão de Koch, que o conceito de polifonia abarca o de intertextualidade, mas nem todo caso de polifonia é intertextualidade.



Busque na *internet* “O poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. A versão declamada pelo ator Paulo Autran é uma boa opção: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmnMgZ4tcag>. Acesso em 1 jun. 2016.



Edmund Gall

Figura 12.1

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carlos_Drummond_de_Andrade_2012-09-08.jpg

A intertextualidade e seus tipos

Hoje já existe um entendimento de que todos os textos apresentam algum tipo de intertextualidade, “pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (MARCUSCHI, 2008, p. 129). Com base nessa “(inevitável) presença do outro no que dizemos e escrevemos”, essa comunicação entre os textos, Koch postulou alguns tipos de intertextualidade, conforme mencionamos na aula sobre paráfrase e paródia.

Vamos adotar a classificação vista em Koch, Bentes & Cavalcante (2008), começando por uma breve revisão do conceito e dos tipos explícito e implícito e apresentando os demais.

A intertextualidade, em sentido restrito (ou denominada apenas intertextualidade), é aquela em que necessariamente há a presença de um intertexto (texto-fonte), ou seja, aquela em que um texto se relaciona com outros textos existentes, com textos efetivamente produzidos. Os diversos tipos de intertextualidade não são necessariamente excludentes. Veremos cada um, tomando a liberdade de reproduzir, ao longo da aula, alguns exemplos tirados de Koch, Bentes & Cavalcante (2008) e Koch (2013):

1. Intertextualidade explícita – quando a fonte do intertexto é citada. Ocorre, por exemplo, em citações e referências, em resumos, resenhas, traduções etc., bem como em textos argumentativos, ao recorrer-se ao argumento de autoridade (por exemplo, citando um especialista em determinado assunto ou um representante do poder público). Observe o exemplo da citação que segue:

Considero intertextualidade em sentido restrito a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos. Respaldo-me em Jenny (1979:14):

“Propomo-nos a falar de intertextualidade desde que se possa encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente, mas seja qual for seu nível de estruturação” (KOCH, 2013, p. 62).

Para dar credibilidade a sua argumentação, Koch recorre a uma autoridade de modo bastante explícito (“Respaldo-me em...”), citando Laurent Jenny.

2. Intertextualidade implícita – neste tipo, ao contrário, a fonte do intertexto não é mencionada explicitamente. Nesses casos, de um modo geral, as fontes dos intertextos são obras literárias, músicas conhecidas, bordões, provérbios, frases feitas etc. É o caso da música “Até o fim”, de Chico Buarque, apresentada no início desta aula e que tem como fonte o “Poema de sete faces”, de Drummond.

O objetivo de se usar o intertexto, nesse tipo de intertextualidade, é seguir ou não sua orientação argumentativa. Em textos que seguem a orientação argumentativa de seus intertextos, “verificam-se paráfrases, mais ou menos próximas, do texto-fonte: é o que Sant’Anna (1985) denomina ‘intertextualidade das semelhanças’, e Grésillon & Maingueneau (1984) chamam de ‘captação’” (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 30).

Já em textos que não seguem a orientação argumentativa de seus intertextos,

incluem-se **enunciados** parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações do tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (‘intertextualidade das diferenças’, para Sant’Anna, 1985; ‘subversão’, para Grésillon & Maingueneau, 1984) (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 30).

Enunciado

Segundo Barros (2011, p. 1), a definição de enunciado proposta por Bakhtin “aproxima-se da concepção atual de texto”.

Retomemos os textos apresentados no início desta aula para exemplificar a intertextualidade implícita:

Texto 1:

Até o fim

Quando eu nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim.
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
[...]

(BUARQUE, Chico. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45110/>).

Esse texto tem como fonte um poema (Texto 2, a seguir). Trata-se de um caso de intertextualidade implícita porque Chico Buarque não menciona essa fonte.

Texto 2:

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida
[...]

(ANDRADE, 2012, p. 53-54).

O interlocutor/receptor tem de conhecer o intertexto e ativá-lo/recuperá-lo em sua memória discursiva para construir o sentido, principalmente nos casos de subversão (paródias, por exemplo). Nos casos de captação (paráfrases), a ativação desse conhecimento prévio também é relevante, porém, quanto mais fiel ao sentido original, menos essa ativação é exigida na compreensão do texto.

3. Intertextualidade temática (ou de conteúdo) – esse tipo é encontrado entre textos científicos da mesma área, entre matérias de jornais (ou matérias de um jornal) no mesmo período em que um assunto está em foco, entre textos da mesma escola/gênero literário... Em suma, entre textos que compartilhem o mesmo tema. Observe os textos 3 e 4, a seguir:

Texto 3:

No dia 6 de junho de 2005, o jornal “Folha de S.Paulo” publicou uma entrevista com o deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ), na qual ele revelava a existência do pagamento de propina para parlamentares. Segundo o presidente do PTB, congressistas aliados recebiam o que chamou de um “mensalão” de R\$ 30 mil do então tesoureiro do PT, Delúbio Soares. O esquema teria sido realizado entre 2003 e 2004, segundo relatório final da CPI dos Correios, e durado até o início de 2005. Jefferson afirmou ainda que falou do esquema para o presidente Lula (In: *UOL Notícias*, 30 jul. 2012).

Texto 4:

O escândalo do mensalão foi a crise de maior repercussão do primeiro mandato do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O estopim da crise ocorreu em maio de 2005, quando um funcionário dos Correios, Maurício Marinho, foi flagrado recebendo propina de empresários. Apadrinhado do então deputado federal Roberto Jefferson (PTB), Marinho passou a ser alvo de investigações. E Jefferson foi acusado de fazer parte do esquema de corrupção dos Correios. Abandonado pelo governo e se sentindo acuado, Jefferson concedeu uma entrevista em junho de 2005 denunciando a compra de votos dos parlamentares no Congresso Nacional (In: *Época*, 22 ago. 2007).

Como se pode ver, os textos 3 e 4 são trechos de matérias publicadas por jornais diferentes, questão tratando do mesmo tema: o escândalo do mensalão. Exemplificam a intertextualidade temática.

4. Intertextualidade estilística (ou de forma e conteúdo) – repetição, imitação ou paródia de um estilo ou variedade linguística para atingir certo efeito. Embora não seja possível intertextualidade só de forma, pois toda forma sempre veicula algum conteúdo (KOCH, 2013), na in-

tertextualidade estilística, há uma certa ênfase na imitação da forma. Veja o exemplo da “Oração do internauta”, que utiliza o “Pai nosso” como intertexto:

Satélite nosso que estais no céu, acelerado seja o vosso *link*, venha a nós o vosso *host*, seja feita a vossa conexão, assim em casa como no trabalho.

O *download* de cada dia nos dai hoje, perdoai nosso tempo perdido no *chat*, assim como nós perdoamos os *banners* de nossos provedores.

Não nos deixeis cair a conexão e livrai-nos do *spam*, amém!
(KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 20).



Conheça os demais tipos de intertextualidade, como a intertextualidade intergenérica, a intertextualidade tipológica e o *détournement*, e outros olhares sobre o fenômeno, consultando uma obra só sobre o assunto:

KOCH, I; BENTES, A.; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

Além de capítulos que tratam exclusivamente desses tipos de intertextualidade, as autoras apresentam ampla exemplificação.

A intertextualidade vem sendo cada vez mais estudada e sua importância cada vez mais reconhecida. De acordo com Koch & Travaglia (1989), citados por Koch (2013, p. 64), as “manifestações da intertextualidade permitem apontá-la como fator dos mais relevantes na construção da coerência textual”. Já Marcuschi, retomando Beaugrande & Dressler (1981), aponta a intertextualidade como um dos critérios de textualidade e a cita como “um fator importante para o estabelecimento dos tipos e gêneros de texto na medida em que os relaciona e os distingue” (2008, p. 130).



Para saber mais sobre os outros critérios de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade), leia:

MARCUSCHI, L. Critérios de textualização: visão geral (itens 1.10 e 1.11). In: _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 93-133.

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Relacione os excertos a seguir aos tipos de intertextualidade apresentados (1, 2, 3 ou 4). Conforme mencionamos anteriormente, os diferentes tipos de intertextualidade podem ocorrer ao mesmo tempo (eles não são necessariamente excludentes). Caso identifique co-ocorrências, aponte-as:

a)

Excerto A:

Escândalo e Literatura (...o caso do dinheiro na cueca)

- À moda Drummond: “Tinha um raio-x no meio do caminho”.

- À moda Paulinho da Viola: “Dinheiro na cueca é vendaval”.

- À moda Shakespeare: “Meu reino por uma ceroula”

(Adaptado de KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 25-28.

Autor desconhecido)

Tipo(s) de intertextualidade: _____

b)

Excerto B:

Negócios da Petrobras são alvos de investigações do Tribunal de Contas da União (TCU), Polícia Federal e Ministério Público,

e parlamentares disputam a instalação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar a estatal.

São 3 as principais denúncias envolvendo a Petrobras:

- Suspeitas de superfaturamento e evasão de divisas na compra da refinaria de Pasadena, no Texas, em 2006;
- Indícios de superfaturamento na construção da refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco;
- Indícios de pagamento de propina a funcionários da petroleira pela companhia holandesa SBM Offshore.(In: O Globo, 09/04/2014).

Excerto C:

O que motivou a instalação da CPI da Petrobras?

A CPI da Petrobras foi instalada por iniciativa de parlamentares de oposição em decorrência de diversas denúncias envolvendo a Petrobras.

Em março, quando a operação Lava-Jato, da Polícia Federal, revelou relações entre o doleiro Alberto Youssef e Costa, ex-diretor de Abastecimento da Petrobras, a gestão da estatal foi posta à prova, já que os dois foram presos em uma investigação de um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou R\$ 10 bilhões.

Por conta disso, a oposição cobrou a instalação de uma CPI para investigar irregularidades. No entanto, devido a divergências entre oposição e governo, há duas investigações em curso desde maio. Uma apoiada pela bancada governista, no Senado, e outra mista (com integrantes de ambas as casas), que é defendida pela oposição. As duas CPIs terão prazo de 180 dias para apresentar o relatório final.

O que está sendo investigado?

As CPIs estão investigando irregularidades envolvendo a Petrobras, ocorridas entre os anos de 2005 e 2014. Entre os fatos investigados estão a compra da refinaria de Pasadena, no Texas (EUA), o lançamento de plataformas inacabadas, denúncias de pagamento de propina a funcionários da estatal e o superfaturamento na construção de refinarias.(In: Exame, 10/09/2014).

Tipo(s) de intertextualidade: _____

Resposta comentada

a) Tipos de intertextualidade:

- 4 (Estilística) – podemos perceber a imitação dos estilos, da variedade linguística etc., de Drummond, Paulinho da Viola e Shakespeare para atingir efeito cômico.
- 1 (Explícita) – podemos dizer que há também intertextualidade explícita, porque as fontes (no caso, os autores) foram citadas.

b) Tipo de intertextualidade:

- 3 (Temática) – podemos afirmar que há intertextualidade temática porque ambos os excertos são matérias (uma de um jornal e a outra de uma revista) que tratam de um mesmo assunto (tema), em um período em que esse assunto estava em foco.

A polifonia

Polifonia é um termo da música, tomado por empréstimo por Bakhtin na descrição do romance de Dostoiévski. Na música, designa “coro de vozes” (metáfora também resgatada posteriormente por **Ducrot**) ou “reunião de instrumentos”. Nas ciências da linguagem, a polifonia “alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto” (CHARADEAU & MAINGUENEAU, 2014, verbete “polifonia”). Essas vozes são responsáveis por essas diferentes perspectivas/ideologias.

Partindo da noção de polifonia bakhtiniana e tendo também por base os trabalhos de **Gérard Genette**, Ducrot desenvolve o conceito de polifonia, introduzindo-o nos estudos linguísticos sob a ótica da semântica da enunciação (ou semântica argumentativa), de que já tratamos em aulas anteriores. O termo apresenta, então, acepções diferentes. Eis a de Ducrot, que adotaremos aqui:

[...] o conceito de polifonia [...] exige apenas que se representem, encenem (no sentido teatral), em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadoreis (reais ou virtuais) diferentes – daí a metáfora do “coro de vozes” [...]. (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 79).

Oswald Ducrot (1930-)

Filósofo francês e diretor de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Autor de muitos livros sobre enunciação. Desenvolveu, com Jean-Claude Anscombe, a Teoria da Argumentação na Língua (TAL): a língua natural não só mantém um link de referência para o mundo, mas é o lugar para a troca de argumentos, cuja estrutura está alojada na própria língua.

Gérard Genette (1930-)

Critico literário francês, estruturalista e teórico da literatura. Desenvolveu teoria sobre narratologia e distinguiu aquele que vê daquele que fala. Seu trabalho geralmente é discutido em obras secundárias. Alguns conceitos: duração do evento e da narração (tempo discursivo e tempo narrativo); voz (quem narra e de onde narra); modo narrativo (distância e perspectiva do narrador); etc. Traduzido e adaptado de: http://en.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9rard_Genette

Enquanto a intertextualidade é a relação de um texto com outros efetivamente produzidos, ou seja, exige a presença de um intertexto (texto-fonte), na polifonia não há necessariamente um intertexto. Na polifonia, são postas em cena diferentes vozes, conforme veremos mais adiante.



Para uma visão das outras acepções do termo *polifonia* (literária e da Análise do Discurso), consulte o verbete em:

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014. p. 384-388.

Para entender melhor a polifonia, precisamos compreender alguns outros conceitos, também definidos por Ducrot, e relacionados a esse. Vejamos, então.

Para Ducrot, citado por Koch (2013, p. 65), “o sentido de um enunciado consiste em uma representação (no sentido teatral) de sua enunciação. Nessa cena, movem-se as personagens – figuras do discurso”. As personagens a que Ducrot se refere são:

- a) o locutor – aquele que “é apresentado como responsável pelo dizer, mas não é um ser no mundo, pois trata-se de uma ficção discursiva. É aquele que fala, que conta [...]” (BRANDÃO, 2012, p. 72). É o narrador, na teoria de Genette;
- b) o sujeito falante empírico – aquele que produz o enunciado e é um ser real no mundo. Na teoria de Genette, corresponde ao autor;
- c) o enunciador – “representa a pessoa de cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados [...]. [...] é aquele que vê, é o lugar de onde se olha” (BRANDÃO, 2012, p. 73). Para Genette, é o centro de perspectiva.

Segundo Charadeau & Maingueneau (2014, verbete “polifonia”), esses “seres discursivos” são abstratos; Ducrot não se interessa pelo falante real.

A polifonia pode ocorrer no nível do locutor (narrador) ou no do enunciador (o responsável pelo ponto de vista). Verifica-se a polifonia quando:

- há mais de um locutor em um mesmo enunciado – este tipo de polifonia Koch (2013, p. 65) denomina como “intertextualidade explícita”, que pode ser atestada no discurso relatado, nas citações, nas referências, na argumentação por autoridade etc.
- há mais de um enunciador em um mesmo enunciado – esse tipo de polifonia dá conta parcialmente da intertextualidade implícita, mas é mais abrangente:

[...] basta que se representem, no mesmo enunciado, perspectivas diferentes, sem a necessidade de utilizar textos efetivamente existentes. Por isso é que Ducrot refere-se à encenação (teatral) de enunciadores – reais ou virtuais – a quem é atribuída a responsabilidade da posição expressa no enunciado ou segmento dele. Essa noção de polifonia permite explicar uma gama muito ampla de fenômenos discursivos, que podem ser classificados segundo a atitude de adesão ou não do locutor à perspectiva polifonicamente introduzida (KOCH, 2013, p. 65).

Resumindo:

Quadro 12.1

Figura do discurso (ou personagem)	O que faz?	Tipo de polifonia
locutor	narra	intertextualidade explícita
sujeito falante empírico	produz o enunciado	-
enunciador	é o ponto de vista	alguns casos de intertextualidade implícita + outros fenômenos

A seguir, veremos alguns indicadores da presença de outros enunciadores/vozes. Em alguns casos, há associação (adesão) do locutor ao ponto de vista introduzido pelo(s) enunciador(es) e, em outros, há dissociação (não adesão). Antes, para finalizar esta seção, vamos relembrar o conceito de polifonia adotado aqui e resumir a questão em torno da diferença entre polifonia e intertextualidade:

“encenam-se” no interior do discurso do locutor perspectivas ou pontos de vista representados por enunciadores reais ou virtuais diferentes, sem que se trate, necessariamente, de textos efetivamente existentes (KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2008, p. 79 [grifos nossos]).

Vemos, por essa definição, que a polifonia ocorre independentemente de haver um texto-fonte previamente existente/efetivamente produzido. Nesse sentido, a polifonia é mais ampla que a intertextualidade e é constante no discurso. Ela permite que o locutor se isente da responsabilidade de uma afirmação, já que não a assume e a atribui a outro enunciador.

Indicadores da presença de outros enunciadores/vozes: os índices de polifonia

A noção de polifonia de Ducrot dá conta da explicação de vários fenômenos discursivos. Os principais indicadores da polifonia são:

a) Pressuposição — atua como uma das vozes presentes, que leva o ouvinte a admitir a pressuposição e a não poder negá-la. Alguns advérbios, alguns verbos que indicam mudança/permanência, sentimento, entre outras marcas linguísticas, expressam o ponto de vista de outro enunciador, que pode ser, inclusive, o senso comum (“a voz do povo”), uma crença. Por exemplo:

E_2 (Enunciador 2): O país *ainda* espera por mudanças.

E_1 (Enunciador 1): O país esperava por mudanças antes.

Vemos no enunciado exemplificado, a presença de mais de um enunciador, isto é, mais de uma voz em diálogo: E_1 (Enunciador 1) e E_2 (Enunciador 2). E_1 é o que está por trás do enunciado produzido, ou seja, a voz pressuposta (o pressuposto); e E_2 é o conteúdo explícito, o que foi efetivamente produzido (o posto).

b) Uso metafórico do futuro do pretérito — alguns tempos verbais são mais usados para narrar e outros mais para comentar, mas às vezes isso é invertido com um propósito. O futuro do pretérito é mais comum nas narrações, mas pode ser usado em comentários para introduzir “a voz a partir da qual se argumenta” (KOCH, 2013, p. 67), mas que isenta o produtor do comentário e responsabiliza essa voz. Esse uso é muito comum no discurso jornalístico. Por exemplo:

E₂: Policiais corruptos *teriam* cobrado propina de comerciantes.

E₁: Fonte (não informada) afirma que os policiais corruptos cobraram propina de comerciantes.

c) Operadores conclusivos — introduzem uma voz, geralmente de um enunciador genérico (sabedoria popular, provérbios, valores de uma cultura etc.) para argumentar a partir dela. Por exemplo:

E₂: Levantou-se, vestiu o uniforme e saiu. *Portanto*, deve ter ido trabalhar.

E₁: Quem se levanta, veste o uniforme e sai vai trabalhar [voz geral].

d) Expressões como “parece que”, “segundo fulano”, “dizem que” etc. — introduzem a voz de um enunciador externo para encadear um ponto de vista pessoal. Por exemplo:

E₂: *Parece que* a inflação voltou.

E₁: A inflação voltou.

Os fenômenos apresentados até aqui são casos em que o locutor adere ao ponto de vista do(s) enunciador(es). Vamos continuar mostrando os principais indicadores de polifonia a seguir, mas, nestes casos, o locutor não adere ao ponto de vista do(s) outro(s) enunciador(es):

a) Negação — Como apontam Koch, Bentes & Cavalcante (2008, p. 80), “a negação pressupõe sempre um enunciado afirmativo de um outro enunciador”: E₁ produz o enunciado afirmativo e E₂, a negação. Por exemplo:

E₂: Maria *não* é professora.

E₁: Maria é professora.

b) Operadores argumentativos como “pelo contrário”, “ao contrário” — opõem-se não aos segmentos que o antecedem, mas a E₁, a voz que poderia ter produzido esses segmentos. Por exemplo:

E₂: Esse menino *não é* preguiçoso. *Pelo contrário*, tem feito todas as tarefas.

E₁[voz – ponto de vista – do segmento anterior ao operador: Esse menino *não é* preguiçoso]: Esse menino é preguiçoso.

c) Operadores concessivos e adversativos — dão voz a uma opinião para, em seguida, se opor a essa voz. Por exemplo:

E₂: Comprou a passagem, *mas* não viajou.

E₁: Quem compra passagem, viaja.

d) Aspas — marca distanciamento ou não concordância com o que está entre as aspas e que é atribuído a outro enunciador (E_1), responsável pelo *uso* do termo aspeado. E_2 apenas *menciona* o que diz E_1 , aspeando para se isentar da responsabilidade sobre o que foi dito. Por exemplo: Ele se acha “esperto”.



Veja mais índices de polifonia com e sem a adesão do locutor em:

KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Observe os excertos a seguir e indique fenômenos que apontem para a presença de diferentes perspectivas polifônicas:

Excerto A:

São Paulo – Da Petrobras aos parlamentares que trabalham na CPI que investiga as irregularidades na estatal, passando por Marina Silva e governo: todos afirmam que querem ter acesso ao conteúdo integral das denúncias feitas por Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobras, ao Ministério Público Federal e à Polícia Federal.

Segundo relato da revista *Veja* desta semana, Costa teria afirmado que uma série de políticos ligados ao governo estariam envolvidos em esquema de corrupção na Petrobras.

Na manhã de hoje, o teor das denúncias será pauta de reunião entre o senador Vital do Rêgo (PMDB), que preside a CPI Mista da Petrobras, e outros parlamentares. À tarde, a comissão deve ouvir o também ex-diretor Nestor Cerveró, que, junto com Costa, aprovou a compra da refinaria de Pasadena, no Texas (EUA) (Revista *Exame*, 10 set. 2014).

Excerto B:

O Brasil não pode desistir de suas crianças e adolescentes

A proposta aprovada funciona mais como uma estratégia populista diante da sociedade cansada da violência: muitos dos defensores desta PEC usam o sofrimento das pessoas sem oferecer argumentos sólidos

Assim como não é moralmente aceitável que os pais abandonem seus filhos, fere princípios éticos de uma nação desistir de sua infância e juventude. Lamentavelmente, é essa a indicação da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, ao *aprovar a admissibilidade da PEC 171/1993*, que reduz a maioria penal. [...]

Experiências internacionais demonstram que nos 54 países que reduziram a maioria penal não se registrou redução da violência. Recentemente, diante do insucesso da medida, Espanha e Alemanha revogaram a redução da maioria penal para menores de 18 anos.[...]

Foi constituída uma ideia errônea de que os adolescentes estão à margem de qualquer responsabilização. No entanto, hoje, a partir dos 12 anos, adolescentes infratores cumprem medidas socioeducativas em unidades específicas de internação, que têm como objetivo evitar que estes reincidam, tendo sucesso em mais de 80% dos casos. Incluídos no sistema carcerário, onde não conquistamos êxito até os dias atuais no cumprimento da Lei de Execuções Penais, os adolescentes estarão sujeitos às taxas de reincidências observadas neste sistema, que ultrapassam 70%.

Parece que os parlamentares de hoje acreditam no poder da legislação penal de por si resolver todos os problemas. Somos defensores de que é preciso implementar em sua plenitude, a lei 12.594/2012 que constitui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), e traçar estratégias para a redução da violência, observando um conjunto de medidas necessárias no âmbito da segurança pública, educação e cultura. O que devemos aos adolescentes brasileiros é a capacidade como País de, por meio dos nossos governos, assegurarmos a eles formação de projetos de vida baseados nos valores da solidariedade e do respeito mútuo, em que possam contribuir com a sociedade e estando a salvo da violência (NUNES, 2015).

Resposta comentada

Podemos notar os seguintes indicadores de polifonia:

Excerto A:

– “[...] todos afirmam que [...]” e “Segundo relato da revista *Veja* desta semana [...]” – introduzem vozes de enunciadores externos para encadear um ponto de vista pessoal.

– Costa “teria afirmado” que uma série de políticos ligados ao governo “estariam envolvidos” – uso do futuro do pretérito para introduzir “a voz a partir da qual se argumenta” (KOCH, 2013, p. 67) e responsabilizá-la pelo comentário. Como já mencionado, esse uso é bastante comum no discurso jornalístico.

Excerto B:

– “O Brasil não pode desistir de suas crianças e adolescentes” – a pressuposição (o Brasil desistiu/está desistindo de suas crianças) atua como uma das vozes presentes, levando o ouvinte a admiti-la e a não poder negá-la.

– “muitos dos defensores desta PEC” – introduz a voz de um enunciador externo para encadear um ponto de vista (“sem oferecer argumentos sólidos”).

– “não é moralmente aceitável que os pais abandonem seus filhos” – a negação pressupõe um enunciado afirmativo (*é moralmente aceitável...*) produzido por outro enunciador.

– “Lamentavelmente” – funciona como um operador argumentativo, opondo-se à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, que aprovou a admissibilidade da PEC 171/1993.

– “Experiências internacionais demonstram [...]” e “Espanha e Alemanha revogaram [...]” – introduzem enunciadores externos para encadear pontos de vista (*não se registrou redução da violência; insucesso da medida*).

– “Foi constituída uma ideia errônea de que os adolescentes estão à margem de qualquer responsabilização” – uso da voz passiva introduzindo enunciador externo (de ideia errônea).

–“Parece que”–introduz a voz de um enunciador externo para encadear um ponto de vista.

– “Somos defensores de que [...]” –mostra o ponto de vista do locutor.

Conclusão

Como acabamos de ver nesta aula, há casos de polifonia que também são exemplos de intertextualidade, pois a polifonia se manifesta através da intertextualidade, ou seja, na presença de um intertexto (texto-fonte). Porém, há, também, casos de polifonia que não se encaixam em nenhum tipo de intertextualidade, pois não se pautam em textos efetivamente produzidos. Nesses casos, a polifonia se manifesta por meio de vozes (pontos de vista), que são colocadas em cena.

Nesse sentido, dizemos que todo caso de intertextualidade é polifonia, mas nem todo caso de polifonia é intertextualidade, pois a polifonia é mais abrangente que a intertextualidade. Por outro lado, a intertextualidade é a manifestação mais importante da polifonia.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

Vimos, nesta aula, que em todos os casos de intertextualidade há presença de polifonia (várias vozes), mas nem todo caso de polifonia apresenta intertextualidade (base em um texto efetivamente produzido). Observe passagens da música “Bom conselho”, de Chico Buarque, reproduzidas a seguir e comente se há intertextualidade ou não. Mostre, também, o outro ponto de vista apresentado polifonicamente, ou seja, através de outro enunciador/voz, que, nesse texto, é a sabedoria popular:

a) E₂: Está provado, quem espera nunca alcança

E₁: _____

b) E₂: Faça como eu digo

Faça como eu faço

E₁: _____

c) E₂: Aja duas vezes antes de pensar

E₁: _____

d) E₂: Devagar é que não se vai longe

E₁: _____

Resposta comentada

Nessa música de Chico Buarque, há intertextualidade implícita, pois são feitas alusões a vários provérbios conhecidos. Portanto, o outro enunciador (E₁), nesse texto, é sempre um enunciador genérico.

a) E₂: Está provado, quem espera nunca alcança

E₁: “Quem espera sempre alcança” (voz/ponto de vista de um enunciador genérico: a sabedoria popular).

b) E₂: Faça como eu digo

Faça como eu faço

E₁: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

c) E₂: Aja duas vezes antes de pensar

E₁: “Pense duas vezes antes de agir”.

d) E₂: Devagar é que não se vai longe

E₁: “Devagar se vai ao longe”.

Resumo

Nesta aula, nosso objetivo foi distinguir a *polifonia* da *intertextualidade*, mas compreendendo que a intertextualidade é uma das manifestações mais importantes da polifonia. Para isso, aprofundamo-nos nos conhecimentos sobre cada um desses fenômenos.

A intertextualidade é a referência que fazemos a textos preexistentes, efetivamente produzidos. Na intertextualidade explícita, o texto-fonte é citado, e na implícita, essa fonte não é citada e o leitor/interlocutor tem de recorrer ao seu conhecimento prévio e à sua memória para recuperar a fonte. A intertextualidade estilística (ou de conteúdo) ocorre entre textos que compartilhem o mesmo assunto, e a intertextualidade estilística (ou de forma e conteúdo) é a que se dá quando se imita um estilo. Koch (2013) afirma que não há intertextualidade apenas de forma, pois toda forma sempre expressa algum conteúdo.

Na polifonia, diferentemente da intertextualidade, não existe necessariamente um intertexto (texto-fonte). Na polifonia, considera-se a presença de vozes (pontos de vista, perspectivas, posições), que são postas em cena por diferentes enunciadores. Os enunciadores não são necessariamente o narrador nem o autor. Vimos, então, a distinção, de Ducrot, entre essas personagens (figuras do discurso): o *locutor* (aquele que narra); o *sujeito falante empírico* (aquele que produz o enunciado e é um ser real no mundo; autor); e o *enunciador* (pessoa ou ponto de vista do qual se olha). Vimos que a polifonia pode ocorrer no nível do locutor (que corresponde à intertextualidade explícita, de Koch) ou no do enunciador (intertextualidade implícita, mas também outros fenômenos).

Por fim, foram apresentados vários fenômenos que indicam a presença da polifonia, tanto em situações em que o locutor adere ao ponto de vista do(s) enunciador(es) quanto nos casos em que não há adesão ao ponto de vista introduzido polifonicamente, ou seja, através de uma voz.

Concluimos, então, que a polifonia ocorre independentemente de haver um texto-fonte previamente existente/efetivamente produzido e que, portanto, ela é um fenômeno mais amplo do que a intertextualidade, que é apenas uma de suas manifestações. Sendo assim, todo caso de intertextualidade é polifonia, mas nem todo caso de polifonia é intertextualidade.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, trataremos de campos semânticos.

Aula 13

Relações de significados em sentenças

*Fábio André Cardoso Coelho
Mônica Paula de Lima Cabral*

Meta

Apresentar as relações de significado em sentenças com base na Semântica Formal, na Semântica Enunciativa e na Semântica Cognitiva.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as diferentes relações de significado em sentenças de acordo com a perspectiva de cada um dos ramos da Semântica;
2. reconhecer, com base em contextos sociocomunicativos, as possíveis relações de significado estabelecidas em sentenças;
3. diferenciar as três perspectivas – formal, enunciativa e cognitiva – quanto às relações de significado em sentenças.

Introdução

No processo comunicativo, o ser humano demonstra sua habilidade linguística de acordo com seu conhecimento específico sobre a língua e a linguagem. Para isso, faz uso de informações internalizadas ao longo de sua existência quanto à gramática – compreendida aqui como o sistema de princípios que regem o uso dos signos linguísticos. Desse modo, pronuncia as palavras de modo determinado, seleciona o vocabulário, cria palavras e constrói sentenças com as quais expressa seu pensamento, o mais claramente, a seu interlocutor.

Nesse processo, os estudos da área da semântica procuram contribuir para a ampliação do conhecimento linguístico do falante quanto ao significado das palavras e das sentenças. As relações de significados estabelecidas na compreensão de enunciados, porém, não só dependem de aspectos linguísticos – específicos da língua –, mas também de outros sistemas cognitivos – relacionados à linguagem – que explicam, por exemplo, o que está dito além da construção frasal, as concepções de mundo e as intenções do locutor.

De acordo com as relações de significado estabelecidas na construção de um enunciado, é possível compreendê-lo sob perspectivas linguísticas e extralinguísticas. Assim, no processo de leitura e compreensão de textos, os caminhos das significações são revelados com base na relação entre os sentidos construídos pelo falante e os sentidos pretendidos com a materialidade linguística das sentenças no texto.

Abordagens semânticas

De acordo com Chierchia et al. (2003), existem três perspectivas de abordagem para as relações de significado que se destacam nos estudos da linguagem. Elas estão associadas à Semântica Formal, à Semântica Enunciativa e à Semântica Cognitiva. Cada uma dessas linhas de orientação esclarece como o usuário da língua pode compreender os fenômenos de significação presentes na construção de uma sentença. Sendo assim, é fundamental conhecer seus princípios, a fim de se descobrir as infinitas possibilidades de uso da língua para a expressão do pensamento, no processo comunicativo.

Semântica Formal

Para a Semântica Formal, o “significado é um termo complexo que se compõe de duas partes, o sentido e a referência” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 16). Com o estudo da Semântica Formal, busca-se a dimensão objetiva do significado, isto é, caracterizar, com precisão, o que as expressões linguísticas representam (ou denotam), procurando explicitar o significado das estruturas por meio dos significados de suas partes na construção sintática. O significado, ao final, constitui o produto da relação entre as expressões linguísticas e o mundo externo que elas descrevem, com base na função referencial da linguagem.

Nessa vertente, entende-se que o indivíduo utiliza a língua para falar, por exemplo, de objetos, características, pessoas, eventos, processos e fatos, tendo como base o princípio da referencialidade. Desse modo, baseada na herança lógico-gramatical, os enunciados produzidos apresentam significados relacionados às situações neles descritas e a sua condição de verdade. Veja o exemplo na figura a seguir.



Figura 13.1

Fotografia do relógio - Fonte: Pixabay Foto: Domínio Público. <http://pixabay.com/pt/rel%C3%B3gio-tempo-an%C3%AAncio-digital-luz-337517/>
Balão de fala adaptado de - http://www.clipart.com/cliparts/1/b/d/5/11971483812103613546SRD_comic_clouds.svg.med.png

A sentença “Já são dez horas.” tem seu sentido pautado na objetividade de uma informação, com base em seu sentido literal, representando uma constatação a respeito da marcação do tempo no mundo real. A

compreensão do enunciado se dá pela organização estrutural do enunciado, em que se pode observar a condição de verdade da situação nele descrita, por meio da observação em um relógio, como demonstrado na Figura 13.1.

Na perspectiva da Semântica Formal interessa estudar:

a) *acarretamento*: quando a verdade de uma sentença “acarreta” a verdade de outra, conferindo-lhe verdade, acontece o acarretamento. Resumindo: o que se afirma em uma sentença tem que constar na mensagem da sentença subsequente.

Sentença 1: O músico comprou uma guitarra nova.

Sentença 2: O músico comprou um instrumento.

A verdade de 1 está contida em 2. O músico comprou uma guitarra, isto é, um instrumento. Em verdade, toda guitarra é um instrumento.

Para pesquisar um pouco sobre o assunto...

Há outros processos semânticos próximos ao acarretamento, conforme exemplificaremos a seguir.

Sentenças contraditórias

Sentença 1: Pezão é governador do Rio de Janeiro.

Sentença 2: Pezão não é governador do Rio de Janeiro.

Trata-se de um caso de sentenças contraditórias por haver na segunda sentença um advérbio de negação que se contrapõe ao que está expresso na sentença 1, tornando-a contraditória. Reparou que essas sentenças estão numa relação de antonímia? Isso indica que uma das sentenças é verdadeira.

Sentenças contrárias

Sentença 1: O rapaz está trabalhando no banco.

Sentença 2: O rapaz está trabalhando na lanchonete.

Vamos supor o seguinte: as sentenças 1 e 2 foram ditas ao mesmo tempo, referindo-se à mesma pessoa. É possível afirmar qual delas corresponde à realidade? Este é um caso de sentenças contrárias, em que uma anula a veracidade da outra ou as duas podem ser falsas.

Sentenças equivalentes

Sentença 1: Isaiás é primo de Mateus.

Sentença 2: Mateus é primo de Isaías.

Entre as sentenças 1 e 2 há uma relação de equivalência: uma não contradiz a outra. As duas podem ser verdadeiras ou falsas, e a informação prestada na primeira sentença tem o mesmo teor e valor de verdade que a prestada na segunda sentença.

b) *pressuposição*: É um fenômeno semântico bem diferente do acarretamento. Na verdade, constitui uma inferência que realizamos sobre aquilo que está na sentença (e não fora dela).

A pressuposição se realiza sem a presença de pares frasais. É importante ressaltar, nesse caso, a relação entre o que é “posto” (aquilo que é de conhecimento do usuário da língua) e o que fica “pressuposto” (aquilo que é considerado como elemento novo com base no que foi “posto”).

Segundo Ilari e Galdi (2006), podemos distinguir, com precisão, acarretamento e pressuposição: uma oração acarreta outra quando a verdade da primeira torna inescapável a verdade da segunda, como se exemplifica em:

Sentença 1: Pedro certificou-se de que havia fechado a porta.

Sentença 2: Pedro havia fechado a porta.

Embora a sentença 1 acarrete a verdade da sentença 2, a negação da sentença 1 é perfeitamente compatível com uma situação em que a sentença 2 fosse falsa, como mostra:

Sentença 3: Pedro não se certificou de que havia fechado a porta, e de fato a porta tinha ficado aberta.

Importante: Pressuposição não é acarretamento, ainda que algumas pressuposições possam levar ao acarretamento.

Quais são as expressões introdutórias de pressuposição?

Elas são constituídas por uma gama bastante variada de expressões adverbiais, conjunções, verbos (introdutórios de orações substantivas) e algumas construções gramaticais, como, por exemplo, *é que*.

(1) Ele *não* pode comer doces.

(2) Pressuposto: Ele é diabético.

(1) Todos sabem que a mulher *ficou magra*.

(2) Pressuposto: Ela estava doente/Ela fez dieta.

(1) Paulinho da Viola *é que* escreveu o samba da Portela.

(2) Pressuposto: Alguém escreveu o samba da Portela.



Pressuposição

O fenômeno da pressuposição tem sido objeto da Linguística sob dois enfoques:

1. condição de emprego: Jorge deixou de comprar pedras preciosas;
2. mecanismo de atuação no discurso: Jorge comprava pedras preciosas no passado.

c) *implicatura*: segundo o *Dicionário de Termos Linguísticos*, a implicatura é o

termo que designa as implicações que podem ser deduzidas da forma de um enunciado, com base no significado convencional das palavras”. Por exemplo, o enunciado “Ele é português, portanto é bom trabalhador” deixa deduzir que o fato de ele ser bom trabalhador é uma consequência do fato de ser português. As implicaturas convencionais têm seu oposto nas implicaturas não-convencionais de cujo grupo fazem parte as implicaturas (ou implicações) conversacionais (GRICE, 1975; LEVINSON, 1983).

Como se dá a relação das implicaturas com as pressuposições?

Segundo Ilari e Geraldí, “a especificidade das implicaturas ressalta numa comparação com as pressuposições. Em algum sentido, tanto as implicaturas como as pressuposições não fazem parte do conteúdo assertado” (2006, p. 76). A importante diferença entre os dois fenômenos semânticos para a realização lexical está no fato de que, na compreensão do conteúdo pressuposto, a estrutura linguística disponibiliza ao usuário da língua todos os componentes que dão a permissão para tal compreensão. Isso não se confere no ato contrário, no caso das implicaturas, pois a construção linguística resulta com menos clareza. Por exemplo,

quando temos a situação de um funcionário entrar na sala de um diretor da empresa e dizer: “Chefe, precisamos conversar”, *convidando* quem estiver na sala a se retirar. Ilari ainda acrescenta que é possível tornar essa distinção entre pressuposições e implicaturas ainda mais clara, “dizendo que as primeiras fazem parte do sentido literal das frases, ao passo que as segundas são estranhas a ele” (2006, p. 77).

No estudo das implicaturas, podemos investigar e estabelecer confrontos entre:

- os mal-entendidos e
- as implicaturas conversacionais.

Um funcionário de uma empresa diz a outro colega que ele está bebendo muito cafezinho. Esse enunciado pode gerar mal-entendidos, como o de se pensar que o comentário pode ser uma crítica ao fato de se beber muito café, dando despesas à empresa. O que está transmitido de maneira implícita – o não dito – requer uma atenção maior do leitor, pois esse conteúdo, por sua vez, não está apresentado com a mesma clareza.



As bases da Semântica Formal

A Semântica Formal foi constituída com base nos estudos de:

- Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925), matemático, lógico e filósofo alemão.
 - Bertrand Arthur William Russell (1872-1970), matemático, filósofo e lógico inglês.
 - Alfred Tarski (1901-1983), lógico, matemático e filósofo polonês, naturalizado americano.
 - Rudolf Carnap (1891-1970), filósofo alemão.
 - Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco, naturalizado britânico.
-

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

1. Apresente a definição de pressuposição e acarretamento, dando um exemplo que ilustre cada um desses fenômenos:

2. Dê exemplos de sentenças contraditórias, contrárias e equivalentes.

Resposta comentada

Pressuposição é uma inferência semântica que se faz daquilo que está na sentença e não fora dela, estabelecendo relações entre o posto (sentido literal) e o pressuposto (o que se infere). Por exemplo, no enunciado “Maria se esqueceu de regar as plantas”, infere-se, por exemplo, que “Maria tem plantas em casa”.

Acarretamento é um fenômeno semântico que ocorre quando o valor de verdade de uma sentença é assegurado pelo valor de verdade da outra. A verdade da primeira tem que estar contida na verdade da segunda. Por exemplo, (1) Marcos comprou um carro/(2) Marcos comprou um veículo. Marcos comprou um carro. Todo carro é um veículo.

Sentenças equivalentes: a verdade de 1 está em 2 e vice-versa:

(1) Marta é mãe de Lucas.

(2) Lucas é filho de Marta.

Sentenças contrárias: num par de sentenças contrárias, ou uma, ou outra será falsa:

(1) Marta está em casa agora.

(2) Marta está no trabalho agora.

Sentenças contraditórias: sentenças que estão numa relação de antonímia como ser/não ser:

(1) Marta é mãe de Lucas.

(2) Marta não é mãe de Lucas.

Semântica enunciativa

Vinda da tradição retórico-hermenêutica, a Semântica Enunciativa – também conhecida como Semântica da Enunciação ou Semântica Argumentativa – apresenta uma abordagem cuja marca é a intencionalidade do falante. Está associada aos recursos que se encontram no nível das ideias, no sentido de se compreender a significação simbólica do discurso presente na situação comunicativa. Nessa perspectiva, considera-se o enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida.

De acordo com Koch (2002), essa vertente da semântica tem como propósito identificar, nas sentenças, traços que orientam o interlocutor para determinados tipos de conclusão, em detrimento de outros. Com isso, a significação construída e compreendida é a consequência de um jogo argumentativo instaurado na linguagem e por ela. Em suma, na Semântica Enunciativa, buscam-se as pistas linguísticas que demonstram a pretensão de argumentar.

Carvalho (2011) afirma que

a intencionalidade e a aceitabilidade dizem respeito aos protagonistas do ato de comunicação. A intencionalidade está relacionada ao modo como o produtor constrói seu texto a fim de alcançar seus objetivos na interação comunicativa. Para ter êxito, ele se empenha em produzir um texto coerente, de forma que o

interlocutor compreenda a intenção e o sentido da mensagem. Já a aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor de considerar o texto que está lendo/ouvindo como uma ocorrência coerente e relevante. Assim, ele se esforça para compreender a intenção do produtor e o sentido que este deseja configurar no seu texto.

Enunciado e enunciação

Por enunciado, entendemos a dimensão material do texto: as palavras, as sentenças e, no caso dos textos escritos, também sua diagramação (os desenhos, as fotos, entre outros elementos). Já a enunciação é o próprio ato de produção do texto, que é único, é um acontecimento histórico que não se repete. No processo de compreensão de textos, os usuários da língua aplicam, por um lado, os conhecimentos semânticos e sintáticos que compõem seu repertório linguístico e, por outro lado, relacionam os enunciados à enunciação: *quem diz o que está no texto, para quem, onde, quando, com que intenção, com o propósito de obter que efeito*.

Nos textos escritos, é possível reconstituir a situação de enunciação por pistas deixadas no enunciado. Desse modo, a coerência textual vem, particularmente, da adequação desse enunciado à enunciação, e a coesão relaciona-se à organização dos enunciados.

Para Azeredo (2008), “todo diálogo é um texto construído por pelo menos dois participantes que se revezam no papel de enunciadador, e o que cada um diz tende a ser condicionado pela situação interativa ou ativado pela fala do outro” (2008, p. 102). No texto a seguir, temos a aflição do menino diante da queda da avó na piscina, revelando uma situação subjetiva do ato, representada como perigo a ser evitado. No caso, temos um mal-entendido resultante da ambiguidade de uma expressão. É preciso que se levem em consideração os elementos e escolhas de cada interlocutor para a realização de sentido em seus textos.

Vó caiu na piscina

– Pai, vó caiu na piscina.

– Tudo bem, filho.

(...)

– Escutou o que eu falei, pai?

– Escutei, e daí? Tudo bem.

– Cê não vai lá?

- Não estou com vontade de cair na piscina.
- Mas ela tá lá...
- Eu sei, você já me contou. Agora deixe seu pai fumar um cigarrinho descansado.”

(ANDRADE, 1987, p. 216).

Temos aqui a verificação do quanto é preciso ajustarmos os nossos códigos culturais e simbólicos aos de nossos interlocutores, para que nos façamos compreendidos e nos compreendam. É preciso que as informações contidas nos textos estejam distribuídas e organizadas pelos recursos léxicos e gramaticais, contribuindo para a adequada interpretação e compreensão das mensagens veiculadas verbalmente, seja no plano da escrita, seja no plano da oralidade.

As figuras da enunciação

Considerando que todo texto é interlocução, seu efeito de sentido é originado na interação entre dois sujeitos: o *sujeito da enunciação* e o *sujeito da leitura*. Com isso, ao construir um enunciado, o sujeito da enunciação assume três funções: a de configurar um *locutor* (ou locutores) para o texto, a de constituir um *enunciador* (ou enunciadores) para orientar a fala do(s) locutor(es) e a de se inscrever no texto como seu *autor*. Essas três funções acontecem simultaneamente e dão origem aos sujeitos da leitura: o *alocutário* e o *destinatário* (ou leitor virtual).

O *locutor* representa a voz que fala no texto (o narrador ou eu lírico, por exemplo). Nele, exerce a função do *eu*, ao mesmo tempo em que institui um *você* (ou *tu*), ou seja, o alocutário do texto, expresso pelo paradigma da 2ª pessoa. Dessa maneira, por exemplo, no enunciado “Nós queríamos que você aceitasse o convite para ser nossa madrinha de casamento”, o locutor é a voz que diz, representado linguisticamente pelo pronome pessoal “nós” e reforçado na flexão verbal e no pronome possessivo “nossa”. Já o alocutário tem a representação linguística do interlocutor com o “você” do enunciado.

A figura do enunciador constitui o ponto de vista de enunciação, ou melhor, a perspectiva ideológica que orienta a fala do locutor, aquilo que faz com que essa fala seja a representação ou defesa de um ponto de vista A e não B. Na fala de todo locutor, existe um enunciador, o qual pode ser individual, coletivo (de um grupo, uma empresa ou institui-

ção, por exemplo) ou genérico (da cultura, da ciência, do senso comum, por exemplo), dependendo do grau de universalidade que possua numa comunidade. É o enunciador por trás do locutor que faz o usuário reconhecer, entre outros aspectos, a função social (mãe, pai, médico, professor, por exemplo), a crença religiosa, o partido político de um locutor de um texto oral e escrito. Isso permite que o usuário reconheça que aquilo que está sendo dito se relaciona ideologicamente com uma determinada teoria científica ou social. O ponto de vista da enunciação ou enunciador do texto, por sua vez, institui o ponto de vista da recepção ou destinatário do texto, perspectiva ideológica de quem aceita o enunciador defendido no texto, um tipo de leitor ideal daquele texto.

ENUNCIÇÃO

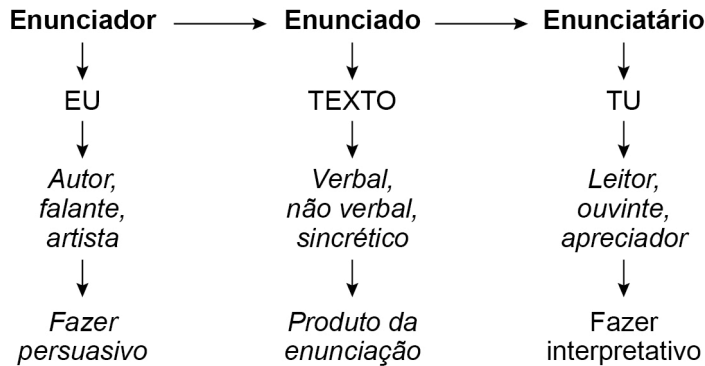


Figura 13.2: Esquema representativo do processo de Enunciação.

Vale ressaltar que, num único enunciado, podem aparecer distintos enunciadores. Tal característica constitui o texto polifônico. Na sentença “Ele não é desonesto”, pode-se observar que, por trás da negativa, existe uma afirmativa: “Ele é desonesto”. Percebe-se, com facilidade, que o locutor endossa o ponto de vista da negativa (= não ser desonesto) e, ao mesmo tempo, revela o ponto de vista de outro locutor que teria afirmado que o indivíduo de que se fala é desonesto.

O autor é aquele que tem a habilidade de articular, dentro dos textos, diversos pontos de vista de enunciação, apontando qual deles está sendo privilegiado e por quê. Ele é o modalizador do discurso do locutor (ou locutores) de modo a expressar, adequadamente, o enunciador pretendido. Constrói o leitor virtual ou destinatário do texto.

No “Prefácio” escrito por Ducrot em 2009, encontramos a afirmação de que a função fundamental da linguagem é a intersubjetividade, o lugar onde o locutor encontra o outro, seu interlocutor. Então, quando um locutor produz discurso, está expressando seu pensamento por meio de enunciados, e levando seu alocutário a dar-lhe uma resposta. Em decorrência, o enunciado – realização da frase – é definido não só nele mesmo, mas nas possibilidades que abre e que fecha para a sua continuação. O sentido do enunciado não está nele, nem no outro, mas na relação que se estabelece entre ele e o outro: a realidade linguística é sempre opositiva. Em vista disso, argumentar é levar o Outro, o alocutário, a determinada continuação. Assim, a argumentação torna-se fundamental na linguagem. Está inscrita na língua, é inerente a ela, está na própria natureza da língua. (FERRAREZI JR; BASSO, 2013, p. 20-21)

Para se chegar à percepção do efeito de sentido pretendido pelo autor, é preciso lidar com o texto, identificando as estratégias discursivas nele empregadas, seu locutor ou locutores, seus enunciadores, seu leitor virtual ou implícito. O leitor é, pois, aquele que constrói uma unidade de sentido para o texto, considerando não somente seu conhecimento prévio, mas também as manobras discursivas do autor implícito no texto. Só assim é possível se identificar com o que o autor apresenta ou não, convencendo-se por meio de sua argumentação.



Figura 13.3: Contexto enunciativo

A fala associada à Figura 13.3 apresenta a sentença “Já são dez horas” inserida num contexto específico de argumentação, no sentido de se justificar o fato de não se poder continuar a atividade (o trabalho) em função do tardar das horas. Não se trata aqui de, simplesmente, constatar essa medida do tempo, mas, sim, empregar essa informação como argumento. Podemos observar que a inserção da sentença no texto constitui, portanto, uma manobra discursiva para convencer o destinatário a respeito das intenções do locutor.

Ao tratarmos ainda das relações entre significação e contexto, outros fenômenos semânticos podem ser apontados:

Escalaridade: “Isto não é bom. Aliás, é péssimo!”

Polifonia: caracteriza-se por vozes polêmicas em um discurso. O texto irônico, por exemplo, é tido como polifônico.

Negação: Eu não costumo falar mal de meus chefes. (Afirmação implícita: Há quem o faça.)

=====**Atividade 2**=====

Atende ao objetivo 2

Vimos que para se chegar à percepção do efeito de sentido pretendido pelo autor, é preciso lidar com o texto, identificando as estratégias discursivas nele empregadas. Quais são as estratégias discursivas utilizadas nas propagandas a seguir?

Cerveja tem que ser nova. Quanto mais nova, melhor. Vai de nova, vai de novo.

A cerveja que desce redondo.

Resposta comentada

Verificamos nesse *slogan* um ato elocutivo no qual o locutor, ao emitir seu ponto de vista, faz qualificações subjetivas e avaliativas do produto pelo uso dos adjetivos nova e gostosa e pelo comparativo de superioridade melhor. Usa essa estratégia para justificar a escolha do produto novo: cerveja tem que ser nova. Quanto mais nova, melhor.

Nesse *slogan*, o locutor se posiciona em relação às outras cervejas pelo uso do vocábulo redondo que expressa uma circunstância de modo, revelando, que essa cerveja desce redondo (de forma suave) enquanto as outras, por contraste, descem quadrado (de modo difícil).

Semântica cognitiva

O marco inaugural da Semântica Cognitiva foi a publicação do trabalho dos linguistas americanos George Lakoff e Mark Johnson, em 1980. Tomando como base o conceito de “cognição”, associado à mente ou à percepção do mundo real ou imaginário, essa vertente tem como objeto de estudo o resultado conferido à comunicação interacional dos indivíduos. Para isso, respeita os critérios psíquicos envolvidos nessa relação, o contexto e o conhecimento do mundo dos interlocutores. Logo, a significação de uma sentença é obtida por intermédio das manipulações sensório-motoras com a realidade à nossa volta.

Estabelecendo uma estreita relação com outras ciências, como, por exemplo, a Psicologia e a Psicolinguística, a abordagem cognitiva da Semântica tem o propósito de definir a funcionalidade da língua na comunicação em paralelo a uma imagem do mundo em movimento, sobretudo no que tange ao processo de construção do pensamento. Uma pesquisadora que muito contribuiu para o desenvolvimento dos estudos da cognição na área da Psicolinguística foi Eleanor Rosch, cujas pesquisas demonstraram como a percepção física do mundo por parte do indivíduo adquire reconhecido destaque no estabelecimento de sentidos nas interações dos sujeitos.

Ao final da década de 1970 e início dos anos 1980, a Semântica Cognitiva expõe interesse pelo fenômeno da significação, tratando do significado linguístico em todas as esferas de estudo e atribuição de sentidos aos vocábulos. Os estudos de George Lakoff com Mark Johnson levaram

à definição de metáfora conceitual ou cognitiva, revelada em expressões linguísticas específicas que representam uma ideia conectada a outra para facilitar a compreensão de algo.

Com essa perspectiva, ao construirmos uma sentença com uma metáfora, fazemos uma série de associações que, além de delinear o processo comunicativo, demonstra o modo como pensamos e agimos. Sendo assim, ao dizermos “A vida é uma luta”, tem-se implícita a ideia de que a vida é concebida de uma forma sofrida, em que é preciso disputar a sobrevivência todos os dias, sem a certeza da vitória.



Figura 13.4: Contexto enunciativo 2.

No diálogo da Figura 13.4, a sentença “Já são dez horas” aparece como resposta à pergunta “Você sabe que horas são?”, cujo sentido é metafórico. Na realidade, quem fez a pergunta não tinha a intenção de ser informado sobre a marcação do tempo, e sim criticar a atitude do outro que não tinha sido pontual no cumprimento do compromisso. O contexto é fundamental para o reconhecimento dos critérios psíquicos envolvidos nessa interação (a irritabilidade de um em face da displicência do outro), assim como revela o conhecimento linguístico dos interlocutores (sentido metafórico em contraposição ao sentido literal da sentença).



As bases da Semântica Cognitiva

A Semântica Cognitiva foi constituída com base nos estudos de:

- George Lakoff, linguista americano, nascido em 1941.
- Mark L. Johnson, filósofo americano, nascido em 1949.
- Eleanor Rosch, psicóloga americana, nascida em 1938.
- Gilles Fauconnier, linguista francês, nascido em 1944.

Atividade 3

Atende ao objetivo 2

Na tentativa de utilizar alguns mecanismos sintáticos para possibilidades de manutenção da expressão de conteúdo do mesmo enunciado, reescreva as sentenças abaixo:

- a) O diretório municipal do PT anunciou o lançamento da campanha contra a fome.
- b) A maioria das vagas foi oferecida nas áreas da Educação e Saúde.
- c) Até hoje, o consenso era de que os celulares não prejudicam a saúde.
- d) A obrigação atinge, sucessivamente, todas as pessoas que trabalham na cadeia produtiva e de comércio.
- e) Todos querem preservar as belezas naturais do mundo.

Resposta comentada

Possíveis respostas adequadas:

- a) O lançamento da campanha contra a fome foi anunciado pelo diretório do PT.
 - b) As áreas de Educação e Saúde foram as que ofereceram a maioria das vagas.
 - c) Havia um consenso, até hoje, de que os celulares não prejudicam a saúde.
 - d) Todas as pessoas que trabalham na cadeia produtiva e de comércio são atingidas, sucessivamente, pela obrigação.
 - e) Todos querem que as belezas naturais do mundo sejam preservadas.
-
-
-

Conclusão

A partir dos conhecimentos relacionados à Semântica Formal, Enunciativa e Cognitiva, tentamos demonstrar as possibilidades dos sentidos das palavras, construídos em situações discursivas, nos atos de comunicação, e que se tornam consequência da interação dos sujeitos no processo de produção e recepção da mensagem.

As escolhas do produtor do enunciado comprovam as combinações em escolhas sintáticas visando à produção dos sentidos compatíveis com as intenções comunicativas do emissor/enunciador. Confere-nos alertar para o papel atribuído à linguagem como propagadora dos sentidos, primeiramente, tomando a referência inicial, para depois abordar os aspectos decorrentes daquilo que não está dito no processo da comunicação.

Nessa aula, interessou-nos discutir a semântica em sua própria subjetividade, tentando encontrar, na veiculação dos sentidos, a linguagem e suas aplicações nas mais variadas sentenças.

Atividade final

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Descreva, de forma resumida, as três perspectivas de abordagem para as relações de significado estudadas nesta aula.

Resposta comentada

Para a Semântica Formal, é propriedade central das línguas comunicar, nomear, falar sobre coisas, pessoas e fatos. Dessa forma, o significado, dentro da Semântica Formal, é compreendido sempre numa relação linguística e extralinguística, isto é, na linguagem e naquilo a que a linguagem refere.

A Semântica da Enunciação ou Enunciativa é uma abordagem que valoriza a intencionalidade. Em outras palavras, considera-se o enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida.

A Semântica Cognitiva trata a comunicação como elemento resultante entre a interação do sujeito, frisando que para construção do sentido é de suma importância levar em consideração fatores “extralinguísticos”, uma vez que, para compreender e perceber algo, é necessário observar as circunstâncias psíquicas e contextuais de elaboração da mensagem.



Resumo

As relações de significados estabelecidas na compreensão de enunciados não dependem, apenas, de aspectos linguísticos, mas, também, de outros sistemas cognitivos – relacionados à linguagem – que expli-

cam, por exemplo, o que está dito além da construção frasal. É possível compreender um enunciado, portanto, sob perspectivas linguísticas e extralinguísticas.

Existem três perspectivas de abordagem para as relações de significado que se destacam nos estudos da linguagem: Semântica Formal, Semântica Enunciativa e Semântica Cognitiva.

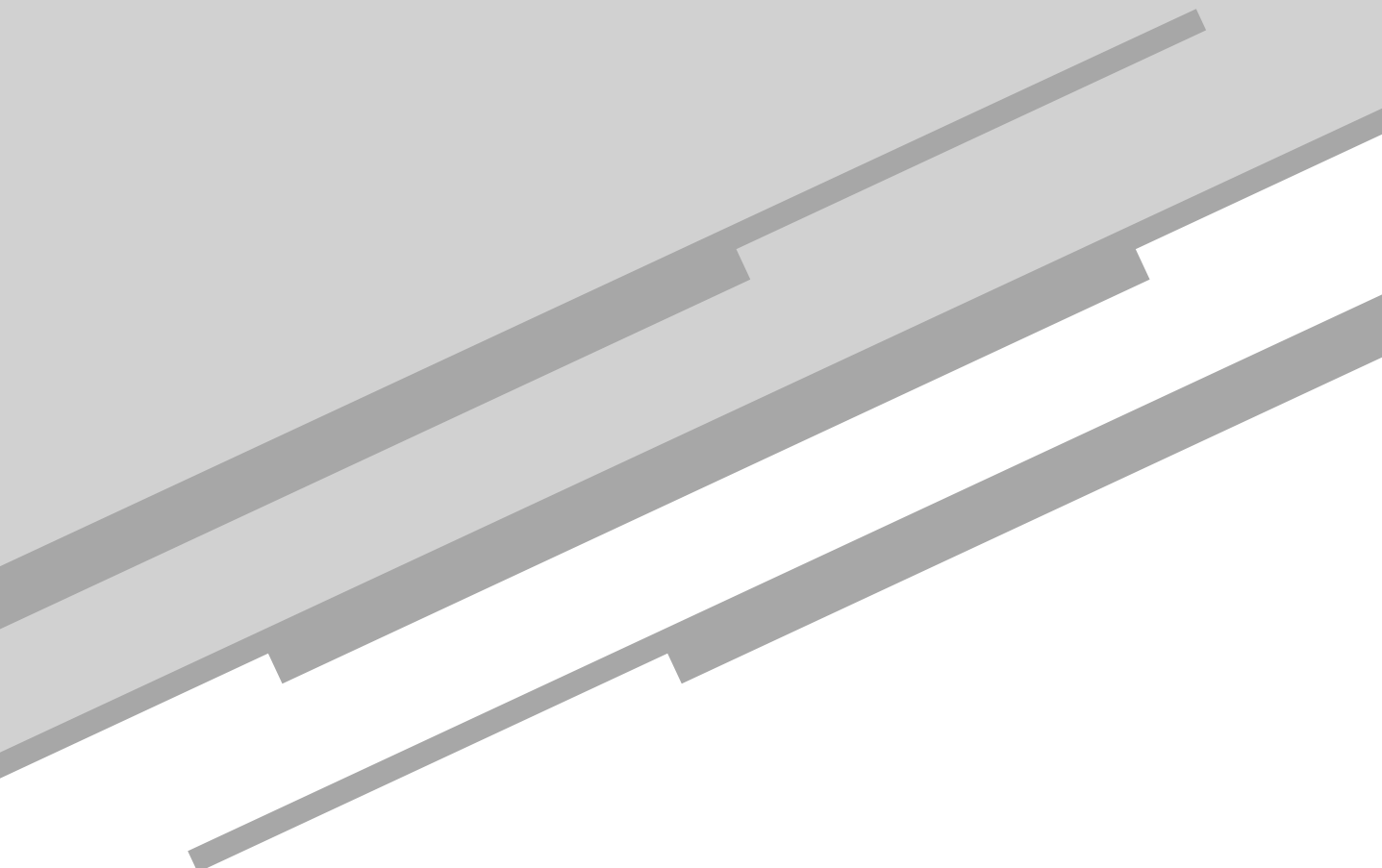
A Semântica Formal interessa-se por fenômenos como acarretamento, pressuposição e implicatura. A Semântica Enunciativa considera o enunciado como fonte prioritária da informação a ser transmitida. A Semântica Cognitiva respeita os critérios psíquicos envolvidos nessa relação, o contexto e o conhecimento do mundo dos interlocutores. Logo, a significação de uma sentença é obtida por intermédio das manipulações sensório-motoras com a realidade à nossa volta.

Informações sobre a próxima aula

A aula a seguir tratará, especificamente, da *denotação* e da *conotação* como efeitos de sentido.

Aula 14

Denotação e conotação



Meta

Apresentar a denotação e a conotação como efeitos de sentido.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir denotação de conotação;
2. reconhecer o sentido de um texto como signo denotado ou conotado.

Introdução

Observe os exemplos a seguir:



Figura 14.1

Fontes: Menina usando celular: <http://pixabay.com/pt/bela-neg%C3%B3cios-smartphone-15742/>; Bateria: http://pixabay.com/static/uploads/photo/2012/04/13/01/18/empty-31635_640.png; Mãe: <https://www.flickr.com/photos/clappstar/294634259/>; Crianças: <http://www.freeimages.com/photo/1103843>.

Conforme você deve ter notado, há uma palavra, *bateria*, que se repete nos dois exemplos. Porém, em cada contexto, ela tem um sentido diferente. Se pensarmos no exemplo que se refere ao celular, o sentido da palavra *bateria* é literal, referencial e restrito. Já no segundo exemplo, o sentido é abstrato e ampliado, ou seja, vai além do significado original.

Nesta aula, estudaremos duas formas de uso da língua, a não figurada e a figurada. Trata-se de efeitos importantes para entendermos o significado das palavras e interpretarmos um texto. Para isso, tomaremos como base, principalmente, os livros de José Luiz Fiorin (2003) e de Francisco Platão Savioli e Fiorin (2007).

Aspectos da significação das palavras

José Luiz Fiorin (2003, p. 65) afirma que

A linguagem autoriza toda sorte de alterações de significado, de violações semânticas, quando se ultrapassam as fronteiras estabelecidas entre o animado e o inanimado, o humano e o não humano, o concreto e o abstrato, etc.” É o que observamos em “A *bateria* das crianças nunca acaba”, frase em que o substantivo *bateria* é usado para referir-se a seres animados, humanos, ainda que, em seu sentido comum, costume referir-se a seres não humanos e inanimados.

Mudanças semânticas como essa são bastante comuns e estão relacionadas a alguns aspectos da significação das palavras, de que já tratamos em aulas anteriores, mas vamos rever brevemente aqui: significante (*ste*) e significado (*sdo*); polissemia e significação contextual.

Significante (*ste*) e significado (*sdo*)

Um conceito básico para tratarmos de denotação e conotação é o de signo linguístico, que, assim como outros conceitos semânticos importantes, tem passado por diferentes tratamentos teóricos. Em aulas anteriores, vimos que o signo linguístico é a união de um significante (*ste*) a um significado (*sdo*), ou seja, a Relação (*R*) entre um plano de Expressão (*E*) e um plano de Conteúdo (*C*), assim representada: *ERC*.

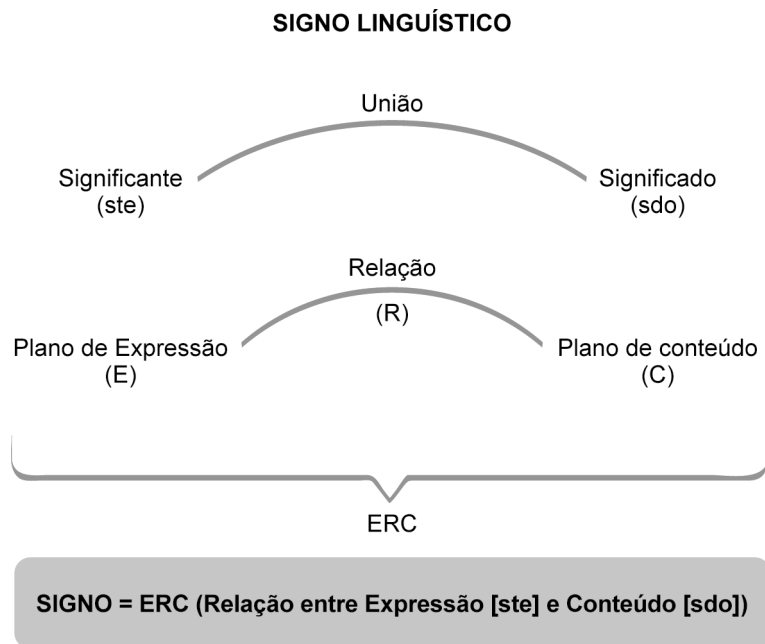


Figura 14.2

Louis Hjelmslev, linguista dinamarquês, aplicou a noção de valor, de Saussure, ao signo e afirmou que o signo é, na verdade, a união de um plano de expressão a um plano de conteúdo. Não se trata apenas de uma troca de termos (*ste* por *plano de expressão* e *sdo* por *plano de conteúdo*), mas de uma mudança de concepção proposta por ele. Nesta aula, porém, utilizaremos esses termos “sinonimamente” (*ste/plano de expressão* e *sdo/plano de conteúdo*), seguindo Fiorin (2003), Savioli e Fiorin (2007) e outros autores.

O *ste* é a imagem mental acústica e o *sdo*, a imagem mental conceitual. O *ste* torna-se perceptível ao falarmos (sons) e ao escrevermos (letras). Ele é o plano da expressão. Já o *sdo* é a parte inteligível, o plano do conteúdo.

Voltando ao primeiro exemplo apresentado (“A *bateria* do meu celular está acabando”), o signo *bateria* é formado da seguinte maneira:

Ste (ou plano de expressão): /bateria/

Sdo (ou plano de conteúdo): pilha; acumulador elétrico; “Dispositivo que acumula energia química e, através de determinadas reações, a transforma em eletricidade, fornecendo corrente contínua” (AULETE, 20--).

A representação *ERC* (Relação entre Expressão e Conteúdo) desse signo pode ser assim demonstrada: [(/bateria/) R (acumulador de energia)].

Essa relação entre plano de expressão e plano de conteúdo também é chamada de *denotação*.

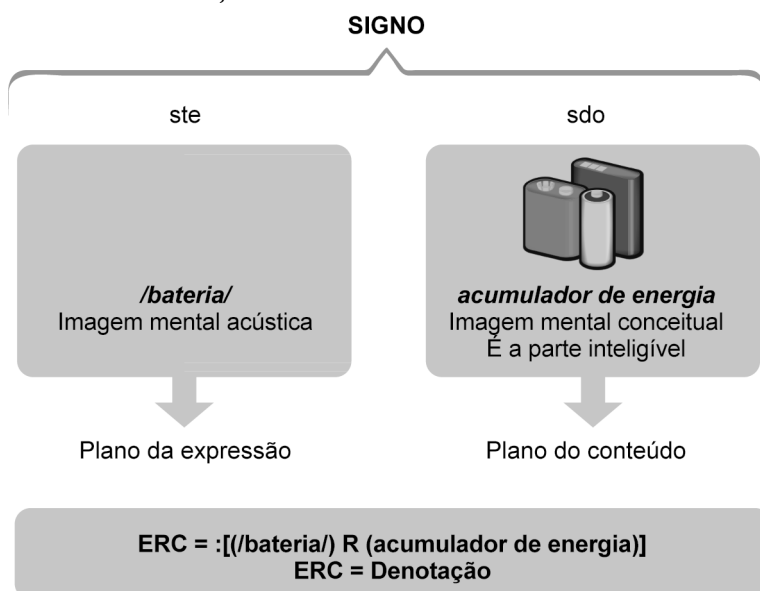


Figura 14.3



Para saber mais sobre a teoria de Louis Hjelmslev, leia o subitem “Composição e valor dos signos” do capítulo intitulado “Teoria dos signos”, de José Luiz Fiorin. Ele está presente no livro *Introdução à linguística: objetos teóricos* (2003, p. 58-60).

Você também pode recorrer à fonte direta:

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Polissemia

Outro aspecto da significação das palavras que é relevante para esta aula é a polissemia. Já vimos, em aulas anteriores, que esse fenômeno ocorre quando uma mesma palavra tem dois ou mais significados diferentes. Isso pode se dar, entre outras razões, por:

- mudança de aplicação da palavra, como é o caso da palavra *bonito* (para pessoas, animais, objetos, ações etc.). Exemplos:

Maria é *bonita*.

Bonito, né? Fazendo bagunça de novo!;

- especialização de uma palavra em um meio social, ganhando um sentido restrito. Por exemplo: a palavra *ação*, que, no Direito, significa processo e, na Economia, tem o sentido de parcela de sociedade anônima:

Preciso de um advogado para mover uma *ação* contra meu ex-chefe.

Comprei uma *ação* da empresa do meu tio.

- uso abstrato ou por semelhança (linguagem figurada, em que a palavra adquire um sentido metafórico). Por exemplo:

A *bateria* do celular acabou.

A *bateria* das crianças nunca acaba.;

- uso especial, como é o caso do sentido metonímico. Exemplos:

Ela é o *orgulho* da família.

Ele é o *cabeça* da casa.

Mas como isso ocorre? Pela necessidade da comunicação, atribuímos um novo significado a uma palavra (signo) existente. Assim, o *ste* (ou plano de expressão) dessa palavra passa a referir-se não somente ao *sdo* previsto, convencional, mas também a um novo. Em suma, esse novo *sdo* (Novo Conteúdo (C)) sobrepõe-se ao signo (*ERC*) existente. Podemos representar essa nova relação da seguinte maneira: [(*ERC*) *RC*], isto é, relação entre um signo (*ERC*) e um novo Conteúdo (C). Essa nova relação também é chamada de *conotação*.

Assim compreendida, a atribuição de um novo conteúdo a um signo não seria aleatória, e sim, feita a partir do conteúdo (*sdo*) que o signo já apresenta. Nesse sentido, existiria relação entre o novo *sdo* e o *sdo* original do signo. Voltemos ao exemplo inicial:

A *bateria* das crianças nunca acaba.

Ste (ou plano de expressão): /bateria/

Sdo (ou plano de conteúdo): pilha; acumulador de energia.

Novo *sdo* (ou novo plano de conteúdo): energia acumulada *em seres humanos*.

Como podemos perceber, o novo conteúdo (energia acumulada *em seres humanos*) utiliza-se do mesmo plano de expressão (/bateria/) do signo existente, dando origem a um novo signo: o conotado.

A representação desse novo signo é:

[(/bateria/) *R* (acumulador de energia)] *R* (energia acumulada *em seres humanos*)



Signo denotado = *ERC*, isto é, relação entre Expressão [*ste*] e Conteúdo [*sdo*])

Signo conotado = [(*ERC*) *RC*], isto é, relação entre um signo denotado (*ERC*) e um novo Conteúdo.

Por outro lado, essa visão de que existe relação entre o novo *sdo* e o *sdo* original do signo e, portanto, o acesso ao sentido conotativo se daria a partir do denotativo não é consenso entre os estudiosos da área. Alguns afirmam que o sentido conotativo pode ser compreendido diretamente, ou seja, sem passar por/acessar o sentido denotativo. Por exemplo, quando alguém diz que tal ator/atriz é “um(a) gato(a)”, até que ponto pensamos no animal? Vendo por esse lado, o sentido denotativo seria contextual, ao invés de preexistente e independente de contexto, mas não deixaria, também, de ser referência para os sentidos conotativos.



Para entender melhor a discussão sobre o acesso direto ou não aos sentidos conotativos, leia:

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Interação, contexto e sentido literal. In: _____. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 76-98.

Fiorin (2003) também trata da denotação e da conotação como construções discursivas, questionando a concepção de que existe um grau zero da linguagem. Leia em:

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: _____ (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 55-74.

Significação contextual

Se um único *ste* pode remeter a vários *sdos*, isso não pode causar confusão ao interpretarmos um texto? Depende. Isso pode, a princípio, causar uma ambiguidade, que até pode ser usada como recurso estilístico em anúncios publicitários, piadas etc., conforme já vimos em aulas anteriores. Porém, na maioria das vezes, apenas um significado acaba sendo selecionado quando observamos a palavra em um contexto. A polissemia, nesse caso, é neutralizada.

E o que é contexto? Esse conceito é vago e varia de teoria para teoria. Em abordagens estruturalistas, por exemplo, geralmente considera-se contexto a adjacência sintagmática: unidades linguísticas maiores (frase, período, parágrafo etc.) nas quais as unidades linguísticas menores (como uma palavra, por exemplo) se encaixam. Alguns linguistas chamam essas unidades maiores de *cotexto*. Nas abordagens discursivas, o contexto engloba não só unidades linguísticas, mas também situações discursivas, sócio-históricas, ideológicas etc. Assim, no contexto, a palavra geralmente admite um *sdo* específico, o *sdo* contextual, e a polissemia se desfaz.

Veamos algumas das acepções do signo *linha* que são apresentadas nos dicionários:

linha₁ = fio para costura

linha₂ = trilho

linha₃ = compostura

Agora observe essa palavra em alguns contextos:

Estava tentando enfiar a *linha* na agulha quando me furei. (fio para costura)

Um homem estava tentando atravessar a *linha* do trem. (trilho)

As fãs do cantor se empolgaram tanto que perderam a *linha*. (compostura)

Como podemos notar, em cada contexto, a palavra assumiu apenas um sentido.

===== **Atividade 1** =====

Atende ao objetivo 1

1. Comente a composição (*ste + sdo*) do signo *pé de moleque*, demonstrando seus possíveis sentidos denotativo e conotativo, de acordo com as imagens que seguem:

Pé de moleque₁:



Fonte: http://pixabay.com/static/uploads/photo/2015/01/24/02/16/sole-of-the-foot-609676_640.jpg

Pé de moleque₂:



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Pe_de_moleque.jpg

Resposta comentada

1. A primeira imagem refere-se a *pé de moleque* no sentido denotativo, pois trata-se da união entre um *ste* e um *sdo*. Já a segunda imagem

refere-se a *pé de moleque* em um sentido mais metafórico (conotativo), em relação ao sentido de *pé de moleque*₁. Como podemos comparar pelas figuras, essa possível relação entre os dois signos se dá pelo fato de que *pé de moleque*₂ tem formato irregular, por causa dos grãos de amendoim, lembrando o pé de um menino levado (*pé de moleque*₁), que sempre anda descalço.

Vejam os dois signos:

*Pé de moleque*₁:

St: pé de moleque

Sdo: extremidade do membro inferior de um menino ardeiro e de pouca idade.

*Pé de moleque*₂:

St: pé de moleque

Sdo: “doce de consistência sólida, feito com açúcar ou rapadura e fragmentos de amendoim torrado” (FERREIRA, 1999, p. 1524).



De acordo com Feijó (2013), o primeiro registro do doce *quebra-queixo/quebra-dentes* como *pé de moleque*, hoje sem hifens, é de 1889. Há três hipóteses para a origem do termo *pé de moleque*:

- a) origem popular, ligada às repreensões das quituteiras, que, no passado, tinham seus doces furtados por moleques e gritavam: “Pede, moleque!”;
 - b) origem metafórica, em referência a um tipo de calçamento com pedras irregulares;
 - c) origem também por metáfora, referindo-se à semelhança entre o doce de casca dura e forma de planta de pé descalço e as marcas deixadas, antigamente, pelos moleques no chão molhado.
-

Denotação e conotação

Como acabamos de ver, o *sdo* evocado por um *ste* configura o sentido denotativo. Diremos que esse sentido é o que aparece nos dicionários, embora essa definição (de sentido denotativo como aquele que consta no dicionário, enquanto o conotativo consistiria no uso contextual) seja controversa. Muitos dicionários registram várias acepções das palavras, atingindo também usos mais metafóricos ou metonímicos e, portanto, mais conotativos. Além disso, também é comum que os verbetes sejam exemplificados em contextos frasais.

Sendo assim, o dicionário traz o sentido literal das palavras, mas também pode trazer o sentido figurado. Nesta aula, estamos usando o termo “sentido do dicionário” acompanhando Othon Moacir Garcia (1996), que relaciona denotação ao sentido “primeiro”, de onde se pres-supõe haver sentidos secundários.

O sentido denotativo é de uso mais comum e significado mais geral, mais universal e de reconhecimento mais imediato. Exemplo: “Maria fez uma plástica no *nariz*.” (parte do corpo).

Já na conotação, outro plano de conteúdo (*sdo*) se sobrepõe ao signo, configurando esse efeito de sentido (conotativo). Exemplo: “Ela adora *meter* o *nariz* onde não é chamada.” (intrrometer-se).

Esse outro plano de conteúdo pode estar carregado de valores negativos, positivos, sociais, afetivos etc. Por exemplo, *remar contra a maré* tem um sentido denotativo (utilizar remos para nadar contra o fluxo de águas no mar), referencial, mas, ao acrescentarmos outro conteúdo, passa a ter, também, um sentido conotativo (lutar contra o fluxo de acontecimentos; ter opinião contrária à da maioria), mais abstrato.

Pode ocorrer também de duas ou mais palavras terem a mesma denotação, mas conotações diferentes. É o caso das palavras sinônimas. Elas têm a mesma denotação, mas, por conta de valores negativos ou distintos, têm diferentes conotações. Por exemplo, *discente*, *aluno* e *pupilo* denotam alguém que aprende, mas têm conotações diferentes, ligadas ao grau de formalidade. Já *lábio* e *beijo* têm o mesmo significado, mas o último termo tem valor pejorativo.

Resumindo:

Denotação	Conotação
Significado geral	Uso específico
Não figurado (literal; neutro)	Figurado (metafórico)
Uso automatizado, do dicionário	Uso criativo, da imaginação
Significação restrita	Significação ampliada
Não varia de contexto para contexto	Varia de contexto para contexto

Figura 14.4

A conotação (acréscimo de *sdo*) se dá principalmente por metáfora ou metonímia. Na metáfora, existe uma relação de semelhança (analogia) entre o sentido original e o figurado. Por exemplo: “A Amazônia é o *pulmão* do mundo”. Na metonímia, há transposição de significado, uma palavra passa a ser usada com outro significado, por proximidade e associação lógica: autor pela obra, parte pelo todo etc. Por exemplo: “Os alunos leram *Jorge Amado*”.

O estudo dos processos metafóricos e metonímicos será aprofundado na próxima aula.

Tradicionalmente, os sentidos neutro e figurado são tratados como dicotômicos, ou seja, opondo-se à denotação à conotação. Entretanto, na abordagem discursiva (própria da Semiologia, também chamada Análise do Discurso de linha francesa), denotação e conotação não são conceitos excludentes, pois os sentidos conotativos podem ser produzidos sem que se perca o valor denotativo. Nessa perspectiva, a denotação não é um sentido descontextualizado, mas um efeito de sentido específico entre muitos outros.



Moreira (2008) demonstra esse ponto de vista da Semiologia, redefinindo o termo *conotação* e propondo uma tipologia com quatro modelos classificatórios para os mecanismos de conotação: associativos, inferenciais, apreciativos e identitários.

Para uma revisão mais ampla da literatura semântica tradicional dos conceitos de denotação e conotação, leia o capítulo 2 de *Conotações e construção de sujeitos no discurso: uma análise do discurso midiático da boa forma física*. Para compreender a visão

discursiva desses conceitos e conhecer os tipos de conotação propostos, leia o capítulo 3 da mesma obra:

MOREIRA, Jorge Azevedo. *Conotações e construção de sujeitos no discurso: uma análise do discurso midiático da boa forma física*. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/MoreiraJA.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

Embora a linguagem poética se utilize muito do sentido conotativo das palavras, criando e modificando significados, esse uso não é encontrado exclusivamente em textos literários. Na verdade, o sentido conotativo também é muito comum na linguagem cotidiana, como pudemos notar em vários exemplos dados ao longo desta aula. Isso ocorre frequentemente pela necessidade de sermos mais expressivos. É nesse sentido que dizemos que o sentido conotativo é subjetivo. Subjetivo não no sentido de criação individual, mas porque é um recurso estilístico usado para dar maior expressividade ao texto.

Desse modo, não é somente o texto não literário que apresenta palavras em sentido denotativo, assim como não é somente o texto literário que é formado por palavras em sentido conotativo. Entretanto, é realmente na literatura que se explora a conotação de modo mais criativo e original.

Denotação, conotação e a dimensão do signo

Seguindo a definição de Saussure, o signo pode ser uma palavra, ou mesmo um morfema. Entretanto, com a mudança de concepção proposta por Hjelmslev, ele passa a ser entendido como a união de sons e conceitos *no ato de linguagem*, o que o torna aplicável a qualquer dimensão (por exemplo: frases, textos etc). Portanto, tanto os signos conotados (metafóricos e metonímicos, por exemplo) quanto os denotados podem ser uma palavra, uma frase ou até mesmo todo um texto.

Um exemplo de texto que é, como um todo, um signo conotado, ou seja, um texto metafórico, é a música “Resposta ao tempo”, de autoria de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos, e interpretada por Nana Caymmi.

Vejamos:

Resposta ao tempo

Batidas na porta da frente, é o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter argumento
Mas fico sem jeito, calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar e eu não sei

Um dia azul de verão, sinto o vento
Há folhas no meu coração, é o tempo
Recordo um amor que perdi, ele ri
Diz que somos iguais, se eu notei
Pois não sabe ficar e eu também não sei

E gira em volta de mim, sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro sozinhos

Respondo que ele aprisiona, eu liberto
Que ele adormece as paixões, eu desperto
E o tempo se rói com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor pra tentar reviver

No fundo é uma eterna criança
que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder me esquecer

No fundo é uma eterna criança
que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder me esquecer

(BLANC; BASTOS, 20--).

Podemos dizer que esse texto é um signo conotado porque o narrador conversa com o tempo, atribuindo-lhe características e ações humanas: sarcasmo, bater na porta, rir, zombar, falar, perguntar, sussurrar, andar, aprisionar, ter inveja etc. Entretanto, o tempo é abstrato, ele não fala; não é possível conversar com ele ou confrontá-lo. Logo, trata-se de um diálogo imaginário com o tempo. Na verdade, o narrador dialoga consigo mesmo, faz uma reflexão e se dá conta de que o tempo passou.

Ele relembra sua história, amores perdidos e percebe que o tempo, que a princípio parecia um inimigo, no fundo, tem muito em comum com ele, pois nenhum dos dois (nem o narrador nem o tempo) permanece com ninguém.



Veja uma análise bastante interessante e completa da letra dessa canção em <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4287674>

Vale a pena conferir!

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

1. Observe os textos a seguir e diga se, no todo, são signos denotados ou conotados. Encontre também, no texto denotado, exemplos de conotação:

Texto 1:

Hoje a noite não tem luar

Ela passou do meu lado
“Oi amor”, eu lhe falei
“Você está tão sozinha”
Ela então sorriu pra mim
Foi assim que a conheci
Naquele dia junto ao mar
As ondas vinham beijar a praia
O sol brilhava de tanta emoção
Um rosto lindo como o verão
E um beijo aconteceu
Nos encontramos à noite
Passeamos por aí

E num lugar escondido
Outro beijo lhe pedi

Lua de prata no céu
O brilho das estrelas no chão
Tenho certeza que não sonhava
A noite linda continuava
E a voz tão doce que me falava
“O mundo pertence a nós”

E hoje a noite não tem luar
E eu estou sem ela
Já não sei onde procurar
Não sei onde ela está

E hoje a noite não tem luar
E eu estou sem ela
Já não sei onde procurar
Onde está meu amor?

(COLLA, 20--).

Texto 2:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra
(ANDRADE, 20--).

Resposta comentada

1. O texto 1 é um signo denotado porque possui sentido não figurado, ou seja, literal. Trata-se de uma letra de música sobre uma história que aconteceu (ou poderia ter acontecido): um rapaz narra como, onde e quando conheceu uma moça, o encontro rápido que tiveram e o fim: não se viram mais e ele ainda procura por ela.

Embora trate-se de um signo denotado, podemos encontrar exemplos de conotação no texto, tais como: “As ondas vinham beijar a praia”; “O sol brilhava de tanta emoção”; “Lua de prata”.

Já o texto 2, ainda que aparente ser um signo denotado, pois fala de uma pedra no meio do caminho, é um signo conotado. Pode-se chegar a essa conclusão porque o poema possui apenas duas frases, que são muito repetidas, e a repetição dessas frases em seu sentido denotativo não faria sentido. Só podemos, então, concluir que Drummond tinha a intenção de usar o sentido conotativo, partindo do signo *pedra*, que conota *obstáculo*.

Apesar de esse texto como um todo ser um signo conotado, também encontramos exemplos de signo conotado em dimensão menor, tal como o sintagma “na vida de minhas retinas tão fatigadas”.



Busque na internet e ouça a versão da música “Hoje a noite não tem luar”, na voz de Renato Russo, com a banda Legião Urbana.

Confira também a análise completa do poema de Drummond no artigo disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/56/13-josepaula.pdf>.

Conclusão

Denotação e *conotação* são efeitos de sentido. Tradicionalmente, considera-se denotação o sentido não figurado, neutro e que geralmente não varia de contexto para contexto e conotação, o uso figurado, metafórico e que costuma variar de contexto para contexto. Apesar das controvérsias que envolvem essas definições, ainda hoje admite-se que elas são úteis.

A denotação e a conotação podem ocorrer desde o nível da palavra até o de um texto inteiro, pois tais efeitos se dão no signo linguístico, entendido, segundo Hjelmslev, como a união de sons e conceitos *no ato de linguagem*, ou seja, em diferentes dimensões: uma palavra, uma frase ou mesmo todo um texto.

Assim, é possível reconhecer o sentido de um texto como signo denotado ou conotado.

==== **Atividade final** ====

Atende aos objetivos 1 e 2

1. Em cada par de sentenças, marque aquela em que a palavra destacada está sendo usada conotativamente:
 - 1a. Comprei móveis novos para a minha *sala*.
 - 1b. Fiz *sala* para as visitas enquanto meu marido terminava o jantar.
 - 2a. Meu vizinho quebrou o *pé*.
 - 2b. Meu irmão vive pegando no meu *pé*.
 - 3a. Fui ao banco e tomei um *chá* de *cadeira*.
 - 3b. Fui ao banco e não havia *cadeiras* para sentar enquanto aguardava, mas havia *chá* e café.

Resposta comentada

1. As sentenças em que as palavra destacadas estão sendo usadas conotativamente são:

1b. Fiz *sala* para as visitas enquanto meu marido terminava o jantar.

2b. Meu irmão vive pegando no meu *pé*.

3a. Fui ao banco e tomei um *chá de cadeira*.

Nessas sentenças, diferentemente do que ocorre em seus pares, as palavras destacadas não têm sentido literal, mas metafórico, ou seja, o sentido se faz especificamente nos contextos/expressões em que se encontram: *fazer sala* (fazer companhia), *pegar no pé* (implicar) e *tomar chá de cadeira* (aguardar muito tempo).



Quer saber a origem de certas expressões populares como chorar pitangas, engolir sapo, fazer vaquinha, entre outras? Acesse: <http://www.historiadetudo.com/expressoes-populares.html>.



Resumo

Nesta aula, procuramos distinguir denotação de conotação. Vimos que trata-se de formas de usar a língua; efeitos de sentido. O sentido denotativo tende a ser literal, referencial e restrito e o conotativo, mais abstrato e amplo.

Mudanças semânticas estão relacionadas a certos aspectos da significação das palavras, tais como: significante (*ste*) e significado (*sdo*), polissemia e significação contextual.

Segundo Saussure, a união de *ste* (imagem mental acústica) e *sdo* (imagem mental conceitual) forma o signo linguístico. Já nos termos de Hjelmslev, o signo linguístico é a Relação (*R*) entre um plano de Expressão (*E*) e um plano de Conteúdo (*C*). Essa *ERC* (Relação entre Expressão e Conteúdo) também é chamada de *denotação*.

Na polissemia, uma palavra tem dois (ou mais) significados diferentes, ou seja, ganha um novo significado. Esse novo significado sobrepõe-se ao signo existente e a Relação passa a ser entre o signo (*ERC*) e o novo Conteúdo (*C*), representada da seguinte maneira: (*ERC*) *R C*. Essa nova relação é chamada de *conotação*.

Embora a polissemia possa causar ambiguidade, em geral ela é neutralizada no contexto e apenas um significado é selecionado: o contextual. Assim, não há ambiguidade.

O contexto pode ser entendido desde o contexto (unidades linguísticas maiores, como frase, período, parágrafo) até a situação sócio-histórica, o contexto ideológico etc. em que se passa o texto.

Na conotação, o novo plano de conteúdo pode estar carregado de valores negativos, positivos, sociais, afetivos etc. Palavras sinônimas têm a mesma denotação, mas conotações diferentes por conta desses valores, que não se equivalem nessas palavras.

A conotação (acréscimo de *sdo*) ocorre principalmente através de processos metafóricos ou metonímicos.

O sentido conotativo não é exclusividade do texto literário, assim como o sentido denotativo não é visto apenas na linguagem cotidiana.

De acordo com a concepção de Saussure, o signo pode ser uma palavra ou mesmo um morfema. Com Hjelmslev, a concepção de signo é ampliada, pois ele o define como a união de sons e conceitos *no ato de linguagem*. Assim, o signo pode ser aplicado a qualquer dimensão; logo,

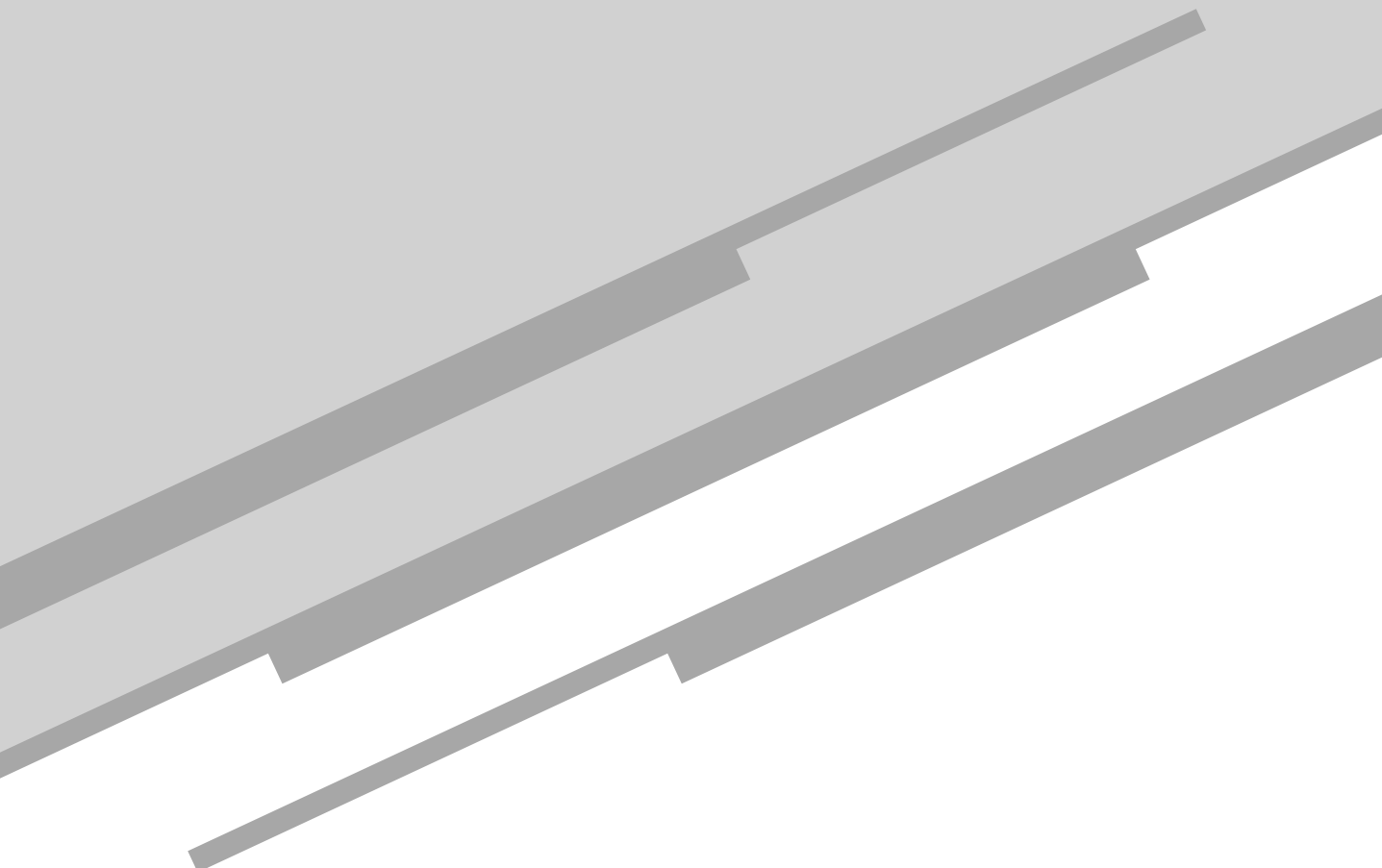
tanto os signos conotados quanto os denotados podem ser uma palavra, uma frase ou até mesmo todo um texto.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, estudaremos os dois principais mecanismos de conotação: os processos metafóricos e metonímicos.

Aula 15

Processos metafóricos e metonímicos



Meta

Apresentar os conceitos de metáfora e metonímia como mecanismos cognitivos.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o processo cognitivo da metáfora por trás do entendimento das frases ditas em nosso dia a dia;
2. reconhecer o processo cognitivo da metonímia.

Metáfora é uma imagem que não é a coisa, mas
que me ajuda a ver a coisa.

Rubem Alves

A metonímia é uma difusão semântica.

José Luiz Fiorin

Introdução

Segundo a abordagem teórica da Linguística Cognitiva, a cognição é determinada pela própria experiência corporal do homem e pela experiência individual e coletiva – o experiencialismo. Do ponto de vista da cognição, entender a linguagem humana é compreender a rede complexa que a constitui, é perceber a linguagem valorizando as experiências corporais do ser humano, devido a sua importância na estruturação do pensamento. Nesse sentido, o pensamento seria estruturado por meio de processos metafóricos e metonímicos. Tomaremos como referenciais teóricos para esta aula, sobretudo, os trabalhos de Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999), que afirmam que:

- A mente é inerentemente corporificada.
- O pensamento é quase totalmente inconsciente.
- Conceitos abstratos são amplamente metafóricos.

Conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 45), “a metáfora conceitual é presente tanto no pensamento quanto na linguagem. É difícil pensar em uma experiência subjetiva comum que não seja convencionalmente conceitualizada em termos de metáfora”.

A mente corporificada pode ser entendida do seguinte modo: o ser humano usa a razão moldada pelo corpo, uma inconsciência cognitiva, a qual não se tem acesso direto. O fato de o pensamento abstrato ser quase que totalmente metafórico significa que respostas a questionamentos na busca pelo entendimento têm sido, e sempre serão, quase totalmente metafóricas. O pensamento metafórico é a principal ferramenta que torna possível a compreensão.

Os esquemas imagéticos

Uma das ideias importantes trazidas pela Linguística Cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e o que percebemos em nossa interação com o mundo a nossa volta – os chamados *esquemas imagéticos*.

Entre os esquemas imagéticos mais frequentes estão os seguintes:

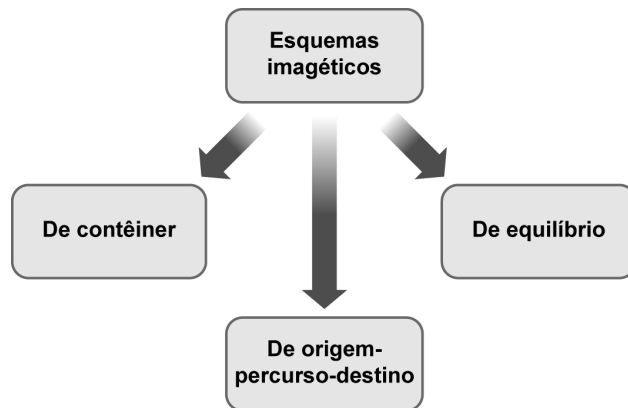


Figura 15.1

a) De equilíbrio: a ideia que temos do equilíbrio é algo que apreendemos com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais de equilíbrio e de desequilíbrio. O esquema imagético do equilíbrio é metaforicamente elaborado para que se compreenda outros domínios mais abstratos como, por exemplo, os estados psicológicos representados como desequilíbrio emocional (*Maria é uma pessoa desequilibrada*) ou relações legais e jurídicas (*Quando se observa o desequilíbrio das relações de gênero entre homens e mulheres, vemos, nisso, um aspecto cultural enraizado*).

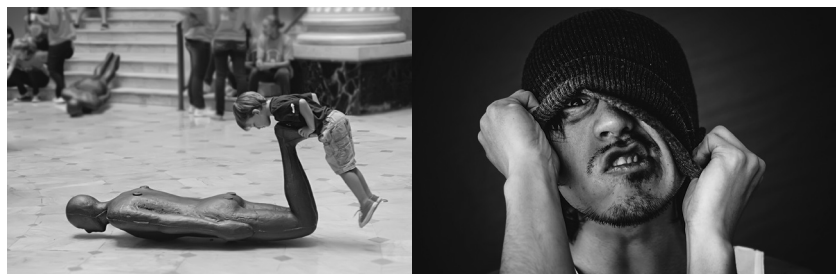


Figura 15.2: Desequilíbrio físico/desequilíbrio emocional.

Fontes: <https://www.flickr.com/photos/antoniothomas/10339380874> (Antonio Thomás Koenigkam Oliveira); <https://www.flickr.com/photos/zubrow/7007258294> (Ben Raynal).

- b) De origem-percurso-destino: esse esquema permite elaborar e compreender enunciados como “Eu viajei da Inglaterra, pelo túnel, para a França” (origem-percurso destino físico, geográfico) e “Em todas as situações importantes de minha vida só percebo o início e a conclusão das coisas”; “No desenrolar, perco o controle das coisas”.
- c) De contêiner: Esse esquema imagético permite a construção e o entendimento de enunciados como “É preciso saber computação para entrar no mercado de trabalho”. O mercado de trabalho é visto como um contêiner, capaz de incluir/armazenar/guardar profissionais; para “entrar” nesse contêiner, o candidato deveria possuir uma determinada qualidade, no caso, saber computação.

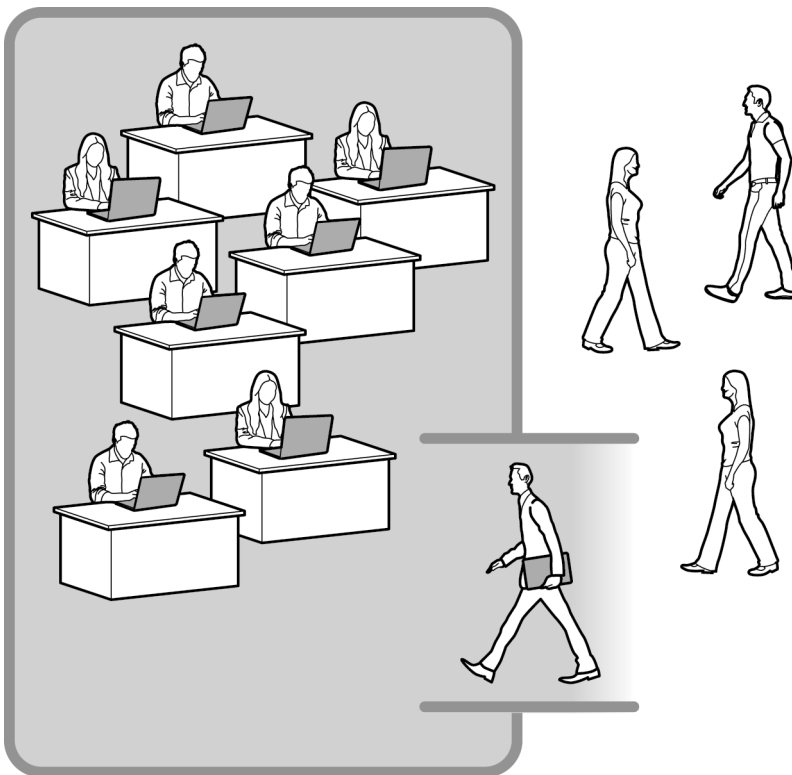


Figura 15.3: Exemplo de esquema imagético de contêiner.

A noção de esquema imagético ancora diversos usos linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no espaço físico e sustenta projeções entre domínios conceptuais.

A projeção entre domínios

As *projeções* têm como base a metáfora e a metonímia, processos de construção de sentidos. A metáfora é a projeção de um domínio-fonte sobre um domínio-alvo, e a metonímia é a projeção em que se faz uso de uma entidade para referir-se a outra com a qual se relacione.

Fauconnier (1997) postula três classes de projeções explicitadas a seguir.

- Projeções de domínios conceituais estruturados ou modelos cognitivos idealizados (MCIs) que projetam parte de um domínio em outro. Metáforas e analogias representam esse tipo de projeção. A ideia central é de que, para falar ou pensar sobre certos domínios (domínios-alvo), valemo-nos da estrutura de outros domínios (domínios-fonte) e do vocabulário correspondente. Lakoff e Johnson (1980, p. 5) apresentam um estudo sobre o papel das projeções na modelagem cognitiva. Eles declaram o seguinte: “A essência da metáfora é a compreensão e a experiência de uma coisa em termos de outra”.

Ilustrando esse tipo de projeção conceitual, quando dizemos “digeri suas ideias” e “devorei o livro”, estamos transferindo informações de um domínio (alimentação do corpo) a outro domínio (enriquecimento do espírito), sendo o primeiro mais concreto que o segundo. Tal metáfora permite, assim, a reconceitualização do intangível em termos do tangível.

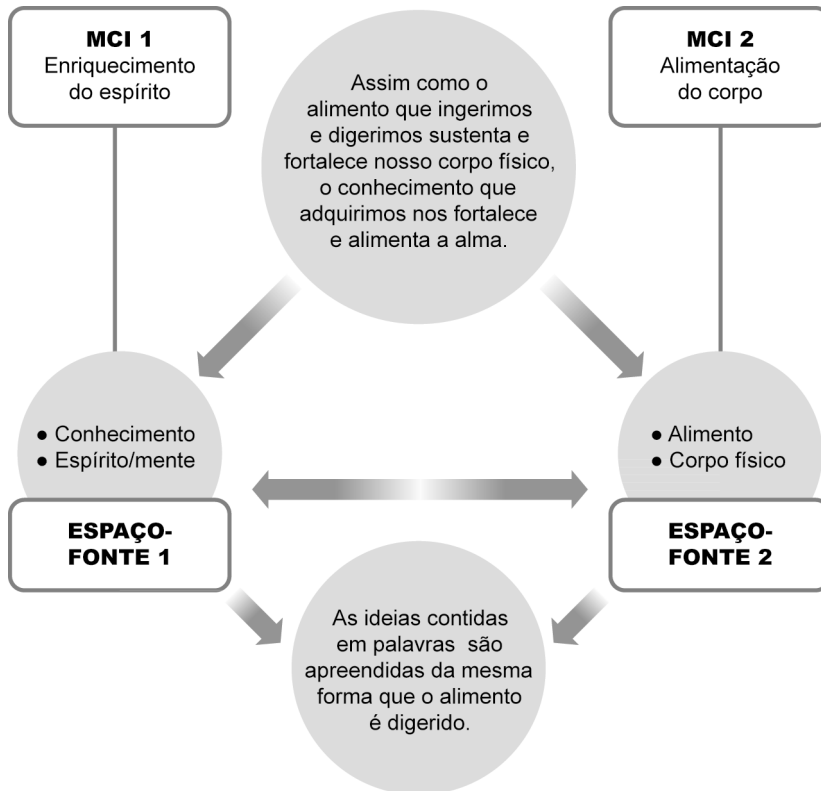


Figura 15.4: Esquema demonstrando a projeção entre domínios.

Os exemplos anteriores servem como evidência de que projeções metafóricas estão presentes em nossa linguagem cotidiana, e não confinadas à linguagem literária como, por muito tempo, se pensou. Além disso, é importante ressaltar que a conexão de um domínio a outro se dá automaticamente, ou seja, não temos consciência das projeções enquanto as realizamos.

- Projeções de funções pragmáticas (metonímias): dois domínios relevantes, que correspondem a duas categorias de objetos, são projetados um no outro por uma função pragmática. Esse tipo de projeção tem papel fundamental na estruturação de nosso conhecimento e provê meios de identificar elementos de um domínio através de sua contraparte no outro, como o exemplo na figura a seguir, sobre a TV.



Figura 15.5: Quando se diz “assistir a duas horas de TV”, imagina-se que a pessoa assista não à TV, mas à programação veiculada por tal aparelho.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/carramanuele/843208579>.

Expressões como “ganhar o pão de cada dia” ou “o leite das crianças” nos remetem a um contexto mais amplo de sobrevivência humana.

- Projeções de esquema que operam quando um esquema geral (abstrato) é usado para estruturar uma situação no contexto: as construções gramaticais e lexicais evocam tais esquemas. É o que verificamos no processo de mesclagem, importante processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais para obter um terceiro espaço – o espaço-mescla. Para se entender a frase “A floresta Amazônica é o pulmão do mundo”, valemo-nos de outros conhecimentos para estabelecermos o entendimento. Um terceiro espaço foi criado, chamado espaço-mescla, a partir dos espaços-fonte 1 e 2.



Figura 15.6: Formação do terceiro espaço, espaço-mescla, a partir dos espaços-fonte 1 e 2. Esquema adaptado de Martelotta e Palomanes (2008).

Tradicionalmente, metáfora e metonímia têm sido tratadas como mecanismos de estilo que “enfeitam” a linguagem, típicas da linguagem literária. No entanto, a metáfora e a metonímia, graças a Lakoff e Johnson (1980), passaram a ser entendidas como instrumentos cognitivos, sendo meios frequentes de extensão semântica dos itens lexicais. Para a Linguística Cognitiva, essas metáforas e metonímias são fenômenos verdadeiramente *conceituais* e constituem importantes *modelos cognitivos*.

Diferenciando metáfora de metonímia, a metáfora envolve *domínios cognitivos* diferentes, como uma projeção da estrutura de um domínio-fonte a um domínio-alvo, enquanto a metonímia realiza-se dentro de um mesmo *domínio*, ativando e realçando uma categoria. A seguir veremos, com mais detalhe, cada um desses mecanismos.

A metáfora conceitual

Especialmente com relação à linguagem, para Lakoff e Johnson (1980), o que constitui a metáfora não é uma palavra ou expressão

específica, mas o mapeamento entre dois domínios, o alvo e o fonte. Por exemplo, na metáfora “o amor é uma viagem”, há a projeção do domínio-fonte – uma viagem – no domínio-alvo – o amor –, de modo que elementos de um domínio sejam usados em outro domínio. Dessa forma, podemos entender enunciados do tipo “nosso casamento não está indo bem”, “esse relacionamento chegou a um beco sem saída”, entre outros. Veja os mapeamentos entre os domínios feitos:

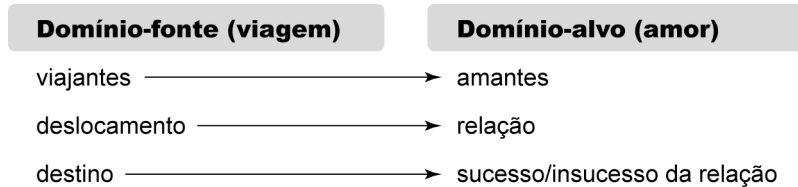


Figura 15.7: Esquema conceitual da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM.

Conceptualizamos, também, uma discussão usando a metáfora “*discussão é guerra*”, em que os participantes de um debate são entendidos como adversários em uma guerra, permitindo enunciados do tipo:

1. “Barack Obama vence Mitt Romney no segundo debate”



Figura 15.8

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Barack_Obama_vs_Mitt_Romney#/media/File:P112912PS-0444_-_President_Barack_Obama_and_Mitt_Romney_in_the_Oval_Office_-_crop.jpg

2. “Schopenhauer ensina 38 estratégias para vencer qualquer debate”.

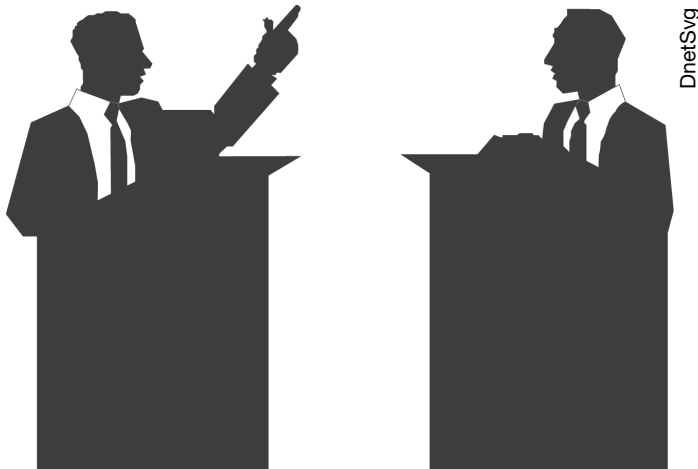


Figura 15.9

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Debate_Logo.svg.

Em (1) os participantes de um debate na corrida presidencial dos EUA, correspondem aos adversários em uma guerra; em (2) vemos que estratégias são utilizadas para vencer um debate.

Eis um outro exemplo de metáfora conceitual bem comum em nossa vida cotidiana: pensamos e falamos da vida humana em termos de uma viagem (Lakoff e Turner, 1989). Observe os enunciados a seguir construídos a partir da projeção entre o domínio viagem e o domínio vida:

3. Meu netinho já está a caminho. Deverá nascer no próximo mês.

4. “Essa é a encruzilhada da vida
Onde todos devemos passá
E talvez neste fim de caminho
Nós dois bem velhinhos vamos se encontrá.”
 (“Encruzilhada da Vida”, de José Fortuna e Marrueiro)

5. José partiu para sua última morada.

Há muitas outras metáforas comuns no nosso dia a dia. Vamos procurá-las?

Atividade 1

Atende ao objetivo 1

Relacione as metáforas básicas aos exemplos:

1. Metáfora do conduto: conceitualizamos as expressões linguísticas como contentores onde colocamos ideias e todo o tipo de informações.
2. Metáfora “Tempo é dinheiro”
3. Metáfora “Amor é guerra”
4. Metáfora “A vida é um jogo”

() “A sua solução é quase impossível / A minha lucidez é fora da razão/ Você me colocou numa sinuca de bico / Tacou a bola preta no meu coração” (“Sinuca de Bico”, de James Lima, do Seu Cuca): dificuldades da vida associadas ao jogo de sinuca.

() “Você está desperdiçando meu tempo”: o trabalho é medido e remunerado pelo tempo que ele toma, e ele é quantificado com precisão.

() “Quero te conquistar / Um pouco mais e mais / A cada dia / Satisfazer tua vontade / Também me sacia” (“Tudo com você”, de Lulu Santos e Fausto Nilo): o amor é visto como uma conquista em que há vencedor e vencido, como uma guerra.

() “Tente passar melhor suas ideias para seus alunos.”: segundo essa metáfora somos capazes de “empacotar” sentidos em palavras, transferindo-os através do conduto da linguagem e destinando-os a um ouvinte, que precisa “desembrulhar” o pacote de sentidos para entender a mensagem.

Resposta comentada

Pela metáfora do conduto, as ideias e os significados são vistos como objetos ou coisas, e a comunicação linguística como envio e recepção de pacotes de informação. Outros exemplos: “Minhas ideias foram transmitidas a todos da reunião” e “Enviei-lhe meus sentimentos dentro do envelope”.

A metáfora “Tempo é dinheiro” permite construções que entendam o tempo como algo mais concreto e valioso, como no exemplo “Não tenho tempo suficiente para gastar com você”.

Da mesma forma, as metáforas “Amor é guerra” e a “Vida é um jogo” proporcionam construções do tipo “Te conquistei pra toda a vida” e “Nosso lance é algo incomparável”.

Portanto, a ordem correta é: (4), (2), (3), (1).

Metonímia

Tal como a metáfora, a metonímia indica outra organização que fazemos do mundo. Não somente como ferramenta da linguagem, mas a cargo de função cognitiva, a metonímia denota a relação aplicada aos significados da parte e do todo; é o emprego de um elemento em lugar de outro que, com ele, apresenta uma relação constante ou apenas momentânea. Metonímias *conceituais* baseiam-se em relações de **contiguidade**. Pode ser proximidade espacial, temporal, causal ou conceitual. A metonímia é favorecida pela possibilidade que o ser humano tem de “olhar as coisas de outra perspectiva”. Podemos olhar mais para um aspecto que outro, dando-lhe evidência. Na frase: “Estou estudando Chomsky.” evidencia-se a relação constante entre as obras e o seu autor.

Observe as metonímias mais comuns:

- a) continente pelo conteúdo: “João, sem limites, bebeu a garrafa toda”.
- b) efeito pela causa: “Sócrates bebeu a morte”.
- c) instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada: “Câmeras foram atrás de Cristiano Ronaldo”.
- d) marca pelo produto: “Cortou-se com a gilete”.
- e) parte pelo todo: “As cabeças se amontoavam naquela avenida.”

Esses e outros tipos de metonímia resultam, por vezes, de relações de contiguidade entre os esquemas imagéticos “parte-todo”, “percurso-lugar”, “origem-percurso-destino” etc., que serão apresentados na próxima seção.

Contiguidade

n.f. 1. Condição daquilo que é próximo ou contíguo; adjacência total; convívio, convivência ou relação. (Etm. do latim: *contiguitate*)

Fonte: <http://www.lexico.pt/contiguidade/>

Atividade 2

Atende ao objetivo 2

Estabeleça as relações entre os enunciados e os tipos de metonímias apresentados no quadro ao lado:

Enunciados	Tipos de relações metonímicas
(1) Gosto de ler Machado de Assis.	() Símbolo pelo objeto simbolizado
(2) Édson ilumina o mundo.	() Gênero pela espécie
(3) Não te afastes da Cruz.	() Marca pelo produto
(4) Fumei um saboroso havana.	() Efeito pela causa
(5) Sócrates bebeu a morte.	() Causa pelo efeito
(6) Como do meu trabalho.	() Continente pelo conteúdo
(7) Bebeu o copo todo.	() Símbolo pela coisa simbolizada
(8) Os microfones foram atrás dos políticos.	() Instrumento pela pessoa que o utiliza
(9) Pernas passavam por mim apressadamente.	() Parte pelo todo
(10) Os mortais sofrem nesse mundo.	() Autor pela obra
(11) A mulher é colaboradora de Deus na criação.	() Inventor pelo invento
(12) Minha filha se cortou com a gilete.	() Lugar pelo produto do lugar
(13) A balança penderá para seu lado e se fará justiça.	() Espécie pelo indivíduo

Resposta comentada

Metonímia, como foi visto anteriormente, é o processo de *associação semântica* através da *contiguidade de significados*, ou seja, faz-se uma *aproximação* entre o significado de um termo e o significado de outro termo. Assim sendo, os processos metonímicos podem compreender relações de *parte-todo*, *continente-conteúdo*, *localização*, *causa-efeito*, *característica*, *autor-obra*, *produto-marca etc.* As relações estabelecidas na atividade proposta são as seguintes:

- (3) Símbolo pelo objeto simbolizado
- (10) Gênero pela espécie
- (12) Marca pelo produto
- (5) Efeito pela causa
- (6) Causa pelo efeito
- (7) Continente pelo conteúdo
- (13) Símbolo pela coisa simbolizada
- (8) Instrumento pela pessoa que utiliza
- (9) Parte pelo todo
- (1) Autor pela obra
- (2) Inventor pelo invento
- (4) Lugar pelo produto do lugar
- (11) Espécie pelo indivíduo

Metáfora e metonímia: interação

Metáfora e metonímia são dois mecanismos que interatuam com frequência, podendo a metonímia vir dentro da metáfora ou o contrário. Frequentemente, a metonímia funciona como motivação conceitual da extensão metafórica.

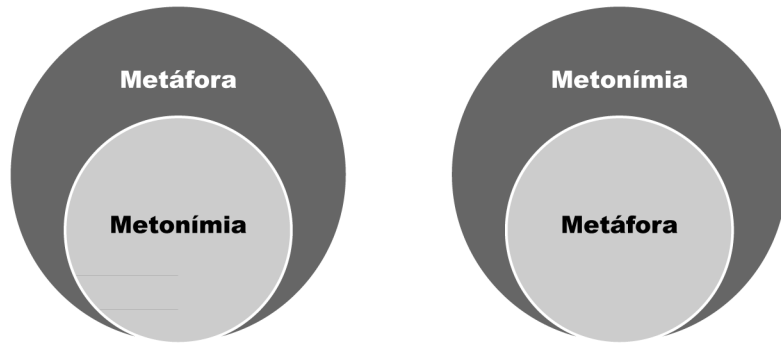


Figura 15.10: Interação metáfora e metonímia.

Um dos domínios em que a interação metáfora e metonímia é especialmente frequente é o das categorias de emoção. Lakoff (1987, p. 380-415) afirma que na conceitualização dos sentimentos e das emoções funciona um princípio metonímico geral de tipo causa-efeito, pelo qual raiva, amor, alegria, tristeza, entre outros, são referidos por manifestações físicas que eles podem causar, tais como, suor, lágrimas, aumento dos batimentos cardíacos, elevação de temperatura. Veja:

- a) Raiva é calor: “Não o provoque. Ele é muito esquentado.”
- b) Tristeza é dor: “Escrevo a dor de uma lágrima / Sentimental eu sou” (“Na dor de uma lágrima”, de Expressão Ativa).
- c) Emoção é acelerar o coração: “Meu peito explodiu de tanta emoção”.



Figura 15.11: A expressão dos sentimentos e emoções e suas manifestações físicas.

Fonte: https://www.flickr.com/photos/hops_76/883273090

Assim acontece com a maioria das metáforas conceituais primárias que relacionam alguns afetos com experiências corporais específicas. A felicidade ou alegria, a tristeza, a raiva, o nojo e o medo parecem ser comuns a toda humanidade, aparecendo por meio de metáforas conceituais também comuns.

A metonímia conceitual, de acordo com Kövecses (2002), tem a função cognitiva de fornecer o significado de um domínio-alvo por meio do mesmo domínio-fonte. Na metáfora, a relação entre domínios compreende dois conceitos díspares, como em “Paixão é fogo”, na qual um termo concreto (fogo) dá sentido a um termo abstrato (paixão).

Na metonímia, ambos os termos envolvidos mantêm estreita relação dentro de um sistema conceitual, como ocorre nos seguintes casos: autor pela obra, todo pela parte e efeito pela causa. Tomando o mesmo exemplo, Paixão é fogo, temos:

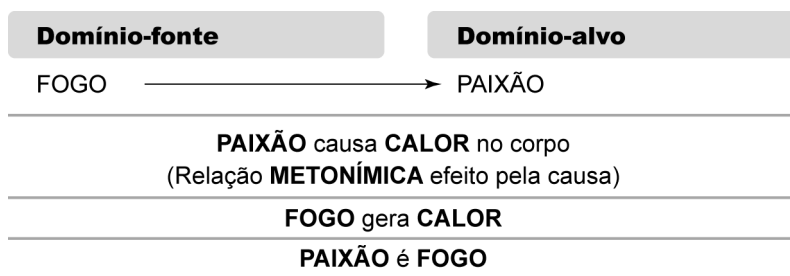


Figura 15.12: Relações metafórica e metonímica.

Conclusão

Nesta aula vimos que a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, consequentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa.

As metáforas conceituais desempenham um papel crucial na conceitualização de muitos domínios. Elas constituem uma *maneira de pensar*, também em domínios como, por exemplo, ética (Johnson, 1993) ou política (Lakoff, 1992, 1996).

Segundo Lakoff e Johnson (1987), são utilizadas determinadas estruturas imagéticas bastante simples, geralmente de natureza espacial,

ligadas à nossa experiência sensório-motora – os chamados *esquemas imagéticos*. Por exemplo, o esquema imagético *percurso* na metáfora conceptual *A vida é uma viagem* e os esquemas imagéticos *em cima* e *em baixo* na conceptualização metafórica do bom e do mau (*altos/baixos* valores, espírito *elevado*, entrar em *declínio*, *cair* em desgraça, *subir* ao céu, *descer* ao inferno).

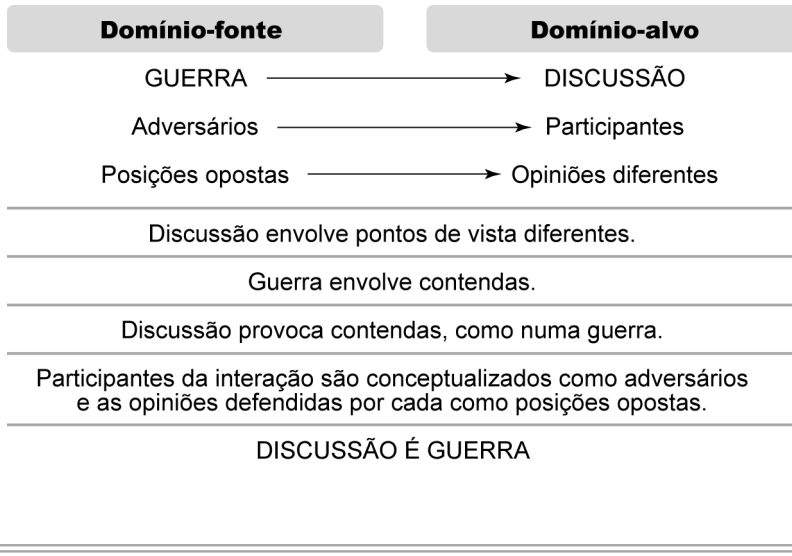
A língua não é pura sintaxe, pura forma, independente de todo significado, contexto, percepção, emoção, memória, atenção, ação e natureza dinâmica da comunicação. As categorias gramaticais são também, tal como as lexicais, entidades simbólicas, isto é, significativas, pois simbolizam um conteúdo conceptual. Elas devem, portanto, ser consideradas não somente em termos das suas propriedades sintáticas, mas tendo em conta a sua base semântica. Em outras palavras, tal como o léxico, a gramática é motivada por aspectos e funções conceptuais e semânticas e está intimamente relacionada com a categorização, processos imagéticos, modelos cognitivos e culturais – conceitos estudados nas aulas anteriores. Essa abordagem teórica atribui especial importância à semântica na análise linguística.

Essa especial atenção dada à semântica decorre da própria perspectiva cognitiva com que se vê a linguagem: ela funciona como um dispositivo cognitivo para a construção do conhecimento, acionando um conjunto de princípios relativamente limitados, que operam sobre os conhecimentos armazenados na memória ou presentes na situação comunicativa.

===== **Atividade final** =====

Atende aos objetivos 1 e 2

Tomando por base o esquema na figura 15.9, estabeleça as relações metafóricas e metonímicas encontradas na metáfora *Discussão é guerra*.

Resposta comentada**Resumo**

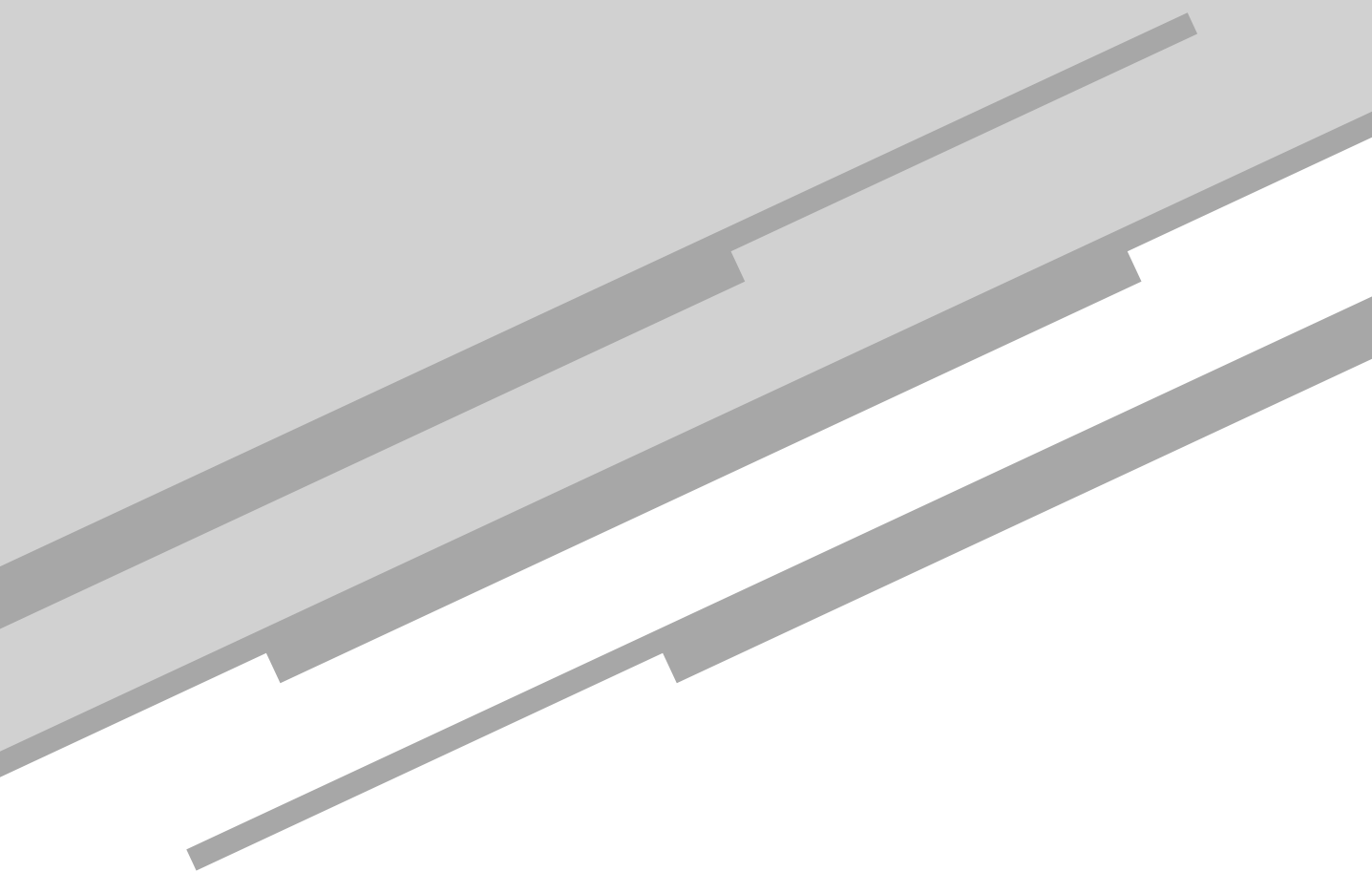
Segundo a Linguística Cognitiva, a cognição é determinada pela própria experiência corporal do homem e pela experiência individual e coletiva, isto é, o ser humano usa a razão moldada pelo corpo.

O fato de o pensamento abstrato ser quase que totalmente metafórico significa que a metáfora é a principal ferramenta que torna possível a compreensão.

Grande parte do nosso conhecimento fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e pelo que percebemos em nossa interação com o mundo a nossa volta – os chamados *esquemas imagéticos*. Essa noção é o alicerce de diversos usos linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no espaço físico e sustenta projeções entre domínios conceituais.

As projeções entre domínios conceituais têm como base a metáfora e a metonímia, processos de construção de sentidos. A metáfora é a projeção de um domínio-fonte sobre um domínio-alvo, e a metonímia é a projeção em que se faz uso de uma entidade para referir-se a outra com a qual se relacione.

Referências



Aula 1

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BANDEIRA, Manuel et al. *Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 185-7.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CASTILHO, A. T. de. Linguística cognitiva e tradição funcionalista. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 50., 2002, São Paulo. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 32, p. 1-8, 2002. 1 CD-ROM.

DI FANTI, M. da G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e 2, p. 95-111, jan./dez. 2003.

DUCROT, O. *Polifonía y argumentación: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

ÉMILE BENVENISTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%89mile_Beveniste&oldid=43264246>. Acesso em: 30 maio 2016.

ILARI, R. *Introdução à semântica*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução de Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MÜLLER, A.; VIOTTI, E. Semântica formal. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

Aula 2

BANDEIRA, Manuel et alii. *Elenco de cronistas modernos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 185-7.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANÇADO, M. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, J. Pragmática. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-186.

ILARI, R.; GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2003.

KENEDY, E. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LYONS, J. *Lingua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1981a.

_____. *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1981b.

MÜLLER, A.; VIOTTI, E. Semântica formal. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 137-160.

OLIVEIRA, R. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

PIETROFORTE, A.; LOPES, I. Semântica lexical. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 111-136.

Aula 3

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. Tradução de Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SARAMAGO, J. *Todos os nomes*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2006.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

Aula 4

CANÇADO, M. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

ÉMILE BENVENISTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%89mile_Beveniste&oldid=43264246>. Acesso em: 30 maio 2016.

_____. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- FIORIN, J. A linguagem em uso. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 166-186.
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____; GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2003.
- KOCH, I. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, R. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-46.
- SAVIOLI, F.; FIORIN, J. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2007.
- TRASK, R. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari; revisão técnica de Ingedore Koch e Thaïs Cristófar. São Paulo: Contexto, 2004.
- VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.

Aula 5

- DUARTE, P. M. T. *Introdução à semântica*. Fortaleza: EUFC, 2000.
- LOPES, I. C.; PIETROFORTE, A. V. S. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

Aula 6

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARNEIRO, A. *Redação em construção*. São Paulo: Moderna, 2001.
- CARVALHO, C. de. *A estilística e o ensino de português*. 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12-02.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.
- CARVALHO, N. Jogos de sentido na publicidade: polissemia e homonímia. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN SOCIAL, 9., 2005, Santiago de Cuba. Actas I... Santiago de Cuba, 2005. Disponível em: <<http://www.santiago.cu/hosting/linguistica/detalles.php?d=283>>. Acesso em: 10 jun. 2014.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____; GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2003.
- LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- MARQUES, M. H. Semântica. In: *Enciclopédia Mirador*. São Paulo/Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1979.
- PAIVA, F. *Ambiguidade lexical: a variação de sentido em propagandas*. 2013. 60 f. Monografia (Graduação em Letras)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/PAIVA_Fernanda_do_Nascimento.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2016.
- PIETROFORTE, A.; LOPES, I. Semântica lexical. In: FIORIN, J. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003. p. 111-136.
- SCARTON, G.; SMITH, M. *Manual de redação*. Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/homonimos.php>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Aula 7

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. *Polissemia versus homonímia*. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 38., 1991, Franca. *Anais...* Franca: Unifran, 1991.

_____. *Dicionário didático de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução de A. Férras et al. São Paulo: Educ & Pontes, 1992.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1973.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo: crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 192.

LYONS, J. *Semântica*. v. 1. Tradução de Marilda Winckler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

_____. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

POTTIER, B. *Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid: Gredos, 1968.

QUINO. *Mafalda 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REHFELDT, G. K. *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: EDURGS/FAPA/FAPCCA, 1980.

SANDMANN, A. J. Polissemia e homonímia. In: NEVES, M. H. de M. *Descrição do português*. Araraquara: Unesp, 1990.

SILVA, A. S. da. Homonímia e polissemia: análise sêmica e teoria do campo léxico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA ROMÂNICA, 19., 1989, Santiago de Compostela. Atas... Santiago de Compostela, 1989. p. 256-287.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WERNER, R. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1982.

Aula 8

BARROS, D. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D.; FIORIN, J. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2011. p. 1-9.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, J. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2013.

_____; BENTES, A.; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; ELIAS, V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

SANT'ANNA, A. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2007.

Aula 9

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1968.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

SARAMAGO, J. *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho, 2005.

Aula 10

BRAGA, Rubem. *Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2013.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George. The Invariance Hypothesis: Is Abstract Reason Based on Image-Schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, i. 1, 1990. p. 39-74.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

_____. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1987.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas*. Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57-81, 2001. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo49.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, p. 59-101, 1997.

VERISSIMO, L. O golpe. *O Globo*. Rio de Janeiro, 13 ago. 2001.

Aula 11

AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos de gramática do português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. *Ensino de português: fundamentos, percursos e objetos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 43-54, 2006.

BUARQUE, C. O que será (À flor da pele). *Meus caros amigos*. Rio de Janeiro: Philips, 1976.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HENRIQUES, C. C. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011a.

_____. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011b.

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PROENÇA FILHO, D. *Por dentro das palavras da nossa língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 2003.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Aula 12

8 RESPOSTAS para decifrar (por ora) o escândalo da Petrobras. *Exame.com*, São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/o-que-ja-se-sabe-sobre-o-escandalo-envolvendo-a-petrobras>>. Acesso em: 1. jun. 2016.

ANDRADE, C. D. *Poesia 1930-62*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BARROS, D. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D.; FIORIN, J. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2011. p. 1-9.

BRANDÃO, H. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2012.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014.

ENTENDA as denúncias envolvendo a Petrobras. *G1*, São Paulo, 9 abr. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2014/04/entenda-denuncias-envolvendo-petrobras.html>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

FIORIN, J. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

GALLI, A. P. Entenda o escândalo do mensalão. *Época*, 22 ago. 2007. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78680-6009,00-ENTENDA+O+ESCANDALOBROBR+DO+MENSALAO.html>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

KOCH, I.; BENTES, A.; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NUNES, M. do R. O Brasil não pode desistir de suas crianças e adolescentes. *Carta Capital*, 1 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-brasil-nao-pode-desistir-de-suas-criancas-e-adolescentes-2045.html>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

RELEMBRE o que é o mensalão, veja os envolvidos e o que pode acontecer. *UOL Notícias*, São Paulo, 30 jul. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/infograficos/2012/07/30/o-escandalo-do-mensalao.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

Aula 13

ANDRADE, C. D. *Vó caiu na piscina*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

CANÇADO, M. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CARVALHO, J. O papel da intencionalidade na construção dos sentidos do texto. *Educação Pública*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/portugues/0038.html>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

CHIERCHIA, G. et al. *Semântica*. Campinas: Unicamp; Londrina: Eduel, 2003.

FERRAREZI JR., C.; BASSO, R. (Org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

ILARI, R. *Introdução à semântica*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____; Geraldi, J. W. *Semântica*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

IMPLICATURA CONVENCIONAL. In: DICIONÁRIO de termos linguísticos. 2015. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=904>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MULLER, A.; VIOTTI, E. Semântica formal. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 137-159.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, L. A. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

Aula 14

ANDRADE, C. D. de. No meio do caminho. *Memória viva*. 20---. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/no-meio-do-caminho/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BATERIA. In: DICIONÁRIO Aulete Digital. 2015. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/bateria>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BLANC, A.; BASTOS, C. Resposta ao tempo. Interpretação de Nana Caymmi. *Vagalume*. 20---. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/nana-caymmi/resposta-ao-tempo.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

COLLA, C. Hoje a noite não tem luar. Interpretação de Renato Russo. *Letras.mus.br*. 20---. Disponível em: <<http://letras.mus.br/renato-russo/74502/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

FEIJÓ, L. C. S. Pé de moleque. *Professor Feijó*. 2013. Disponível em: <<http://professorfeijo.blogspot.com.br/2013/06/pe-de-moleque.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

FIORIN, J. L. Teoria dos signos. In: _____. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 55-74.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MOREIRA, J. A. *Conotações e construção de sujeitos no discurso: uma análise do discurso midiático da boa forma física*. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/MoreiraJA.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

PÉ DE MOLEQUE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Aula 15

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____. *Philosophy In The Flesh: the Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____; TURNER, M. *More Than Cool Reason: a Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: Chicago University Press, 1989.

MARTELOTTA, M.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.